



LIC
NUNES

RAINHA
NEGRA



LIC
NUNES

RAINHA
NEGRA

Copyright© 2019 Lic Nunes

Capa: Babi Designer
Revisão: L. F. Santos
Diagramação Digital: L.F. Santos

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Às mulheres forte que fazem parte da minha família, com quem tenho,
ou tive, a hora de conviver.*

*Às leitoras que conheceram e se apaixonaram pela história, quando
ela ainda apenas era uma brincadeira.*

Ambição

A ambição é, entre todas as paixões humanas, a mais ferina nas suas aspirações e a mais desenfreada nas suas cobiças e, todavia, a mais astuta no intento e a mais ardilosa nos planos —

Jacques Bossuet

PRÓLOGO

Quando a princesa nasceu, o reino comemorou por oito dias seguidos. Foram dias regados à dança, à música, fartos de bebida e de comida. Somente no oitavo dia, com a rainha Maeve totalmente recuperada de um parto demorado e com algumas complicações, é que o casal real compareceu às festividades e o próprio rei Cédric exibiu a pequena Gweneth diante de todos os súditos.

— Curvem-se diante de vossa futura rainha — foi o chefe das armas, Gael, quem ordenou e imediatamente todos os súditos fizeram-lhe uma reverência, desejando-lhe saúde, conscientes de que a sucessão em Heldroch devia-se à ordem de nascimento, independente do sexo da criança. Ainda que viessem novos filhos, a princesa Gweneth só não seria rainha se uma tragédia se colocasse em seu caminho.

Os anos se passaram e não vieram outros herdeiros. Gwen, como os pais a chamavam, seguiu a herdeira do trono e motivo de alegria de seus pais. A garota cresceu saudável e segura, sob os mimos de uma rainha dedicada e um sem número de criadas. Por sua vez, o rei não perdia a oportunidade de lhe demonstrar afeto e, perto de completar cinco anos, planejou o quê queria que a ela fosse ensinado, já que, como futura rainha de Heldroch, deveria portar-se como dela se esperava.

A rainha Maeve se ressentiu com uma agenda de atividades tão pesada para uma criança tão pequena, mas seu bom marido, à noite, na cama, convenceu-a de que só estava querendo o bem para ela. A rainha concordou com a agenda criada pelo rei, ainda que esta lhe afastasse um pouco de sua filha. Podia assistir, sem interferir. E como, por vezes, achava que era pedir demais que uma garotinha com cinco anos memorizasse tantas coisas, ela preferia se afastar para vê-la passar por tantas lições.

— Não vê que ela é apenas uma criança? — certa vez, enquanto assistia a uma dessas aulas, a rainha se intrometeu, dirigindo-se à dama que tentava, em vão, ensinar a criança a sentar-se direito, com as costas eretas, encostadas à cadeira. A cada tentativa, a menina se mexia e era colocada novamente na mesma posição, ameaçando chorar por não poder se mexer.

— Eu sinto muito, rainha — Avrill, a moça escolhida pelo rei, muito jovem, foi comedida em sua resposta, baixando os olhos em sinal de respeito — Apenas sigo ordens. O rei me pediu que fosse rígida, caso fosse necessário, pois estamos talhando a futura rainha.

— Então, ouça a presente rainha — Maeve olhou-a nos olhos, ativa. Não era tola, sabia muito bem o motivo pelo qual o rei a escolhera, porém não se incomodaria com isso, pelo menos não agora. O que não suportaria era que aquela mulher, ou qualquer outra pessoa escolhida para ensinar sua filha, fosse rígida com ela — Deixe-a descansar e depois recomece.

— Como quiser, senhora — Avrill fez uma pequena reverência — Com sua licença — e saiu, deixando-as sozinhas na sala destinada às refeições.

— Venha aqui, Gwen — estendeu os braços para a menina.

— Eu posso, mamãe? — a menina hesitou, com os olhos cheios de lágrimas, e a rainha Maeve sorriu e fez que sim com a cabeça.

— Claro que pode, minha filha. Venha — a garota desceu tão rápido da cadeira que, só não caiu, porque a rainha estava por perto para apanhá-la — Pronto, querida, estou aqui para te ajudar.

Neste mesmo dia, mais tarde, Maeve decidiu intervir na educação proposta para a filha e estava tão firme em sua resolução que nenhum tipo de sedução a demoveria disso. Encontrou o rei junto ao chefe de armas no salão principal do castelo. Se estivessem discutindo algo importante, ela não ouviu, pois se calaram, assim que entrou. Gael fez-lhe uma reverência, pediu licença e se retirou, deixando-os sozinhos.

— Maeve! Pensei que já havíamos falado sobre Gweneth — embora o tom do rei Cédric fosse amigável, carregava algum aborrecimento. Era óbvio que ele já estava ciente de sua intromissão.

— Você falou e eu ouvi, Cédric! — Maeve olhou nos olhos do rei, tentando reconhecer neles o jovem com quem se casara. Não conseguiu — Porém, estamos falando da minha filha.

— Nossa filha, futura rainha — Cédric a corrigiu e ofereceu a mão para a rainha. Sua intenção era levá-la para o outro lado do salão, onde poderiam se sentar.

Maeve apanhou a mão do marido e o acompanhou na curta caminhada, sentando-se primeiro e vendo-o fazer o mesmo. Só assim, continuou.

— Ela precisa ser criança, também. Não pode ficar o dia todo cercada

de adultos que lhe ordenam milhares de coisas. Nem sei o que pode acontecer a uma criança, crescendo assim. Só tenho certeza de que não é algo saudável.

Cédric sorriu para a mulher. Ela era agora mais bonita do que quando a conhecera. À beleza da juventude somara-se a segurança da mulher madura. Era ativa, elegante e não tinha medo de expressar o que realmente pensava.

— Eu adoraria dar mais irmãos a ela — o rei observou ponderadamente, pois sabia que aquele assunto a magoava. Apesar das inúmeras tentativas, ela não conseguira mais engravidar. Na realidade, engravidara um ano após a pequena Gwen nascer, no entanto perdera a criança, poucas semanas depois — Enquanto isso não acontece, o que podemos fazer?

— Arrume uma companhia para a nossa filha, Cédric! Alguém da mesma idade e com quem possa ser criança também — Maeve pediu e Cédric ficou pensativo — Se o fizer, não me intrometo mais em nada do que tenha planejado para nossa ela.

Cédric refletiu. Era uma promessa ou uma ameaça disfarçada em promessa? Sabia que se não cumprisse o pedido, Maeve faria questão de acompanhar toda a educação de Gwen. Novamente abriu o seu melhor sorriso e consentiu com a cabeça. Ela teria seu pedido atendido.



Três sacos cheios com dobrões de ouro. Essa foi a recompensa que Gael entregou na mão do andarilho para que ele lhe entregasse a filha.

A mulher relutou muito em aceitar, porém, o marido estava resoluto e nada mudaria sua decisão. Não podia ser orgulhoso dessa maneira. A quantia ali presente tinha o poder de mudar suas vidas, não abria mão disso.

Gael os encontrara por acaso, acampados em meio à floresta, numa habitação muito simples. Talvez tivesse mandado expulsá-los da cidade, se não tivesse visto, no colo da mulher, a pequena menina de cabelos tão pretos, como as asas de uma ave de mau agouro. Quando o homem o viu descer do cavalo, alarmou-se e quis explicar de onde viera e para onde iria.

— Não me importa o seu destino. Eu só quero saber quanto quer pela criança — aproximou-se do homem e abriu a bolsa de pano, mostrando-lhe vários dobrões de ouro. O brilho no olhar do andarilho foi mais intenso do que o das moedas. Gael soube naquele momento que sairia de lá com a menina — Com a quantia que ganharão, poderão ir para onde quiser, até

mesmo ficar em Heldroch sem ninguém os incomodar. Quem sabe comprar um pedaço de terra, fixar residência...

— Minha filha não está à venda — Emma, a mulher do andarilho, também viu o mesmo brilho nos olhos do marido. Assim, agarrou-se à filha.

— Deixe de tolices, Ema. Olhe as vestes do homem, olhe os cavalos. São guardas do rei. Ela estará melhor com ele do que conosco — ao ouvir isto, Gael assentiu com a cabeça, satisfeito por não ter que usar de força física.

Mesmo contra vontade, estendeu a mão para o andarilho, demonstrando que o aperto selaria o acordo. O homem não hesitou.

— Não podem tirar a minha Eudine — a mulher tentou caminhar para longe do marido e daquele homem cujos olhos não lhe transmitiam nada de bom. Não conseguiu dar dois passos, já que os outros homens que estavam com Gael ficaram em seu caminho. Acuada, segurou a filha com mais força, falando bem baixinho em seu ouvido, como se fosse um mantra — Ninguém vai nos separar, Eudine. Somos uma família e nenhum Santê abandona o outro.

A pequena garota agarrou-se à mãe sem entender que estava acontecendo. Aqueles homens vestidos com roupas estranhas fizeram com que se assustasse.

— Seu marido já está com a recompensa — a voz grave de Gael fez com que a mulher pulasse e se virasse em sua direção — E ele tem razão, ela estará muito melhor lá no castelo.

— Isso tudo apenas porque não somos daqui? — Emma olhou para o marido, sem conter as lágrimas. Não fazia muitos dias que haviam chegado ao reino. Era verdade que fugiam da fome na esperança de encontrar trabalho e abrigo, mas não uma proposta como aquelas.

— Por favor, senhora! — Gael repetiu o gesto. O rei havia sido categórico: não podia exigir de um nobre que lhe entregasse uma filha, mas de um camponês, sim. Principalmente se este se encontrasse em situação complicada com os impostos ou passando por dificuldades. O conteúdo dos sacos compensaria qualquer perda afetiva. Logo, considerou uma sorte muito grande encontrar forasteiros. Aqueles ali beiravam a miséria. Estava a lhes fazer um favor. E, além do mais, o ato do rei seria visto como benevolente, não haveria de levantar suspeitas. Ainda que as levantasse, seria a palavra de dois andarilhos contra a do soberano. Quem acreditaria neles? Por fim, duvidava que tivessem coragem de se pronunciar contra o rei, estando em

suas terras, correndo o risco de serem escoraçados.

— Entregue a menina de uma vez, Emma! — o homem segurava os sacos como se eles sim fossem uma criança, quase os ninando. Tinha as mãos suadas, pois a mulher resolvera ter vontade, justamente quando não era conveniente — Você quer ficar em má posição com a realeza? Tínhamos é que nos sentirmos honrados, afinal, uma Santê morará no castelo.

—... Por favor, não desista de nossa filha, não desista de nós.

— Estou fazendo isto por nós e por ela também. Agora, seja obediente e faça o que estou mandando — diante da inércia da esposa, amarrou os sacos uns aos outros, colocou-os em um dos ombros, e caminhou em direção à mulher. Passou por Gael com passadas largas e fez o que julgou necessário: bruscamente puxou a criança dos braços da mãe e Emma teve que soltá-la para que ela não se machucasse. Uma vez separadas, mãe e filha começaram a chorar copiosamente, tornando a coisa toda em um espetáculo deprimente.

Gael assistiu a tudo impassível. Não esperava que fosse tão demorado. Quando o homem lhe entregou a criança, pouca coisa maior do que a princesa, embora bem mais magra, a menina esperneava e tentava em vão voltar para o colo da mãe. Emma também tentou ir ao encontro da filha, mas foi contida pelo marido.

— É por este motivo que não gosto de crianças — Gael segurou a menina de maneira firme, mas sem machucá-la, ajeitando-a em seu colo. Pagara caro demais, para colocar tudo a perder, quebrando algum de seus frágeis ossos. Por isso, ignorou os gritos e o choro, cobriu-a com parte de sua capa, dando as costas ao casal. O chefe de armas se afastou devagar e, sem dificuldades, usando apenas uma das mãos, montou em seu cavalo e o fez disparar, sendo seguido pelos seus homens, de volta para o castelo.



Peão

CAPÍTULO 1

Pequenos descuidos podem conduzir a grandes males – Benjamin Franklin

Doze anos depois

A mão passou por quase toda a extensão da cicatriz, parando antes de chegar ao fim, por ter sido segura.

— Pare! — Eudine ordenou e o jovem fez o que foi pedido. Porém, continuou a olhá-la. Era impressionante, nem mesmo uma cicatriz no lado esquerdo do rosto, que começava abaixo dos olhos e ia até a altura do queixo em uma linha irregular, conseguia diminuir a sua beleza. Os cabelos extremamente negros contrastavam com a pele alva e pareciam dar destaque aos olhos de um castanho claro. Ela era dona de traços marcantes em cuja fragilidade se escondia uma força capaz de conquistar a quem se detivesse

naquele rosto por muito tempo.

— É mais bela que a princesa — Mack deixou escapar, arrependendo-se logo em seguida, quando a moça deixou a cama bruscamente, escondendo a nudez dentro do pesado vestido.

— Por que sempre estraga tudo? — arisca, teve dificuldade para fechar o vestido. Aquele lugar era um refúgio no qual ela se permitia se esquecer de seu cotidiano.

— Não quis aborrecê-la, Eudine — o rapaz levantou-se em seguida, colocou-se atrás dela, abraçando-a.

— Santê — completou, livrando-se do abraço — Ajude-me a fechar isso — ordenou mais uma vez e o rapaz novamente atendeu ao pedido — Poderia ficar quieto, às vezes, Mack — não olhou para ele, enquanto as mãos grosseiras do rapaz ocupavam-se com o fecho do vestido.

As únicas pessoas com quem não podia se aborrecer por usarem apenas o seu nome eram o rei e a princesa, aos demais, fazia questão de corrigir. Apenas duas coisas a mantinham viva: saber que não pertencia àquele lugar, por mais remota que fosse sua origem e a certeza de que era muito mais do que uma dama de companhia, pois seus pais, livres, tinham lhe dado um sobrenome.

"Um Santê jamais abandona o outro", a voz da mãe a acompanhara até as muralhas do castelo e sempre retornava, quando estava se esquecendo de quem era. Esta era a única lembrança de sua família. Por esta frase, imaginava ter sido feliz, antes de ser arrancada de seus pais pelo chefe de armas. Assim, era a ele quem culpava por tudo, desde então.

Não tinha lembranças de seu pai. Porém, a voz de sua mãe não saía de sua cabeça. Entretanto, sempre que tentava se lembrar do rosto de seu pai, ele era substituído pelo da rainha Maeve. Fora impossível não se afeiçoar a ela, visto ter sido a única pessoa no reino a tentar transformar aquele lugar inóspito em um lar. Hoje, entendia que o que parecia carinho e cuidado, talvez fosse apenas culpa... Ainda que fosse, sentia falta da rainha, quase tanto quanto de sua mãe, porque, desde sua morte, sua vida ficara ainda mais cinza.

Sem querer, recordou-se de como ganhara a cicatriz no rosto, achando que, se a rainha ainda estivesse viva, tudo teria acontecido de forma diferente. Não teria deixado que cavalgassem em uma tarde como aquela; não teria concordado com a troca dos cavalos e, acima de tudo, teria feito com que fosse socorrida mais rapidamente. A queda acontecera no começo da tarde,

mas a princesa e alguns homens da guarda do rei, só retornaram quando a lua já estava no centro do céu e a cortina da noite, salpicada de estrelas, cobria a tudo. Foram algumas horas de uma imobilidade assustadora: caída com o rosto no solo, sentindo o líquido quente escorrendo pela face, até sentir nos lábios o gosto do próprio sangue. Quando os homens a encontraram, era como se usasse uma máscara vermelha, tamanha gravidade do ferimento. Ela sentira dor ao ser atingida pelo arbusto, mas nunca imaginara que ele lhe talharia uma marca com a qual conviveria pelo resto da vida. Por uns centímetros teria ficado cega.

Ao se olhar num espelho pela primeira vez, após o ocorrido, estava ao lado da princesa e sorriu tristemente.

— Pelo menos, agora, não me confundirão jamais com uma princesa — afastou-se devagar do espelho.

— Dimm! — Gwen a repreendeu por brincar com algo tão sério — Quem se importa com isso? Não deveria banalizar seu acidente. Felizmente está viva, poderia ser pior.

Eudine não respondeu nada, apenas se recordou do mal-estar causado, quando a reverência fora dirigida a ela e não à princesa Gweneth. Se tivesse partido de um criado, esse fato não teria provocado tanto impacto, mas a confusão partiu do pretendente da futura rainha, o príncipe Wilkins. Depois desse acontecimento, e com a aproximação do casal, não foi mais permitido que usasse os vestidos velhos da princesa.

Por outro lado, o acidente não fora de todo mal, porque, pela primeira vez, compreendeu que, talvez, não fosse tão desejada quanto faziam crer. Gwen exigiu que o jovem cavaleiro, Mack, fosse punido, pois se descobriu que a sela não estava presa corretamente. O rei Cédric teria hesitado em atender ao pedido, se aquele não fosse o cavalo da princesa. Imaginar a própria filha despencando de uma ribanceira, após o cavalo ter disparado, e tendo o rosto marcado por uma cicatriz, não só fez com que ele atendesse ao pedido, mas também, com que a pena fosse rígida. O chefe de armas fora encarregado do castigo e dera uma lição no rapaz que, depois do episódio, jamais conseguira andar sem mancar.

Eudine foi vê-lo, assim que se recuperou totalmente. Tinha raiva do rapaz até ver no que havia se transformado: um coxo. Foi impossível falar tudo o que tinha a intenção de lhe dizer, porque se viu igual a ele. Ambos com uma marca que os acompanharia até o fim dos dias. No entanto, permitiu-se ouvir o que ele tinha a dizer. Além de lhe pedir perdão, ele

revelou algo que mudou toda a sua perspectiva.

— Naquela tarde não fui o responsável por preparar os cavalos — declarou com sinceridade.

— E por que aceitaria um castigo por algo que não fez? — encarou-o intrigada.

— Porque ninguém jamais acreditaria que foi a própria princesa Gweneth quem preparou os cavalos naquela tarde. Ela me ordenou que me afastasse e a deixasse fazer, eu apenas segui as ordens — explicou, olhando para o chão.

Eudine, imediatamente, sentiu-se tonta e teria caído não fosse a ajuda do cavaleiro. A cor sumiu totalmente de seu rosto e foi tomada por um leve tremor.

— O que houve? Ficou assim por não acreditar em mim? — amparou-a e fez com que caminhasse até onde pudesse se sentar.

—Não — Eudine acomodou-se, tentando ficar bem, e foi a primeira vez que o rapaz notou o quanto era bonita — Estou assim, porque acredito em você — admitiu, sem conseguir se esquecer de que a ideias do itinerário e, principalmente, da trocadas montarias partiram da princesa.

CAPÍTULO 2

Se o inimigo deixa uma porta aberta, precipitemo-nos por ela —
Sun Tzu.

A sensação era ruim, no entanto já havia se acostumado. Também fazia muito tempo que se esgueirava pelos corredores apertados, onde era possível andar apenas com o rosto colado à parede. Ela ficava se imaginando se alguém mais sabia sobre as passagens secretas. Talvez ninguém soubesse; caso contrário, já teria sido apanhada ali.

Descobrira a passagem por acaso, pouco depois de chegar, sozinha naquele quarto, grande demais para uma criança pequena. Não se recordava do que havia chamado sua atenção para a parede, nem o quê a fez tateá-la. Porém, lembrava-se perfeitamente de seu espanto, quando uma das pedras afundou, originando uma abertura grande o suficiente para passar um adulto. Hesitou em entrar, mas a hesitação deu lugar à excitação. Do lado de dentro descobriu mecanismo igual e, ao empurrar a pedra solta, a passagem se fechou. Após acostumar-se com a escuridão, descobriu que aquele lugar não apenas lhe servia de abrigo, mas também lhe permitia explorar o castelo sem ser descoberta.

Talvez fosse uma rota de fuga, em caso de invasão. O certo é que estava ali e percorria quase todo castelo. É verdade que havia poucos pontos nos quais era possível sair nos aposentos, porém, em muitos havia frestas pelas quais se podia ouvir e ver, quase perfeitamente, tudo o que acontecesse do outro lado. Eudine demorou a descobrir isso, pois a primeira vez que entrara ali era muito pequena. Acreditou que as minúsculas aberturas fossem para tornar aquele lugar mais suportável, deixando o ar circular. Bastara crescer alguns centímetros para entender que estava completamente enganada, pois aquele artifício só tinha um intuito: possibilitar que se espiasse o que acontecia dentro dos aposentos.

Eudine reteve o passo. Sabia que devia voltar o quanto antes, afinal a princesa poderia procurá-la. Entretanto, deteve-se ao saber que aquela parede pertencia ao quarto do chefe de armas. Embora tivesse decorado o caminho e tivesse acesso a todos os aposentos mais importantes do castelo, era aquele o que mais lhe atraía. Gael lhe tinha uma dívida e chegaria o dia em que a pagaria, só não sabia quando isso aconteceria.

Ajeitando-se, colocou um dos olhos no buraco e inicialmente não viu nada. Teria voltado aos seus aposentos, se não tivesse ouvido vozes. Manteve-se parada, esperando que Gael e sua companhia aparecessem.

Isso de fato não demorou muito a acontecer. Eudine arregalou os olhos ao notar uma mulher completamente nua, seguindo-o. Ele ainda mantinha suas vestimentas, mas a intenção explícita é que não as tivesse por muito tempo. Viu-o sentar-se na cama e fazer um gesto para a mulher. Ela se aproximou e colocou-se de joelho, engatinhando até se colocar entre suas pernas.

Eudine praguejou mentalmente por ter uma visão parcial da cena. Não que tivesse algum interesse no que se passaria ali, no entanto, saber de alguma fraqueza de Gael a ajudaria.

De onde estava era impossível ver o rosto da mulher. Porém, havia algo em seus movimentos que lhe era familiar e isso a incomodou mais do que aquilo que ela estava prestes a fazer para aquele homem.

Sem que houvesse qualquer palavra entre os dois, as mãos da mulher buscaram se livrar das calças dele. Assim que conseguiu, inclinou-se e sua cabeleira se perdeu nos meios das pernas do chefe de armas.

Eudine respirou fundo. Por que aquela cena a incomodava tanto? Talvez porque qualquer coisa relativa a Gael tivesse essa capacidade.

O chefe de armas era o homem de confiança do rei e, com o passar dos anos, solidificara a amizade que havia entre eles. Poderia se casar com qualquer dama que quisesse, pois o rei lhe dava aval para isso, contudo não o havia feito e talvez nunca o fizesse, pois não parecia alguém que se deixava levar por emoções. Apesar da feição sempre fechada, era um homem bonito, uma figura que se destacava entre os homens do rei. Seus cabelos de tom acinzentado faziam com que parecesse mais velho do que era, pois embora tivesse atingido a maturidade, era muito mais novo do que o rei.

Agora, pelo menos, Eudine entendia como ele conseguia viver sem a necessidade de uma esposa. Para que o vínculo, quando era possível matar suas vontades mais primitivas em seus próprios aposentos, a qualquer hora do

dia, sem que ninguém sequer imaginasse.

Prestou atenção novamente à cena. Havia ali um tipo de dominação que não entendia. A mulher simplesmente fazia o que ele ordenava e, para isso, não era preciso que ele desse uma ordem sequer, bastavam gestos. Também não havia carinho.

Quando ele estava prestes a se satisfazer completamente, fechou os olhos e puxou a cabeça da mulher com força, prendendo-a junto dele, fazendo com que ela se debatesse um pouco, tentando se livrar.

Eudine engoliu em seco, enojada. Seu coração bateu mais rápido. Era aviltante ser tratada daquela maneira, por que ela simplesmente não reagia? Então, aos poucos ele foi diminuindo a pressão, soltando a mulher, deixando-a respirar. Ele deixou-a se afastar alguns centímetros, para num ato inesperado debruçar-se sobre ela e segurar-lhe pelos cabelos, puxando-a até que seu rosto ficasse inclinado em um ângulo que a pudesse beijar, sem dificuldades. Eudine soube exatamente que era a hora de sair dali; já tinha visto muito, por isso, retirou o olho da fresta. No entanto, a decisão durou apenas alguns segundos. Uma intuição fez com que voltasse à posição que havia abandonado.

Descobriu que esta foi a melhor decisão ao prestar atenção em um detalhe que havia lhe escapado: ao puxar a mulher, Gael a colocou em um ângulo coberto pelas frestas. Assim, sua curiosidade durou o tempo do beijo, pois, ao parar de beijar sua acompanhante, ainda puxando-a pelos cabelos, Gael revelou a quem pertencia aquele rosto: Lady Macge, ou simplesmente Avrill.

CAPÍTULO 3

É pela ironia que começa a liberdade – Victor Hugo

— Aperte mais, Eudine — a princesa pediu e a jovem hesitou, antes de puxar mais os cordões do espartilho e amarrá-lo. A princesa soltou um leve gemido, mas só faltavam alguns detalhes para estar pronta.

— Eis algo que jamais vou entender, ficar presa a ponto de respirar com dificuldades — Eudine tentou entender a jovem à sua frente.

— É preciso ter postura — Gwen demorou alguns segundos para responder — Pode me ajudar com o vestido?

Eudine não demorou a sair de trás da princesa e apanhar o pesado vestido. Quando retornou, parou diante dela e Gwen ergueu os braços para que o vestido passasse sem dificuldades. Após ajudá-la, Eudine suspirou aliviada por não mais vestir as roupas usadas da princesa. Não suportava sentir-se presa, muito menos por uma roupa.

— Pensei que sentar-se e levantar-se mil vezes, segundo as orientações da lady Macge — retomou a conversa, sem conseguir afastar a imagem daquela mulher em um dos momentos em que não tinha nada de nobre, muito menos postura — Servisse para isso.

Gwen sorriu, antes de lhe dar as costas e caminhar até o espelho.

— Também e você sabe disso, já que fez as aulas também, mas as abandonou — colocou-se diante do espelho, estava quase pronta para descer. Alguns fios do cabelo não estavam no devido lugar e, enquanto tentava arrumá-lo, mudou de assunto — Ontem estive a tarde inteira com o meu pai. Farei uma viagem ao reino do príncipe. É a condição para que os acordos de casamento sejam finalizados. Não quero passar a impressão aos pais dele que sou despreparada.

— Na realidade, o que importa o que acharão de você, Gwen? —

Eudine sentou-se na ponta da cama e ficou a observá-la.

— Os reinos serão unificados — Gwen espantou-se com a pergunta. Era a tradição, não cabia questioná-la.

— E, ainda assim, será o príncipe que se mudará para cá. Heldroch é muito maior e mais próspero do que Nerthynd. Assim sendo, o príncipe que deve se preocupar com o que o rei e o povo acharão dele, não o contrário.

— Um dia me acostumo com suas ideias, Dimm. Existe uma série de convenções, de protocolos... Como disse, você sabe tanto quanto eu, afinal, crescemos ouvindo as mesmas coisas. De um tempo para cá você simplesmente deixou de aparecer.

— Tenho o benefício de não ser obrigada a tais aulas — Eudine recordou-a e Gwen fez uma careta — E há muito mais coisas a se aprender em um castelo. Não acredito que a inclinação correta da cabeça ao se cumprimentar um rei possa me salvar a vida.

— Em se tratando de você, se conseguir ficar de boca fechada diante de um rei já será um progresso! — Gwen voltou a sorrir — Um dia ainda conversaremos a respeito dessas “outras coisas” que citou. Por enquanto, ficamos com o que sei: a postura diante da realeza é apenas uma forma de demonstrar respeito. Não vai realmente parar na forca ou guilhotina se não fizer da maneira correta, só vai parecer um tanto...

— Plebeia? — Eudine completou e Gwen balançou a cabeça, desistindo.

— Não há jeito de discutir com você, Dimm. Sempre ganha. Sempre me faz parecer uma garota fútil e tola... Nem parece que temos a mesma idade...

— Não é a idade que nos diferencia, Gwen, é o local para o qual direcionamos nosso olhar. Podemos estar no mesmo lugar, mas vejo de baixo para cima. Você, ainda que se esforçasse, não conseguiria deixar de ver de cima para baixo — deu de ombros, realmente cansada com a conversa.

— Tudo bem, um dia talvez nós enxerguemos do mesmo modo — a princesa disse de modo calmo, passando a mão nos cabelos dourados de modo a ajeitá-los — Voltando à viagem: ficaria muito aborrecida, se não acompanhasse a comitiva desta vez?

— Mortalmente — Eudine fez-se séria, porém, abriu um sorriso logo em seguida — Estou brincando. Essa é a melhor notícia que recebo. Considerarei um favor não precisar sacudir tanto dentro da carruagem, enquanto atravessamos aquelas estradas inacabáveis.

— Fico aliviada em saber que não se importa — finalmente ficou satisfeita com seu reflexo no espelho.

— Acredita realmente que, com esta cicatriz, eu ainda seria confundida com uma princesa? — Eudine apontou a cicatriz, surpreendendo-a.

— Acha que esse é o motivo para você não me acompanhar? — virou-se para poder olhá-la, sem esconder o incômodo.

— Se não é este, qual seria? — Eudine levantou-se e parou ao lado da princesa, de modo que o espelho refletiu a imagem das duas.

— Não devia te contar... — Gwen hesitou — Mas... Bem... Você, assim como eu, já está em idade de se casar...

— E daí? O que isso tem a ver com não a acompanhar na viagem? — algo no tom de voz da princesa a incomodou.

— Meu pai recebeu um pedido especial, relacionado a você. Um nobre quer te fazer a corte... Talvez transformá-la em uma duquesa.

Eudine engoliu em seco. Era como se o seu rosto estivesse pegando fogo.

— Ele virá ao castelo conhece-la — Gwen finalizou.

— Sem que me seja perguntado o que acho disso? — Eudine não se conteve e Gwen deu de ombros, afinal era assim que acontecia com as outras moças nobres. De certo modo, deveria se sentir lisonjeada.

— As coisas são como são, Eudine. Pela sua reação não devia ter te contado — Gwen pôde perceber, pelo modo como ela respirava, o quanto estava furiosa — Por favor, desfaça essa expressão, temos que descer para o jantar e meu pai não pode imaginar que eu lhe contei.

— Perdi a fome — Eudine declarou emburrada — E é melhor que eu não desça, porque não conseguiria esconder do rei o que penso sobre o assunto.

— Mas, Eudine! — Gwen quase suplicou — O que direi se me perguntarem sobre você?

— Diga que estou indisposta ou enferma. E, além do mais, por que perguntariam a uma princesa sobre a sua dama de companhia? — Eudine retrucou e a princesa ficou ainda mais sem graça.

— Promete que não vai repetir nada do que te disse? — Gwen pediu.

— Isso a deixaria em maus lençóis, então, é claro que não contarei. Agora desça — caminhou até a porta e a abriu para que a princesa saísse.

— E não me odeie por isso — Gwen hesitou por uns segundos, antes

de suspender um pouco o vestido, de modo a andar mais rápido, e sair.

Eudine a viu desaparecer no corredor e somente depois disso foi para o seu aposento. Teve vontade de socar a porta, mas se conteve. A sensação de que sua vida não lhe pertencia fez um nó em sua garganta. Dentro do aposento, andou de um lado para o outro, sem conseguir se recolher.

Precisava descontar em algo ou alguém e, pensando nisso, entrou na passagem secreta e moveu-se até o alojamento dos soldados. Como era hora da janta, talvez estivesse vazio. Ficou satisfeita em descobrir Hank sozinho. Assim, pôde aparecer para ele.

— O que faz aqui? Está ficando louca? Se a pegam aqui, irão me punir — o jovem exaltou-se.

— Só me pegarão, se continuar falando alto deste jeito — fez um gesto para que se calasse — Eu o espero na ala norte.

— Agora? Não foi o combinado, deveria aparecer muito mais tarde, quando todos estivessem dormindo — abaixou o tom, olhando em volta, temendo a chegada de alguém.

— Houve um imprevisto, não posso esperar — antes de entrar novamente na passagem, encarou-o séria — Não se esqueça de levar a minha espada.

CAPÍTULO 4

Há duas tragédias na vida: uma a de não satisfazermos os nossos desejos, a outra a de os satisfazermos. — Oscar Wilde

Hank passou a mão no braço ferido, antes de jogar a espada no chão, pois o local ardia.

— Você enlouqueceu, Eudine? Você me feriu.

Eudine deixou sua espada cair também, estava ofegante, afinal havia combatido como se Hank fosse seu inimigo; só diante da pergunta do soldado é que se deu conta do que havia feito. Aproximou-se, perto o suficiente para ver que a lâmina tinha acertado um local não protegido pela cota de malha e, apesar de não ter sido fundo, o corte sangrava um pouco.

— Bem — observou o sangue em volta do ferimento rapidamente — Acho que deveria exaltar a minha velocidade e não se queixar. Não vê? Este é o momento em que a aprendiz supera o mestre — fez um gesto para que tirasse a cota de malha, assim como ela já havia feito ao perceber que o feriu.

— Se tivesse lutado com a cabeça, não dominada pela ira, talvez estivesse orgulhoso. Mas, desde que pisamos aqui, golpeou feito uma louca, sem pensar. Se fosse um combate verdadeiro, o seu oponente teria esperado você se cansar e a mataria com um só golpe, quando estivesse puxando o ar — livre da malha, Hank sentou-se num tamborete. Os dois estavam na ala norte, mais especificamente no local onde eram forjadas as armas, mas nem o ferreiro, nem os seus ajudantes encontravam-se lá.

Aquele lugar, extremamente quente, havia sido nos últimos anos o lugar onde se encontravam. Agora parecia loucura ter cedido aos pedidos insistentes da garota para ensiná-la a lutar, mas na época, não viu mal.

Ele próprio queria deixar de ser lembrado como o filho do ferreiro e se tornar um combatente melhor. Assim, nada mais apropriado do que uma companhia para treinar enquanto todos dormiam. No entanto, tinha noção absoluta de que seria ridicularizado e até mesmo punido se um dia alguém

viesse a descobrir. Gael era um bom comandante, mas muito rigoroso. Punia sempre que achava que isso diminuiria erros futuros. Tinha certeza de que seu ato seria punido com rigor. Ele era alguns anos mais velho do que ela, portanto, esperava-se que fosse mais responsável.

Eudine sumiu por instantes e depois voltou com uma jarra e um pano.

— Segure — pediu, entregando tudo para ele, sumindo novamente.

Voltou puxando outro tamborete para poder sentar-se diante dele. Vestida como estava e com os cabelos presos, poderia passar por um rapaz, ainda que bem mais baixo e franzino, para alguém que os visse de longe.

— Nunca deveria ter deixado que me convencesse a cunhar armas para você! Se tivesse continuado com uma espada de madeira, jamais teria me ferido — Hank resmungou, quando ela apanhou um pequeno punhal e, usando-o com destreza, fez cair a manga da camisa, até que o braço ficasse exposto, revelando o corte.

— Não reclame tanto, Hank. Foi superficial — Eudine fez um gesto para que ele passasse a jarra e o pano.

— Que seja! A questão não é essa, é que poderia ter sido pior — respondeu carrancudo — Agora me vejo no direito de saber o que a deixou assim — ele a viu se aproximar e derramar um pouco de líquido em seu braço. Não conseguiu evitar o grito de dor — Por mil demônios! O que é isto?

— Vinho, ou esperava que eu limpasse o ferimento com água? — sem se abalar, continuou limpando o sangue em volta do ferimento e, apesar dos protestos dele, encharcando o pano no líquido para se certificar que não infeccionaria.

— Você é estranha. Nem se importa diante de sangue — a fala de Hank fez com que, pela primeira vez, Eudine deixasse ferimento e erguesse a cabeça para encará-lo.

— Eu sei o quanto do meu próprio sangue eu vi. Mais do que isso, senti o gosto dele em meus lábios. Se aquilo não me matou, não vai ser este filete de sangue que vai fazê-lo — sua voz saiu mais dura do que o planejado.

— Que seja — disse novamente a frase típica de que seus argumentos tinham acabado, o que não era raro — Só quero saber o motivo de se arriscar aparecendo daquela forma e, depois, combatendo deste jeito.

— Estou farta de não governar a minha própria vida — voltou à tarefa, sem encará-lo — Agora, como se não bastasse, o rei está pensando em me dar de presente para algum nobre. Deve ser um velho asqueroso...

— Como? — Hank não entendeu e viu Eudine suspirar entediada.

— Um duque qualquer — ela deu de ombros — Deseja me cortejar.

Hank não escondeu a surpresa, mas pensou um pouco, antes de falar.

— Será poderosa, se for esposa de um duque. Como duquesa terá seus criados e até mesmo um castelo...

— Um poder que não se quer não é poder, é um fardo — Eudine discordou — Eu só queria, uma vez na vida, fazer o que eu desejo.

— Sabe que nada é tão simples assim, Eudine. Até um desejo tem que ser bem pensado, caso contrário, pode haver consequências. Você sabe o que realmente quer? — o tom dele ficou sério de repente.

— É claro que sei! Que pergunta! — ela não escondeu o incômodo ao responder — Mas, o que isso tem a ver com o que falávamos?

— Não sei se é lenda, ou verdade; mas, se tem ciência do que quer realmente, talvez possa haver uma pessoa capaz de ajudá-la — Hank pronunciou as palavras devagar, como se pensasse em cada uma delas, antes de proferi-las. Foi o suficiente para que Eudine levantasse novamente o rosto, agora com interesse.

— Está se referindo ao que?

— Quando sitiamos um castelo inimigo, no inverno passado, durante o acampamento, ouvimos a história de uma mulher, uma feiticeira...

— Desde quando acredita em magia? — ela o interrompeu.

— Não acredito, mas também não duvido — ele ergueu e abaixou o ombro são — Só sei que a tal mulher, diziam os soldados, tem o poder de conceder um desejo a quem for obstinado o bastante para encontrá-la, vencendo a Montanha da Morte. Dizem que ela mora lá no topo.

— Bobagem! — Eudine não estava tão convicta, ao mesmo tempo em que não queria deixar transparecer o quanto fora fisgada pela história — Uma mulher, o cume de uma montanha inóspita... O que o faz acreditar em tamanha besteira?

— Os guerreiros não mentiriam sobre isso, Eudine. Não teriam motivos. E outra: eles falavam baixo, diante da fogueira, para que ninguém os escutasse; na verdade, para que o assunto não nos escutasse.

— Creio que devo ter acertado a sua cabeça, Hank. Tudo o que fala carece de sentido — ela zombou e teria voltado ao curativo se Hank não a detivesse de modo brusco, segurando a mão dela e a impedindo de continuar, fazendo, assim, que ela o encarasse.

— Já se perguntou como Gael tornou-se o homem de confiança do

rei?

CAPÍTULO 5

A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original – Albert Einstein

O príncipe Wilkins era alto e magro, dono de um rosto quadrado e ossudo. Não era bonito, mas tinha uma expressão marcante. Aquela magnitude talvez fosse herança de sua origem nobre. Sabia conversar bem, embora soasse quase infantil, quando falava sobre guerra, pois jamais tinha se aventurado em qualquer empresa bélica que fosse. Enquanto ele falava, Eudine não pode deixar de notar a expressão enfadada de Gael. Era notório que ele não lhe tinha apreço, mas daqui a algum tempo, receberia ordens suas e as faria cumprir, por mais imaturas que fossem.

A mesa do jantar era farta com muitas massas, frutas e carne de carneiro. O certo era Eudine permanecer em pé, a alguns passos atrás da mesa, ou, no máximo, sentar-se em um banco, em uma mesa separada. No entanto, não era isso o que acontecia. Sempre se sentava à mesa, em uma cadeira, desde os tempos da rainha Maeve. Depois da morte dela, o rei Cédric manteve tudo como estava, deixando-a permanecer, afinal, não queria contrariar os gostos de sua esposa, mesmo que ela já tivesse morrido.

Ele nunca conseguiu entender o afeto que a rainha dedicou à garota, mas jamais interferiu. Se a presença de Eudine a fazia feliz de alguma forma, só restava a ele concordar. No entanto, nunca conseguiu se aproximar da garota. Muito, também, por conta da rainha que o fizera sentir-se o pior dos homens ao saber que ela havia sido arrancada da família e comprada como uma mercadoria. O rei mandou que procurassem os andarilhos, mas estes nunca foram achados, o que causou uma grande mágoa em Maeve e, pela primeira vez, balançou as estruturas de um relacionamento considerado perfeito. Sua tão querida esposa – que o destino lhe conferira, já que era um jogo de azar casamentos planejados pelos pais dos noivos – jamais foi a mesma, deixando claro que se quebrara um dos pilares fundamentais daquele

casamento: a sua admiração incondicional por ele.

— Não acho realmente que haja perigo — Gael respondeu com firmeza à insinuação do tolo príncipe de que a volta ao seu reino era uma oportunidade para um ataque inimigo — Leishter não ousaria atacar. Não é assim que ele age.

— O homem é um louco. Saqueia a queima as aldeias, não é possível prever como age — Wilkins rebateu, expondo o seu orgulho ferido ao ser contestado na frente de todos, inclusive da noiva, que ficou um pouco incomodada com a possibilidade de correrem perigo.

— Pode ser, mas a horda que ele lidera nunca foi pega porque ele é organizado. Saberá que haverá escolta e não ousará atacar. Um bando de ladrões e párias não é suficiente para lidar com homens treinados por mim — Gael manteve o mesmo tom — Ele sabe disso.

O rei Cédric, percebendo que aquela discussão se prolongaria, resolveu intervir.

— Para que não haja temor, Gael, dobre o número de homens para acompanhá-los. Quero que usem a cor do reino e o escudo, para deixar bem claro quem está passando e a quem devem temer, caso ousem se aproximar com outras intenções — político, não contradisse nenhum dos dois.

— Sim, senhor — Gael deixou claro que acataria a ordem e, dirigindo-se somente ao rei — Posso eu mesmo chefiar a escolta...

— Entendo a preocupação do príncipe, porque aquela carruagem levará dois reinos, entretanto preciso de você aqui, Gael. Tenho certeza de que escolherá os melhores para levarem e trazerem minha filha em segurança.

— Não tenha dúvidas, senhor — o chefe das armas demonstrou segurança.

Eudine assistia a cena, sem prestar atenção ao que era dito ali, detendo-se nos detalhes. Percebeu, por exemplo, a troca de olhares entre Lady Macge e o homem que acabara de falar. Um leve desapontamento? Não soube dizer, mas ela iria e ele não. Depois do que tinha visto, tinha certeza de que aqueles dois teriam coragem de se refastelar ainda mais em um reino distante.

À mesa, Avrill sentava-se à esquerda do rei, em uma posição que fora da rainha, mas sabia, no íntimo, que jamais a substituiria, nem no coração do povo, muito menos da princesa e do rei. Sabia que Cédric poderia oferecer todas as riquezas que ela desejasse; menos um casamento. As leis não impediam que isso viesse a acontecer, mas ele ainda amava a falecida esposa

de uma forma que ela não compreendia. Maeve era a base para a comparação e não havia nenhum modo de superá-la, em qualquer aspecto que fosse.

Com Gael, no entanto, era diferente. Eles sentiam uma atração quase animal e ele a satisfazia de uma forma que o rei não era capaz: fazendo-a sentir-se única. Ela não era tola de achar que Gael, um homem solteiro e no auge da forma física, ficasse exclusivamente com ela, mas ele jamais trocara o seu nome em momentos íntimos. O que já não se podia dizer de Cédric, ela já havia perdido as contas de quantas vezes isso ocorrera. Cédric deitava-se com ela, usufruía de seu corpo, mas seu pensamento, sua alma estavam com Maeve. Ainda se magoava toda vez que ele trocava os nomes.

— Não se preocupe, Wilkins — Gwen intrometeu-se, pela primeira vez, na conversa — Nada nos acontecerá, faremos uma ótima viagem.

Wilkins sorriu para a princesa, mais para demonstrar que não devia se preocupar do que por convicção.

— Espero que sim. Eu só me preocupo com a sua segurança.

Eudine teria acreditado naquilo se, por baixo da mesa, a mão esquerda do príncipe não pousasse em seu colo e de maneira acintosa, tentasse descobrir sua pele, embaixo do vestido. Ela tentou não demonstrar na expressão o nojo que sentiu, nem se levantar bruscamente como era sua vontade. Jamais seria como Lady Macge, e precisava demonstrar aquilo para o príncipe. Permanecer sentada, enquanto ele a alisava, sem frear sua investida, só faria com que ele se tornasse ainda mais seguro.

Fingindo comer, escolheu uma faca, aquela de ponta mais afiada e segurou-a delicadamente, antes de, discretamente descer a sua mão direita. O bom de ser uma dama de companhia eram os momentos de invisibilidade que desfrutava, porque ninguém jamais prestava atenção ao que fazia. Sem hesitar, segurou a faca de modo firme e espetou a mão do príncipe de maneira rápida e sem fazer muita força, para não machucá-lo mais do que necessário. Ainda assim, o homem soltou um gemido de dor que fez com que todos na mesa olhassem para ele, menos Eudine que, subindo rapidamente a faca, continuou a fingir que comia, enquanto ele esfregava a área atingida pela ponta da faca.

— O que houve? — o rei assustou-se.

— Nada — Wilkins tinha a face vermelha, algo que Eudine conferiu à raiva que devia estar sentindo — Fui picado por um inseto — tentou

minimizar o acontecido.

— Que falta de sorte — Gwen preocupou-se com o pretendente, enquanto ele ainda esfregava o local. Eudine não perdeu seu tempo em olhar para ele, pois sabia que nem o havia ferido, apenas espetado. O que ele fazia era um pequeno teatro para justificar o gemido. Apenas Gael não pareceu acreditar na justificativa do príncipe e, quando Eudine ergueu os olhos, deparou-se com o olhar dele; como se imaginasse o que havia acontecido realmente. Porém, depois ele deixou de olhá-la, cogitando que nem o príncipe seria ousado dessa maneira, nem ela capaz de reagir daquela forma.

Embora o jantar tenha continuado sem outros acontecimentos, o ocorrido foi o suficiente para que Eudine voltasse a flertar com a ideia absurda.

À noite, encontrou-se com Mack, deitou-se com ele. Após perceber o modo como os homens do castelo passaram a olhá-la assim que cresceu, e ouvir o aviso das cozinheiras do castelo sobre as intenções por trás daqueles olhares, Eudine jurou a si mesma que, pelo menos, em seu corpo ela mandaria. Não queria conhecer um homem da pior forma, sendo violada. Assim, precisava determinar quando, como e com quem aconteceria. Por esse motivo, após o acidente, havia escolhido o cavalariaço. Ela simplesmente passou a visitá-lo com mais frequência e numa bela tarde ficara nua diante dele.

— Seja carinhoso e não me machuque — pronunciara, sem nenhum medo, pudor ou emoção. E o rapaz havia seguido suas instruções, esforçando-se para fazer do modo como ela desejava. Desde então, tinham ficado juntos, embora não soubesse se Eudine sentia alguma coisa quando estava com ele. De seu lado, porém, só tinha olhos para ela.

— Quanto tempo se leva daqui para a Montanha da Morte? — a pergunta repentina de Eudine interrompeu a ação de Mack que estava pronto para beijá-la.

— Três dias, se for a cavalo e parar apenas para dormir à noite, mas qual seu interesse nisso? — intuiu ao olhá-la, mesmo porque sabia que teria que insistir para descobrir o que ela estava pensando – Aquilo não é um lugar nem para homens, que dirá para mulheres... É uma região difícil, um terreno acidentado e com muitos lobos...

— Há algum cavalo, que seja rápido o suficiente? – Eudine quis saber, sem ao menos escutar o que ele estava falando.

CAPÍTULO 6

A juventude não foi feita para o prazer, mas para o desafio – Paul Claudel

A Montanha da Morte não se chamava assim, na realidade fora o povo quem se habituara a chamá-la dessa maneira e ninguém mais recordava qual era o seu nome correto. Era realmente muito difícil sobreviver a ela e, principalmente, nela. Por ser muito alta, o ar era rarefeito lá no topo e sempre muito frio, mesmo não sendo inverno.

— Impossível! — Eudine disse a si mesma. A ideia, que brincava em sua mente com uma força assustadora, esbarrava em seu ceticismo. Se fosse verdade tudo o que ouvira a respeito da montanha, mulher alguma conseguiria, ou melhor, pessoa alguma conseguiria viver lá em cima. Ainda assim, talvez ela fosse mais louca do que quem inventou a lenda, pois se lá houvesse mesmo uma mulher, ela a encontraria.

Correu o dedo no mapa, imaginando a trajetória mais curta. Havia um sem-número de caminhos para chegar ao pé da montanha, mas sabia que escolher o correto já era o primeiro passo para o sucesso da empreitada. O caminho mais curto parecia o mais fácil, porém aprendera que aparência e essência são bem diferentes. Se o escolhesse, não haveria um local onde o cavalo pudesse beber água. Ou seja, o animal chegaria exausto ao pé da montanha, isto é, se aguentasse até lá. O outro caminho que escolheu, era mais longo, margeava os locais habitados, porém, havia um lago e um rio no percurso, ou seja, de sede o cavalo não morreria.

Enrolou o mapa ao perceber que precisava ver Gwen e ajudá-la com os preparativos para a viagem, embora tivesse certeza de que ela não merecia castigo tão grande quanto casar com um príncipe como aquele.

Quis estar vestindo uma roupa mais confortável onde pudesse guardar o mapa, não aquele vestido. Ele podia não ser como os da princesa, mas também não dispunha de lugares onde pudesse colocar aquele papel tão precioso. Por esse motivo, segurou o mapa com força, pois precisaria dele.

Estava prestes a entrar na passagem secreta, quando a porta se abriu de modo abrupto. Eudine só teve tempo de encostar-se à parede, fazendo com que a fenda atrás dela desaparecesse, ao mesmo tempo em que escondia a mão com o mapa atrás do corpo. Embora estivesse olhando para baixo, não precisou de muito para saber quem havia entrado: parado a poucos metros dela, estava o homem que mais abominava, o homem de confiança do rei, o comandante e chefe de armas, Gael.

Ele trazia uma expressão dura no rosto, enquanto tentava entender como ela havia chegado até aquela câmara. Era uma espécie de biblioteca, mas em vez de livros comuns, o espaço reservava documentos importantes do reino, contratos, escrituras de terrenos e mapas. Como dote de casamento, o rei Cédric doaria algumas terras para os pais do príncipe Wilkins e, por isso, ele estava ali: para apanhar os documentos necessários à doação.

— Como entrou aqui? — ele se aproximou com passos decididos, mas Eudine não se encolheu, como ele imaginou que qualquer caça faria diante do caçador. Ao contrário, ainda encostada na parede, fitou-o, sem, em momento algum, desviar seu olhar do dele.

— Pela porta — não houve hesitação de sua parte, mesmo que, a esta altura, Gael estivesse a centímetros dela, de maneira que precisava erguer o rosto para conseguir encará-lo.

— É mentira. Não entrou por ali — ele apontou o caminho de onde viera — Tem dois soldados meus que jamais a deixariam entrar.

— Tem certeza? Posso ser bem convincente quando quero — retrucou atrevida e Gael respirou de forma mais pesada, com raiva.

— Vamos menina, diga a verdade! — ele ordenou — Não me faça perder tempo ou tomar uma atitude mais drástica.

— Sou dama de companhia da princesa, ela não permitirá que me faça nada — Eudine continuou, sem medo, o que o irritou ainda mais.

— Ela não, mas o rei sim — Gael, sem que ela esperasse, aproximou-se de uma vez e puxou um dos braços dela para ver o que estava escondendo atrás do corpo. Com surpresa, vislumbrou o mapa nas mãos da jovem e o reconheceu imediatamente.

Ele, quando mais novo também o consultara, fazendo exatamente o

mesmo que a jovem, só que, na ocasião, havia usado do cargo para entrar na câmara, diferente dela, sobre a qual ele não tinha ideia de como conseguira chegar ali. Puxou o mapa, sem se importar se o gesto brusco a machucasse. Eudine o largou, não para se preservar, mas com medo de que o documento se rasgasse.

— Diga-me que isso não significa o que estou pensando.

— Não posso — Eudine o encarou — Não faço ideia do que esteja pensando.

Gael bufou. Olhou-a de modo intimidador, mas Eudine permaneceu no mesmo lugar.

— Você não acha, garota, que resistiria a esse lugar? Acha? Pois, eu digo que não duraria três horas lá — continuava tão perto dela que Eudine sentiu o seu hálito — Então, seja lá o que te disseram, desista, porque não vai acontecer.

— Vai me impedir? É o que está dizendo? — Eudine ergueu o queixo e Gael percebeu que, definitivamente, ela não tinha medo dele, talvez o sentimento fosse outro: raiva? Não soube dizer. Mas, se fosse raiva, não lhe tiraria a razão. Ele a comprara como se fosse uma mercadoria e depois, quando a atitude foi reprovada pela rainha Maeve, não conseguira encontrar seus pais para devolvê-la.

— Sim — Gael assoprou as palavras no rosto dela e apanhou em seu braço, com a intenção de leva-la à presença do rei. Começaria a levá-la, quando Eudine proferiu:

— Macge.

Gael deteve o passo. Não era possível que ela soubesse.

— Se vai me levar ao rei, então é bom que chamemos Lady Macge — Eudine olhou para a mão dele em seu braço.

— Do que está falando? — Gael sentiu o golpe, mas não o acusaria. Não sabia se estava blefando.

— Dos seus encontros a portas fechadas com Lady Macge. Se me levará até o rei, então saiba que esse será um assunto que discutirei com ele.

Gael ficou com as faces vermelhas de raiva. Não era blefe, era uma ameaça.

— Ele jamais acreditaria em você.

— Pode ser que não, pode ser que sim — Eudine deu de ombros — Não seria o rei quem me ouviria, e sim o seu orgulho e o seu ciúme. Acredito que esses dois são cegos a ponto de não levar em consideração quem você

seja. E mesmo que não fossem, uma vez instalada a dúvida, o rei nunca mais confiaria em você.

Gael teve vontade de sacudi-la pelos ombros. Não parecia que era tão nova. Tinha convicção nas coisas que dizia e uma língua mais afiada do que muitas espadas. Ele ficou a olhá-la, sem reação.

— Garota, você não sabe no que está se metendo. Não pode ir até lá. Mesmo que consiga sobreviver, há um preço a se pagar. Todo desejo tem um preço.

Eudine sorriu e nem mesmo a cicatriz foi capaz de diminuir a sua beleza naquele momento. Então, era verdade e bastou uma ameaça para descobrir isso.

— E qual o preço que você pagou? — curiosa, sem se intimidar com os olhares que Gael lhe lançava, nem com a pressão aumentada no braço que era seguro, atreveu-se a perguntar.

— Eu deixei o meu coração naquele lugar! Está satisfeita? — respondeu entre os dentes, após leve hesitação — Você não pode ir até lá, menina!

Então era aquele o motivo pelo qual sempre lhe parecera insensível? Eudine quis saber, mas antes que começasse a sentir simpatia pela história do guerreiro sem coração, voltou a encará-lo.

— Voltaremos ao início da conversa? Porque, se formos, é melhor me levar de uma vez à presença do rei ou...

— Ou? — ele esperou que ela completasse a frase. Como uma garota ousava desafiá-lo e, o pior, ter vantagem nessa disputa?

— Ou você pode me largar e me devolver o mapa. Então, deixa esta câmara e finge que não viu o que viu e eu finjo que não sei o que sei — disse resoluta e Gael apertou com mais força o seu braço, deixando claro que poderia quebrá-lo, se quisesse. Eudine forçou-se a não gemer de dor e por não ter esboçado nenhuma reação, ele pareceu desistir e ela sentiu o aperto diminuir até ele soltá-la de uma vez. Gael recuou dois passos e ela percebeu que estava lutando consigo mesmo para não puni-la. Ele hesitou, antes de estender o mapa. Mas o fez.

Eudine, com o braço dolorido, apanhou-o, apertando-o na mão, como se fosse um tesouro.

— Agora a segunda parte do trato — ela apontou a porta — Saia daqui.

Gael bufou novamente. Afinal, era a primeira vez que recebia ordens

de alguém tão jovem e, ainda por cima, do sexo feminino. Mulher alguma mandava nele e não seria uma garota mal saída dos cueiros que o faria.

— E então? — Eudine apressou a resposta. A dor no braço a incomodou e sentiu lágrimas se formarem no cantinho dos olhos. Mesmo sabendo que, com certeza ficaria uma bela mancha roxa no lugar, sua única preocupação era não chorar na frente dele.

— E como vai sair daqui? — Gael olhou-a desconfiado — É algum tipo de feiticeira?

Eudine deu-lhe um sorriso de deboche.

— Uma feiticeira que se contenta em ser dama de companhia? Não faz sentido, não acha?

Ele sabia que não. Adoraria acabar com a empáfia da garota. Ela podia ser uma simples dama de companhia, mas tinha a altivez e a confiança de uma rainha. Ela faria exatamente o que ameaçara, caso ele não se submetesse à sua vontade. Por isso, desistiu de confrontá-la. Sempre havia outros modos de ganhar uma guerra, após perder a batalha. Nesse momento, o movimento certo era o recuo. Assim, deu-lhe as costas e começou a caminhar para a porta. Antes que ele a abrisse, Eudine falou:

— E da próxima vez que se dirigir a mim, não me chame de garota ou menina. Como pode perceber, já cresci e meu nome é Eudine Santê.

Gael ouviu-a sem se virar e esperou que ela terminasse para sair fechando a porta com violência.

Sozinha, Eudine limpou as lágrimas com as costas das mãos. Havia aprendido que a dor passaria. Demorasse o tempo que fosse, o incômodo que sentia a abandonaria. Abriu a passagem secreta e, em posse do mapa, caminhou para dentro da escuridão.

CAPÍTULO 7

A melhor visão é a intuição – Thomas Edison

A carruagem já estava pronta para deixar o reino e já o teria feito se a princesa Gwen tivesse aparecido para entrar nela. Sentado, o príncipe Wilkins batia os dedos no banco e o próprio rei Cédric, à porta da carruagem, andava de um lado para o outro.

— Onde minha filha está? — o rei se aproximou de Avrill e ela o olhou alarmada, por não saber a resposta — Pensei que lhe ensinasse coisas como esta, Lady?

— Ensino, senhor — abaixou os olhos. Cédric costumava tratá-la com certa frieza, quando estavam diante de outras pessoas e só lhe demonstrava algum carinho, quando estavam sozinhos. Isso a deixava mortalmente abatida. Sabia, por exemplo, que todo o reino zombava de sua ligação com o monarca, porque jamais esse envolvimento seria oficial.

— Ela está com a dama de companhia — Gael aproximou-se devagar e evitou olhar para Lady Macge por ela estar ao lado do rei. Após ter ouvido as ameaças da jovem serviçal, não tivera cabeça para procurar a dama. Logo, não conseguiu despedir-se dela da única maneira que achava adequada.

— O que há de tão importante para fazerem que minha filha ainda não saiu? — foi mais um lamento do que uma pergunta. Ainda assim, Avrill dirigiu-se a ele.

— Sabe que se gostam como irmãs e será a primeira viagem de Gwen sem a Eudine. Natural que se demorem nas despedidas.

— O que chama normal, vejo como desrespeito – o príncipe saiu da carruagem — Dar atenção a uma serviçal e se esquecer de mim, que sou seu futuro marido, é imperdoável – Wilkins recordou-se do episódio durante a refeição. Não havia se esquecido da maneira como Eudine reagira e havia

prometido a si mesmo que, quando fosse rei, cobraria uma taxa muito maior pelo ultraje sofrido. Ela haveria de ser dele, nem que tivesse que feri-la para isso.

Enquanto isso, no aposento da princesa, Eudine a impedia mais uma vez de abrir a porta.

— Por favor, Eudine, você está me assustando.

— Só estou pedindo que não vá, Gwen — Eudine parou diante da porta — Eu tive um pressentimento muito ruim. Algo que não sei explicar, mas que está apertando o meu coração... Sabe muito bem que eu não sou de sonhar e desta vez foi diferente.

— Sim, já perdi a conta de quantas vezes me contou seu sonho estranho. No entanto, foi apenas isto: um sonho, Dimm. As minhas únicas lágrimas serão de alegria, quando for responsável pela união dos dois reinos.

— O príncipe não serve pra você, Gwen. Ele só trará infelicidade e nem lhe será fiel!

— Além de sonhos premonitórios, agora tem visões do que está por vir? — Gwen balançou a cabeça, sem acreditar que estavam tendo aquela conversa — Eu sei porque quer que eu fique. Porque está com medo do tal nobre que virá reclamá-la como esposa. Pois, eu garanto que está com medo à toa. Meu pai prometeu que não dará sua mão para um nobre inferior...

— Não estou pensando nisso, muito menos com medo! — Eudine protestou — Quer dizer, não temo por mim, mas sim por você.

— Deve temer mesmo. Está fazendo com que eu falte ao respeito com o meu futuro marido, deixando-o plantado a me esperar — fez um gesto para que Eudine a deixasse passar.

— A vida é mais do que regras de etiqueta, Gwen. Como herdeira do trono, deveria saber disso — Eudine deu um passo para o lado para deixá-la passar.

— É justamente por saber disso que preciso ir — por segundos, Eudine conseguiu ver no rosto dela, a expressão da rainha Maeve — Por favor, estou contando com você para cuidar do meu pai, você sabe como ele é sozinho.

Eudine pensou que com a ida de Lady Macge ele seria mais ainda. Porém, preferiu guardar para si mesma.

— E se houver homens de Leishter no caminho? — Eudine insistiu, enquanto caminhava atrás da princesa.

— Nem parece que estava presente ao jantar em que Gael disse que estaríamos seguros e que nossa escolta seria reforçada! — Gwen apressou o passo, fazendo com que Eudine também aumentasse o ritmo para poder acompanhá-la.

Gwen ergueu a barra do vestido para poder descer as escadas de forma mais rápida.

— Quando começar a sentir a minha falta, eu estarei de volta — ao pisar no último degrau caminhou mais devagar — Aí verá que tudo não passou de um sonho ruim. Apenas isso — vislumbrou a grande saída do castelo. Voltou a apressar o passo, mas deteve-se, antes de atravessá-la — Preciso que me prometa algo, enquanto eu estiver fora — virou-se para Eudine.

— Se estiver a meu alcance! — Eudine cruzou os braços para escutar o pedido.

— Espero que se comporte e que controle a sua língua para não desrespeitar o duque. E, além disso, deve aceitá-lo. Promete? — apesar de seu tom sério, Eudine deu de ombros — Dimm! — Gwen insistiu.

— Prometo não dizer nada que desagrade o duque. E também prometo não lhe faltar ao respeito — foi sincera e viu o sorriso iluminar o rosto da princesa.

— E quanto a aceitá-lo? — Gwen quis saber.

— Não quero mentir para você, por isso, prefiro não responder a essa pergunta.

— Tudo bem, Dimm. Se conseguir ficar de boca fechada e respeitar o duque, o restante acontecerá normalmente.

Gwen sorriu e se desfez de seu temor quanto à visita do nobre, pois, se havia uma coisa que tinha certeza em relação à Eudine e que ela não quebrava suas promessas. Por isso, satisfeita com a resposta, inclinou-se e deu um beijo no rosto de sua amiga-irmã-dama de companhia. Eudine ainda quis se virar para que o beijo fosse dado em seu lado bom, mas Gwen não permitiu.

Eudine fechou os olhos ao vê-la sair em direção ao local onde a carruagem real e a outra, que levaria Lady Macge e alguns presentes para os pais de Wilkins, estavam paradas. Esperava sinceramente que estivesse errada em sua intuição.

Quanto às promessas que fizera para a princesa, Eudine pretendia

cumpri-las. Na verdade, seria muito fácil manter-se fiel ao que dissera para Gwen. Para isso, bastava não se encontrar com o duque. Sendo assim, não esperaria nem um dia a mais. Logo que a noite ameaçasse cair, ela apanharia um cavalo com Mack e deixaria Heldroch em direção à Montanha da Morte.

CAPÍTULO 8

Uma longa viagem de mil milhas inicia-se com o movimento de um pé
— Lao-Tsé

Eudine passou a mão pela crina do animal e o sentiu tranquilo, como se já estivesse acostumado ao seu toque. Algo que a fez pensar que ele não precisava estar preso do lado de fora do estábulo. Porém, não quis contrariar Mack, pedindo que o soltasse.

Diante do ocorrido, qualquer outra pessoa teria ficado com pavor de andar a cavalo, mas esse não era o caso dela. Apesar dos pesares, ainda confiava mais nos animais do que nas pessoas. Por isso, a única coisa que fez, principalmente porque ele estava pesado ao carregar suas provisões, que se resumiam a duas mudas de roupa, comida e água, foi verificar se a sela estava bem presa.

Aquele era o melhor momento, não havia dúvidas. O rei e Gael haviam convocado os homens que ficaram no castelo para falarem sobre as providências a serem tomadas contra Leishter e sua horda.

— Hão de dar falta do cavalo, Eudine! Além disso, Melt apesar de grande e pesado, é muito rápido. Ele é um cavalo de combate, não de passeio! Se um animal desses cair sobre você pode ser fatal — Mack a advertiu. Até ela aparecer no estábulo, o jovem não tinha acreditado que fosse mesmo capaz de fazer o que havia lhe falado e estava triste por saber que estava enganado. Queria fazer com que mudasse de ideia.

— Melt é a montaria que preciso e não me dará problemas. Acha que eu teria alguma chance se saísse daqui com um cavalo de passeio? — Eudine perguntou obstinada, voltando seu olhar ao jovem — E, além do mais, se eu me machucar, pode ter certeza de que não será por culpa dele.

— Gael saberá que o levou — Mack insistiu, tentando sua última cartada para impedir que ela se fosse — E me castigará novamente.

Eudine saiu de perto do cavalo e caminhou em direção ao jovem. Ela

usava roupas masculinas, pois acreditava que um vestido a atrapalharia, e trazia os cabelos presos. Assim, moveu-se rapidamente e parou diante dele, apanhando-o pelos dois ombros, como se fosse sacudi-lo, mas em vez disso, fez com que ele a encarasse.

— Se o lhe ameaçar, cite o meu nome. Diga que sabe o que eu sei e que e, se algo te acontecer quando eu voltar, porque voltarei — ela prometeu — Eu não mantereí o meu silêncio.

Mack arregalou os olhos.

— Acha realmente que isso vai detê-lo?

— Eu sei que vai — confiante não desviou seus olhos dos dele.

— Você quer que eu ameace o homem mais poderoso do reino depois do rei, sem ter a mínima ideia do que esteja falando? — Mack continuava reticente.

— O importante não é a sua ignorância, mas a ciência dele — Eudine o encarou — Você confia em mim ou não?

— Confio — Desta vez não houve hesitação. Confiar, na verdade, era pouco. Ele a amava.

— Então, faça o que eu estou te pedindo! Só há uma coisa que faz um homem poderoso recuar: alguém acima dele. Por esse motivo, ele não te fará nada.

— Está me dizendo que o que sabe tem relação com o rei? — Mack olhou-a desconfiado.

— Sem arroubos de inteligência agora, Mack — Eudine pediu — Nem sempre ganha quem tem as melhores cartas, mas sim quem sabe convencer o oponente que as tem. Só estou te pedindo para fingir.

Ele pensou em retrucar, mas ela o impediu, falando antes dele.

— Tenho que ir, antes que o duque chegue e antes que os homens voltem aos seus postos — ela olhou para os lados, sua partida só dependia da chegada de Hank.

— Ainda acho uma loucura partir assim, logo o véu da noite cobrirá tudo e estará sozinha por lugares perigosos — Mack imaginou que ela fosse alcançar a floresta, quando estivesse muito escuro.

— Loucura é permanecer aqui onde o perigo me alcançará em plena luz do dia — Eudine proferiu e Mack retrucaria novamente, se ela não tivesse colocado dedo indicador sobre os lábios dele, para que se calasse — Vai dar tudo certo — prometeu, acariciando o rosto do cavaleiro, antes de se inclinar

e depositar um beijo nos lábios do jovem. Um beijo que por mais doce que fosse teve o gosto de despedida que afligiu o rapaz. A moça ainda falou algo em seu ouvido, um nome que garantiria que Gael o deixasse em paz. Mack não entendeu de imediato, pois estava preocupado com outra coisa. Ele teve vontade de abraçá-la e impedir que fosse, entretanto sabia que ela era como uma força da natureza e, por isso, era impossível contê-la. Afastaram-se devagar e Eudine caminhou para frente do estábulo, mais uma vez olhando para os lados, até avistar Hank se aproximando.

— Tenho certeza de que é o responsável por essa sandice — Mack dirigiu-se para o local em que Eudine estava, ao perceber a aproximação do rapaz, e cerrou os punhos num misto de raiva e de ciúme. Hank passou direto por ele, indo ao encontro de Eudine. Ele carregava algo pesado embrulhado em um pano preto.

— Você demorou! Trouxe o que te pedi? — Eudine ignorou o cavaliário, preocupada apenas em sair dali o mais rápido o possível.

— Tive que me esgueirar para sair sem ser notado — Hank se explicou — Mas o que quer está aqui — ele fez questão de desembulhar a espada e o punhal e colocou-os no chão, aos pés de Eudine. Em seguida, se levantou e sacudi o pano nos quais eles estavam antes envoltos, revelando que aquilo era uma longa capa com um capuz e uma espécie de aljava — Pensei que a capa poderia ajudá-la a se proteger das pessoas e do frio. Pensei em um modo mais prático de carregar a espada, enquanto estiver subindo, para não se cansar nem atrapalhar seu deslocamento, assim, adaptei uma aljava para ela, de modo que possa colocá-la nas costas.

— Treinei com a pessoa certa, você pensa em tudo, Hank. A espada era a menor das minhas preocupações.

— Quando ela começasse a pesar, você se recordaria. Como não é a melhor pessoa para planejar suas ações, fiz isso por você. Agora, vista a capa, enquanto eu arrumo um jeito de prender as armas e a aljava em sua bagagem. É melhor escondê-las para que não chamem atenção. Um forasteiro armado atrai muitos olhares.

Eudine seguiu as orientações e colocou a pesada capa sobre as vestes que usava. Envoltas nela e com capuz, seria impossível dizer que se tratasse de uma mulher, o que não lhe tornaria um alvo tão fácil. Enquanto isso, Hank apanhou as armas e aproximou-se do cavalo, analisando a melhor forma de mantê-las ocultas.

— Se já era perigoso antes, imagine agora! — Mack virou-se para Eudine — Armas? Acha realmente que vai ter tempo de desembainhá-las?

— Posso te garantir que ela saberá lidar com elas muito melhor que você, aleijado — Hank observou enquanto terminava de prender as armas. Mack, aceitando a provocação, caminhou até onde ele se encontrava, disposto a confrontá-lo. O jovem guerreiro afastou-se do cavalo e o encarou, preparado para a briga.

— Por favor, vocês dois! — Eudine interrompeu o que estava prestes a começar, apenas com o som de sua voz — Assim, farão com que eu seja descoberta! E eu não perdoaria nenhum dos dois, se isso acontecesse. Portanto, deixem suas demonstrações de bravura para quando realmente estiverem diante de inimigos.

Ela se encaminhou em direção ao cavalo e os dois fizeram um gesto para ajudá-la a subir. Eudine recusou as duas mãos estendidas e, sozinha, subiu sem dificuldades no animal, esperando receber as rédeas dele. Mack apressou-se para soltar Melt e, assim, poder entregar as rédeas para a jovem. Temia que o cavalo fizesse algum movimento e ela se desequilibrasse. No entanto, ela se mantinha ativa e segura em cima do animal.

— Lembrem-se de que somos aliados — ela falou para Mack e Hank, alisando o pescoço do cavalo — Graças a vocês, estou dando o passo mais importante da minha vida e sou grata igualmente aos dois. Se essa viagem render a minha liberdade, saibam que darei um jeito de recompensá-los.

Mack finalmente terminou de soltar o belo corcel acinzentado e ofereceu as rédeas para Eudine. Antes de aceitá-las, ela fechou a capa, prendendo-a com um broche na altura do pescoço e colocou o capuz. Assim, quando finalmente estendeu a mão para apanhar as rédeas, deixou que o cavaleiro tocasse nela por segundos, antes de ter o controle total do animal.

Em posse das rédeas, puxou-as decidida, dando-lhe o comando para se mover. O cavalo inicialmente trotou, porém, bastou que ela puxasse as rédeas novamente, do modo que Mack havia lhe ensinado, para que ele começasse a correr.

O caminho para a saída estava vazio e foi encurtado à medida que a velocidade aumentava. As poucas pessoas que a viram passar não pertenciam nem à realeza, nem à cavalaria, o que a deixou mais tranquila, pois aquele era o horário limite para sair dali, antes que os soldados voltassem aos seus postos.

Ao passar pela entrada principal da muralha que circundava o castelo,

Eudine e a montaria tiveram um pequeno sobressalto. Isto porque quase foi ao encontro de uma carruagem que chegava. Ela, no entanto, passou ilesa por esta primeira prova e soube mudar a direção do cavalo, puxando as rédeas no momento certo, impedindo o choque e continuando, assim, sua corrida para longe dali.

O que ela não pôde impedir, muito menos notar, foi que os cavalos atrelados à carruagem se assustassem e quase provocassem um acidente. Algo que só não aconteceu por conta da experiência do condutor. Os soldados que guardavam a entrada, por serem apenas dois, ficaram sem reação diante da cena. Pois, estavam avisados da chegada do duque e reconheceram o cavalo que cruzara as muralhas. Só não sabiam o motivo de tanta pressa e se questionaram se se tratava de um mensageiro do reino. Ainda assim, um deles, deixou seu posto para avisar Gael sobre o acontecido.

Quando a carruagem finalmente parou diante da entrada do castelo, o duque Drystan Ash, da região de Gunther, estava furioso. Mesmo tendo se adiantado, esperava ter sido recebido conforme mandava a tradição e não transitar por um reino fantasma. Ele era filho do principal aliado de Cédric e não entendia como o chefe da guarda pudera deixar a fortaleza tão exposta. Dois homens nada poderiam contra um exército. Dois incompetentes que nem ao menos pararam sua carruagem para se certificar de que era ele mesmo que estava dentro dela. Além disso, exigia que aquele cavaleiro irresponsável fosse encontrado e devidamente punido.

CAPÍTULO 9

A decepção é filha da expectativa – Dioclécio

Drystan caminhou decidido por entre os corredores do castelo. Parecia que somente ao descer da carruagem a vida retornara à fortaleza. Assim que pisou no castelo, Gael veio ao seu encontro.

— Duque Ash, seja bem-vindo — Gael demonstrou seu respeito, com uma pequena reverência. O movimento deveria existir, mas não podia ser parecida com aquele feito ao rei.

— Eu tenho dúvidas quanto a isso, Gael. Fui recepcionado por um cavaleiro inconsequente que quase me tirou a vida — não se deteve para conversar com o chefe de armas, pois sabia que o rei o estava esperando.

— Meus homens me relataram o acontecimento, prometo... — Gael começou, mas foi interrompido.

— Não desejo promessas e sim soluções — continuou caminhando — Por ora, prefiro tratar com o rei de assuntos mais importantes.

— Ele o aguarda — Gael entendeu o recado e não insistiu. Apenas o acompanhou em silêncio.

O chefe da guarda desgostava de Drystan por um motivo diverso do que desgostava de Wilkins. Um não era príncipe, mas comportava-se como tal e o outro, sendo-o, não tinha nem postura, nem a coragem que a posição demandava. Drystan, por sua vez, era bom no manejo da espada e quando o reino precisou, comandou seus homens, deixando claro que daria a vida por Heldroch se fosse preciso. Conseguiu, assim, a admiração do rei que seria capaz de lhe dar a mão da própria filha, caso ela não estivesse prometida a Wilkins. O que teria sido constrangedor, porque, por mais bonita que fosse a princesa, ela não lhe interessava.

Na última primavera, Gweneth havia viajado até o seu ducado, na companhia do pai. O motivo da viagem fora fortalecer os laços entre as famílias e presentear o pai de Drystan, até então o duque, com uma boa quantidade de terra, em reconhecimento por todo o apoio prestado. Nesta visita, tornou-o seu principal aliado.

Fora naquela ocasião que Drystan conhecera Eudine. Na realidade, ela nunca soube que ele era filho do duque, pois, encontraram-se nos arredores do castelo.

— *Não deveria estar aqui — apesar do tom de advertência, não conseguiu desviar os olhos dela.*

— *Do mesmo modo que não deveria olhar fixamente para a minha cicatriz. As pessoas fingem melhor do que você — Eudine afiada fez com que ele sorrisse e desviasse o olhar. Na verdade, não fora a cicatriz que o impressionara, mas sim o fato desta não conseguir ofuscar sua beleza.*

— *Desculpe-me se fui indiscreto — ele preferiu não revelar o motivo de seu olhar fixo — Apenas achei que fizesse parte da corte do rei Cédric e, como tal, deveria estar lá dentro.*

— *Ser dama de companhia não é propriamente fazer parte da corte — Eudine deu de ombros — E entre estar aqui e ficar parada lá ouvindo conversas que não me interessam, eu prefiro a primeira opção.*

— *Não fala como uma dama de companhia — Drystan constatou e sorriu mais uma vez.*

— *Como é que uma dama de companhia deveria falar? — ela o provocou — Porque, no meu parco conhecimento, quanto menos falarmos, melhor.*

— *É uma boa observação — Drystan cruzou os braços — Considerando que você não a cumpre.*

Eudine olhou-o dos pés a cabeça. Drystan tinha acabado de chegar de uma caçada e sua intenção era entrar pela ala sul do castelo, colocar-se apresentável para poder aparecer diante do rei. Por isso, estava suado, trazia a camisa fora das calças e os cabelos estavam bagunçados, tendo alguns fios presos à testa suada. Desviou o olhar, quando notou que ele percebeu o exame que fazia.

— *Parece que sofro do mesmo mal dos serviçais daqui — quebrou o silêncio para esconder falta de jeito. Ele não a culpou, nem a achou impertinente, pois a menos que ela tivesse algum poder de adivinhação, jamais poderia supor que ele fosse o filho do duque.*

— Sim — ele concordou, sorrindo — É como se estivesse em casa.

— Em casa? — Eudine ficou séria de repente — Nunca estive tão longe de casa.

— Agora está exagerando, pois, o castelo do rei não fica tão distante assim — Drystan a corrigiu.

— Seria um exagero, se lá realmente fosse o meu lar — a resposta saiu aborrecida — Agora seguirei o seu conselho e voltarei lá para dentro. E como me deu um conselho sem que eu te pedisse, retribuirei o favor, dando-te o meu.

Drystan aproximou-se dela, interessado em ouvi-la.

— Deveria cuidar mais do seu asseio pessoal, pois um serviçal que circula tão próximo ao castelo deve, no mínimo, cheirar bem — e sem esperar que ele lhe respondesse, caminhou rapidamente em direção ao castelo.

Drystan achou-a tão sincera que sorriu. Mais do que isso, deu-lhe razão, afinal não estava cheirando nada bem. No entanto, começou a imaginar a expressão dela, quando aparecesse apresentável e revelasse sua identidade. Fora seduzido pela áurea triste e misteriosa que aquela jovem emanava e mordido pela curiosidade ao saber que Heldroch não representava um lar para ela.

Porém, ao contrário do que planejava, não tivera a oportunidade de se revelar, simplesmente porque a princesa sentira-se mal e Eudine permaneceu ao seu lado, não comparecendo aos jantares e almoços, enquanto a comitiva do rei Cédric permanecera ali.

Ainda assim, mesmo após ela ter ido embora, Drystan não conseguira esquecer a personalidade forte. Tempos depois, com a doença e morte de seu pai, o velho Darius, Drystan tornou-se duque. Cédric esteve presente à cerimônia em que ele obteve o título e foi o rei que o lembrou de que precisava se casar e ter um herdeiro que pudesse levar adiante sua linhagem.

Foi neste exato momento que o rosto da jovem dama de companhia apareceu em sua mente e teve a certeza de que era ela que queria como esposa. Naquele mesmo dia, pediu ao rei permissão para cortejá-la.

— Devo alertá-lo que Eudine não tem origem nobre e por conta de um acidente...

— Perdoe-me interromper, majestade — Drystan nem tivera tempo de apreciar o nome da jovem, quis apenas demonstrar que não se importava com tais detalhes — O que sei sobre Eudine é o suficiente para mim, senhor, por

isso, mantenho a minha solicitação.



Drystan fez uma reverência ao ficar diante do rei e depois aceitou quando ele, menos formal, deu-lhe um abraço.

— Eu peço perdão, Drystan, soube que sua chegada foi tumultuada.

— Apenas temi pelo reino, senhor — seu tom foi alto o bastante para Gael escutar. O homem de confiança do rei não gostou da observação e sentiu-se como uma criança que é advertida. Drystan podia ser um bom cavaleiro, mas lhe faltavam muitos anos para poder se equiparar a ele — Mas o que passou já não tem conserto e estar em sua presença recompensa qualquer aborrecimento.

— Não minta — Cédric colocou a mão no ombro do jovem duque — Não é a minha visão que espera como recompensa — comentou cúmplice e Drystan sorriu, concordando — Durante o jantar, terá a sua oportunidade. Farei com que ela se sente ao seu lado e poderá travar o primeiro contato. O restante é por sua conta.

— Está perfeito para mim.

— Você sabe que concederia a mão dela se você quisesse — o rei fez questão de lembrá-lo.

— Sei e me sinto honrado, porém, prefiro batalhar sozinho esse combate — ele foi sincero e Cédric sorriu, entendendo que para ele não era suficiente a concordância real, Drystan desejava também a concordância de Eudine.

— Um bom guerreiro quer suas próprias conquistas, eu o entendo — o rei lembrou-se de Maeve e entendeu exatamente o que Drystan estava querendo dizer — Por ora, será levado aos seus aposentos, onde poderá se refazer da viagem.

Drystan não conseguiu descansar, repassando em sua mente o que diria a Eudine e excitado com a possibilidade de conversar com alguém cuja inteligência só perdia para o atrevimento. O horário do jantar chegou rapidamente.

Havia sido preparado um banquete, embora o duque estivesse tenso demais para ter apetite. Por conta da demora, o rei pediu que uma dama fosse ao quarto de Eudine, para apressá-la e ajudá-la a se vestir, caso estivesse com alguma dificuldade. Cédric acreditava que a moça estivesse insegura demais para aparecer, após ele ter-lhe feito o convite pessoalmente, logo que a

carruagem levando Gwen partira. Afinal, fora uma das poucas vezes que a conversa dos dois não se restringiu a cumprimentos formais.

A dama enviada ao quarto de Eudine demorou algum tempo para retornar. Quando o fez, ela encontrou os dois homens com a expressão fechada: o rei, mal escondendo o desconforto com a situação e o duque tenso com o encontro. Olharam-na ao mesmo tempo e com tal intensidade que, amedrontada, baixou os olhos.

— Kim, qual parte de que deveria voltar com Eudine você não entendeu? — Gael dirigiu-lhe a palavra, fazendo-a estremecer.

A moça ergueu o rosto, pálida e nervosa.

— Senhor — a voz saiu falhada — Eudine não está no quarto e nem em parte alguma do castelo.

Gael concentrou seu olhar na jovem, evitando se voltar ao rei e ao duque. Se, por um lado, sentia vontade de sorrir da decepção que o duque sentiria; por outro, não queria acreditar que aquele sumiço estivesse ligado à conversa que tiveram na câmara dos documentos.

CAPÍTULO 10

A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais — Fiódor Dostoiévski

— Está me dizendo que uma moça deixou o castelo e ninguém sabe de nada? — o rei encarou todas as serviçais que estavam perfiladas e elas, como se estivessem ensaiadas, abaixaram a cabeça, sem ter o que dizer.

— Perdoe-me a intromissão, majestade — Gael aproximou-se com cautela — Está falando com as pessoas que menos conhecem Eudine neste castelo — ele fez questão de recordá-lo — Desde que ela veio para o castelo, não houve um dia sequer que fora tratada como criada, de modo que não tem muito contato com elas.

— E devo perguntar a quem, então? Ao vento? — Cédric abriu os braços — Você tem ideia do constrangimento pelo qual estou passando Gael? Drystan não é só um duque, ele é o filho do maior aliado que já tive. Dei a minha palavra que poderia cortejar Eudine, alguém que nem nobre é, e ela simplesmente desaparece!

— Entendo perfeitamente, senhor, no entanto as criadas não darão a resposta que deseja — Gael sentiu-se tentado a falar que sabia onde a dama de companhia havia ido, mas pensou melhor, ao se recordar de seu envolvimento com Lady Macge — Eu trarei a resposta que o senhor deseja — prometeu — Se me der carta branca para agir.

— Nunca fiz menos do que isto, Gael. Sabe o quanto confio em você. Portanto, faça o que tiver de fazer, contanto que eu possa dar uma satisfação para Drystan.

— Sim senhor — Gael fez-lhe uma reverência e pediu permissão para se retirar.

Eudine podia ser atrevida e inteligente, entretanto sozinha não conseguiria ir longe, precisava de um meio de sair do castelo. Afinal, sem alianças, era impossível realizar qualquer coisa que fosse.

Gael não estava no posto de confiança à toa. Sabia, antes de tudo, preencher as lacunas e deduzir o óbvio. Somou o desaparecimento da garota ao episódio relatado por um de seus soldados e a equação revelou-se perfeitamente: o tal cavaleiro só podia ser Eudine.

Com esta certeza em mente, deduziu que ela tinha como aliado o mesmo cavaleiro responsável pelo acidente que a deixara marcada para sempre. O que era uma ironia, pois, se estivesse no lugar dela, o único posto ocupado por aquele rapaz seria de seu principal inimigo. Não entendia, portanto, como podiam ser cúmplices.

Enquanto caminhava para os estábulos, Gael pensou que, talvez, era assim que o jovem cavaleiro o via: um inimigo.

Não tivera a intenção, mas acabara exagerando no castigo, deixando-o com um problema nas pernas do qual jamais se livraria. Porém, não tinha culpa se o rapaz era um fraco. Estava acostumado a castigar homens de fibra que não envergavam ao primeiro golpe e que não imploravam por clemência. Quanto mais o cavaleiro rogava e chorava, mais era castigado. E, então, como se isso não fosse suficiente, após sorrir-lhe, entregou-lhe uma espada e insistiu que agisse como um homem e duelasse contra ele. Era evidente que Mack não era bom com espadas e estava tão ferido que mal conseguia levantá-la. Mas, Gael não permitiu que desistisse. Obrigou-o a lutar mesmo assim.

Mack golpeara o ar nas duas únicas tentativas de acertá-lo. Gael, não deixou que tentasse a terceira. Com habilidade, fingiu que atacaria o flanco esquerdo do rapaz, e quando este preparou para se defender, girou rapidamente, abaixando-se um pouco, o suficiente para atingi-lo na altura do joelho direito.

A dor foi tanta que o jovem deixou cair a espada e desabou no chão. A lâmina fez-lhe um corte profundo. Quando Gael viu a poça de sangue formar-se abaixo da perna do rapaz, finalmente deu por fim o castigo, ordenando que os soldados levassem o cavaleiro dali para que pudesse receber os cuidados. Mack não morreu, mas se tornou coxo e um exemplo, para todo o reino, de como as faltas graves seriam tratadas.

Mack não se surpreendeu, quando Gael apareceu no estábulo. As

palavras de Eudine prepararam-no para isso. Estava se prestes a se recolher quando percebeu a chegada do chefe de armas.

Antes de dirigir a palavra ao serviçal, Gael passou em todas as baias, olhando um a um todos os cavalos, enquanto Mack o observava de longe. Apesar da confiança de Eudine, o jovem sentia-se mal à presença daquele homem. Então, quando finalmente Gael caminhou em sua direção, ele não pôde evitar dar dois passos para trás.

— Certas pessoas não aprendem, não é mesmo, cavalariaço? — Gael parou diante dele — Você não apenas ajudou a dama de companhia, como deu um dos melhores cavalos a ela — aproximou-se ainda mais do rapaz, ficando a um passo dele. Fez um gesto negativo com a cabeça — Tudo isto por culpa? — cruzou os braços — Ou por se reconhecerem na deformidade? — Mack cerrou os punhos diante da pergunta, porém, permaneceu imóvel — Poderia julgá-lo por roubo, afinal, não pode dar o que não te pertence e foi exatamente o que fez. Melt é uma das melhores montarias do reino — Gael sentiu o cheiro de medo, no entanto, diferente das outras vezes, Mack controlou-se para não demonstrá-lo — Diga algo, coxo! Terei que castigá-lo novamente para que abra a boca? Quem sabe assim, não o acerto na perna boa e igualo os seus passos?

— Faça isso e Eudine revelará tudo o que sabe — Mack explodiu, fazendo com que Gael avançasse sobre ele e o segurasse pela gola da camisa.

— Então, temos um motim de criados? — sacudiu-o — O que ela te disse para ousar falar comigo neste tom?

— Tudo — Mack tentou parecer confiante, porém, era difícil estar diante daquele homem e não se recordar do pior dia de sua vida

— Está mentindo e este será mais um motivo pelo qual será castigado, além de ladrão é mentiroso — mãos que estavam na gola da camisa surrada do rapaz, foram para o seu pescoço.

— Lady Macge — Mack usou o trunfo, antes que os dedos apertassem sua garganta e sentiu o chefe das armas hesitar, mas não o suficiente para largá-lo — Se acontecer algo comigo, Eudine contará.

Gael precisou de um esforço incomum para não surrar o cavalariaço. Fechou os olhos por segundos, tentando colocar em ordem os pensamentos. Quando os abriu, ainda persistia a vontade de estrangular o rapaz, contudo desistiu, empurrando-o e quase o derrubando.

— Você acha que ela voltará, seu tolo? Tem noção do local para o qual ela foi? — viu o cavalariaço recuperar o equilíbrio e firmar-se — Pois, eu

digo que jamais a verá. Se ela não for atacada nas estradas, servirá de comida para os lobos ou sucumbirá com o frio. E, quando ela não retornar, adorarei acabar com você. Afinal, que tipo de homem se protege atrás de uma garota?

Mack não quis demonstrar que ficara preocupado com as previsões de Gael, mantendo-se firme e o encarando como se suas palavras não tivessem o poder de aterrorizá-lo.

— Eu o deixarei viver por enquanto, serviçal — Gael disse entre os dentes — Antes terá que fazer o que lhe disser — e apanhou no braço do jovem, começando a arrastá-lo, Castelo adentro, enquanto ia lhe dizendo o que deveria dizer.

Gael só foi soltá-lo, antes de encontrarem o primeiro soldado guardando o salão principal. Caminharam lado a lado como se fossem amigos e desse modo entraram, após o chefe de arma ter sido anunciado.

Desta vez, o rei não estava sozinho. Drystan estava ao lado dele e a sua expressão denotava que ainda não havia digerido o desaparecimento de Eudine. Gael e Mack reverenciaram os dois.

— Vamos, fale cavalariço! — Gael ordenou, atraindo a atenção dos dois homens.

— Sabe o que aconteceu com Eudine? — o rei dirigiu-se ao jovem e Drystan chegou a dar dois passos em sua direção.

— Senhor, eu só sei o que ouvi. A dama de companhia esteve no estábulo hoje — Mack lembrou-se do que havia sido instruído a dizer — Logo após a partida da princesa.

— E então, o que ouviu? — Drystan quis saber de uma vez.

— Ela estava falando sozinha ou com um dos cavalos — ele mostrou imprecisão, interiormente não estava feliz em mentir para o rei — Não sei, só tenho certeza de que ela não me viu.

— Conte de uma vez — a voz de Drystan ficou mais alta.

— Ela demonstrou tristeza com a partida da princesa e disse que iria ao seu encontro — fez o que foi pedido e respirou aliviado por não ter gaguejado.

— Será que foi este o motivo para atraso na hora da partida? — o rei falou mais para si mesmo do que para os demais — Terá sido isto fruto de uma combinação entre Gwen e Eudine?

— Senhor, desculpe-me por interromper seus questionamentos — Drystan ficou preocupado — Em todo caso, se estiver certo, é muito perigoso que uma moça viaje sozinha naqueles caminhos tortuosos que levam ao reino

do príncipe Wilkins. Peço permissão para partir agora, atrás dela.

— Não a encontrará, ela tem muita vantagem, afinal já deve ter saído daqui a horas. Além do mais é perigoso que vá sozinho— Gael tentou demovê-lo da ideia, pois desejava apenas diminuir a tensão dos dois oferecendo um paradeiro para Eudine; não imaginava que o duque se propusesse a ir ao encontro da jovem.

— Só saberei disso, após ter tentado — Drystan estava resoluto — E se, como diz — olhou para Gael — Viajar sozinho é perigoso para mim que sou homem e treinado, muito mais o será para uma jovem ingênua. Ou seja, é mais um motivo para ir atrás dela e garantir que retorne em segurança — argumentou e Gael quase sorriu ao perceber a imagem que Drystan fazia de Eudine. Mack, por sua vez, não gostou daquela obstinação toda. Adivinhou-lhe a intenção e os tantos cuidados, sentindo-se diminuído ao seu lado. Nunca teria chance, caso fosse pedido para ela escolher entre os dois.

— Olhando por este lado — começou o rei Cédric — Está coberto de razão, Drystan. Portanto, eu te concedo a permissão. Se quiser, posso mandar alguns homens acompanhá-lo.

— Agradeço a oferta, senhor. Mas, chamarei menos atenção se for sozinho. Desatrelarei Iliad da carruagem e partiremos o quanto antes, sei que assim irei mais rápido — Drystan escolheu as palavras corretas para recusar a oferta — Agora, se me permite — fez uma referência ao rei, antes de se virar, pronto para sair — Farei o que estiver ao meu alcance para garantir que volte em segurança — caminhou com passos decididos em direção à porta e, quando passou diante de Mack, parou — Se puder me ajudar com o meu cavalo...

Sentindo-se observado por Gael, Mack fez que sim com a cabeça, sendo dispensado pelo rei para acompanhar o duque. Apesar de tentar, não conseguiu sentir raiva do nobre ao perceber que sua preocupação era real.

— Obrigado — o agradecimento também foi sincero e antecedeu a entrega de cinco dobrões de ouro — Isto é pela sua valiosa informação — explicou, diante do olhar estupefato que recebeu — Deseje-me sorte para trazê-la volta o quanto antes.

Mack arrependeu-se da mentira e quando o viu sair cavalgando quase tão rápido quando Eudine, só que com destino oposto ao que ela havia ido, percebeu que aquilo não tinha mais volta.

CAPÍTULO 11

A gratidão perfuma as grandes almas e azeda as almas pequenas —
Honoré de Balzac

Se não fosse por sua determinação, Eudine teria parado mais vezes, pois não imaginava que cavalgar por tanto tempo pudesse ser tão cansativo. Mas, sempre que o cansaço ameaçava vencer, ela pensava nas palavras de Mack: três dias, se apenas parasse para dormir. Algo lhe dizia que chegar à Montanha da Morte significava encontrar o seu destino.

Enquanto eram apenas florestas, tinha cavalgado despreocupadamente; porém, quando se aproximava das vilas e aldeias, tentava margeá-las para não chamar a atenção de seus moradores. Assim como se esgueirava nos castelos, conseguiu prosseguir sem chamar a atenção, pois sabia que uma montaria daquelas poderia ser alvo de ladrões e não queria ter que desembainhar a espada tão cedo.

Permitiu-se dormir mais somente no último dia de viagem, quando já havia saído novamente da área habitada, acomodando-se em uma floresta, a penúltima segundo o mapa, após achar um lugar propício para acampar, próximo a um lago.

A capa, que vinha lhe servindo muito bem, nestas horas virava uma cama. Não era confortável, mas Eudine não se preocupava com isso, já que, pela primeira vez, sentia-se livre.

O sol começara a despontar, quando foi despertada por um barulho que a deixou alerta. A impressão era de vozes não muito distantes. Embora não tivesse escolhido um local que poderia ser facilmente descoberto, temeu que alguém estivesse prestes a encontrá-la. Assim, levantou-se imediatamente e a primeira providência a tomar foi verificar se Melt continuava amarrado onde o deixara.

Com certo alívio, percebeu que não haviam chegado a ela, pelo menos ainda. Visto que os barulhos não cessaram, resolveu investigar de onde

vinham. Para isso, apanhou o punhal e a espada que Hank habilmente havia prendido na sela, colocando o primeiro na cintura e levando a última na aljava, presa às costas.

Com cuidado para não pisar em nenhum graveto, esgueirou-se entre os arbustos como se aquele fosse seu habitat natural. Na medida em que andava, as vozes tornavam-se mais nítidas. Pôde distinguir algumas vozes masculinas, mas não soube dizer quantas.

— Devíamos acabar com isso de uma vez por todas!

— Não foi a ordem que recebemos.

— Qual a diferença entre matá-lo aqui ou matá-lo lá? — um dos homens se exaltou e a palavra "matá-lo" fez com que ela criasse as piores expectativas possíveis. Mesmo achando que o mais correto fosse voltar ao lugar de onde havia saído, Eudine continuou.

Finalmente posicionou-se em um lugar onde pôde ver o que acontecia. Um pouco mais à frente de onde estava, havia um homem encostado a uma árvore. Conforme pôde perceber, ele estava amordaçado e tinha as mãos e os pés amarrados. Mesmo sentado, era possível perceber que tinha a compleição física avantajada e, pelo jeito, havia sido necessário os quatro homens, os donos das vozes, para apanhá-lo. Mesmo sem conhecer o motivo daquilo, ela achou extremamente injusta a situação: afinal, eram quatro contra um e, cedo ou tarde, dariam cabo dele. O homem morreria de um modo injusto e de forma alguma podia compactuar com aquilo.

Enquanto os quatro discutiam o destino do prisioneiro de costas para ele, Eudine olhou em volta. Esperou que não houvesse um quinto homem escondido, assim talvez fosse possível se aproximar sem ser percebida ou a percebessem no primeiro movimento que fizesse em direção ao prisioneiro. Ainda assim resolveu arriscar.

Devagar, escolhendo onde pisar, ela se aproximou devagar, agachada. Mais uma vez, durante aquela viagem, usou sua habilidade de se deslocar sem chamar atenção. Verdade que não havia paredes para encobri-la, porém, nem mesmo quando estava dentro das passagens secretas, podia se dar ao luxo de fazer barulho.

O prisioneiro, quando a viu, lançou-lhe um olhar de advertência, o que não fez com que ela desistisse. Em vez disso, alcançou-o e apanhou o punhal, cortando primeiro a corda que prendia seus pés e, em seguida, movendo-se um pouco mais para o lado, a corda que lhe prendia as mãos.

Uma vez livre, o homem arrancou a mordaça e fez um gesto para que

ela se escondesse. Ele se levantou e Eudine teve sua certeza comprovada, ao notar que era alto e bastante forte, dono do corpo mais musculoso que ela se lembrava de ter visto. Devia ser poucos anos mais novo do que Gael, o que tornava a sua forma física ainda mais surpreendente.

— Mas... — ela tentou argumentar e dizer que poderia ajuda-lo, mas o homem praticamente a empurrou em direção a um arbusto, não lhe dando chances de terminar a frase.

Assim que a deixou fora do raio de visão, ele, em vez de correr, foi em direção aos homens. Com passos largos, mas silenciosos, de modo a surpreendê-los. De onde estava, Eudine temeu presenciar um massacre, pois ele estava desarmado. Chegou a tocar o pomo de sua espada, pronta para ajudá-lo, caso fosse preciso.

Porém, o que se passou a seguir foi surpreendente. O homem conseguiu apanhá-los de surpresa, lançando-se contra seus opressores sem dar-lhes tempo para que pensassem no que estava acontecendo. Mesmo sem estar armado e tendo que lutar simultaneamente com os quatro, conseguiu se desviar dos golpes desferidos pelos homens, que conseguiram desembainhar suas espadas, e, sem muita demora, conseguiu derrubá-los um a um, desferindo golpes violentos, parando somente com os corpos dos oponentes desfalecidos sobre o solo.

Ofegante por causa do embate, ele voltou ao lugar onde Eudine tinha assistido o combate e fez um gesto para que ela se levantasse.

— Precisei viver uma vida toda para ser salvo por uma garota! — apesar de toda brutalidade da briga, seu tom saiu bem-humorado — Não imagino o que esteja fazendo aqui, mas te devo uma, conta com a minha gratidão eterna.

— Também não tenho ideia do que você esteja fazendo aqui, nem da confusão em que tenha se metido, mas assistindo o que eu assisti, talvez eu compreenda agora o motivo pelo qual estava preso — ela não escondeu o quanto ficara impressionada. Sentiu-se bem, também, com o fato de ele parecer não ligar para sua cicatriz.

O homem deu-lhe um meio sorriso, ciente de que ela não fazia a mínima ideia do motivo pelo qual estava preso. Nem em suas alucinações regadas a bebidas, imaginaria algo assim. Não tinha ideia de onde havia saído aquela jovem de cabelos tão pretos quanto a noite e que demonstrava que não era tão frágil, quanto a sua aparência.

— Adoraria continuar esta conversa, no entanto eu não os matei...

Pode demorar um pouco, mas eles acordarão e, quando isso acontecer, não seria bom que estivéssemos aqui. Logo, sugiro que siga o seu caminho, afinal não sei o que eles fariam com uma dama sozinha.

— Eu terei libertado um cego? Bem, para me achar uma dama... — Eudine começou a se irritar com o tom dele.

Ele achou graça.

— Pode não ter as maneiras mais apropriadas, mas isso não faz com que mude sua natureza. Não entendo e nem me importa o que esteja fazendo aqui sozinha, entretanto não ache que aqueles homens agirão como eu. Assim sendo, melhor você voltar para o seu caminho e eu para o meu. Volto a repetir, estou em dívida com você e no momento, a única coisa que posso fazer é fazer com que siga o seu caminho, enquanto eu sigo o meu — ele começou a andar.

— E como pretende sair daqui? — Eudine apressou os passos para acompanhá-lo.

— Estou indo para o local onde estão os cavalos — explicou brevemente — A pé não iria muito longe — voltou-se para ela — E você? Qual o seu destino? — deteve um pouco seus passos, desejando ouvir sua resposta.

— Vou para o leste — ela se limitou a dizer e o homem franziu o cenho.

— A cada passo que se aproximar da montanha, ficará mais frio e o terreno mais acidentado — ele começou a falar e Eudine esperou que ele tentasse demovê-la da ideia — Portanto, boa sorte, pois precisará.

— E quem disse que estou indo para lá? — ela o encarou.

— Sou bom em dedução e conheço muito bem a região. Não há nada para o leste, além da montanha. Não sei o que fará naquele lugar e, como disse anteriormente, nem me interessa. Acredito que se já chegou até aqui sozinha, tem condições suficientes para chegar até lá. Se me pedisse um conselho, diria que nada de bom acontece naquele lugar, contudo não me lembro de tê-lo pedido. Então, novamente eu te desejo boa sorte — voltou a andar rápido até um ponto em que Eudine parou, pois seu cavalo estava em outra direção, o homem também parou ao perceber que ali seus caminhos deviam se separar.

— E eu te desejo que não se deixe apanhar novamente — Eudine foi sincera — Afinal, da próxima vez, pode ser que não haja uma dama para salvá-lo.

— Farei o possível — ele sorriu — Em todo caso, fico te devendo um favor e sou um homem de palavra e me lembrarei disto, caso a reencontre — estendeu a mão para ela.

— Acho muito difícil que isso aconteça — Eudine o cumprimentou — Caso eu precise quebrar uns ossos, já sei com quem posso contar — ela notou e ele assentiu com a cabeça, antes de se virarem e cada um seguir o seu caminho.

O homem se deteve por algum tempo e se viu para vê-la afastar. Havia algo naquela jovem que o intrigara. Será que era nobre? Tinha um modo de falar muito confiante para não sê-lo. De algum modo, teve a sensação de que estava cometendo um erro, deixando que fosse. Se ela não o tivesse libertado, não teria hesitado em obrigar que fosse com ele e ganhar uns bons cobres de seus pais nobres, quando lhes devolvesse a filha intacta. Eles deveriam estar preocupados com sua ausência e, na verdade, havia sido um milagre que tivesse chegado ali sã e salva. As muitas pessoas que viajavam por aquelas bandas não eram confiáveis e fariam coisas inconfessáveis se uma garota nobre caísse em suas mãos. Imaginou os pais aflitos sem saber o seu paradeiro, imaginando onde estaria sua filha, sem imaginar quão impulsiva ela podia ser, arriscando-se para libertar alguém que nem ao menos conhecia. Embora, pela cicatriz, ele podia jurar que ela não devia ser do tipo que se mantivesse longe de confusões.

CAPÍTULO 12

A grandeza exige sacrifícios — Friedrich Schiller

O aviso do homem estava certo. À medida que avançava, o terreno ficava mais acidentado e mais difícil de continuar. Na última noite o frio era tão intenso que nem mesmo a capa estava conseguindo fazer com que deixasse de tremer. A isso, juntou-se uma chuva fina e persistente. Pensou que, embora fosse um cavalo preparado, Melt também estivesse sentido o terreno irregular, mas, ainda assim, conseguia vencê-lo. Quando resolveu parar, naquela que devia ser a última parada, pensou em poupar o animal também.

Por causa do frio, não conseguiu dormir. Na verdade, temia que se o fizesse podia não mais acordar. As mãos estavam congelando, nas últimas horas sentira dificuldades em segurar as rédeas do cavalo. Após várias tentativas frustradas, conseguiu fazer uma fogueira. A primeira parte difícil foi arrumar um abrigo onde pudesse se proteger um pouco e se manter seca. Em seguida, teve que deixar o cavalo e, tentando conter o tremor, procurar gravetos que não estivessem úmidos para fazer uma fogueira. Quando retornou, estava com mais frio do que quando saíra. Lutou um pouco com os gravetos até conseguir produzir fogo. Mais um aprendizado que se mostrara útil e do qual não se arrependia.

— Um dia me dará razão Gwen... Há muito mais para se aprender em um castelo! — disse para si mesma, acomodando-se bem perto do fogo.

Nem mesmo o calor das chamas fez com que parasse de tremer. Conforme a madrugada avançava, mais o vento frio a castigava. Entendeu finalmente porque todas as pessoas falavam tão mal do lugar, afinal, chegaria a tal montanha na manhã seguinte, mas talvez não conseguisse vencê-la,

simplesmente porque não estivesse em condições para isso.

Antes um pouco de o sol nascer, batia os dentes e foi necessário levantar-se e andar de um lado para o outro, porque sentia dor nas articulações. Mais uma vez teve medo de estar congelando. A boa notícia é que a chuva cessara. Assim, seria menos penoso continuar.

Quando finalmente o sol começou a despontar no horizonte, Eudine colocou-se novamente no caminho. Segundo o mapa, estava muito próxima, coisa de meia hora.



Drystan puxou as rédeas do cavalo para que ele parasse. Havia saído do castelo determinado a encontrar Eudine. Sinceramente, ficara decepcionado com Gael e o pouco caso que fizera sobre o desaparecimento da jovem. Será que não percebia que ela era muito nova e que algum mal podia lhe acontecer? Não que tivesse certeza de que Eudine aceitaria sua corte, mas queria ter a certeza de que estivesse bem, ainda que o rejeitasse.

Se ele, acostumado a longas viagens, estava cansado, tentava projetar como estaria a jovem após alguns dias e isso o deixava ainda mais preocupado. O que o tranquilizava um pouco é que ela só estava a algumas horas à frente, assim, não havendo indícios de que lhe acontecera algo, mais cedo ou mais tarde, ele a encontraria.

Depois de conduzir seu cavalo, Ilid, o mais rápido que pôde, foi pego de surpresa. Deu uma leve puxada na rédea e o cavalo cessou completamente, batendo uma das patas dianteiras no solo, numa espécie de comunicação com o dono que só se movimentaria novamente se ele puxasse mais uma vez as rédeas. Como o duque não o fez, o animal permaneceu parado para que ele pudesse apear.

Drystan deixou o cavalo e foi caminhando pela estrada de terra. O que o fizera parar foram as marcas de rodas no terreno. Elas estavam mais fundas do que o normal, como se estivessem girando rápido demais. Sua experiência fez com que se abaixasse um pouco e verificasse a profundidade das marcas. Algo que o deixou alarmado, afinal, aquelas marcas só seriam possíveis se uma carruagem estivesse correndo demais ou desgovernada. A preocupação ficou estampada em seu rosto ao perceber que aquele era o trecho mais sinuoso e, portanto, mais perigoso da viagem até o reino de Nerthynd, de onde vinha o príncipe Wilkins.

Resolveu acompanhar as marcas e não caminhou muito para que sua tese fosse confirmada: elas sumiam em uma das curvas, não seguindo o contorno da estrada. O que indicava que a carruagem, ou carruagens, teria passado direto, caindo na ribanceira.

Drystan respirou fundo, antes de dar dois passos à frente, olhando para baixo. Infelizmente viu a imagem que não desejava: destroços. Verificou se era possível descer por ali, a pé, sem se machucar.

A descida demorou um pouco, pois o fez com muito cuidado, para não pisar em falso. Não teve dúvidas de que se tratasse de uma carruagem e, quando se aproximou o suficiente, seus olhos se fixaram em um detalhe que lhe deu a dimensão da tragédia: o brasão de Heldroch.



Embora o sol estivesse no centro do céu, era como se estivesse ausente, porque o frio era ainda mais cortante do que durante a madrugada. Chegando ao limite do que podia ir a cavalo, Eudine, desmontou do animal e tirou de junto da sela as suas armas e uma das bolsas de couro, onde havia colocado a comida e a bebida restantes.

— Nós nos despedimos aqui, meu amigo. Você está livre — ela acariciou a crina do cavalo que a olhou como se tivesse entendendo o que ela estava falando — Quando eu voltar, se eu voltar — Eudine não quis ser pessimista, mas estava debilitada por conta daquele frio todo — Arrumarei um jeito de retornar. Agora saia daqui! Vá para um lugar mais quente!

E dizendo isso, livrou-o da sela, da outra bolsa que havia trazido e finalmente das rédeas, deixando-as no chão. Quando ele estava livre dessas parafernalias, bateu-lhe no lombo. O cavalo hesitou um pouco, afinal, fazia muito tempo que não corria livremente sem ter alguém em cima, mas logo que percebeu que podia fazê-lo, começou a trotar, até dar um pinote, correndo para longe dali, como se estivesse seguindo as instruções recebidas.

Assim que se viu só, Eudine olhou para a montanha. O lugar pareceu desafiá-la. Apesar de todo aviso, não imaginava que o lugar fosse tão ruim como era. Lembrou-se que em lugares de Heldroch nevava. Havia conhecido alguns deles, ao viajar com Gwen. Mas era completamente diferente dali onde não havia neve, mas o frio parecia mais severo, com um vento que chicoteava a cada segundo que tocava em sua pele. Apesar de saber-se despreparada para o lugar, desistir não passou em sua cabeça. Tinha chegado

até ali sozinha, como dissera o desconhecido, logo era capaz de ir adiante.

Eudine puxou o capuz, de forma a proteger o rosto, e olhou para o caminho que tinha pela frente. O caminho para a subida era íngreme, por isso, tinha que começar o quanto antes, enquanto lhe restasse forças.

Os primeiros metros foram relativamente fáceis, mas quanto atingiu certa altura, o ar começou a ficar mais frio e raro. Eudine não conseguia respirar direito, nem pensar direito, só sabia que precisava continuar.

Andando cada vez mais devagar, teve a impressão de que a rainha Maeve a chamava. Olhou para trás duas vezes e não viu ninguém. Mais passos, mais vozes. Agora era Gwen, e ela estava vestida do mesmo modo que no dia em que ganhara sua cicatriz. As vozes convidavam-na a descer e se encontrar com elas. Por duas vezes parou, por duas vezes teve vontade de seguir as vozes, no entanto resistiu.

A jovem, envolta na capa negra, conseguiu subir mais, ficando a menos de quinhentos metros do topo, antes de cair, sem forças para continuar. Olhando para o céu, via as nuvens e um sol longínquo, enquanto o frio envolvia a sua alma. E se fechasse os olhos? Aquele mal-estar passaria? Ela se sentiria aquecida?

Estava quase cedendo ao peso de suas pálpebras, quando ouviu um uivo.

Havia lobos ali. Tinha temido que os lobos a encontrassem, quando sofrera o seu acidente. Ela, com certeza, teria sido um alvo fácil. Mas, eles não apareceram. No entanto, agora, o uivo estava cada vez mais próximo. Seriam eles os guardiões da montanha? Por isso, que ela ganhara o apelido pelo qual era conhecida?

Seus pensamentos estavam cada vez mais confusos, misturando realidade e alucinação. Sua respiração estava cada vez mais fraca, acompanhava o congelamento de seu corpo. Tentou se levantar, ou imaginou que tentou, pois continuou lá, olhando para o céu azul.

— Uma linda vista — balbuciou, imaginando que fosse a última imagem que veria, antes de morrer. Porém, estava enganada. Antes de perder os sentidos, a imagem foi bloqueada pelo focinho de um lobo.



Bispo

CAPÍTULO 13

Quando se consegue alguma coisa que se deseja, é muito bom deixá-la onde está — Winston Churchill

Eudine sentiu um cheiro forte e persistente, antes de começar a abrir os olhos. A vista estava embaçada. Olhou em volta, tentando reconhecer o lugar onde estava, entretanto quase não havia luz. Será que morrer era isso? Pelo menos não sentia mais frio.

Os lobos, ela se recordou e teve um sobressalto. Forçou a vista novamente e esta foi se adaptando a escuridão, conseguindo distinguir formas, ou seriam vultos? Quando finalmente conseguiu entender a imagem que se formava, sentou-se bruscamente, batendo a cabeça em algo.

— Estou morta? — repetiu para si mesma, esfregando o lugar que batera.

— Se estivesse, não sentiria dor — a resposta a fez estremecer. Era uma voz feminina, dona de um tom firme e seguro que, simultaneamente, assustou-a e a acalmou.

— Então, por qual motivo não enxergo nada além de vultos e sombras? — ela ousou dar continuidade àquela conversa, mesmo sabendo que poderia ser apenas obra de sua imaginação.

— Foi preciso. Ao escolher estar aqui, escolheu também ver além. Logo, a sua visão anterior era insuficiente. Daqui a pouco, quando recobrar a visão, finalmente enxergará as coisas como elas são — a dona da voz respondeu calmamente e embora aquilo soasse como um enigma, Eudine não a questionou a respeito do que tinha ouvido, mas da dedução a que chegara.

— Quer dizer então, que você é a pessoa sobre a qual tanto falam? A feiticeira que vive no cume da montanha? — ansiosa, quis saber — Se eu sucumbi à montanha, como exatamente consegui esta audiência? Pelo que me disseram, teria que vencer a subida e não o fiz.

— Vencer a subida pode significar manter-se viva e isto você fez. Além disso, eu já esperava por você — a voz continuou segura — Na verdade, eu a esperava desde o dia em que nasceu. Sabia exatamente que viria. Acho que esse tempo todo estive aqui à sua espera.

— Como é possível? — Eudine retirou a mão do local onde havia batido a cabeça. Sentiu que havia algo de estranho, mas não soube determinar o que era.

— Aos poucos, eu te explicarei tudo. Agora, se quiser recuperar a visão. É preciso que repouse mais um pouco e, quando acordar, sua visão já terá voltado.

Com milhões de perguntas brincando em seu pensamento, Eudine achou que fosse impossível dormir. Mas, ainda assim, seguiu a recomendação e voltou a se deitar. Foi impressionante a maneira como o sono a envolveu, antes mesmo que ela pudesse pensar na primeira palavra que tinha escutado.

Acordou novamente com um uivo alto e próximo e quando abriu os olhos, assustou-se, pois a primeira coisa que viu foi o focinho no animal, tão próximo, que bastaria abrir a boca para acabar com ela. Teria acreditado que a conversa anterior fosse mais uma alucinação e ela continuava deitada na montanha, se não visse, olhando além do animal, o teto da casa.

—Deixe-a em paz, Cyl — Eudine procurou de onde veio o comando que fez o animal recuar e se afastar dela. A mulher estava no lado oposto de onde estava deitada. Vestida com peles que pareciam ser de urso. Tinha o cabelo branco, embora seu rosto fosse jovem. Talvez um pouco mais velha do que Lady Macge — Que bom que acordou, Eudine.

— Não te disse meu nome — Eudine disse sentou-se com cuidado —

Descobriu-o através de magia?

— Eu me chamo Igraine — a mulher manteve o mesmo tom de voz — Você disse seu nome, enquanto delirava, eu apenas o guardei na memória.

— Como cheguei até aqui? — finalmente acreditou que estava tendo aquela conversa.

— Cyl e Vilya — Igraine apontou os dois lobos, um acinzentado, o que recuara, e o outro preto, bem maior — Chegou aqui com a ajuda dos dois. Eles a puxaram até aqui. Talvez isso explique, caso tenha arranhões ou machucados pelo corpo. O solo pode ser traiçoeiro.

Eudine tentou se imaginar sendo puxada por lobos no restante do caminho que faltava, sem conseguir. Ao contrário do que Igraine havia acabado de dizer, não sentia dor em parte alguma de seu corpo.

Notou que Igraine lhe dissera a verdade. Pois, estava enxergando melhor do que nunca. Tanto que viu rapidamente seu reflexo em algo que estava atrás da mulher e tentou se levantar para conferir se aquilo era real. A tontura fez com que se sentasse imediatamente.

— O que ingeriu é muito forte, por isso, a fraqueza que senti — Igraine explicou, aproximando-se de onde a jovem estava.

Se não podia se levantar, Eudine fez algo muito mais simples: ergueu a mão direita e com cuidado tocou no próprio rosto.

— Como é possível? — repetiu a pergunta de outrora, agora, no entanto, assombrada, pois não era impressão: a cicatriz não estava lá — Estou sob o efeito de magia?

— Não exatamente — Igraine sentou-se ao lado dela e tocou o rosto de Eudine, refazendo com o dedo indicador a linha onde ficava a cicatriz — Aqui, seus desejos se materializam, cara Eudine. E por mais que diga que isso não te afeta, você gostaria de ter seu belo rosto de volta. Conforme está vendo, pode tê-lo.

— E isso implicaria em que? — Eudine não entendeu.

— É simples. Só posso te conceder um desejo, mas você tem que me dar algo em troca. Se quiser a beleza, deixará comigo a sua liberdade. Se quiser a liberdade, deixará a beleza. E assim por diante.

Eudine engoliu em seco. Já estava acostumada à cicatriz e a liberdade era aquilo que mais almejava; o motivo de estar ali. A escolha deveria ser simples, porém, imaginar-se sem a cicatriz conseguiu mexer com ela, deixá-la tentada. Recordou o que Gael havia falado, ele optara por deixar o coração. Só agora conseguia compreender o que ele quisera dizer.

A garota chegou a mover os lábios para revelar sua escolha, mas Igraine não permitiu.

— Cuidado. As palavras têm um poder devastador: uma vez proferidas, não tem mais volta. O que você deseja tem que ser bem especificado, pois uma vez solicitado não há como reverter seu pedido. E lembre-se: nunca a realização de um desejo vem sozinha. Arcará com o ônus e com o ônus do que escolher. Portanto, descanse. Deixe para falar comigo, quando estiver bem. A pressa sempre conduz nossos pés para pontes inseguras. Respire, pise com cuidado, e não será surpreendida na travessia por uma tábua solta.

— Sempre fala por enigmas? — Eudine sentiu-se melhorar. Mais alguns minutos e poderia se erguer, sem cair.

Igraine sorriu pela primeira vez, mostrando os dentes perfeitos e de uma clareza que a garota jamais havia visto, nem mesmo nos membros da família real.

— Eu o faço sem perceber, não tenho muitas pessoas para conversar e talvez, por isso, tenha perdido o jeito — explicou.

— Por que morar aqui e, ainda mais, sozinha? — Eudine tentou entender.

— Por que foi o que escolhi — Igraine respondeu naturalmente e viu a face da jovem se iluminar.

— O seu desejo? Que dizer, você já esteve na minha posição? — disparou, ficando na expectativa da resposta.

Igraine apenas assentiu com a cabeça e Eudine preparou-se para enchê-la de perguntas. Mas, não pôde, porque ela não permitiu.

— É preciso que se alimente Eudine. E agora que acordou, precisa mudar suas vestes, para aguentar o cair da noite. Já chegou aqui com queimaduras provocadas pelo frio, logo, é necessário que se proteja dele.

— Vai responder todas as perguntas que eu tenho ou vai desviar do assunto, sempre que eu tentar fazê-las? — Eudine quis saber.

— Gosto da sua impaciência e da sua sinceridade. Responderei o que puder e o que quiser, pois silenciarei tudo aquilo que não lhe sirva de exemplo — Igraine levantou-se — Preciso cuidar da comida — explicou, antes de sumir pelo corredor em direção à cozinha, deixando a jovem com mais dúvidas do que respostas.



Drystan fez um gesto para os homens que guardavam o castelo. Apesar de cansado da viagem, torcia para estar errado em sua intuição. Embora reconhecesse ser sangue o que vira no interior da carruagem, não havia como determinar de quem era. Só havia o destroço de uma carruagem, portanto, a outra poderia ter chegado ao reino.

— Sou o duque de Ghunter, estou aqui em nome do rei Cédric — ele elevou sua voz, para que os homens compreendessem. A verdade é que bastou ouvir o nome do rei, para eles decidirem que o mais prudente era abrir os portões.

Uma vez dentro dos muros, Drystan passou por uma multidão de curiosos, até apegar, com a ajuda de um cavaleiro.

— Duque Drystan Ash — um dos soldados veio em sua direção, saudando-o com uma reverência — Nós não o esperávamos.

— Bem, também não era minha intenção vir até aqui, porém, foi preciso.

— Avisarei ao rei Wilhelm. Ele e a rainha farão questão de recepcioná-lo — informou pronto para se retirar, mas Drystan não permitiu, pois precisava perguntar.

— O príncipe Wilkins já retornou de Heldroch com a princesa Gweneth? Soube que duas carruagens saíram de lá, nesta direção. Além deles e havia uma comitiva de cavaleiros de Heldroch...

O soldado olhou-o preocupado.

— Senhor, você é a única pessoa que chegou aqui.

Drystan respirou pausadamente, tentando entender o que poderia ter acontecido.

— Preciso ver o rei e a rainha imediatamente — Drystan declarou, temendo ser portador de más notícias. Sentiu-se ainda pior ao ter ficado feliz, ao notar que não havia indícios de que Eudine encontrava-se com a comitiva.

CAPÍTULO 14

A parte que ignoramos é muito maior do que tudo quanto sabemos —
Platão

Drystan olhou para os lados, uma capela era um lugar no mínimo inusitado para falar de coisas tão sérias quanto as que o levaram até ali. Mesmo impaciente esperou. Quando a porta se abriu, o rei Wilhelm, um homem baixo e pesado, praticamente se arrastou até ele, que se levantou prontamente para fazer-lhe uma reverência, impedida por um gesto do rei.

— Se o que tem a me dizer é realmente importante, não precisamos dessas convenções — ele fez um gesto para que Drystan sentasse no banco de pedra. O duque acatou, sentando-se antes do rei, que o fez na sequência — Nosso encontro teve que ser aqui, pois era o único lugar em que Meryl — referiu-se à rainha — Não ficaria preocupada. Se me reunisse a sós com você em outro lugar, ficaria alarmada. Ela tem agido de modo estranho... — ele começou a explicar, mas resolveu ir direto ao ponto — O que houve, duque?

— Eu acredito que algo que muito ruim aconteceu com o príncipe Wilkins e a princesa Gweneth — Drystan disse de uma vez e viu a testa do homem se enrugar de preocupação — Eles saíram de Heldroch muito antes de mim, portanto, já deveriam ter chegado.

— É impossível! Meu filho estava bem escoltado — Wilhelm não conseguiu acreditar que o temor da esposa convertera-se em realidade — Ele traria a princesa em segurança...

— É outro ponto estranho desta história. Ao saírem de Heldroch, além de seus homens, o rei mandou que pelo menos dez soldados os acompanhassem — Drystan estava tentando achar o melhor modo de dizer

sobre os destroços encontrados.

— Certamente, ele pararam em algum lugar, uma visita a um nobre aliado. Wilkins é um bom articulador, ele pode...

— Encontrei destroços em uma ribanceira no caminho para cá — ele não conseguiu mais se conter — Sinto muito, senhor, mas não acredito que tenham desviado o caminho.

O rei se levantou nervoso. Drystan fez o mesmo, preocupado com ele, vendo-o caminhar até o pequeno altar.

— Então é assim que me agradece! — Wilhelm olhou para o alto da capela — Abandonei meus deuses para isto? Para na primeira oportunidade em que tinha que guardar o meu filho, você falhar? — depois, voltou-se para Drystan que acompanhava a cena sem se intrometer — Construí uma capela a pedido de Meryl, estava disposto a encostar meu joelho neste solo rústico para trazer prosperidade ao meu reino... E o que tenho agora? Um filho desaparecido. Tem algo mais, Drystan? — diante do nervosismo, o rei abandonou de vez os protocolos. Afinal, o duque à sua frente não era tão mais velho do que o seu filho e naquele momento não era o rei quem falava, e sim o pai.

— Quanto aos destroços — Drystan disse num tom pesaroso — Tenho certeza de que uma das carruagens, pelo menos, espatifou-se na ribanceira. Não encontrei nenhum corpo, mas bastante sangue.

O rei puxou um pouco de ar, como se tivesse sido atingido por um punhal.

— Em sua experiência, Drystan, o que pode ter acontecido?

— Sinceramente, acho que foi uma emboscada. Imagino que uma das carruagens tentou fugir e saiu da estrada. Mas, não imagino a quantidade de homens que seriam necessários para levar quase vinte soldados e a outra carruagem...

— Leishter, só ele seria capaz de tal façanha... — Wilhelm cerrou os punhos — Eu mesmo farei questão de matá-lo, quando puser as minhas mãos em cima dele!

— Se realmente foi obra dele, acredito que o senhor terá que disputar essa honra com o rei Cédric — Drystan comentou, pois conhecia o carinho que o rei tinha pela filha, sobretudo após a morte da rainha.

— Nossos dois reinos foram desrespeitados, Drystan! Isso merece um revide à altura. É meu convidado e terá tudo o que for necessário enquanto estiver aqui. Mas, eu o aconselho a descansar e a se alimentar, pois assim que

possível, reunirei homens e partiremos para Heldroch. Não conseguirei dormir, enquanto não souber o que aconteceu. Agora se me permite, preciso encontrar as palavras certas para contar para Meryl essa tragédia 00 o rei pediu licença e se retirou, deixando Drystan a observar o interior da capela.

Por mais que Wilhelm estivesse coberto de razão e ele devesse descansar, o duque estava inquieto. Dois grandes reinos sem herdeiros era algo impensável. Se estivessem vivos, estavam em perigo, isso era algo óbvio. E se não estivessem, a aliança que antes seria feita através de um casamento, agora seria selada pelo derramamento de sangue. Cédric e Wilhelm não descansariam até vingar seus filhos. Ou seja, qualquer uma das duas possibilidades representava o início de tempos sombrios.

E no meio disso tudo, havia Eudine. Ela que não era de sangue nobre e nem teria ninguém para se preocupar com sua ausência ou chorar sua má sorte. Ela estava com a comitiva ou nunca os alcançou?

Drystan respirou pausadamente ao pensar nisso e, por mais egoísta que fosse o seu pensamento, desejou que, por algum motivo, Eudine não estivesse junto da princesa.



— Tudo aqui tem um gosto estranho — Eudine fez uma careta ao provar o caldo e deixou o copo quase cheio na mesa de madeira, fazendo Igraine sorrir.

Havia acordado com fome e Igraine lhe servira uma espécie de caldo, dizendo que a manteria aquecida. Além disso, agora usava roupas tão quentes quanto as da anfitriã, feitas com pele de urso. Em sua opinião, Igraine enganara-se, pois estava enxergando da mesma forma. Quer dizer, exceto a ausência de sua cicatriz, não enxergara nada demais.

— A velocidade com que reclama me faz pensar que já esteja melhor do que quando chegou — Igraine comentou, antes de beber o caldo como se o gosto fosse o melhor do mundo, deixando Eudine impressionada — O gosto depende da ocasião — ela falou, ao se sentir observada.

— Para mim, amargo sempre será amargo, e isso não tem a ver com o momento — Eudine retrucou, sem se preocupar em parecer que estava desrespeitando a mulher que a acolheu.

— É muito jovem, Eudine. Quando você fala, não deixa a

possibilidade de as coisas serem mais do que são, simplifica demais — Igraine continuou calma.

— Eu entendi — a jovem respirou fundo — conseguirei o que quero, quando, e se, descobrir os seus enigmas, não é? Porque você não fala nada que seja linear, suas falas têm sempre curvas que não consigo acompanhar.

— Toda subida requer um esforço maior — Igraine começou, mas Eudine a interrompeu.

— Viu? Está fazendo de novo. Eu não consigo entender nada do que diz e se você não simplificar — fez questão de usar a mesma palavra que a estranha mulher utilizara — não haverá diálogo entre nós.

— Tudo bem — Igraine a encarou — As palavras conduzem, mas os exemplos arrastam. Feche os olhos — ela pediu. Eudine relutou, mas fez o que foi solicitado — Agora se imagine em um lugar totalmente diferente daqui: um lugar quente em que não seja possível se esconder do sol; onde ele, em todo seu esplendor e magnitude, alcance-a, fazendo com que sua pele arda — Igraine depositou o copo que segurava na mesa de madeira e, com o dedo indicador, tocou a testa de Eudine.

Imediatamente, Eudine não só conseguiu visualizar o lugar, como também sentiu a boca seca, a pele quente, e gotas de suor se formarem em sua testa. Além disso, começou a sentir uma sede incontável.

— Sim, estou imaginando — ela continuou com os olhos fechados.

— Você está sozinha, sem a perspectiva de encontrar outras pessoas — Igraine continuou, sempre no mesmo tom — O ambiente é seco, até as poucas árvores que existem, têm as suas folhas amareladas, queimadas — concluiu a frase e viu Eudine passar a língua em volta dos lábios — O que sente?

— Muita sede — Eudine respondeu, não porque fosse a resposta certa, mas porque realmente era o que estava sentindo.

— Há um copo na sua frente. Basta apanhá-lo e saciar a sua sede — Igraine continuou e viu a garota, ainda de olhos fechados, apanhar com as duas mãos o copo que havia largado na mesa — Vamos, Eudine, mate a sua sede!

Eudine, sem hesitar, bebeu de uma só vez o líquido que havia no copo e o sabor sentido foi tão bom que ela pediu mais. Foi o suficiente para Igraine sorrir e interromper aquela demonstração.

— Abra os olhos — ela pediu e, assim que o fez, Eudine arregalou os olhos espantada.

—Foi tão real! — estava assombrada — Era como se eu realmente estivesse lá, sob um sol escaldante. Isso é magia?

Igraine não respondeu, ao contrário, apontou para as mãos da jovem, fazendo com que ela se desse conta de que havia apanhado o copo e bebido todo o líquido que, antes, julgara amargo.

— Você me enfeitiçou, é isso? Porque quando apanhei o copo, o sabor era diferente...

— O sabor era o mesmo, Eudine — foi a vez de Igraine interrompê-la — A ocasião que era diferente. Para alguém sedento, essa bebida seria a melhor que já conheceu na vida.

Eudine abaixou os olhos. Realmente não tinha como retrucar dessa vez, aquela mulher conseguiu deixá-la sem palavras.

— Nunca se envergonhe em estar errada — Igraine tocou em seu queixo, fazendo com que ela a encarasse — A única forma de adquirir um conhecimento novo é estar ciente de que não sabe nada ou, de que as coisas que sabe estão de alguma forma, incompletas.

— Foi assim que se tornou isso, quer dizer... — tentou começar uma frase, mas soou tão confusa que desistiu.

— Não — Igraine comentou calmamente — Eu só aprendi isso, quando era tarde demais. Quando eu já havia feito o meu desejo.

— Bem... — Eudine engoliu em seco — É a segunda vez que dá a entender que a realização de um desejo pode ser ruim...

— Pode ter consequências ruins — Igraine a corrigiu — Assim como toda escolha. Portanto, quando o fizer, é preciso que pense em nossas conversas, nos exemplos que estou lhe dando, porque uma vez feito, não poderá desfazer e terá que arcar com as consequências.

— Às vezes, parece que quer me demover da ideia. E isso me deixa confusa. Se você pode conceder um desejo, por que parece não querer que eu o faça? — Eudine a encarou.

— Querer ou não é uma escolha sua. A minha obrigação é de alertá-la — Igraine não desviou seus olhos dos da jovem.

— Fez isso com todos que estiveram aqui? — Eudine indagou, cada vez mais curiosa.

— Faz parte da minha obrigação — Igraine afirmou e a sua expressão estava impassível como sempre — No entanto, nenhum deles me ouviu.

CAPITULO 15

Cuidado com o que deseja!

Havia se passado três dias. Ou o frio diminuía ou Eudine havia se acostumado a ele. A verdade é que, pela primeira vez, conseguiu sair daquela habitação da qual só conhecera o interior. Ao empurrar a porta de madeira fora recebida com uma lufada de vento, mas ele não chegou nem perto de feri-la. Antes, foi como se a afagasse.

A visão que teve ao sair completamente foi ao mesmo tempo extasiante e assustadora. Teve a noção do quão alta era a montanha ao olhar a imensidão de terras que podia ver dali. Respirou pausadamente, pensando que talvez tivesse sido loucura ter ido até lá e que era um milagre estar viva.

— Está se arrependendo?— Igraine assustou-a ao tocar em seu ombro.

— Não, ainda não tenho motivos para me arrepender — Eudine virou-se e a encarou — Agora que estou me sentindo bem melhor, eu posso fazer o que vim fazer?

— Claro, nunca disse o contrário. Só queria que estivesse em posse das faculdades, principalmente as mentais, para que pronunciasse o que realmente quer. Isso alterará de um modo irreversível o seu destino.

— Tem repetido isso para me assustar? — Eudine observou-a, querendo notar algo em sua feição, sem sucesso.

Igraine riu.

— Você não se deixaria assustar, ainda que eu quisesse fazê-lo. Mas, a resposta é não. Não é a minha intenção. É meu dever avisar. O pedido, assim como a flecha atirada ou como o revezamento da lua e do sol, não anda para trás. Lembre-se, eu tenho o poder de conceder, não de desfazer.

— Eu já compreendi e já estou pronta para fazê-lo — Eudine declarou com segurança, pronta para pronunciar seu pedido.

Igraine a impediu com um gesto.

— Aqui não. E, antes que retruque olhe em volta Eudine e me diga o que vê.

Eudine impaciente fez o que lhe foi pedido.

— A imensidão. É o que vejo. Não tinha noção de que daqui seria possível ver tanta coisa.

— Eis a questão. Seus olhos podem ver a vastidão do lugar, mas não percebem que, além disso, há muita coisa. Imagina quantas pessoas há lá embaixo. Cada uma com seu ensejo, com sua vontade. É impossível que uma vontade exista sem influenciar a outra. Você não foi a única, nem será a última a vir aqui. No momento em que desejares, esteja ciente de que isso vai incidir na vida de outras pessoas. Geralmente, as vidas que lhe são mais próximas. Este é o verdadeiro preço. Se você está disposta a pagá-lo, então é hora de obter o que você quer.

Eudine ficou balançada com as palavras, porém, sua personalidade a impediu de voltar atrás em sua decisão. Tinha feito uma jornada até ali, não podia desistir agora.

— Sim, vamos lá.

Igraine seguiu na frente. Eudine foi com passos firmes atrás dela. Achou que fosse efeito de ter ficado algum tempo do lado de fora, mas o interior da habitação estava mais escuro. Os olhos da moça demoraram a se ajustar. Olhou os cabelos brancos de Igraine e estes pareceram brilhar no escuro, o que a fez pensar que talvez não estivesse tão bem quanto imaginava, pois cogitou que aquilo fosse resquício de alucinação.

Andando pela casa, Eudine se deu conta que, desde que chegara, estivera confinada a um dos lados da residência e entendeu onde Igraine ficava, quando não estavam juntas.

Igraine interrompeu sua caminhada e parou diante de uma porta pesada também de madeira. Mas, diferente das outras da casa, essa tinha um aspecto mais envelhecido e escuro. Além disso, havia uma inscrição: *Verum voluntate*.

Olhou para a inscrição, tentando entender o que significava.

— Vontade verdadeira — Igraine pareceu ler seus pensamentos — Esta é a câmara dos desejos. Saiba que, ao sair, as coisas podem parecer, mas não estarão iguais — e Igraine empurrou a porta, fazendo com que Eudine entrasse.

A moça olhou para o lugar com a curiosidade aguçada. Lá, teve certeza de que não entrava nenhum tipo de luz, a tal câmara dos desejos era

totalmente escura e só pôde se movimentar sem tropeçar em nada, porque a porta estava aberta. Igraine indicou-lhe a mesa de pedra, bem no centro da câmara. Eudine tomou o seu lugar e percebeu que Igraine se sentaria diante dela, visto que havia uma cadeira do outro lado da mesa.

Antes, porém, de sentar-se, Igraine voltou-se e fechou a porta, deixando o ambiente ser totalmente tomado pela escuridão.

Eudine sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Não tinha medo da escuridão, mas aquela era diferente.

— Por que é preciso ser assim? — questionou. Embora não visse os detalhes do rosto de Igraine, apenas seus cabelos, Eudine teve certeza de que ela sorriu.

— Esperava por esta pergunta. Os desejos mais profundos ficam em uma área nossa que é totalmente obscura, que é invisível aos olhos. Entrar aqui e se deixar tragar pela escuridão é reconhecer que ela existe e que nela reside coisas que desconhecemos.

— Eu não entendi, o que não é nenhuma surpresa em se tratando de você — Eudine não gostava daquela sensação de estar sempre a um passo do verdadeiro sentido por trás das palavras daquela mulher.

— Podemos começar? — Igraine indagou, desistindo de continuar aquela conversa.

— Sim. É o que eu mais anseio — Eudine esfregou as mãos.

— Diga-me Eudine Santê — Igraine começou e Eudine estremeceu, pois tinha certeza de que não lhe falara seu sobrenome — Veio até aqui para obter algo. O que exatamente quer. Antes de dizer “eu desejo”, não poupe os detalhes, eles são importantes.

— Eu... — Eudine fez uma pausa e se recordou de sua vida até aquele momento. O sentimento de não pertença ao castelo, a sua solidão, a falta que lhe fazia sua mãe verdadeira da qual nem recordava o rosto, do ódio por Gael, do ressentimento com o rei Cédric, para quem era invisível e da dúvida que permeava seu amor por Gwen. Teria ela sido a responsável por seu acidente? — Eu gostaria de ser livre — pronunciou a palavra como se esta lhe queimasse os lábios — Mas, não falo apenas de deixar o castelo, de deixar de ser a dama de companhia, estou me referindo a mais do que isso. Eu quero primeiro ser respeitada. Quero que me ouçam e respeitem as minhas decisões. Não quero mais ser a sombra que tenho sido. É essa a liberdade a que me refiro: quero ser senhora dos meus passos e ter todas as minhas decisões acolhidas e respeitadas. Desejo ter o poder de decisão e não mais me

submeter a ninguém — finalizou. Era um desejo simples, não tinha como aquilo prejudicar a vida de ninguém.

— Este é então o seu desejo? — Igraine insistiu — Não quer trocá-lo?

— Não — Eudine respondeu com convicção.

— Então, que se cumpra o que deseja.

Ao dizer isso, Eudine percebeu o surgimento de algumas luzes em volta de si. Como se fossem pequenas bolas luminosas que começaram a girar ao seu redor. Ficou paralisada, entre o medo e o desejo de agir. As luzes começaram a girar mais rápido até fundirem-se em uma só. Iluminando toda a câmara.

Eudine pôde finalmente ver o rosto de Igraine e ficou assustada com a impressão de que agora a mulher tinha uma cicatriz igual à dela. Imediatamente voltou a mão para o seu rosto e sentiu que a sua cicatriz também havia retornado. Ou seja, era como se olhar em um espelho.

A luminosidade quase a cegou, antes de ir diminuindo, até voltar a ser uma única bola luminosa. Agora, a movimentação do ponto de luz era em ziguezague e muito mais rápido, por toda a câmara. Eudine tirou os olhos do rosto de Igraine para se concentrar naquele movimento desordenado. Quando a luz foi em sua direção, pensou que fosse ser atingida e, por isso, chegou a se abaixar. Porém, em disso, o ponto de luz diminuiu, indo rapidamente em direção ao teto e, quando o atingiu, produziu um clarão que fez com que fechasse os olhos.

Quando Eudine voltou a abri-los, ela ficou fascinada com o que viu. Havia diversos pontos de luz no teto que o fazia parecer um céu negro e estrelado. Cada um brilhava mais do que o outro.

Imediatamente entendeu que aquilo representava todos os desejos que haviam sido feitos e atendidos. Eram muitos...

Eudine ainda olhava o teto encantada, quando simplesmente ele voltou ao normal e tudo desapareceu. A escuridão voltou e o único som que escutou foi o de sua própria respiração, uma vez que, diante dos acontecimentos, ela estava acelerada.

— Igraine! — Eudine chamou-a temerosa. Não sabia se a ainda permanecia ali ou se estava bem.

— Está feito Eudine — Igraine respondeu ao chamado de modo sereno — Saia, que irei em seguida.

— Mas... — Eudine argumentaria que não enxergaria a saída, mas nem teve tempo. Ao olhar para o lado de onde tinham vindo, observou que a

porta se abriu. Quis perguntar "como", mas, pela primeira vez, resolveu se calar. Depois de tudo o que tinha visto ali dentro, uma porta abrir-se sozinha era a menor de suas dúvidas.

Com segurança, saiu da câmara. Caminhou em direção ao local onde fazia as refeições com Igraine, do outro lado da casa. Não que tivesse fome, mas precisava se certificar do que sentira. Assim, sua primeira parada foi diante de uma panela de metal. Engoliu em seco, antes de se olhar.

Com um pouco de decepção, notou que a cicatriz havia retornado.

— Você não pediu para que não a tivesse mais — Igraine assustou-a mais uma vez.

Eudine virou-se e novamente ficou sem ação ao notar que não fora impressão. Agora Igraine tinha uma cicatriz igual à sua.

— Seu rosto... — conseguiu balbuciar.

— Nenhum encontro é em vão, Eudine. Sempre que a gente se encontra com alguém em nossa vida, esta pessoa deixa algo dela conosco. Pode ser uma frase, um ensinamento, no seu caso. No meu, é sempre algum aspecto importante de quem faz o desejo. Seja uma característica física ou não — falou como se fosse a coisa mais natural do mundo — Ou acha que nasci com os cabelos desta cor?

Eudine fez que não com a cabeça.

— Quer dizer que, de todas as pessoas que estiveram aqui, você apanhou alguma característica?

— Sim, uma característica importante — Igraine sorriu — Mas, não se preocupe. Nem todas as coisas são visíveis aos olhos. Às vezes é apenas uma marca que a pessoa tinha ao nascer, uma dor crônica ou outras coisas imperceptíveis, como alguns sentimentos.

— Não deve ser fácil — Eudine comentou mais para si mesmo do que para Igraine.

— É a minha missão — Igraine sorriu e depois ficou séria — Senti que você tinha mil desejos, Eudine. Por que escolheu aquele? — quis saber.

— Porque é o que realmente quero — Eudine não hesitou — Estou cansada de não ser notada, nem respeitada, nem consultada para nada.

— Imagino como deve ser, só que poderia ter pedido, por exemplo, para reencontrar sua família.

— Nem sei se estão vivos e, depois de tanto tempo, talvez me sejam estranhos — Eudine rebateu.

— Entendi e espero que encontre o que busca — a voz de Igraine era

límpida, sem nenhum tipo de julgamento — Amanhã irá embora — declarou depois de um tempo — Já cumpriu o seu ciclo aqui.

— Tudo bem. Mas, agora se importa de responder algumas perguntas minhas?

— Eu não me importo, Eudine, pois mesmo se eu quisesse, não poderia lhe negar isso — Igraine continuou serena.

— Por que não? — Eudine ficou intrigada.

— Porque seu pedido já foi feito. Nada do que lhe disser agora poderá influenciá-lo — Igraine fez um gesto para que se sentassem à mesa. Gesto aceito por Eudine — Faça a pergunta.

— Você disse que sabia que eu viria aqui. E depois, pronunciou o meu nome completo, sem eu nunca ter lhe falado. Como isso é possível?

— Eudine, Gael não é a única pessoa que você conhece que já esteve aqui — Igraine a surpreendeu novamente, pois ela não havia falado em Gael — Eu vi tudo em que pensava, antes de fazer o pedido. Por isso eu sei — ela fez questão de explicar.

— Quem mais que conheço que já estive aqui? — quis saber, cada vez mais curiosa.

— Há alguns anos, estive aqui um homem. Ele era muito simples e nem sabia se eu realmente existia. Ele venceu a montanha, pois era teimoso e obstinado demais para desistir. O certo é que fugia da fome e da vida errante — Igraine olhou para Eudine — O desejo dele foi simples. Simples demais. Mesmo eu o advertindo, ele não mudou de ideia. Ele disse apenas três palavras: Eu quero ser rico. Deveria ter especificado, afinal, ele tinha mulher e filha.

Eudine a olhou incrédula.

— Não está insinuando que...

— Não, não estou insinuando Eudine, estou afirmando. O seu pai esteve aqui. E isto ocorreu poucos dias, antes de você ser retirada de sua família.

Eudine sentiu lágrimas se formarem em seus olhos.

— Quer dizer que eu fui vendida pelo meu próprio pai?

Igraine fez que sim com a cabeça.

— Talvez, se ele tivesse me ouvido, teria pedido que sua família enriquecesse. Assim, você jamais teria vindo parar aqui — ela fez uma pausa — Todo desejo tem consequências que incidem não só em nossas vidas, mas na dos outros.

As lágrimas rolaram pelo rosto da moça, enquanto ela as limpava com as costas das mãos. Ela era, então, parte da realização de um desejo? Através de sua venda, seu pai enriquecera? Gael não era o único responsável por sua infelicidade? A resposta só lhe trouxe mais dúvidas.

— E o meu pai? O que foi que ele deixou aqui, com você? — sua voz denotou toda a dor que sentia.

Igraine olhou-a com ternura. Queria preservá-la, não magoá-la, no entanto, tinha que lhe responder a pergunta.

— Ele deixou aqui todo o amor que sentia por você.

CAPÍTULO 16

O homem que não soube sobreviver aos maus tempos, não vai ver os bons – Textos judaicos

Quando o rei Wilhelm e Drystan chegaram a Heldroch, encontraram o reino na mais profunda paz. Porém, bastou que entrassem na fortaleza para modificarem esta condição. Gael foi quem os recebeu, sem entender a presença dos dois e dos homens que acompanhava os dois. Nem o rei, nem o duque lhe adiantaram o assunto.

— Precisamos ver o rei Cédric imediatamente — Wilhelm solicitou e Gael acatou, conduzindo-os até o salão principal onde o rei se encontrava.

Desta vez, devido à urgência presente na voz do rei Wilhelm, Gael não os anunciou, conduzindo-os salão adentro, parando diante do rei que analisava um mapa aberto na grande mesa de pedra que havia naquele ambiente.

Ao perceber a movimentação, ergueu os olhos e ao ver o rei Wilhelm teve certeza de que algo de muito ruim tinha acontecido.

— O que houve? — largou o papel e se dirigiu até os dois — Drystan? — voltou-se ao jovem duque.

— Majestade — Drystan percebeu que seria, mais uma vez o portador da má notícia, já que o rei Wilhelm não conseguia nem pronunciar o que havia acontecido, como se aquilo fosse capaz de reverter o que havia acontecido — A princesa Gweneth e o príncipe Wilkins não chegaram ao seu destino.

— Como é possível? — Cédric olhou para seu homem de confiança — Você assegurou que ela estava em segurança.

— Mas, estava — Gael rebateu incrédulo — E os homens? O que

houve com eles?

— Não faço ideia — Drystan continuou sério — Sumiram como tragados por alguma magia. E... — ele fez uma pausa, atraindo ainda mais a atenção do rei e do chefe de armas — Encontrei destroços de uma das carruagens e muito sangue dentro deles.

O rei Cédric teve que se apoiar na mesa, pois sentiu as pernas fraquejarem. Nunca havia sentido medo antes, mas ao pensar em Gweneth ferida temeu pela filha. E, além do mais, havia Avrill, sua amante. Ele não demonstrava seu sentimento por ela diante das pessoas, mas a tinha em alto estima, logo desejava que estivesse viva e a salvo de qualquer perigo.

— Tenho certeza de que isso foi obra de Leishter — o rei Wilhelm se manifestou e sua voz estava cheia de raiva e rancor — Talvez não lhe seja mais suficiente roubar e colocar fogo em aldeias e vilarejos.

— Só que dessa vez, não estará lidando com meros camponeses — Cédric deixou-se contaminar pela raiva. Virou-se para Gael e ordenou — Eu quero que revirem os quatro cantos e os encontrem, Gael.

— Eu prometo, senhor, que o responsável pagará e traremos a princesa de volta — Gael falou o que para ele era uma questão de honra, já que Leishter desta vez se superara — Reunirei os meus homens.

— Eu trouxe reforços — o rei Wilhelm fez questão de recordar — Levem o tempo necessário, mas tragam nossos filhos de volta — praticamente implorou.

— Posso ir junto com vocês — Drystan se ofereceu, ignorando o cansaço que sentia.

— Senhor duque, com todo o respeito — Gael disse entre os dentes — É necessário que um de nós fique no castelo — comentou como se fosse realmente necessária a presença do duque ali, quando na verdade não queria dividir a autoridade enquanto estivessem procurando o casal real. Seu ego já estava ferido demais para permitir discutir suas estratégias com outra pessoa. E não queria alguém que questionasse seus métodos diante de seus homens, afinal não precisava ser desautorizado na presença deles. Sob o seu comando, não poupariam nenhum dos suspeitos.

— Gael tem razão — o rei Cédric ponderou — É um estrategista tão bom quanto meu chefe de armas, preciso de você aqui.

Drystan assentiu com um gesto e não pôde se esquecer de que não conseguira encontrar Eudine. Agora, só lhe restava torcer que ela nunca tivesse se juntado à comitiva.



Do dia em que puseram os pés no reino, passaram-se três e não houve um sinal sequer de Gweneth, Wilkins ou Avrill. Gael prendeu e torturou todos os que ele declarou suspeitos de pertencerem ao bando de Leishter. Nenhuma palavra. Absolutamente nada. Retornou ao reino na manhã do quarto dia e estava mais irritado do que nunca ao apejar do cavalo. Entregou as rédeas de qualquer maneira ao cavaleiro e Mack não se conteve e lhe dirigiu a palavra.

— Senhor, é verdade que a princesa está desaparecida?

Gael voltou-se para ele, com os olhos faiscando de raiva. Como um serviçal ousava questioná-lo daquela maneira? Embora Mack tivesse feito uma pergunta, só conseguiu escutar outra: "É verdade que, por culpa do senhor, a princesa está desaparecida e que não a trouxe de volta?".

— Isso não te interessa! — aproximou-se bastante do rapaz — E não ouse me dirigir a palavra novamente, senão eu farei questão de igualar as suas duas pernas — e dizendo isto, deu as costas e entrou em direção ao castelo. Estava cansado, frustrado, e o pior: precisava comunicar que suas buscas não deram em nada.

Hank que observara a cena de longe, aproximou-se de Mack, assim que o chefe de armas desapareceu.

— Prepare-se para tempos tenebrosos — Hank começou sem que Mack tivesse lhe perguntado nada — Voltamos com as mãos cheias de sangue e nenhuma resposta. A única coisa que sabemos é que, no momento, o trono de Heldroch está sem um herdeiro.

— Acha que alguém faria mal à princesa? Todos a conhecem pela bondade e simplicidade com que trata as pessoas, sejam nobres ou não...

— O alvo não é a princesa, Mack, mas o rei. Se for para atingi-lo, eu temo que a personalidade da princesa não tenha tanto peso assim — Hank foi sincero.

— Eudine sofrerá demais se tiver acontecido o pior com a princesa — Mack pensou alto e Hank ouviu.

— Isto é, se ela realmente retornar — não escondeu a sua dúvida quanto a isso.



Gael parou diante da porta do salão principal. Sabia que lá dentro teria que enfrentar os reis Cédric e Wilhelm, além do olhar do duque Drystan Ash.

Em momento algum ele sentiu pelo desaparecimento de Avrill, visto que a única coisa que pensava era em seu ego ferido. A princesa e toda uma comitiva haviam desaparecido embaixo de seu nariz e isto era uma prova de que seu prestígio havia diminuído. Antes seu nome costumava ser temido, fazendo com que os inimigos se mantivessem afastados, o que não acontecera desta vez.

Estava se sentindo incompetente e isso fazia seu desejo por sangue aumentar. Haviam varrido Heldroch e arredores, além do lugar onde a outra carruagem havia desaparecido e não conseguira encontrar um rastro qualquer. Odiava o olhar das pessoas como o cavaleiro, era como se dissessem "Se não protegeu nem a princesa, que dirá o reino".

Inspirou e expirou lentamente, antes de entrar e compartilhar com os três homens o seu fracasso. Havia feito uma promessa ao rei e não conseguira cumprir. Era a primeira vez que isso acontecia.



Eudine surpreendeu-se com o abraço apertado recebido de Igraine. A noite havia sido péssima diante das revelações que recebera. Não conseguira dormir. De repente, a figura de Gael perdeu um pouco de foco. Não era mais o único dono de seu ressentimento.

— Está bem agasalhada, Eudine. Com estas roupas vai conseguir descer tranquilamente pela trilha. Se em qualquer momento sentir-se tonta, pare um pouco. Uma queda pode ser fatal, quando se está descendo — passou novamente as instruções, entregando-lhe um par de luvas.

— Farei o recomendado — Eudine respondeu sem ânimo. De repente havia perdido o sentido voltar para casa — Para ser sincera, não sei que quero retornar.

— A verdade magoa na maioria das vezes, Eudine, no entanto, ainda assim, é a verdade. Muito melhor do que viver sob o véu da mentira, do logro, do engano. Você quis conhecê-la, agora tem que conviver com ela — Igraine respondeu serena — E, além do mais, seu destino não é aqui.

— A minha mente sabe disso, o meu coração, não, Igraine. Se eu ficasse, poderia ser sua aprendiz... — Eudine pediu.

— Não diga bobagem! — Igraine a repreendeu — Esta missão não é

uma dádiva, mas um fardo. Você não desejou permanecer aqui...

— Mas você sim — Eudine tentou entender — Antes de você havia outra.

— Outro — Igraine a corrigiu.

— Que seja! Antes de você havia outro e você também se sentou no mesmo lugar em que me sentei e, do mesmo modo, proferiu seu desejo. Se você foi aprendiz dele, então por que não posso ser a sua?

— Nunca fui sua aprendiz! — Igraine pela primeira vez alterou seu tom de voz — Cheguei aqui pouca coisa mais velha do que você Eudine. Não tinha a consciência de nada, só me preocupava com o meu bem-estar. Eu não queria a vida que me estava destinada no meu reino: ser esposa e mãe. Eu almejava algo além daquilo.

— Desse modo, veio parar até aqui...

— Sim, a história desse lugar sempre chega a pessoas como nós. Que tem uma meta tão definida que não conseguem pensar em outra coisa — ela revelou — Eu vim e fiz o mesmo caminho, venci a trilha na subida da montanha. Porém, não tinha a menor ideia do que eu realmente queria.

— Eu também não, até chegar aqui — Eudine quis amenizar.

— Sabe, tanto quanto eu que isso é mentira. Você sabia, tinha milhares de desejos e escolheu o que lhe falava mais alto ao seu coração. Eu, apenas queria deixar aquela vida e ao chegar aqui eu me encantei com a vista daqui de cima, com a sensação de poder que me tomou quando olhei a imensidão aos meus pés.

— E qual foi o seu desejo? — Eudine não escondeu a curiosidade.

— Fui guiada pela inveja, Eudine. E vi esta casa, senti o poder que estar aqui representava. E na hora de proferir o meu desejo, eu disse que queria ter tudo que aquele homem possuía — Igraine demonstrou seu nervosismo ao se recordar daquilo.

— Prova de que foi mais inteligente do que eu — Eudine comentou espirituosa e Igraine deu-lhe um olhar que fez com que se arrepiasse.

— Tem que parar de tirar conclusões precipitadas, Eudine! — Igraine a repreendeu mais uma vez.

— Em que estou errada? Se você fez o pedido e permaneceu aqui... — Eudine realmente não compreendeu.

— A concessão de desejos só pode ser feita por uma pessoa — frisou bem o número e não foi preciso dizer mais nada para Eudine entender que ela só pudera permanecer ali porque o seu antecessor havia morrido.

— Eu sinto muito — Eudine baixou os olhos e pôde perceber, pela primeira vez, o sentido em todos os avisos de Igraine. Ela referia-se, primeiramente, a si mesma — Não imaginava. Além disso, do que teve que abrir mão, ficando aqui?

— Basta olhar ao lado, Eudine. Para a casa em que vivo. Tenho todo o poder que almejava, porém, estou fadada a permanecer sozinha. Aqui em cima.

— Não pode estar certa, você deve poder descer, não é mesmo?

Igraine permaneceu em silêncio e Eudine compreendeu a resposta. Entendeu também que talvez as pessoas lá embaixo não estivessem preparadas para conhecerem a mulher por trás da lenda, talvez a temessem.

— Precisa ir agora, antes que a temperatura caía ainda mais — Igraine retomou a palavra — Os lobos a guiarão até metade do caminho — ela fez um sinal e Cyl e Vilya se aproximaram da jovem.

Eudine fez que sim com a cabeça, sem temer os dois lobos. Afinal, eles já haviam salvado sua vida uma vez. Ajeitou o capuz, calçou as luvas e apanhou a bagagem que havia trazido. Verificou que Igraine havia colocado alimentos e água nas algibeiras e que seu punhal tinha sido colocado junto com as outras bagagens, enquanto a espada já estava em suas costas, na aljava.

Ela chegou a se virar e dar dois passos para longe da casa, porém, antes de conseguir se colocar a caminho, teve que voltar, correndo até onde Igraine estava e abraçá-la. Sentiu-se tão em paz que teve a certeza de que sentiria muita falta dela, apesar de conhecê-la tão pouco. Além da rainha Maeve e de Gwen, Igraine a deixava à vontade para ser quem era. Afastou-se lentamente.

— Adeus. Um dia...

— Não creio que retorne, nem sei se voltaremos a nos ver — Igraine foi sincera — Ainda assim, permanecerá comigo.

Eudine imediatamente olhou para a cicatriz de Igraine e engoliu em seco, triste com a despedida, contendo a vontade de chorar. Virou-se lentamente e começou a descer.

Ao ver a garota se afastar, Igraine sentiu um aperto no peito; uma dor aguda e inexplicável, um sentimento imenso de perda. Não se referia à cicatriz, mas Eudine ainda não havia aprendido ainda a enxergar o que não estava visível. Talvez o fizesse com o tempo.

Quando finalmente, perdeu-a de vista, Igraine sentiu o que o pai da garota teria sentido, na ocasião em que fora retirada de sua família, se não tivesse aberto mão do amor que sentia por ela.

CAPÍTULO 17

Não se vingue, que da vingança vem o arrependimento – Confúcio

O rei Cédric havia envelhecido dez anos em alguns dias. Desde que a filha sumira não estava conseguindo se alimentar direito, sua aparência estava sempre cansada e o corpo sem o vigor de outrora. Por mais que negasse, já não tinha esperanças de encontrar sua filha com vida. Em seu coração a esperança dera lugar à vontade de se vingar e isso ia circulando em suas veias, cada dia mais tomando conta de quem fora um dia.

— Eu os quero vivos ou mortos — Gael ordenou aos seus soldados no pátio, no mesmo instante em que Drystan saía.

O jovem duque não conseguiu ficar calado. Chamou o chefe de armas, assim que os primeiros homens começaram a sair do castelo.

— Será que não é arriscado? Se a princesa estiver viva, isto a colocará em perigo.

— Então, o duque quer comandar meus homens agora? — Gael voltou-se para ele — É isto?

— É claro que não — Drystan não se intimidou — Acontece que se Leishter estiver com a princesa, ela poderá sofrer as consequências de sua perseguição.

— E quer que eu faça o que? Fique aqui de braços cruzados? Procurá-la é a única coisa que me resta. Há cartazes espalhados por todos os cantos com o rosto de Leishter e eu te garanto, farão mais efeito do que seu discurso polido — Gael o encarou — Perdoe-me duque, mas não encontrou nem ao menos a serviçal, algo que, a meu ver, não o torna capacitado para discutir minhas estratégias. Agora se me dá licença — fez uma breve reverência e se retirou.

Drystan olhou-o partir sem reagir. Havia aprendido que somente os

tolos reagem diante de uma provocação. Os prudentes guardam para si a provocação e a tiram a limpo no momento oportuno. E aquele, decididamente, não era o momento oportuno. O povo estava temeroso, o rei debilitado, os soldados perdidos. Tinham tanta confiança que algo assim jamais aconteceria que, ao acontecer, não houve uma pessoa no reino que não tenha sentido o impacto.

Atentar contra a vida de uma princesa era o mesmo que declarar guerra e já fazia um bom tempo em que estavam em paz. Logo, Drystan previa tempos difíceis.



Ao chegar ao pé da montanha, Eudine olhou para cima, sem acreditar. "Ainda que pareçam, as coisas não estarão iguais", recordou-se de Igraine dizer algo assim. E sentiu que estava coberta de razão. Ela mesma não se sentia igual.

— Agora só me resta saber como sairei daqui — falou sozinha e antes que tivesse pensado em algo, ouviu o barulho de galope e, sem acreditar, viu Melt, o mesmo cavalo que despachara, voltar. Ele foi até junto dela e parou ao seu lado.

— Eu te disse para ir embora, para ser livre! — passou a mão na crina do animal — O que está fazendo aqui? Como sabia que voltaria?

O cavalo permaneceu calmo, como se aguardando que ela montasse.

— Eu não sei o motivo pelo qual você não seguiu as minhas ordens, Melt! — ela continuou falando com ele — Mas, estou feliz que esteja aqui.

E mesmo que ele não estivesse mais com uma sela e nem rédeas, Eudine conseguiu montar nele, continuando a carregar sua bagagem sobre os ombros e usando as longas crinas para se equilibrar. Acariciou o pescoço de sua montaria, antes de dar duas batidinhas leves nele.

— Não vá me derrubar, garoto — pediu — É hora de irmos para casa.

E como se ele a entendesse perfeitamente, começou a galopar suavemente, sendo conduzido pelo mesmo caminho pelo qual tinham vindo.

A volta procedeu mais rápido do que a ida, o que pareceu estranho à Eudine, visto não estarem indo tão rápido. Fez sua primeira parada à noite, à beira de um lago, para que o cavalo pudesse beber água.

Eudine desmontou e colocou a bagagem no chão, ao lado de uma árvore, pois após algumas horas, sentia seus ombros doerem. Livrou-se

rapidamente das roupas pesadas, para poder examiná-los e ao tocar neles, percebeu um pouco de sangue. O lugar dolorido estava cortado.

Caminhou até o lago, para passar um pouco de água nos ferimentos. Abaixou-se e fez uma conchinha com as mãos para apanhar um pouco de água. Assim que o apanhou, levou ao ombro e sentiu a ardência quando a água fria encontrou sua pele.

Estava prestes a repetir o movimento, alternando o ombro, quando olhou direito na água, exatamente no meio do lago, havia algo. Apertou os olhos para tentar definir o que era e levantou-se, para ver melhor.

Foi levada por um súbito temor ao perceber que não algo e sim alguém, que se tratava de um corpo. Mesmo que já houvesse se afastado dos lugares mais frios, ainda não estava aquecida. Mesmo assim, não pensou duas vezes. Arrancou o restante das roupas, ficando apenas com a calça e a blusa de tecido fino com as quais saíra de Heldroch e entrou no lago. Não era muito fundo, mas a água já estava em sua cintura, quando chegou ao corpo. Era um homem e tinha a face virada para baixo.

Eudine temeu, mas ao tocá-lo percebeu que ainda estava quente, ou seja, não fazia muito tempo que devia ter caído. Assim, esforçou-se para virá-lo e o homem gemeu.

— Você? — ela perguntou ao reconhecer o homem que dias atrás desamarrara — Será que não consegue se manter longe das confusões? Será que é alguma sina minha salvá-lo? — perguntou por perguntar e percebeu que ele teria morrido afogado, se ela não tivesse chegado.

Ele apenas grunhiu alguma coisa inteligível e Eudine percebeu o motivo: tinha uma flecha cravada no flanco direito.

— Nossa! — não se conteve e começou a puxá-lo para a margem, tendo que fazer um esforço sobre-humano para conseguir tirá-lo da água. Ofegante, sentou-se ao lado dele para verificar melhor o ferimento — Isto aqui está feio. Vai morrer se não receber ajuda.

— Conte-me algo que eu não saiba — finalmente ele disse algo que ela compreendeu e Eudine fez uma careta.

— Deveria me agradecer, não zombar — estava tão preocupada com o ferimento que mal pôde responder como desejava — Deixe-me ver o que aconteceu: meteu-se novamente com os homens que acertou naquele dia, acordaram, só que, dessa vez, você levou a pior.

— Sim — ele respondeu rapidamente.

— Acha que consegue se levantar, subir no meu cavalo? — quis

saber, embora achasse complicado um homem ferido equilibrar-se em um cavalo sem sela.

— Meu cavalo está preso em uma das árvores da floresta. Eu o deixei lá, antes de vir para cá.

— Tudo bem — Eudine olhou a escuridão no meio das árvores, mas não teve medo — Eu vou buscá-lo. E você não ouse morrer, enquanto isso.

— Não se preocupe com isso — ele mal escondeu a dor que sentia — Não é o meu dia de morrer ainda.

Eudine ergueu-se com as roupas ensopadas e começou a sentir um pouco de frio. Se tivesse tempo faria uma fogueira e ficaria em frente dela até secar, no entanto precisava se apressar. Não poderia parar, porque a vida daquele homem estava em suas mãos e, por isso, o quanto antes chegasse à Heldroch, antes ele receberia os cuidados que precisava. Mesmo que isso significasse não parar, nem dormir, era exatamente o que faria.

Sem colocar as roupas secas sobre as molhadas, calçou os sapatos e se embrenhou mata adentro até achar o cavalo que o homem havia citado.



Quando as buscas cessaram, dois dias depois. O rei havia tomado uma decisão e mandou chamar todos os moradores do reino.

A multidão se aglomerava, todos bem próximos do palanque onde o rei Cédric faria um pronunciamento. Não era mais surpresa para ninguém que a princesa havia desaparecido e pela feição do rei, todos a davam como morta. Ele havia emagrecido e o rosto estava ossudo.

Havia um clima de desesperança, afinal os mais velhos ali estiveram presentes quando o rei e a rainha apresentaram a menina, a futura rainha, a todos. Agora saber que o reino não tinha um sucessor dava-lhes medo. Temiam principalmente que Gael acesse ao trono, porque ele era cruel e sempre tratava os camponeses, moradores das vilas e aldeias como animais. Mas, ele sendo o homem de confiança do rei, e não havendo mais Gweneth que herdara a simpatia da mãe, era a escolha natural a ser feita. Logo, estavam perdidos.

— Façam silêncio! — Gael ordenou e o rei Cédric deu um passo à frente. Drystan e o rei Wilhelm estavam atrás dele.

Assim que o povo ficou em silêncio, o rei começou a falar.

— Não gostaria de estar aqui para lhes dizer isto, mas a princesa

Gweneth desapareceu e não tenho nenhuma esperança de que ela esteja viva. Assim, começa uma era sombria para Heldroch e em meu coração. Como sabem, o trono não tem mais um herdeiro e, por esse motivo, eu vos declaro: Tornarei herdeiro do trono aquele que me trazer Leishter! — houve um burburinho entre todos e até Gael se viu espantado com a decisão — O que mais quero, neste momento, é vingar a morte de minha filha. Portanto, reitero a minha palavra. Aquele que me trazer Leishter, seja homem ou mulher, seja nobre ou camponês, será o herdeiro do meu reino.

— Senhor, algum inimigo pode... — Gael tentou argumentar, no entanto o rei lhe fez um gesto para que se calasse.

— Eu mentiria se lhes dissesse que estou feliz em estar aqui, como vosso rei. Perdi minha rainha e agora a minha filha. Mas, tenho um compromisso com todos os súditos e, por isso, não vou deixar o trono vago. Acredito que a prisão de um facínora como este qualifique a pessoa a sentar-se no meu lugar e a conduzir este reino com justiça.



Eudine sentada em seu cavalo puxou as rédeas do cavalo que trazia o homem. Havia apeado minutos antes para averiguar se ele ainda estava vivo, pois estava desacordado. Ao verificar que ainda estava vivo, continuou. Estava exausta, por não haver feito nenhuma parada e sentia calafrios, provavelmente o fato de entrar no lago a deixara doente. Porém, estava há alguns metros somente da fortaleza e não desistiria por nada.

Um dos homens que vigiavam a torre a viu e quando ela chegou mais perto, reconheceu-a. Pediu a outro soldado que avisasse imediatamente a Gael.

O rei ainda estava falando ao povo, quando o soldado subiu no palanque para avisar Gael. O chefe de armas demorou a dar-lhe atenção e o repreendeu de forma tão veemente que o rei interrompeu o que dizia.

— O que houve, Gael? — ele quis saber.

— Desculpe senhor, este soldado ele disse ter algo muito importante a me dizer.

— E não o escutou? — Cédric o censurou, antes de se virar em direção do soldado — Diga-me: o que há?

— A dama de companhia da princesa Gweneth, senhor. Ela está entrando na fortaleza.

Drystan ao ouvir isso, não ficou imune. Aproximou-se do rei e do soldado.

— Ela está bem? — o duque se precipitou.

— Aparentemente sim, mas não está sozinha — o soldado fez questão de dizer — Está trazendo alguém ferido em um cavalo.

— Será que ela presenciou o ataque? — o rei encheu-se de esperanças — Se sim, ela poderá nos dizer o que aconteceu.

— Vamos até lá — Gael ordenou e Drystan o seguiu.

Os dois abriram caminho por entre a multidão e chegaram ao portão no exato momento em que Eudine o cruzou. Ela estava com dificuldades em se equilibrar em cima do cavalo. Por duas vezes quase caíra, agarrando-se a Melt que pareceu perceber e praticamente parou para que ela se endireitasse. Estava tonta e febril. Por este motivo, não entendeu o motivo de tanta gente reunida e muito menos o motivo pelo qual Gael vinha a seu encontro. Não reconheceu o outro homem que o acompanhava.

Uma vez dentro da fortaleza, largou as rédeas do cavalo.

— Preciso de ajuda — conseguiu dizer e Gael fez um gesto para que os soldados fossem até ela, mas Drystan passou na frente deles. Era evidente que ela precisava apelar.

Mack também se desvencilhou da multidão e não conteve o sorriso ao ver Eudine. Nunca duvidou que ela voltasse, porque ela não quebrava uma promessa. Ao se aproximar mais, percebeu que a expressão dela estava estranha e, por isso, temeu por sua saúde. Caminhando o mais rápido que podia só não conseguiu ir até ela porque foi impedido de se aproximar pelos soldados.

— Cuidem dele — ela apontou para o cavalo atrás dela e aquilo não foi um pedido e sim uma ordem.

Drystan ofereceu a mão para Eudine e embora ela tenha hesitado, aceitou. Seus ombros estavam em carne viva e não conseguiu ficar em pé. De modo que o duque a sustentou.

— Senhor — um dos soldados o chamou e Gael ignorou Drystan e Eudine e foi até o segundo cavalo.

— O que houve? — ele se aproximou do segundo cavalo.

— Veja isto, senhor — o soldado ergueu um pouco o rosto do homem que estava desacordado — Ela nos trouxe Leishter.

Mack estava perto o suficiente para ouvir. E recordou-se das palavras do rei Cédric ao se concentrar na parte que afirmava que ela trouxera

Leishter.

— Eudine capturou Leishter! — ele gritou, voltando-se para a multidão. E se desvencilhou dos soldados, caminhando em direção ao rei, gritando a mesma coisa.

Os rumores e interjeições foram aumentando. Até chegar aquilo às fileiras da frente.

— O que ele está dizendo? — o rei Wilhelm quis saber, pois de onde estava não conseguira ouvir.

— Eudine capturou Leishter — o povo começou a repetir.

Eudine não entendeu o que estava acontecendo e pensou em dizer algo, mas de repente sentiu-se mal, viu tudo ficar escuro e perdeu os sentidos. Drystan impediu que ela caísse, segurando-a forte perto de si e a apanhando no colo.

— Cuidem dos ferimentos do homem é uma ordem! — Drystan ordenou e começou a caminhar carregando Eudine, em direção ao palanque. Gael fez um gesto para que o tirassem do cavalo e o levassem. Precisava dele vivo para saber o que acontecera com Gweneth.

A cada passo que Drystan estava em direção ao palanque, o povo se curvava, pois, segundo o que ouviram da boca do próprio rei, estavam diante da futura rainha de Heldroch.

CAPÍTULO 18

Vivam os meus inimigos! Eles, ao menos, não me podem trair –
Henry de Montherlant

Avrill foi empurrada e andou aos tropeções. O lugar era escuro e úmido, por isso seus olhos estavam irritados com tanta escuridão e a umidade do lugar fazia com que sentisse seu nariz escorrer. O fato de não conseguir limpá-lo, fazia com que se sentisse humilhada. Suas mãos estavam bem presas, tanto que ardiam.

Não sabia quantos dias estava ali, pois perdera a noção do tempo. A única coisa que sabia era que estava suja; seu vestido estava sujo de sangue proveniente do corte que sofrera e que quase a matou. Não entendia. Seja lá quem for que os rendera na estrada, poderia ter deixado que morresse, mas ao contrário, fizera questão de salvá-la.

Mesmo com a escuridão, pôde distinguir a figura do príncipe Wilkins, ele também estava amarrado e era levado à frente por outro grupo de homens. Avrill havia perdido a noção de quantas vezes mudaram de lugar e não sabia o porquê era necessária aquela movimentação toda.

Sua maior preocupação, no entanto, era o fato de não ver a princesa. A última vez que a vira, Gwen estava desacordada.

Avrill percebeu um pouco de clareza, mas não foi suficiente para que as suas pupilas, que estavam dilatadas, se contraíssem. A cada passo, a luminosidade era mais forte. Quando finalmente chegou ao local totalmente iluminado por tochas, ela ficou espantada. Era uma espécie de clareira e olhando para cima, para qualquer direção que fosse, havia inúmeros buracos nas paredes, e muita gente em cada um deles, observando-a.

Ela se sentiu zozza, ao tentar entender que tipo de habitação era

aquela e que tipo de gente era essa, e baixou a cabeça enjoada.

— Já foi uma mina, mas agora é o nosso lar — uma voz feminina e poderosa, fez com que Avrill erguesse o rosto novamente. Percebeu que Wilkins também estava diante da mulher, prestando atenção em suas palavras.

A dona da voz apareceu entre dois homens fortes e houve algo naquela feição que lhe pareceu familiar. Era muito magra e mais alta do que Avrill e os cabelos eram pretos, com fios brancos apenas junto às têmporas. Devia ter sido bonita, mas essa beleza já a abandonara, cedendo lugar a pequenas rugas que iam se instalando em uma pele que outrora fora lisa. Usava um longo vestido de uma cor que Avrill não se lembrara de ver anteriormente: da mesma cor das paredes daquele lugar estranho.

— A mina está desativada, mas os túneis, estes continuam. E cruzam todo o reino — continuou surpreendendo a dama que, embora tivesse muitas perguntas, permaneceu calada. Depois, sem nenhuma explicação, apontou para o jovem príncipe e ordenou — Tragam-no. Quero falar com este — e saiu, caminhando de volta para a escuridão.

Avrill se encolheu ao ver o príncipe ser puxado com força demasiada e nenhum cuidado. Os homens que estavam com ela, empurraram-na para outra direção, fazendo com que entrasse em um daqueles buracos, no qual ela percebeu imediatamente que ficaria pelas próximas horas ou dias.

Assim que os homens deixaram o príncipe a sós com a mulher, ela foi até ele e o desamarrou.

— Precisava mesmo disso? — ele movimentou as mãos doloridas — Por que demoramos tanto para chegar até aqui?

— Você não muda, não é mesmo, Wilkins? — a voz foi dita com cumplicidade — Era preciso manter as aparências, ou queria que seus homens, e as damas que o acompanham, soubessem de tudo? Além do mais, com tanta gente buscando a princesa, foi necessário esperar para trazê-los para cá em segurança.

Wilkins olhou o lugar, duas tochas iluminavam a pequena caverna. Embora houvesse lugares para se sentarem, ambos permaneciam em pé.

— E Gweneth? Está morta? — a preocupação do príncipe Wilkins não era forçada.

— Apenas inconsciente — a mulher respondeu calmamente. Estava do outro lado do recinto que parecia apertado e claustrofóbico.

— Por tempo demais, já está assim há dias. Eu temo que ela não

acorde — o príncipe foi sincero.

— Ela bateu a cabeça, mas não morrerá, se é o que o preocupa. De repente, é arrependimento o que sinto em sua voz?

— Não estou arrependido, mas o combinado era acontecer somente depois de eu casar, não antes. Pegou-me de surpresa.

— Perdi a paciência — a mulher caminhou até ele — Sabe o quanto esperei? Tem noção?

— Já me disse algumas vezes — Wilkins respondeu sério — O que pretende fazer, quando ela acordar? Torturá-la? Feri-la?

A mulher sorriu, mostrando dois dentes de ouro que ocupavam o lugar dos legítimos que perdera.

— Se eu quisesse maltratá-la, por que me daria ao trabalho de cuidar dela? — fez uma pergunta retórica e diante da expressão embasbacada do príncipe continuou — Quero que o rei sofra do mesmo modo que eu sofri. Quero que sinta na pele o que é ficar sem a sua única filha.

— A esta altura, deve estar caçando Leishter. Eu, pelo menos, insinuei que poderíamos ser atacados por ele. Cédric nem sabe de sua existência — Wilkins a contestou — Como é que vai fazer com que descubra?

— Na hora certa, Wilkins, você saberá — ela prometeu — E pela filhinha querida vai me dar tudo o que eu quiser.

— Emma, Emma, pensei que seus motivos fossem mais nobres — Wilkins zombou — Como futuro rei de Heldroch, eu também poderia te dar tudo o que quisesse. Se tivesse mais paciência...

— Eu jamais serei nobre e também não deixarei tudo o que sofri para trás! — Emma o encarou — Nem pensar. A pequena fortuna não trouxe nada de bom para a minha família. Aliás, ela a desfez.

— Quanto aos benefícios, eu discordo, veja quantas pessoas têm a seu serviço. Essa multidão é maior do que muitos exércitos.

— Veja onde moramos, Wilkins! — ela fez com que o príncipe olhasse para o lado — Isto aqui está bem longe de ser um castelo.

— Estamos seguros — Wilkins discordou mais uma vez — Não fomos descobertos. Não é isto o que importa?

— Você não entende — Emma suspirou cansada — Ter uma mina abandonada como casa e raramente ver a luz do sol nos torna um pouco bichos. Há crianças nascidas aqui que nunca viram o lado de fora. Apenas um de nós vai à cidade comprar mantimentos, para que não sejamos enxotados

como cachorros. E ainda assim, todos desconfiam da procedência do dinheiro. Essa mesma multidão, da qual se vangloria, é invisível. E, além disso, não foi por lealdade que se juntaram ao meu marido. Foi porque eles tinham fome e eram nômades, como nós fomos um dia. E, a maioria dos homens não tem treinamento militar algum. Soldados bem treinados acabariam com eles rapidamente.

— Não foi o que vi. Eles dominaram facilmente os homens de Gael...

— Contaram com a ajuda dos seus homens — fez questão de recordá-lo — Se não estivessem distraídos, jamais teriam conseguido.

— Seja como for, se forem bem treinados, eles podem se tornar armas poderosíssimas na mão de um sábio comandante. E com a morte do seu marido, eles respondem a você, logo, poderá liderá-los, fazer com que saiam das sombras.

— Eu quero vingança, Wilkins! Ninguém que dedique anos de sua vida para desfrutá-la pode ser considerado sábio — Emma rebateu — Meu marido enlouqueceu e morreu sem ao menos se lembrar de que tivemos uma filha.

— Você mesma também não fala dela. Será que o seu ódio pelo rei Cédric não é maior do que seu amor por Eudine? — Wilkins indagou inconsequente e recebeu um olhar da mulher que fora capaz de fazê-lo sentir um arrepio.

— Odeio o fato de ele ter me transformado em uma estranha para a minha própria filha. Estive diante dela uma vez e ela não me reconheceu. Não o perdoo por isto — sou amargurada — Logo, ter Eudine de volta não vai aplacar o ódio que sinto. Por isso, primeiro preciso me vingar, depois tentar recuperar o tempo perdido.

— Não sei. Eudine tem uma personalidade difícil. Ela é como um móvel naquele castelo, um animalzinho de estimação do rei e de sua filha. Ainda assim, ama a princesa como se tivessem o mesmo sangue. Se souber que lhe fez algum mal, nunca terá o amor dela, muito menos o seu perdão.

— Um Santê jamais abandona o outro — Emma repetiu mais para si do que para ele — Quando Eudine souber quem eu sou, seu sangue — fez questão de frisar a palavra — Falará mais alto, e aí, duvido que ela não me perdoe. E assim, juntas repararemos todo o mal que nos foi causado — ela fez uma pausa — O meu motivo é claro, Wilkins, qual é o seu?

— Também posso me dizer cansado — Wilkins sorriu — Cansado do sarcasmo como que Gael me trata, do descontentamento do rei Cédric em me

ceder a mão de Gweneth. Ela, aliás, é a única que não me olha como se eu fosse um tolo, incapaz de conduzir um reino. Se você quer vingança. Emma, eu desejo reconhecimento. Unir-me a você é a minha grande chance de provar a todos o quanto se enganaram comigo.

— Mesmo sob a pena de seu pai tornar-se seu inimigo? — Emma inquiriu séria.

— Meu pai está velho, e a morte cada vez mais se aproxima. Logo, será uma inimizade com prazo certo para acabar. Portanto, não é algo com o que eu tenha que me preocupar.

— Sabe que precisarei prendê-lo novamente? — Emma questionou e o viu assentir com a cabeça.

— Antes, porém, espero que me sirva algo decente para comer. Estou faminto, aquilo que nos deram nos dias anteriores era horrível. Porque, eu posso estar fingindo que sou seu prisioneiro, mas continuo sendo um príncipe.

“Um príncipe que não pensara uma vez sequer, antes de trair os seus”, Emma pensou, “e com quem eu devo tomar muito cuidado”.

CAPÍTULO 19

O inesperado só favorece as mentes preparadas – Louis Pasteur

Eudine acordou em sua cama e suspirou aliviada, mesmo que não se lembrasse de como havia chegado até ali. Recordava-se apenas de cruzar os portões e de pedir ajuda para o homem ferido. Recordou-se de flashes, onde tomava uma bebida ruim, provavelmente algum remédio, e imediatamente lembrou-se de Igraine. Sentiu saudades da mulher.

O mal-estar passara, dando lugar à confusão. Não entendia o motivo de tanta gente reunida ao chegar. Virou-se na cama devagar e assustou-se ao se deparar com dois olhos atentos a todos os seus movimentos. Sentou-se na cama, intimidada, puxando a manta que a cobria, como se esta fosse um escudo.

— O que está fazendo aqui? — sua voz conseguiu sair forte, sem demonstrar o quão assustador havia sido acordar e descobrir Gael sentado ao lado da cama, velando seu sono.

— Cumprindo ordens — Gael ficou satisfeito ao vê-la surpresa, e quase amedrontada, com a sua presença. Um olhar que achava que combinava mais com ela, do que aquele olhar altivo que sempre sustentava — O rei queria que eu me certificasse que acordasse bem.

— Depende do que entendem por acordar bem — Eudine disse se refez de surpresa e sentou-se direito. Ao perceber que não estava com a roupa que chegara, ficou pálida.

Gael sorriu de sua confusão e, embora quisesse, não podia torturá-la com a dúvida.

— Kim cuidou de você desde que veio para o quarto — Gael sorriu ao perceber o alívio que aquelas palavras lhe trouxeram. Levantou-se e ficou

a observá-la de uma distância razoável.

— E por que, ao acordar, vejo você e não ela? — Eudine tentou entender.

— Sua enfermidade deixou-a surda? Estou cumprindo ordens do rei — repetiu arrogante.

— Sim. Já acordei bem. Agora pode se retirar — Eudine ergueu o queixo, irritada.

Gael aproximou-se um pouco da cama.

— Não tão fácil assim — seu tom foi ameaçador, contudo Eudine já havia se refeito o suficiente para não se deixar assustar — E eu que não acreditava na sua volta — bateu palmas — Devo confessar que a sua jogada foi de mestre! Saiu como uma serviçal sem importância e retorna como a futura rainha.

As palavras atingiram-na imediatamente. *Como assim? Do que ele estava falando? Futura rainha?*

— A futura rainha é a Gwen — Eudine retrucou convicta, ignorando o que havia acabado de ouvir.

— Seria, se você não tivesse pedido que ela morresse — Gael cruzou os braços sobre o peito musculoso e viu a expressão de Eudine se transformar. Viu a confusão que ela experimentou, a moça ficou atônita, depois extremamente abatida.

— Morrer? — repetiu incrédula — A Gwen?

— Não seja dissimulada! — ele sorriu — Eu a subjuguiei. Não te dei a importância que você merecia. Imaginava que morreria na montanha, enquanto deveria me preocupar com o que fora pedir. Não só resistiu à montanha, como pediu para ser a próxima rainha! Sua ambição foi muito maior do que a minha suposição. Foi realmente uma jogada e tanto! Parabéns, você fez com que eu me lembrasse da história do homem que salva a cobra ferida e a aninha ao seu peito. Assim que ela se recompõe, a primeira coisa que faz é picar o homem. Você foi a cobra aninhada no seio do reino.

— Eu não pedi para a Gwen morrer, tampouco para me tornar rainha! — Eudine reagiu visivelmente abalada. Não podia acreditar que a princesa estivesse morta, não queria acreditar. A simples possibilidade e a maneira como recebera a notícia a deixaram chocada. Ao mesmo tempo, as palavras de Igraine sobre as consequências dos pedidos atingiram-na e assim, pela primeira vez na vida, encontrou-se indefesa diante da pessoa que mais odiava.

— Não minta, Eudine — Gael continuou — Você conseguiu me superar em seu desejo de poder. Além de pedir por sua morte, ainda aparece no reino trazendo o homem que a matou: Leishter. Eu jamais pensaria em um enredo tão complexo. Eu posso ter pedido para ser o homem de confiança do rei, mas sempre fui o mais preparado para isso. Só não queria esperar muito para um cargo que era meu de direito. E, por mais que me julgue, não precisei matar ninguém neste meu caminho. Depois que assumi o cargo, já não digo... — ele sorriu — Sabe quais os oponentes são os mais fortes? Aqueles que não chamam a atenção e se movem no escuro!

— Pare! — Eudine se viu implorando. Sentia-se culpada duplamente. Pois, se Gael estivesse certo, além de Gwen ter morrido, ela tinha salvado, por duas vezes, o homem responsável por sua morte.

— Como me explica o encantamento súbito do rei? A preocupação que ele demonstra com a sua saúde? Desde que voltou, o reino todo só fala em seu nome. Você cujo nome ninguém sabia! — ele deu mais dois passos em direção à cama e teve a impressão de vê-la se encolher — É uma pena, Eudine. Eu adoraria prendê-la por traição, por ter planejado a morte da princesa. Mas, estou de mãos atadas. O rei e o povo jamais acreditariam em mim. Mas, isso não me espanta, afinal é isso o que aquela bruxa faz: todos os movimentos culminam em nosso desejo e ninguém, a não ser quem já esteve lá, como eu, é capaz de perceber isso.

— Saia daqui! — Eudine agora ordenou e novamente viu Gael sorrir, satisfeito pela culpa que viu transbordar em todos os gestos da jovem.

— Sim, senhora. Afinal, agora é minha superior e eu tenho que te obedecer — ele fez uma pequena reverência e virou-se para sair, mas deteve-se, quando estava perto da porta — Isto, porém, não significa que sejamos aliados — fez questão de avisar, antes de deixar o quarto da jovem.

Assim que se viu sozinha, Eudine se deixou chorar. Só podia ser algum pesadelo. Odiou ouvi-lo de seu inimigo que saboreou todas as palavras. Havia tido um mau pressentimento com a viagem, mas não queria acreditar que Gwen estivesse morta. Crescera com ela, sempre a tivera como uma irmã e, por isso, doeu muito saber que podia ser a responsável pelo seu acidente.

— Eu não pedi isso! — ela repetiu a si mesma, lembrando-se de palavra por palavra de seu pedido. Limpou as lágrimas com as costas das mãos. Chorar, definitivamente, não resolveria nada. Tinha que tirar a limpo aquela história toda, porque havia peças que não se encaixavam. Levantou-se

e sentiu-se um pouco fraca, algo que não soube se era resquício da febre que apresentara ao chegar ou se eram sintomas da notícia que acabara de receber. Trocou de roupa, colocando um vestido preto, de acordo com a tristeza que sentia e penteou os cabelos, fazendo neles uma trança grossa. Depois, foi até a parede e apertando-a no lugar correto, abriu a passagem, entrando nela sem hesitar.

Os corredores nunca lhe pareceram tão apertados. Sentia-se mal e esse sentimento aumentava à medida que se aproximava do seu destino. Certificou-se de que não havia ninguém, quando saiu diante das escadas que davam para a masmorra.

Aquele lugar sempre era escuro, independente do horário em que se encontrassem, assim, apanhou uma tocha e desceu. Caminhou rapidamente e ao perceber movimento diante de uma das celas, entendeu que era ali que ele estava.

Quando se aproximou mais, os dois soldados se puseram em alerta, por não lhe reconhecerem. No entanto, bastou que se aproximasse para reconhecer Hank e outro soldado, Getz. Eles também a reconheceram e nesse momento, Eudine soube que Gael não mentira. Pois, ambos se curvaram diante dela, como sempre faziam diante de Gwen. Eudine quase deixou a tocha cair, diante do ocorrido. Teve que segurá-la com força e, mesmo abalada, aproximou-se dos dois, em especial de Hank. O rapaz ficou em dúvida se devia olhar para ela, pois segundo a norma, não devia encará-la.

— Olhe para mim, Hank! — ela ordenou e viu o rapaz endireitar o rosto — Por favor, não enlouqueça como todos. Eu preciso ver o prisioneiro.

— Senhora — Getz, dirigiu-se a palavra, fazendo com que ela virasse seus olhos em direção a ele, que também evitava olhá-la nos olhos — Este lugar não é digno de sua presença. Temo ter que te pedir para deixá-lo.

Eudine olhou mais uma vez para Hank, pedindo-lhe ajuda. O rapaz entendeu e virou-se para o outro soldado, poucos anos mais velho que ele.

— Não podemos desobedecer a uma ordem... Você ouviu as palavras do rei.

Getz pensou um pouco.

— Sim, o reino todo ouviu — ele se virou para Hank e depois para Eudine — Só que Gael foi bastante claro.

Eudine respirou fundo e por mais que doesse aceitar aquela situação, precisou agir.

— E qual a hierarquia a ser seguida?

Gertz não precisou ouvir a pergunta mais uma vez para compreender o que ela acabara de dizer. Entre a futura rainha e o chefe de armas, devia seguir as ordens dela.

— Perdoe-me a falta — e tratou de destrancar a cela.

Eudine olhou para o amigo de maneira agradecida. Não havia sido uma ordem, mas entendeu que era o único modo de o outro soldado permitir sua entrada. Conversaria com Hank, assim que possível, e deixou isso claro, olhando em seus olhos, enquanto o outro estava de costas para os dois, empenhado em abrir o lugar para que ela entrasse. Eudine deixou a tocha com Hank, antes de finalmente entrar.

Para quem havia sido ferido do modo como ele fora, Leishter estava muito mal acomodado, preso no centro da cela, em uma corrente que lhe atava as mãos acima da cabeça, e seus pés também estavam presos no chão. Ela já vira do que ele era capaz, usando apenas os punhos, mas achou que aquilo era obra de Gael. Uma forma de demonstrar o que ele passaria, enquanto estivesse por ali.

Ele havia sido tratado, pois era possível ver a bandagem cobrindo parte da lateral de seu corpo. E, talvez, o mais correto, seria que estivesse deitado. Isso, se não fosse o assassino da princesa.

Ou ele estava desmaiado ou dormindo. O certo é que não percebeu sua presença. Eudine aproximou-se bastante. Sentindo-se com raiva dele e com raiva de si mesma. Devia ter deixado que fosse morto na primeira oportunidade que o encontrara. Porém, sua mania de se intrometer tinha dado naquilo. Não se perdoava, nem o perdoava.

Aproximou-se e tentou acordá-lo com tapinhas no rosto. Ele não respondeu a eles. Então, não pensou muito: apertou com um pouco de força o lugar do ferimento. Leishter urrou de dor e abriu os olhos.

— Minha salvadora! — ele sorriu, mesmo sentindo muita dor.

— Não fale isto! — Eudine pediu nervosa.

— É estou confuso também, porque minha salvadora é também a responsável pela minha prisão — ele conseguiu olhar direito para ela — Deveria ter me deixado morrer...

— Eu começo a acreditar nisso. Se soubesse do que era capaz...

— Você também vai me acusar de matar uma princesa que nem ao menos conheci? — ele a encarou — Eu sou um ladrão, não um assassino. Sinto muito desapontá-la, mas não matei ninguém.

— Você mente. Nunca soube quem você era. Nunca teria o ajudado, se soubesse.

— Nunca me perguntou — ele fechou os olhos ao sentir dor novamente. Abriu-os — E me ajudou porque quis, nunca te pedi — Eudine ficou quieta, porque ele tinha razão — E além do mais...

— Além do mais? — ela repetiu, sem saber se queria realmente ouvi-lo.

— Você deveria estar ao meu lado — ele disse tão sério que Eudine sorriu amargurada.

— Por quê? Por sua causa, eu ganharei uma recompensa que nunca desejei? — perguntou com desdém.

— Não. Porque é inteligente demais — ele captou sua atenção — O chefe de armas e os reis que vieram me visitar, eu entendo que não acreditem. Disseram, inclusive, que o sangue que encontraram na carruagem era meu, que eu consegui o ferimento ao lutar com um de seus soldados — ele sorriu, ignorando que o ferimento pulsava — Mas, você não. Pois, nas duas vezes em que me salvou, eu não tinha condições nenhuma de fazer mal à princesa alguma, pois já tinha problemas suficientes para lidar. E, além do mais, estávamos do lado oposto ao local onde ela desapareceu. Pode me dizer, como em tão pouco tempo, eu conseguiria percorrer tamanha distância?

Eudine ficou quieta. Realmente, a notícia da morte da princesa abalou-a de tal forma que não havia raciocinado direito. Era impossível que ele tivesse envolvido diretamente no desaparecimento de Gwen. Mas, ainda que fosse inocente, jamais conseguiria sair daquela de modo ileso, pois o reino precisava de uma explicação para o que havia acontecido à princesa; precisavam de um vilão e ele assumia aquela função como uma luva.

CAPÍTULO 20

Quem ficou rico, saiba dominar-se; quem ficou poderoso, saiba renunciar – Evangelho apócrifo de Tomé (v. 81/114)

Eudine andou de um lado para o outro impaciente. Se Leishter não era o responsável pelo desaparecimento de Gwen — não conseguia pensar em sua morte — quem poderia ser? Entre tantas dúvidas, a única certeza que tinha era a de que o prisioneiro estava no lugar errado, na hora errada. O que correspondia a estar em Heldroch em sua companhia no dia em que o reino se reunia para planejar os passos a serem dados sem uma herdeira.

A visita à masmorra só a deixou mais nervosa, era tão óbvio que Leishter não sabia do paradeiro de Gwen que aquilo fazia sua raiva por Gael aumentar. Ele devia estar procurando a princesa e não acomodado, divertindo-se em torturar alguém ferido.

Seus pensamentos foram interrompidos por batidas leves na porta. Eudine desejou que parassem, pois não queria ver ninguém. Agora mais do que nunca se sentia sozinha naquele castelo.

— Eudine! — a voz melodiosa de Kim chamou-a e só por saber que era a moça, deu dois passos largos em direção à porta e a destrancou.

Kim olhou para ela num misto de admiração e outra coisa que Eudine não soube definir: algo entre medo e respeito. Como se já estivesse se esquecendo, fez-lhe uma reverência.

— Posso entrar? — perguntou ressaltada diante da expressão de Eudine, assim que terminou sua reverência.

— Pode — Eudine disse, achando difícil se acostumar com aquelas

convenções todas e viu a jovem entrar em seu aposento. Uma vez lá dentro, ficou a olhá-la sem dizer nada — O que há? Entrou aqui para nada?

— Na verdade, vim ajudá-la a se banhar e a se vestir. Como felizmente está melhor, o rei gostaria de vê-la — Kim explicou bem baixo, olhando para o chão, em vez de encará-la.

— Nem quando criança eu precisei de ajuda para tomar banho, Kim, logo dispenso o seu cuidado — tentou ser direta, sem assustar ainda mais a moça.

— É que há uma tina de água quente esperando por você... Pela senhora — corrigiu-se — E o rei me incumbiu de ser a sua dama de companhia, entende que não posso contrariar uma ordem dele?

— Entendo somente que não está me ouvindo — Eudine suspirou aborrecida — Eu não preciso de ajuda para comer, nem para andar, muito menos para me banhar. Não quero uma sombra atrás de mim, já tenho a minha... Se a tina tivesse sido deixada aqui, eu já teria tomado banho.

— Esta é a outra parte do que vim te falar — Kim estava cada vez mais sem jeito — A senhora... Senhorita — confundiu-se novamente — Tem que ir para seus novos aposentos, muito maior que este. O aposento ao lado de onde a querida Gwen dormia. Eu passarei a ocupar este aqui.

Eudine passou as mãos no rosto, sem acreditar naquele pesadelo e suspirou mais uma vez. Em que momento seu desejo seria atendido? Teve vontade de largar toda aquela loucura, voltar à montanha e dizer para Igraine que ela a enganara. Afinal, não estava tendo nada do que pedira. Por qual motivo tinha que se mudar? Crescera naquele lugar, conhecia aquelas paredes como se fossem pessoas, sabia todas as suas imperfeições e ranhuras. Ali sozinha, descobrira as passagens secretas, dali começara a aproveitar mais a vida no castelo.

— E além do mais...

— Há ainda algo que eu deva fazer? — Eudine não conseguiu deixar a ironia de lado.

— Serão feitas novas roupas para a senhora, o rei faz questão — Kim viu Eudine balançar a cabeça desaprovando — Ainda mais que o duque...

— O duque? — Eudine recordou-se desgostosa — Não me diga que ele ainda permanece no castelo?

— Sim... — ela completaria, falando suas impressões sobre Drystan, se Eudine tivesse permitido.

— Com tanto problema, ainda terei que lidar com esse! — Eudine

caminhou até a porta — Por favor, Kim, deixe-me sozinha.

— Mas...

— Sei a qual aposento se refere. Irei até lá e tomarei meu banho, sem a sua presença. Depois terei minha audiência com o rei e lhe direi que não quero nada disso, inclusive ser cortejada por um desconhecido muito mais velho do que eu!

Kim abriu a boca para dizer que ele não era tão mais velho assim e que era um homem bonito, porém, não teve tempo, Eudine fez um gesto para que ela saísse e à dama só restou acatar a ordem.



A carroça parou no local combinado. Por mais que estivesse acostumado àquilo o jovem Jerome não entendia, porém seguia as ordens de seu pai. Ali havia mantimento suficiente para alimentar um exército, no entanto, duravam muito pouco, pois os pedidos não demoravam a ser refeitos. A parte boa é que sempre recebia o valor de uma vez, geralmente em um saco de pano, bem amarrado. Não precisava contar para saber que todos os dobrões estariam ali dentro.

Conforme sempre acontecia, esperou algum tempo até surgir no alto do monte o primeiro homem, um pouco mais velho e que ostentava uma barba grisalha. Ele deveria ser o líder daquela gente e Jerome não entendia, pois se havia dinheiro suficiente para manter os pagamentos em dia, porque aquelas pessoas tinham aquela aparência rude, quase suja. Desistiu de compreender, pois não estava ali para isso.

Atrás do homem viu surgir outros, mais jovens e que, como das outras vezes, seriam responsáveis por descarregar a carruagem e levar os mantimentos para algum lugar que desconhecia, já que nunca lhe foi dada a permissão de passar dali.

Jerome desceu da carroça, quando eles já estavam bem próximos e estendeu a mão para cumprimentar o mais velho.

— Está tudo aí, mas pode conferir se quiser — observou simpático.

— Seu pai nunca falhou conosco, logo não é necessário — Garth cumprimentou o rapaz com uma mão e estendeu o pagamento com a outra.

— É, mas desta vez, quase não consegui estar aqui — Jerome guardou colocou o saco com as moedas junto ao banco onde estivera sentado.

— Por que não? — Garth aproximou-se interessado, enquanto fazia

um sinal para que os jovens descarregassem os mantimentos.

— Não soube a respeito do que houve em Heldroch? — Jerome espantou-se.

Garth sabia muito bem, afinal liderara a operação na qual capturaram a princesa. Achou mais seguro fingir que não sabia de nada.

— Não soube...

— Amigo, tempos difíceis! — Jerome respondeu pesaroso — A princesa Gwen morreu! — o jovem creditou a expressão de surpresa de Garth à notícia que ele acabara de ouvir.

— Morreu como? — ele quis mais detalhes — Foi acometida por alguma doença? — conseguiu disfarçar o tamanho de seu interesse.

— Antes fosse! Ela foi vítima do Leishter. Dizem que ele foi tão cruel com a jovem princesa que a matou e queimou seu corpo. Por isso, os homens de Gael não a encontraram em parte alguma.

— Quanta covardia! — Garth não pôde dizer mais do que isso ao saber a história corrente que circulava em todo o reino.

— Sim — a voz do jovem demonstrou sua tristeza — O reino está em luto. Apesar de Leishter já ter sido capturado.

— Como? — cada vez a história soava mais absurda. Garth tentou amenizar o tom — Como um homem capaz de tamanha monstruosidade foi capturado tão facilmente?

— É aí que a história fica interessante — o jovem assumiu outro ar que não era de tristeza e Garth não soube precisar que sentimento era aquele — O rei Cédric estava tão desgostoso que prometeu abdicar do trono e dá-lo a quem capturasse o assassino de sua filha...

— O que deve ter se transformado em uma verdadeira caça ao tesouro — Garth o interrompeu.

— Nem houve tempo! — Jerome entusiasmou-se — Mal ele acabou de pronunciar isto, a jovem dama de companhia da princesa, entrou no castelo. Ela trazia consigo o culpado por todo o sofrimento do rei.

— O que está dizendo? — Garth não compreendeu.

— Eudine, que era a dama de companhia da princesa, capturou um homem que é duas vezes maior do que ela! Graças a ela, estamos todos livres de Leishter e de suas maldades.

Garth encarou o jovem sem acreditar no que ele dizia.

— Está querendo dizer que...

— Que Heldroch perdeu uma princesa e ganhou uma rainha. Como não há herdeiros diretos, o rei fará cumprir sua promessa e dará o trono para a jovem, por tamanha bravura.

Garth ficou sem palavras, imaginando como Emma receberia aquelas notícias. Temia que não fosse da melhor maneira.



A princesa Gwen estava tendo pesadelos terríveis e revirou na cama, pronunciando repetidas vezes a mesma coisa, fazendo com que a jovem que cuidava dela, se levantasse apavorada e a deixasse.

A moça percorreu correndo os caminhos mal iluminados da mina, até chegar ao local escolhido por Emma para os seus aposentos. Pediu permissão para entrar, quase sem fôlego e quando a recebeu, entrou e contou de maneira atabalhoada sobre o estado da princesa e sobre as coisas que ela dizia.

— Ela voltou a ter febre? — Emma fez um gesto para a moça se acalmar.

— Não, somente pesadelos — a jovem, de nome Sissy, aos poucos foi se acalmando, enquanto Emma, sentada na cama, esperava sem perder a paciência.

— Não é um motivo para se assustar. É algo bom, sinal de que ela está prestes a acordar — Emma falou pausadamente.

— Acredito que seja, porém, ela citou Eudine nos delírios — a jovem comentou e, em seguida, repetiu o que havia escutado.

— Tem certeza de que ela disse isso, Sissy? — Emma finalmente escutou no relato algo que a interessou.

— Sim, senhora.

— Falarei com Wilkins e irei vê-la — Emma levantou-se de onde estava sentada e passou pela jovem, caminhando em direção ao local onde Gwen estava instalada.

Por mais rústico que fosse morar em uma mina, até que as instalações não eram tão ruins assim. Rudn havia comprado a mina com parte das moedas recebidas das mãos de Gael, convencendo sua esposa de que seria um bom negócio e aumentariam o patrimônio recém-adquirido. Emma tentou impedi-lo, mas seu marido estava obcecado com a ideia de fortuna e nada do que disse teve o poder de dissuadi-lo. Depois de tanta busca, apenas um diamante fora encontrado, era do tamanho de um ovo de galinha. Pouco para

uma mina tão grande, mas o suficiente para aumentar suas posses, concretizar o seu desejo e fazê-lo enlouquecer de vez.

O homem já não dormia, não se alimentava e tampouco dirigia à palavra a esposa. Só tinha uma ideia fixa: estavam em cima de uma fortuna e era necessário desenterrá-la, cavando, minerando, até que se revelassem outras pedras preciosas. Assim, também, fora recrutando outros andarilhos, com a perspectiva de riquezas escondidas em uma mina gigantesca. E tais homens trabalharam duramente semanas e ao cabo delas trouxeram suas famílias. Quando menos se percebeu, cavavam as paredes não para encontrar pedras preciosas, mas para erguer espaços em que pudessem dormir, comer, enfim, habitar.

A mina era um lugar escuro, em que o sol não batia, entretanto não estavam mais ao relento. Quando um acidente ocorreu, a mina já estava contava com milhares de homens com suas famílias. A maioria deles perdeu a vida no desabamento, porém, deixaram seus filhos. Quase todas as mulheres se surpreenderam com a perda, menos Emma que, de algum modo, intuía que tamanha obsessão não traria bons frutos.

A morte de Rudn veio confirmar algo que sentira em duas ocasiões: a primeira quando o marido sumira por uns tempos e depois, quando Gael cruzara os seus caminhos: desde aquele tempo, ela já havia perdido seu marido.

No entanto, ela nunca ficara sozinha. Além do dinheiro que fizera tudo para ter, Rudn deixou-a com diversas famílias, compostas pelas viúvas dos homens que morreram com ele e de seus órfãos. Não havia outra opção a não ser cuidar deles. E, desse modo, herdou também a posto de líder; pois, ainda que fosse mulher, e nesse sentido qualquer sobrevivente poderia reivindicar a liderança à força, ela mostrou-se forte e decidida, assumindo um lado seu que nem sabia que possuía, assim, o respeito de todos ao prometer continuar cuidando deles. Garth, um dos poucos sobreviventes do acidente, tornou-se seu braço direito, coibindo qualquer tentativa de levantar e garantindo-lhe a liderança do lugar.

Wilkins estava comendo uma maçã, quando Emma entrou. Havia sido colocado no lado oposto de onde estava Avrill, de modo que não precisasse ficar preso o tempo todo. Na realidade, achava que as cordas ficavam bem naquela mulher que podia ter ares arrojados, mas não passava da amante do rei. Pensou em sugerir que fosse amordaçada também, porque, nas poucas

vezes que a vira, a mulher não havia parado de chorar.

— Uma visita ilustre, neste espaço inóspito — Wilkins endireitou-se na cama — O que a traz aqui, Emma?

— Quero entender algo que a princesa Gweneth tem repetido durante seus pesadelos. Acredito que você possa me explicar.

— Diga o que é, se eu souber do que se trata, poderei te ajudar — Wilkins disse mais por curiosidade, do que por qualquer boa intenção.

— Ela tem repetido que não queria machucar Eudine. A que se refere? — Emma encarou-o.

— Até na hora do delírio é este nome que ela diz! — ele não escondeu o desconforto — Não sei a que ela se refere, mas deve ser algo muito importante, alguma grande culpa que carrega, a ponto de sonhar com isso.

— Quero saber se ela já fez algum mal à minha filha? — Emma foi direta, uma vez que achava que os grandes culpados de tudo eram o rei e seu homem de confiança.

— Que eu saiba, não. Aliás, eram muito unidas. Algo que me irritava em Gwen, pois tinha mais confiança na criada — ele olhou para Emma e se corrigiu — Mais confiança em sua filha do que em mim, seu futuro marido e senhor.

— Talvez ela não estivesse errada — Emma observou, fazendo-o sorrir.

— Talvez —ele concordou — Sinceramente não sei ao que a Gwen se refere. Afinal, sua filha goza de uma saúde invejável e sempre foi tratada com as mesmas regalias da princesa. A única coisa que me vem à cabeça, quando penso no bem-estar dela, é o acidente que a deixou com uma cicatriz no rosto. Não sei bem como se deu, mas não acho que tenha a ver com os delírios da princesa, visto que a culpa pelo ocorrido foi de um serviçal qualquer.

— Seja lá o que for que ela quis dizer com isso, descobrirei — o aviso soou como ameaça para o príncipe que não se intimidou — Agora eu a verei, pois, ao que tudo indica, passando esta fase, sua princesa estará totalmente restabelecida.

Wilkins não se demonstrou feliz com a notícia, pois, para ele, talvez fosse melhor que ela ficasse mais um tempo desacordada.

CAPÍTULO 21

Só há uma maneira de lutar contra o poder: é sobreviver-lhe –
Voltaire

Drystan pensou nas palavras corretas, pois estava diante dos dois reis e, ao mesmo tempo em que não queria parecer desrespeitoso, precisava dizer o que achava daquela situação toda. Eudine era jovem demais para ter sobre os seus ombros o destino de todo um reino. Estava caminhando ao lado dos dois, no jardim, atrás do salão principal, enquanto o rei Cédric aguardava ser avisado que a jovem estava pronta para falar com ele.

— Majestades, se me permitem emitir uma opinião — ele aproveitou o momento em que os dois ficaram em silêncio para se pronunciar.

— Não tenha dúvidas de que sua opinião é de muita importância, Drystan — o rei Cédric consentiu.

— Digo o mesmo — o rei Wilhelm concordou — Tenho muita consideração por você, Drystan.

Drystan sentiu a boca seca, por isso, passou a língua nos lábios, e começou:

— Eu entendo perfeitamente o baque que sentiram com o desaparecimento de seus filhos, mas acho muito perigoso entregar o reino a alguém tão jovem quanto Eudine.

Cédric ponderou sobre o que havia escutado, permaneceu em silêncio apenas por alguns segundos.

— Eudine tem a mesma idade que tinha a minha Gwen.

— Entendo, porém, sua filha teria o apoio do príncipe Wilkins nessa tarefa — Drystan continuou e viu Wilhelm olhar para baixo com tristeza — Gweneth foi preparada durante a vida inteira para isso, Eudine não. Até agora não sei como ela não morreu, pois se arriscou demais. Vocês viram o jeito

como ela chegou...

— Eu entendo a sua preocupação, Drystan — Cédric o interrompeu — Porque gosta dela e quer que esteja em segurança. Entretanto, não posso voltar atrás na minha palavra, ainda que tenha noção de que é muito arriscado. Mas, essa situação mudaria se tivesse ao seu lado um homem que a ajudasse, e não vejo melhor pessoa do que você. De bom grado, cederia meu lugar no trono para você.

— Heldroch estaria segura, com certeza — o rei Wilhelm concordou.

— Nem tive tempo com ela — Drystan tentou demovê-los da ideia.

— Confie em mim, terão tempo — Cédric insistiu — E, desde já, a minha benção.

— A minha também — Wilhelm demonstrou seu apoio irrestrito — Em meio a tanta coisa ruim, seria um alento saber que ficará no trono alguém que manterá os acordos entre nossos reinos.

Drystan tentou retomar o assunto, explicar o motivo de sua preocupação, no entanto viu que isto não seria possível, uma vez que os dois acharam a ideia de um possível casamento muito interessante, sem ao menos levar em consideração seu desejo de conquistá-la e não ganhá-la como se fosse uma prenda e o desejo de Eudine, que agora — já que o rei não voltaria em sua palavra — deixara de ser dama de companhia para virar a futura rainha de Heldroch.



Eudine teve que admitir que ficar mergulhada na tina por um bom tempo, ajudou-a a diminuir sua tensão. Depois, vestiu-se com cuidado, novamente de preto, mas um vestido simples, nada parecido com o que, segundo Kim, o rei gostaria que usasse.

Kim a fizera prometer que a chamaria logo que estivesse pronta, pois ela fora incumbida de avisar ao rei. Ele desejava vê-la antes da refeição.

Eudine, ainda reticente com a ideia de ser acompanhada por alguém, prometeu que o faria, pois não queria prejudicá-la junto ao rei. Antes disso, porém, precisava fazer uma parada. Ou melhor, duas. Arriscou-se ao retornar ao seu agora “antigo” quarto e entrar novamente na passagem secreta, dirigindo-se para o alojamento dos soldados.

Foi preciso esperar um pouco até que Hank entrasse para descansar,

por conta da troca de guarda à frente da cela do prisioneiro. Naquela hora do dia, os demais soldados estavam sob as ordens de Gael, simulando situações de combate.

Assim, a única preocupação de Eudine era Getz que, como Hank, também havia sido dispensado da função. O rapaz podia entrar no alojamento a qualquer momento e, por esse motivo, Eudine não pensou muito, apenas fez o que tinha de fazer. Assim que Hank aproximou-se de sua cama, Eudine apareceu diante dele.

— Eudine! — assustado ele olhou para os lados.

— Fique quieto e me siga — ela ordenou, indo até a parede e fazendo com que se abrisse. Hank não acreditou no que ela estava sugerindo.

— Eu não entrarei aí — declarou — Não gosto de espaços fechados, muito menos apertados. E, além do mais, olha o seu tamanho e olhe o meu!

— Vamos logo! — ela ignorou a recusa e praticamente o empurrou. Receoso, Hank entrou pela abertura na parede e a má impressão que sentiu foi de acordo com suas expectativas. O lugar era estreito e só conseguia se deslocar de lado. Pareceu piorar quando Eudine fechou a passagem, encerrando-os na parede. Hank levou um tempo para raciocinar, sentindo-se incomodado com aquela falta de espaço, com a necessidade de movimentar-se o mínimo possível.

— Vamos! — ela bateu no ombro do rapaz, fazendo um sinal para que se movesse.

— Para onde, Eudine? Eu não faço ideia!

— Trinta passos para frente e depois a primeira entrada à direita — respondeu rapidamente — Os meus passos, não os seus — advertiu.

— Ajudou bastante! Como se eu soubesse como são os seus passos! — resmungou e Eudine o empurrou, afinal não tinha tempo. Ao chegarem a uma bifurcação, Eudine fê-lo parar e pediu que desse um passo para a esquerda — Mas, havia falado direita! — ele continuou resmungando e, assim que fez o que foi pedido, viu-a passar, encaminhando-se para a direita.

— Tinha que passar na sua frente, caso contrário nós não chegaríamos a lugar algum — ela começou a guiá-lo, movendo-se com uma destreza espantosa e chegando ao lugar em que queria. Hank respirou aliviado, assim que ela abriu a passagem para que pudesse sair. Parado, colocou as mãos no joelho e só voltou a caminhar quando Eudine o chamou.

Não foi sem surpresa que Mack deparou-se com os dois. Sem se conter, avançou para Eudine, surpreendendo-a com um abraço. Algo do qual

Eudine se libertou rapidamente.

— Vocês parecem ter combinado para me atrasar! — disse nervosa — Precisava vê-los, mas não posso perder tempo — olhou para Mack — Logo, não há tempo para abraços.

— Desculpe... Fiquei feliz em saber que está bem — mal acabou e Eudine olhou-o de uma forma que ele quase se arrependeu de ter "perdido tempo" se desculpando.

Pelo modo como ela estava aflita, os dois intuíram que deveria ser muito importante o que tinha a dizer, por esse motivo, permaneceram quietos.

— Tenho uma audiência com o rei Cédric. Acredito que ele vá tornar oficial toda essa coisa de eu ser a rainha. Não sei como agir.

— Espera que saibamos? — Mack não conseguiu ficar calado — Desde que voltou nada é tão simples.

— Eu sei disso. Para mim é muito importante que acreditem em uma coisa: não pedi a morte da princesa.

— Nunca pensaríamos algo assim, Eudine! — Hank sem querer falou pelos dois, mas Mack, pela primeira vez concordou com ele — Nós a conhecemos.

— Eu também achei que me conhecesse, mas... E se o meu pedido culminou nisso tudo? — Eudine não teve receio em demonstrar sua dúvida. Confiava nos dois e para eles podia mostrar o quanto estava assustada com essa possibilidade — Sabe, aprendi que todo desejo tem suas consequências... E se a consequência do meu, tiver sido a morte da Gwen?

— Eu duvido — a convicção de Mack a — O que exatamente pediu?

— Eu pedi — Eudine lembrou-se mais uma vez das suas palavras — para ser livre. Queria deixar de ser sombra para ser respeitada e ter minhas decisões acatadas. Ser senhora dos meus passos sem precisar me submeter a ninguém, por ter o poder de decisão.

Hank e Mack se olharam e Eudine não entendeu o motivo dos olhares. Até que Hank falasse:

— Eudine, você pode não ter noção, mas descreveu o poder que tem uma princesa, um rei, ou uma rainha. Somente eles não se submetem a ninguém; é deles, sempre, a última palavra, ou o poder de decisão, como você diz. É deles que todos os súditos falam, bem ou mal.

— Não pode ser, pois está dando tudo errado! — Eudine se recusou a acreditar — Desde que acordei, tudo o que não sinto é que sou livre. Tenho mil recomendações a seguir.

— Talvez, porque falte uma coisa aí desse seu pedido, algo que depende de você — Mack falou pensativo, e mais uma vez ela não entendeu do que ele falava — Acho que... — ele hesitou, com medo de estar falando uma grande bobagem — Só tem seus pedidos acatados aquele que pede.

— Eu discordo — Hank intrometeu-se — Em parte. Mack tem razão em uma coisa. Lembra-se de sua visita à masmorra? — ele quis saber e ela fez que sim com a cabeça — Você só entrou, quando eu fiz Getz acreditar que o seu pedido era uma ordem.

— Está querendo dizer que...

— Sim, Eudine. Hora de deixar de ser sombra. Se quiser viver o seu pedido, deve aceitar o peso que ele traz — Hank disse tão sério que Eudine prendeu a respiração, querendo ouvir o desfecho — Só será respeitada se fizer valer a sua vontade. Ou seja, chegou a hora de parar de obedecer e começar a mandar.



— Isso é impossível — Emma teve que se sentar ao ouvir o que Garth acabara de lhe dizer — Não a minha Eudine, ela jamais aceitaria.

— Parece que ela mudou após tantos anos longe — Garth foi cético — Eudine se bandeou para o lado deles e será a nova rainha.

— Eu sempre soube que havia algo naquela impetuosidade toda, só não percebi que era ambição — Wilkins tentou absorver aquela surpresa agradável. Agora, mais do que nunca, adoraria domá-la — Mas, nesse caso Emma, todo o seu plano demonstra-se inútil. Acreditava que Eudine se vingaria com o mesmo ímpeto daqueles que a tiraram de sua família e ela, perante um reino todo, é praticamente alçada ao posto de filha do rei Cédric. Quem diria, a menina deixou-se levar pelo poder.

— Não! — Emma repetiu, negando-se a acreditar que ela fosse como o pai — Não ela.

— Creio que não seja hora para sentimentalismos, Emma — Wilkins foi direto — É necessário definir o que fazer agora.

— Nisso, ele tem razão — Garth foi obrigado a concordar — Em tese temos duas prisioneiras que, diante desse novo quadro, não têm o mesmo valor que antes. Eu vi o modo como Jerome se referiu à Eudine, como se fosse alguma heroína. E, posso dizer mais, a dor pela perda da princesa, foi amenizada pela volta de sua filha, capturando o homem em cujas costas

recaiu a culpa pelo seu desaparecimento.

Emma engoliu em seco, seu nervosismo era transparente. Não tinha imaginado que nada daquilo pudesse acontecer. A ideia era simples: assim que a poeira baixasse, fazer a princesa escrever uma carta ao pai. Nesta descreveria tudo pelo que estava passando e dizendo que para tê-la de volta, deveria fazer o que pedissem. Mas, diante de um rei que desistia tão facilmente de uma filha, praticamente a substituindo por outra pessoa, tinha lá suas dúvidas a respeito de que ele fosse capaz de qualquer coisa para salvá-la. E, também, contava com a consternação do povo de Heldroch; consternação esta que já havia sido substituída por uma estranha euforia.

— Se o rei deu sua palavra, diante de todos... — Garth começou.

— Não voltará atrás, mesmo se a sua filha, por encanto, aparecer viva — e Wilkins completou.

Emma começou a massagear as têmporas como se estivesse com aquela região dolorida. Os dois tinham razão. Logo não sabia o que fazer.

— Podemos reverter isso — Wilkins rompeu o silêncio.

— E como faríamos isso? — Garth não entendeu e, pelo olhar de Emma, viu que compartilhavam da mesma ignorância.

— Eu tive uma ideia, só que para isso será necessário um pequeno desvio da rota planejada — ele sorriu.

— Desde que esta conversa começou — os olhos de Emma viajaram de um para o outro — Tudo o que falamos foram sobre desvios.

— Tem razão — o sorriso do príncipe alargou-se ainda mais — Mas, seria um desvio radical ao que foi planejado.

— E isso quer dizer o que? — Emma perguntou impaciente.

— Sujar as mãos de sangue — falou tão naturalmente que Emma e Garth trocaram um olhar, sem saber o que isso significava na prática.



Kim retornou ao quarto de Eudine para avisar que o rei estava a sua espera há um bom tempo. Na primeira vez em que fora até lá, bateu até a exaustão e quando já estava quase desistindo a porta fora aberta. Eudine havia falado que pegara no sono, embora não aparentasse ter dormido.

— Vá até o rei e diga que eu estou pronta para falar com ele — Eudine ordenou, antes que a dama pudesse falar qualquer coisa. E ordenar foi muito mais fácil do que imaginava, assim como ter sua ordem atendida.

Agora, enquanto caminhava em direção ao salão principal, a conversa com Hank e Mack voltava aos poucos. Talvez seu desejo só precisasse disso: uma mudança de postura. Kim abriu a porta para que entrasse e assim que a porta foi aberta, o rei Cédric foi ao encontro dela, para recebê-la.

Eudine sentiu-se estranha ao ser recepcionada com um abraço verdadeiro e um beijo na testa. Sonhara tanto com um gesto simples daqueles que agora parecia surreal. O rei poucas vezes lhe dirigia a palavra, quanto mais dar uma demonstração de carinho.

— Agora somos apenas nós, Eudine — a voz do rei tinha uma dor que ela conhecia muito, pois crescera sentindo-a: a dor de quem se vê repentinamente sem sua família — E eu lhe serei eternamente grato por ter trazido quem fez mal à Gwen.

O rei fez um gesto para que Kim os deixasse sozinhos e a dama saiu rapidamente, fechando a porta ao fazê-lo.

Assim como fazia, quando caminhava com a sua rainha, Cédric levou Eudine até o outro lado do salão, onde costumava se sentar com Maeve. Esperou que Eudine se sentasse e depois fez o mesmo.

— Sabe o motivo pelo qual eu a trouxe aqui? — ele começou.

— Tem a ver com o pronunciamento que fez — Eudine afirmou segura e viu o rei olhá-la com ternura. O primeiro olhar assim que recebera dele em anos.

— Sim, Eudine. Não faltarei com a minha palavra. Você será a rainha.

— Mesmo se eu não quiser sê-lo?

— Se não quiser, todo o povo de Heldroch se sentirá tão desamparado quanto eu me sinto agora. Eu abri a mão do trono não por covardia, mas porque o reino precisava de alguém que pudesse mantê-lo em segurança e eu já não era mais essa pessoa. Não pude cuidar da minha própria filha, Eudine. Um homem que não governa bem a sua própria vida, não pode ter a incumbência de governar o destino dos outros. Entendo que não tenha pensado nisso, mas te peço que não apenas aceite, mas também que seja a melhor rainha que este reino já teve — Cédric foi tão humilde em seu pedido que Eudine ficou abalada — Por Gwen!

Eudine ficou em silêncio por alguns segundos. Cédric encarou-a.

— Será a rainha de Heldroch?

Eudine fez que sim com a cabeça.

— Mas...

Cédric preparou-se para o que ela ia falar, com receio de que fosse

algo grave.

— Eu não mudarei do meu antigo quarto e tampouco usarei roupas que não quiser. E também não quero Kim atrás de mim por todas as horas do dia. Se eu precisar dela, eu a chamarei, caso contrário, quero ficar sozinha.

Diante daqueles pedidos, o rei riu, deixando Eudine confusa.

— Qual o problema? — Eudine disse na defensiva — Se eu não puder...

— Não é nada disso, Eudine! Imaginei que tivesse alguma restrição séria quanto a ser rainha. Como futura rainha de Heldroch não há nada que não possa fazer. Se as decisões que tomei não te agradam, não precisa acatá-las. Seus pedidos, a partir de agora, são ordens, e eu mesmo farei com que seja castigado todo aquele que o descumpri-los. Se o problema é este, está resolvido: não fará nada que não quiser fazer.

— Esqueci-me de mais uma coisa que decididamente não quero — Eudine recordou-se.

— Diga, Eudine — o rei Cédric pediu paciente.

— Não quero e nem serei dada em compromisso a nenhum duque! — disse de uma vez e Cédric se viu em uma situação desagradável, pois Drystan esperava aquele encontro há muito tempo.

— Mas... — Cédric tentou argumentar.

— "Nada que eu não quiser fazer" — Eudine fez questão de repetir as palavras do rei e diante disso, ele não pôde dizer nada.

CAPÍTULO 22

Há enganos tão bem elaborados que seria estupidez não ser enganado por eles – Charles Colton

Após ter falado com o rei, Eudine sentiu-se mais leve. Ainda era uma loucura vir a se tornar rainha, porque isso significava aceitar que a princesa morrera e que Leishter fora o responsável por tal acontecimento. Ela, mais do que ninguém sabia que estavam errados.

Por outro lado, aceitando, teria mais poder e tentaria descobrir como poderia usá-lo para corrigir a injustiça. Sabia que Leishter era procurado pelas diversas pilhagens que havia feito, mas entre seus crimes não se encontrava o da princesa.

Antes que começasse o jantar, Eudine precisava estar sozinha. Queria pensar em uma forma de usar seu novo status a seu favor. Talvez batesse de frente com o rei, mas não queria que Leishter continuasse preso daquela maneira, como se fosse um bicho. O homem estava ferido, logo não precisava ter as mãos e os pés acorrentados. Não permitiria que Gael o torturasse.

Assim, saiu do salão principal e caminhou até um pequeno jardim que ficava um tanto escondido, no lado externo do castelo. Ela não costumava ir até lá, mas Gwen, ao contrário, adorava aquele lugar. Deixava-se ficar ali por horas, e quase sempre sozinha, porque Eudine não tinha paciência para contemplar flores. Sinceramente não entendia e nem via graça naquilo. No entanto, agora, era aquele lugar o que mais fazia com que se recordasse de Gwen.

— Sinto que você não morreu, Gwen, só não sei o que está

acontecendo — Eudine falou para si mesma, andando de um lado para o outro, sem conseguir sentar-se no mesmo banco que a princesa repousava, quando ia até lá — Se tivesse me ouvido, não teria viajado, mas ignorou meu aviso! Por que tem que ser tão teimosa? Eu juro que a encontrarei nem que dedique todos os meus dias e minhas noites para isso.



Desde que conversara com os reis, Drystan não conseguira raciocinar direito. Por esse motivo, também, não entrara imediatamente. Logo após o encontro com os monarcas, decidiu continuar sua ronda solitária, caminhando e pensando em toda aquela situação surreal. Quanto mais andava, mais duvidava que aquilo, que travara com os reis, poderia ser chamado de conversa, uma vez que o pesar havia tornado os dois homens surdos. Eles ignoravam o quanto a situação era perigosa para o reino e, principalmente, para Eudine.

Cédric colecionara alguns inimigos, nobres de casta inferior, como duques e condes. Separados eles não representavam nada, mas juntos, podiam dar muito trabalho. Prometer seu trono a uma jovem inexperiente era dar o sinal verde para, assim que ele faltasse, os inimigos se lançassem contra Heldroch, numa perigosa corrida para tomar para si a jovem rainha. Quem o fizesse, seria o novo rei. Conquistaria o trono sob uma chuva de sangue e, uma vez feito, ninguém, nem mesmo os soldados leais a Cédric, contestariam sua autoridade.

Estava pensando nisso tudo, quando ouviu a voz de Eudine. Fazia muito tempo que a encontrara, mas, desde então, fora impossível se esquecer de qualquer detalhe da jovem. Aproximou-se devagar, passo por passo, para não ser visto e tampouco atrapalhá-la. Viu-a andar de um lado para o outro, falando sozinha, e sorriu. Neste sentido, percebeu o quanto eram parecidos, afinal, ele podia não falar em voz alta, mas, caminhando, conseguia colocar as ideias nos devidos lugares.

Conteve seus passos e se deixou observar a jovem sem, contudo, conseguir ouvir perfeitamente o que ela dizia. Ela estava tão bonita quanto na primeira vez que a vira. Era esguia e não muito mais baixa do que ele e tinha formas bastante suaves e femininas, embora não fossem exageradas. Quando a ajudara ao chegar ao castelo, embora estivessem muito próximos, nem conseguiu admirá-la, de tão preocupado que estava com seu estado febril.

Mas agora era diferente, a face da moça já estava corada e seu olhar tinha aquele brilho de desafio.

Encostou-se a um pilar e ficou a observá-la.

Foi como se sentisse que havia alguém ali. Eudine parou de falar, experimentando a sensação estranha de não estar sozinha e se virou, descobrindo Drystan a poucos metros dela. A jovem não pensou duas vezes, antes de caminhar na direção dele.

— Deveria se envergonhar de ficar na espreita. Espionar os outros, que eu saiba, é tarefa de quem não tem ocupação — diante dele, fez questão de demonstrar sua irritação.

— Eu peço perdão pela minha falta — ele foi sincero, mas o fato de perceber que a língua dela continuava afiada o fez dar um sorriso ao final da fala.

— Sua fala pede desculpas e sua boca o trai — Eudine encarou-o — Está se divertindo com a situação.

— Não estou — ele tentou corrigir a má impressão. Estava na hora de se revelar para ela.

Porém Eudine deteve-se e o olhou com mais atenção. Duas lembranças lhe vieram à mente. A primeira, a dele lhe estendendo a mão ao chegar ao reino e a segunda, demorou um pouco, mas formou-se perfeitamente: a conversa breve que travaram no ducado de Gunther. Ao se dar conta de que ele era de lá, Eudine irritou-se de vez.

— Se é a mando dele que me espiona, sinto muito te informar, mas não surtirá efeito algum — Drystan tentou dizer algo, porém, sem sucesso — Pode estar bem vestido e, dessa vez, não cheirar mal, mas isso não o torna mais amigável para mim. Continua defendendo um interesse oposto ao meu, portanto, não há como sermos amigos.

— Se me deixar explicar... — Drystan ficou envaidecido com o fato de ela haver se recordado dele, mas não entendeu o que ela quis dizer com "estar a mando de alguém" e "estar defendendo interesses opostos".

— Não precisa — Eudine estava irreduzível — Só tenho uma coisa a dizer: não me casarei com duque algum, ainda mais um homem tão velho, que bem poderia ser pai do meu pai. Tudo bem, confesso que foi interessante esta tática, de mandar alguém jovem e, pelo menos agora, bem cuidado, para me convencer do contrário, entretanto diga ao duque que não surtiu efeito. Ele poderia te pintar de ouro ou fantasiá-lo com a mais bela veste que não me convenceria. Eu não quero conhecê-lo, que dirá ser sua esposa — ela ergueu

o queixo para encarar Drystan — E não ache que o pronunciamento do rei tem algo a ver com isso, pois a dama de companhia e a futura rainha, ambas, compartilham da mesma opinião.

Drystan ficou sem ação ao entender tudo. Ela não tinha a menor ideia de que o ele, após a morte do pai, era o novo duque de Gunther. Entendeu que a confusão havia sido causada justamente quando ela estivera no ducado. Pensou em desfazer o mal-entendido, mas em vez de fazê-lo, perguntou de modo sério e firme:

— Está rejeitando o duque por causa de sua idade avançada, ainda que ele seja um homem honrado?

— Honra? — Eudine riu debochada — Um homem que aceita uma esposa como moeda de troca pode ser tudo, menos honrado. Eu, Eudine Santê, não sou um objeto que possa ser passado de mão em mão, como um mero presente. Honra para mim é aceitar a decisão do outro, mesmo que esta não seja a mesma que a sua. O duque será honrado se aceitar a rejeição que lhe dou de bom grado, pois essa é a única coisa que terá de mim — e deu a conversa por encerrada, virando-lhe as costas e caminhando em direção ao castelo, sem dar uma chance sequer para Drystan revelar sua identidade.



— Ela finalmente acordou — a outra moça escalada para tomar conta de Gweneth foi ao encontro de Emma e esta não soube se aquela era uma boa notícia ou não. Wilkins havia falado seu plano e este lhe parecera muito arrojado e violento.

— E como ela está, Céris? — Emma quis saber.

— Confusa e assustada. Reclamou de um pouco de dor no corpo e perguntou diversas vezes onde estava e o que havia acontecido.

— Não deveria deixa-la sozinha — Emma desaprovou a atitude — E se ela se levantar? Você sabe quanto essa mina pode ser traiçoeira para quem não a conhece.

— Não há esse risco, pois não está sozinha, senhora — Céris, receosa, evitou olhá-la nos olhos.

— Como não? — Emma desejou não saber quem lhe fazia companhia, mas sabia. Ainda assim, quis ter a certeza — Não me diga que Wilkins está com ela...

A moça não pronunciou, mas ficou evidente que Emma tinha

acertado. A mulher praticamente bufou de raiva, não era para ele circular por aí com tamanha liberdade, e se os soldados de Cédric que haviam sido presos o vissem? Lady Macge havia sido instalada no lado oposto de onde estava o aposento no qual a princesa estava, então, pelo menos, no caso dela, não havia essa possibilidade.

Andou mais rápido ao perceber que, ignorando tudo o que haviam conversado, Wilkins estava seguindo o plano que havia criado, sem consultá-la. Quando finalmente se aproximou, primeiro ouviu a voz de Wilkins e depois teve a visão da jovem sentada na cama, abraçando o príncipe como se este fosse uma tábua de salvação.

— Foi isso o que aconteceu conosco, meu amor! Fomos vítimas de uma emboscada,

Emma balançou a cabeça desaprovando. Ela jamais acreditaria.

— Quem faria algo assim? E onde estamos? — Gwen estava confusa, só se recordara da carruagem tendo que parar por algum motivo, depois disso, não se lembrava de mais de nada — Foram os homens do Leishter? Tinha razão, afinal?

— Eu viajava com meu bem mais precioso, Gwen, é claro que tinha razão ao temer pela sua segurança. No entanto, não foram os homens de Leishter.

— Como não? — Gwen perguntou e sentiu uma leve dor de cabeça, fazendo uma careta. Wilkins abraçou-a mais forte, mantendo-a junto ao seu peito — Quem mais poderia fazer algo assim?

— Você confia em mim, Gwen? — Wilkins quis saber, afastando-se dela para olhá-la nos olhos.

— Claro que sim, afinal é meu noivo e nos casaremos, assim que a ordem das coisas for restabelecida — Gwen respondeu com ternura.

— O que tenho para te dizer vai doer muito — Wilkins a advertiu e sentiu o leve tremor que aquelas palavras provocaram na princesa.

— Diga, então de uma só vez — Gwen implorou — Por favor, faça-me entender.

— Havia traidores em Heldroch — disse de uma vez e Gwen olhou para ele sem conseguir acreditar naquilo. Afinal, as famílias dos soldados moravam dentro das muralhas e jamais houve queixa alguma sobre o modo como eram tratados. Mais do que isso, tinham regalias, defendidas pelo próprio Gael.

— Não é possível, Wilkins. Meu pai e Gael descobririam algo assim.

— A menos que... — fingiu que era difícil continuar.

— A menos que? — repetiu impaciente, esperando que ele completasse.

— Que esses traidores soubessem de todos os passos seus, do rei e do chefe de armas.

— Isto é impossível! Pouquíssimas pessoas sabem disso — Gwen negou com a cabeça, uma vez que não conseguia acreditar na hipótese aventada pelo seu noivo.

— Eu te disse que seria doloroso — ele afagou os cabelos dourados dela — O plano dos traidores teria dado certo, se não contássemos com a ajuda dessas pessoas que nos abrigam. Querida, não tem ideia do que eles passam aqui, de como vivem nas sombras e quão numerosos eles são — Wilkins deu-lhe um sorriso tímido — Estávamos prestes a sermos assassinados e vários deles surgiram. Alguns até perderam a vida para nos salvar — carregou no tom dramático e Gwen arregalou os olhos — Você, meu amor, foi atingida na cabeça e logo perdeu os sentidos.

— Mas... E Lady Macge e os soldados?

— Infelizmente eles não tiveram a mesma sorte que a nossa, sinto muito — Wilkins fingiu sentir-se mal ao dizer aquelas palavras e viu as lágrimas se formarem nos olhos da princesa — O importante é que, graças a ajuda destes bravos homens, nós estamos a salvo. Pelo menos, enquanto continuarmos aqui.

Emma observava a cena, sem ser notada, pelo menos por Gwen, já que Wilkins esperava que ela estivesse ali presenciando, pois faria sua grande jogada.

— A salvos de quem? Basta voltarmos para o reino que meu pai caçará pessoalmente o nosso inimigo — Gwen tentou ser forte, mas voltou a sentir uma dor incômoda na altura das têmporas.

— Gwen, você ficou desacordada por quase uma semana. Achei que fosse perdê-la — Wilkins voltou a abraçá-la — Seu pai... — pronunciou tão devagar que Gwen o interrompeu.

— O que houve com ele? Diga-me que ele está bem!

— Está bem, porém...

— Diga de uma vez, Wilkins! — Gwen suplicou aflita.

— Também foi engando. Abriga em seu reino a pessoa que quase deu cabo de nossas vidas — sua convicção foi a responsável pela mudança na expressão da jovem.

—Gael não seria capaz de fazer algo assim... Ele me viu crescer... — tentou adivinhar, apostando em alguém que conseguiria enganar a todos e que contaria com o apoio dos soldados.

— Não, não faria — Wilkins usou sua voz mais grave e colocou nela uma emoção que não sentia — O traidor, capaz de convencer outros homens a segui-lo não é o Gael.

— Quem mais, então? — Gwen voltou a duvidar do que ele dizia. Wilkins aumentou a pausa, provocando ainda mais suspense e depois disse de uma só vez:

— Eudine.

Gwen sorriu diante da bobagem que havia acabado de ouvir.

— Bateram na sua cabeça também? Está completamente enganado, Eudine é a pessoa em quem mais confio neste mundo. Ela é como uma irmã para mim.

— Um dos soldados feridos revelou que ela os convenceu! Gwen, eu disse que deveria ser forte — Wilkins continuou e Emma, do lado de fora, teve certeza de que para ele não era difícil mentir. Ao contrário, fazia-o com maestria.

— Isso é um absurdo! Como ela os convenceria e em troca do que a Eudine faria algo assim? — Gwen achou a acusação ridícula e leviana.

Wilkins percebeu a incredulidade, então achou que era hora de arrematar a jogada de um modo brilhante. Não sabia exatamente do que estava falando, contudo o importante é que a princesa soubesse.

— Eu queria te poupar disto, Gwen... Eudine os convenceu do modo mais baixo que uma mulher pode fazê-lo. E, segundo o soldado, ela só estava se vingando do que você a fizera passar. Ela nunca te perdoou por aquilo. Logo, foi apenas um acerto de contas.

A palidez que tomou conta de Gwen, fez com que o príncipe se segurasse para não sorrir vitorioso. Viu a moça se levantar e a este gesto, Emma teve que dar dois passos para trás para não ser vista. A culpa que Gwen carregava era tão grande que ficou evidente em sua feição que a falta, desconhecida por Emma e por ele, havia sido grave.

— Eu não tive culpa! Era para ser uma brincadeira, algo inofensivo, jamais imaginei que o cavalo fosse sair em disparada e naquela direção. E Eudine sempre cavalgou melhor do que eu... Sempre fez tudo melhor do que eu... — Gwen repetiu baixinho mais para si mesma do que para Wilkins. Mas, o príncipe ouviu.

Emma cerrou os punhos. Entendeu imediatamente o que havia acontecido: a cicatriz que sua filha ostentava poderia ter sido desenhada pela própria princesa, já que era fruto de algo muito ruim que fizera.

— Não é possível — Gwen repetiu ao tentar imaginar Eudine como mandante de uma emboscada. E, pior, não a imaginava convencendo os soldados do modo como o príncipe insinuara.

— Parece que ela se arrependeu — Wilkins continuou sentado na cama, vendo Gwen impaciente não conseguir ficar parada — Esse mesmo soldado disse que o plano final era apenas me matar. Seria um castigo e tanto para você perder o noivo! Algo que marcaria para sempre a sua vida. Se tivesse acontecido algum imprevisto, se você desistisse de viajar...

— Ou se ela tivesse me convencido a ficar — Gwen colocou a mão sobre a boca, incrédula, atônita. Lembrou-se da desculpa de Eudine de um sonho ruim, da insistência para que não viajasse, da implicância sem sentido com o seu noivo. Sem se conter, as lágrimas, que haviam se formado em seus olhos, escorreram pelo seu rosto, formando linhas que iam até o queixo. E se fossem lágrimas de sangue, talvez doessem menos do que aquelas. A princesa tentou limpá-las com as costas das mãos — Que tipo de monstro ela seria se fizesse algo assim?

— Não sei, querida — Wilkins finalmente se levantou e foi abraçá-la, ele mesmo limpando as lágrimas que, teimosas, insistiam em cruzar a face da jovem — A única coisa que sei é que esse monstro conseguiu enganar seu pai.

— Não, Wilkins! Meu pai jamais se deixaria enganar assim tão fácil. Antes de ser rei, ele é um guerreiro por natureza... Ele conhece a natureza das pessoas.

— Então, de que modo me explica o fato de ele ter anunciado para todos os seus súditos que Eudine será a nova rainha? — Wilkins concluiu sua coleção de mentiras de forma excelente, ao usar uma verdade, deixando Gwen totalmente sem palavras.

CAPÍTULO 23

A confiança do ingênuo é a arma mais útil do mentiroso – Stephen King

Quando a princesa Gweneth pediu para ficar sozinha por um tempo, Wilkins fingiu-se preocupado, porém, fez o que lhe foi pedido. Sabia que ela precisava digerir tudo aquilo, todas aquelas informações. Longe dos olhos da noiva, deixou o recinto com um sorriso no rosto. Tempo para digerir significava que ela estava tentando engolir tudo o que ele havia falado, por mais surreal que pudesse soar.

Nem bem a deixou, deparou-se com Emma, de braços cruzados e expressão aborrecida. Ela lhe fez apenas um gesto e ambos caminharam em silêncio, afastando-se o bastante para poderem conversar sem serem ouvidos.

— Você foi imprudente e insensato, Wilkins! Eu ouvi cada bobagem que disse à princesa, palavra por palavra. A sua mentira é tão frágil quanto um fio de cabelo e vou te dizer o motivo: basta ela colocar o nariz para fora dessa mina para descobrir o engano. E além do mais, tem os prisioneiros. Se ela os vir...

— Bem... — ele fez suspense e andou de um lado para o outro — Eu havia falado que talvez fosse preciso sujar as mãos de sangue...

— Está sugerindo que... — Emma incrédula, não o deixou continuar.

— Sim, começar a transformar a mentira em verdade — admitiu naturalmente — Aqueles soldados não farão falta a ninguém, além do mais, se fossem bons, não teriam se deixado capturar. E se Lady Macge estivesse sozinha naquela carruagem, o máximo que o rei Cédric faria seria lamentar seu desaparecimento. Não mobilizaria os homens de Gael. Aliás, homens

muito mal treinados.

— Eles foram enganados — Emma fez questão de recordá-lo — E seus homens eram nossos cúmplices. Os homens de Gael pararam porque acreditaram que houvesse ocorrido um acidente. Estavam dispostos a ajudar.

— Ajudar um bando de andarilhos? — ele elevou a voz, irônico — Desculpe-me Emma, mas é isto o que essa gente é — ele viu a expressão dela de quem desaprovava, mas, mesmo assim, continuou — E você está sendo muito ingênua, se acredita realmente que a intenção dos soldados era a de ajudar. O que eles queriam era limpar logo o caminho, garantir que este estivesse livre e a carruagem com a princesa chegasse logo, e em segurança, ao seu destino. E além do mais, se os homens fossem realmente bem treinados, teriam ficado em estado de alerta. Não percebe, Emma? Estaremos fazendo um bem no fim das contas, livrando-nos de uma concubina e de homens inúteis.

— Isso faria sentido, se eu fosse assassina — Emma o encarou.

— Não terá que sujar as suas mãos, Emma! Meus homens o farão com prazer, se eu ordenar. Só preciso de sua autorização, afinal você é a líder aqui, não posso fazer nada sem a sua aprovação.

— Supondo que eu autorizasse algo assim, ainda não me explicou como a princesa acreditaria que Eudine seria capaz de trair o reino...

— Quando meu pai falava sobre guerras, ele sempre dizia uma frase e eu fingia não estar ouvindo — Wilkins interrompeu-a sério — Na verdade, essas falas eram as únicas nas quais eu prestava atenção. Ele citava uma lição básica dos combates: dividir para conquistar. Todos aqueles que foram bem-sucedidos, haviam conseguido esta façanha. Se o exército for gigantesco, faça-o ser atacado em lados opostos, dividindo-o e o impedindo que combatam juntos; se houver uma fileira muito grande de arqueiros, coloque alvos em lugares distintos para que as flechas não viagem em uma única direção. Se houver amizades muito fortes... — ele juntou suas mãos, unindo-as pelos dedos — Alianças tão firmes quanto uma rocha, coloque um aliado contra o outro e espere a fenda aparecer... Depois, é só esperar e a rocha se partira em duas — ele soltou as mãos bem devagar, dando ênfase à separação, imitando, com o gesto, o fim da aliança.

— Tudo isso para dizer... — Emma se pronunciou, antes que ele se continuasse.

— Que o elo entre Gwen e Eudine é muito forte. Para eu conseguir direcionar os desejos da minha futura esposa, é preciso afastá-la de Eudine. E

não vejo maneira melhor de fazê-lo a não ser esta. Antes que me pergunte, Gwen não voltará ao castelo, pelo menos não agora. Porque a faremos acreditar que sua vida corre perigo. Ela será induzida a crer que sua querida filha seria capaz de matá-la, se descobrisse que ela sobreviveu.

— Sua segurança em falar essas sandices me espanta — Emma foi sincera.

— Eu me fingi por muito tempo de tolo, Emma, mas isso não quer dizer que um dia cheguei a sê-lo. Ainda tenho algumas providências a tomar, antes da cartada final — ele disse pensativo e Emma olhou-o, chegando à conclusão de que aquele príncipe era mais perigoso do que ela podia imaginar.

— Seja o que for que estiver planejando, Wilkins, lembre-se de apenas um detalhe: Eudine é minha filha e não permitirei que lhe faça mal.

— Não me esquecerei disto, Emma. Essa é a nossa aliança: você terá a sua filha e eu o reino que tanto desejo.



Os pensamentos de Eudine estavam a mil. Com tanta coisa acontecendo no reino, ter que lidar com o lacaio petulante do duque tivera a capacidade de enfurecê-la. Esperava sinceramente que ele repetisse o que ouvira dela para o velho e que juntos deixassem Heldroch.

Com Gwen, a quem considerava como irmã, desaparecida, a última coisa que ela admitiria era que um homem, por quem não tinha interesse, fizesse-lhe a corte. Ela dissera de forma clara para o rei Cédric sua recusa, portanto, não entendeu porque ele não a comunicou ao duque. Teria evitado o constrangimento de ter que repetir sua repulsa ao servo dele.

Esse encontro fora capaz de lhe tirar o apetite. Logo, teve vontade de se encerrar em seu quarto e não descer para jantar. Tinha a certeza de que se aborreceria. Além de não ter cumplicidade com o rei Cédric, conhecia pouco o rei Wilhelm e não queria ter o desprazer de conhecer o duque. Portanto, quando Kim bateu à sua porta, ela demorou em atender para ver se a jovem desistia. Algo que não aconteceu.

Assim, Eudine devagar se deslocou até a porta e a abriu porque desejava que aquele barulho irritante cessasse de uma vez por todas.

— Esqueceu-se do jantar?

— Não tanto quanto você esqueceu-se de que, se uma pessoa não

atende à porta, após a nossa terceira batida, não devemos insistir — Eudine se surpreendeu por ter citado algo que a Lady Macge havia ensinado para ela e para Gwen. O pensamento na princesa deixou-lhe ainda mais mal-humorada.

— Os senhores aguardam-na para começarem. Sabe, sem a sua presença, não podem se servir — Kim, mais uma vez, não souou confiante, atrapalhando-se com as palavras.

— Ah sim, agora também sou a responsável por sentirem fome! — Eudine resmungou — O duque está entre esses homens? — quis saber.

Kim pensou um pouco e só diante da pergunta se deu conta de que ele não estava à mesa.

— Não, apenas os reis e logo chegará o chefe de armas. É estranho, mas não vi o duque.

— O que chama de estranho, chamo de boa notícia — Eudine conseguiu sorrir. Então, o laçao não era assim tão inútil. Ele dera o recado e o homem, por ter um pouco de amor próprio, deixou o reino, sem que fosse preciso ela lhe dizer pessoalmente tudo o que havia mandado por recado — Uma ótima notícia. Em homenagem a ela, farei questão de descer com você — a mudança de humor fez com que Kim estranhasse, porém, não ousou questioná-la.

Nem mesmo a presença de Gael à mesa era capaz de abalar o estado de espírito de Eudine. Saber que tinha um problema a menos, era motivo para comemorar. Talvez, enquanto comesse, tivesse alguma ideia sobre como poderia ajudar Leishter.



Drystan pensou realmente em ir embora. Mesmo que Eudine não soubesse que ele era o duque, havia falado para ele tudo o que pensava sobre a atitude dele em cortejá-la. Ela deixou bem claro que não aprovava a ideia e que não nutria nenhuma simpatia por esta possibilidade.

No entanto, não era um covarde para sair do reino de modo intempestivo. Sua intenção fora rechaçada, mas isso em nada diminuía a sua amizade com o monarca do reino. Sair, sem ao menos se despedir, não era de bom tom. Além do mais, Heldroch estava atravessando uma crise e, do alto de sua experiência, não acreditava que Eudine fosse capaz de lidar com ela.

Resolvendo-se a ficar mais alguns dias no reino, Drystan arrumou-se com esmero para o jantar, colocando o melhor traje que havia trazido, no qual

era possível ver o brasão de sua família e do ducado. Devidamente vestido com um traje todo branco, que deixava a sua figura ainda mais altiva, para completar arrumou os cabelos, penteando-os para trás e com uma navalha afiada livrou-se da barba rala que havia crescido nos últimos dias. Quando estava pronto, desceu.

Estar entre dois reis não era confortável à Eudine, de modo que preferiu manter seu foco no apetite que sentia. Era a primeira grande refeição que faria após ter retornado. Mesmo se mantendo mais calada do que o habitual, percebeu que o rei Wilhelm era um homem completamente diferente do filho; por isso, pensou como era possível serem parentes e de onde ele herdara o mau caráter. Se apenas ele estivesse desaparecido, não teria motivos para ficar triste.

Era impossível não sentir a ausência de Gwen. Ela estava por toda parte. No olhar distante do rei, no lugar vazio à mesa, no silêncio que se fazia presente entre eles. Precisava fazer algo a respeito, porque não se conformava com o seu desaparecimento e muito menos com a ideia de substituí-la. Gwen — e não ela — havia sido talhada para ser a rainha. A princesa era mais atenciosa, mais cuidadosa e seria melhor pessoa para lidar com os problemas que o reino pudesse enfrentar. E, além do mais, era querida por eles, como se pertencesse a suas famílias. Eudine tinha noção de que poucas pessoas a conheciam fora do castelo e se o faziam era mais por conta de sua cicatriz do que por sua personalidade.

Estava saboreando um pedaço de cordeiro, quando Gael entrou no salão. Como estava de costas para a entrada, só pôde vê-lo, quando o homem parou diante da mesa e cumprimentou os reis, de maneira polida e extremamente respeitosa, como exigiam os costumes. Ele se desculpou com os reis, e voltando-se a ela, como se deixasse claro que ela não deveria estar ali, fez-lhe uma breve reverência. Algo que Eudine considerou mais como uma provocação, do que como um cumprimento.

— Senhores, mil perdões... Estive tratando de coisas sérias e perdi o tempo — Gael disse com tamanho prazer que Eudine entendeu que ele havia estado com Leishter e sua felicidade só podia ser referente à mais uma sessão de tortura. Se os reis entenderam o mesmo, ela não soube, mas a verdade é que não perguntaram. Gael sentou-se em frente a ela e deu-lhe um olhar desafiador, fazendo Eudine compreender que, pelo menos alguém naquele reino, era imune ao poder de seu desejo. Talvez porque o próprio já estivera

com Igraine. Quando os criados começaram a servi-lo, Eudine desviou sua atenção dele.

Acreditando que o jantar prosseguiria normal, ela não conseguiu evitar o pensamento de que se Gwen estivesse realmente viva, a única pessoa que poderia ajudá-la a descobrir seu paradeiro estava preso e talvez não sobrevivesse a sessões diárias de tortura. Começou a maquinar algo em sua cabeça, no entanto uma ideia ainda fraca, sem fundamentos, sem base... Algo que ainda não tinha um propósito.

Então, perdida em seus pensamentos, estranhou, quando Kim e os outros criados que estavam de frente para ela, fizeram uma reverência em direção à entrada. Naquele momento, mesmo sem ver a quem tais mesuras eram destinadas, teve a certeza de que o duque não havia ido embora. Engoliu em seco, achando que o homem era por demasiado audacioso, ou o lacaio um covarde que não lhe dera o seu recado. Tomou um gole de água para ajudar a comida a descer e foi quando virou a cabeça para conhecer o homem que já abominava.

Drystan percebeu imediatamente a surpresa de Eudine ao vê-lo ali. A futura rainha não conseguia esconder suas emoções por ser transparente e isso era uma das coisas que gostava nela.

Eudine, então, sentiu-se tola e ficou impressionada. O duque além de ser um homem muito mais jovem do que havia imaginado, era bonito. Sim, ele era mais velho o que ela, porém, não devia ter o dobro de sua idade. A sua surpresa não derivava somente do fato de ter se enganado quanto à idade do homem que a cortejaria, mas e principalmente, o fato de que ele havia escutado tudo o que dissera, sem jamais retrucar ou desvendar sua origem nobre.

— Achei que não estivesse bem disposto, Drystan == Cédric sorriu-lhe, assim que o duque caminhou em direção à mesa e cumprimentou os reis com elegantes reverências.

— Pensei realmente em não descer — Drystan mesmo sem olhá-la, sentiu em si o olhar de Eudine — No entanto, seria desrespeitoso de minha parte não conhecer a futura rainha — então, caminhou até Eudine e a sentiu inspirar e expirar profundamente, como se faltasse ar naquela sala. Parou diante dela, estendeu-lhe a mão e quando Eudine, hesitante, estendeu sua mão para ele, Drystan apanhou-a com cuidado e curvando-se, sem jamais perder a postura elegante, encostou seus lábios nela, de maneira breve e respeitosa, digna de um duque.

Eudine sentiu-se estranha. Foi como aquele simples toque dos lábios em sua mão tivesse o poder de queimá-la. Lutou entre a vontade de puxar a mão rapidamente e a necessidade de provar a si mesma que não se admirara com aquilo.

— Drystan Ash, duque de Gunther, aliado de Heldroch e seu servo, senhora — disse, logo que retomou a postura — Posso dizer que é um prazer finalmente conhecê-la.

— Eudine Santê — ela se apresentou — Pelo que consta, nós já nos conhecemos — Eudine, sem graça, conseguiu dizer e Drystan, olhando-a nos olhos, esperou para saber se ela revelaria a todos o fato de tê-lo confundido com um representante do duque — Afinal, você me recepcionou quando cheguei e me amparou quando perdi os sentidos — completou, fazendo-o sorrir pela primeira vez.

— Poderia ter sido qualquer um a fazê-lo. Qualquer criado faria o mesmo que fiz — frisou a palavra "criado" e Eudine sentiu agora o rosto queimar. Sim, ele, além de não desfazer o mal-entendido, agora ironizava o fato de ela tê-lo tomado por um subalterno.

— Junte-se a nós, Drystan — o rei Cédric interrompeu o colóquio particular dos dois — Vocês dois podem conversar enquanto comem.

— Sim — Drystan fez uma reverência para Eudine, antes de caminhar e escolher uma cadeira ao lado de Gael que observara a conversação dos dois, sem disfarçar seu interesse — Seria um erro fugir a um compromisso tão importante. Além de não ser todos os dias que podemos conhecer uma rainha — continuou sem tirar os olhos de Eudine — Não costumo fugir aos meus compromissos.

Eudine abaixou os olhos, para se desviar do olhar dele. Depois, pensou bem no que ele havia acabado de dizer e, pela primeira vez, conseguiu sorrir. A ideia que se desenhava em sua mente e não tinha uma forma definida ficara clara, graças à frase de Drystan. Isso porque, até ouvi-lo, não tinha pensado na solução mais óbvia para livrar Leishter das garras de Gael e convencê-lo a procurar Gwen: ajudá-lo a fugir.

CAPÍTULO 24

Antes de entrar numa batalha, é preciso acreditar naquilo pelo qual se está lutando – Chuang Tzu

Seria mentira dizer que não se impressionara em saber que o duque era o homem com quem já havia conversado por duas vezes de maneira não muito amistosa. Eudine, por sua vez, não deixou que ele percebesse o quanto a situação a fizera sentir-se tola. O restante do jantar seguiu tranquilo, apesar de ela notar, de vez em quando, Drystan a olhá-la, analisá-la. Talvez, se a ideia de que Leishter pudesse ajudá-la a elucidar o desaparecimento de Gwen não tivesse dominado seu pensamento, teria ficado irritada com aqueles olhares todos.

Nada mudava o fato de que ele estava ali para cortejá-la, contra sua vontade, ainda que fosse bonito, aliás, era o homem mais bonito que já tinha visto, com olhos cor de mel que brilhavam ainda mais quando a olhava. Tinha um rosto másculo, queixo quadrado, harmonioso sem a dureza de Gael ou a delicadeza de Wilkins. Suas medidas eram perfeitas, marcantes. Apesar de ter uma pele bem cuidada, não dava a impressão de que se importava com aquilo, como o príncipe mimado que fugia ao sol sempre que podia. O nariz um tanto afilado dava-lhe um ar atrevido, elegante e nobre. Porém, o que Eudine não conseguia deixar de notar, era a boca. O lábio inferior era um pouco mais vermelho que o superior e, como se tivesse acabado de comer uma fruta suculenta, possuía um brilho natural, convidativo. Aqueles mesmos lábios queimaram a sua mão ao encostar-se a ela. Logo, Eudine se apanhou a imaginar como seria beijá-lo. Porque, até então, só beijara Mack, mas com o cavaliço era diferente, ele não lhe causava aquela sensação, aquele impacto, afinal nunca nem reparara no formato da boca e dos lábios do jovem.

Tentou se concentrar e acabar sua refeição. Porque não podia perder tempo com pensamentos daquela natureza, aliás, nem entendia o porquê deles surgirem do nada, atrapalhando seu pensamento lógico em Leishter. Drystan podia até ser arrojado e ter atitude, algo que gostara, porém, isso não diminuía a sua discordância em ser cortejada por alguém, sem ter sido consultada a respeito disso. Se sua condição ainda fosse a mesma — dama de companhia — seria obrigada a lhe dar atenção e a ceder às suas investidas. Nesse ponto, a loucura de ser a sucessora de um trono que não desejava lhe fora providencial.

Antes que o jantar acabasse, assim que parou de se deixar impressionar pelo fato de ver o duque finalmente arrumado, Eudine já tinha decidido quais os próximos passos a dar para livrar o prisioneiro. E, para isto, precisaria, mais do que nunca, da ajuda de Hank.

Por esse motivo, pediu licença aos homens e deixou a mesa um pouco antes de o jantar ser decretado finalizado, fazendo com que os quatro homens se levantassem ao mesmo tempo e sendo seguida por Kim ao deixar o salão.

Drystan a seguiu com os olhos. Não era impressão, aquela jovem rápida nas repostas mexia muito com ele e de uma maneira que julgou não ser possível. Tocar-lhe a mão com os lábios, sentir o gosto e o cheiro de sua pele fizeram com que tivesse certeza disso. E não estava se referindo apenas à atração que sentia, era algo maior. Tinha o desejo de protegê-la porque, ainda que ela sempre tivesse aquela postura independente, ela lhe passava uma solidão, um sentimento que não conseguia explicar; como se ela, por mais inserida que parecesse naquele contexto, estivesse sempre deslocada, sempre sozinha, sem ter com quem contar. Havia pesquisado a história da jovem, antes de ir até Heldroch, e a achara muito triste; a mesma tristeza que reconheceu nos belos olhos da jovem nas oportunidades em que conversaram. Precisava, pelo menos uma vez, ver aqueles olhos brilharem por um motivo alegre. Sabia que era possível realizar tal feito e esse era um dos motivos pelo qual não conseguia desistir dela.

Gael foi o seguinte a deixar a mesa. Estivera observando o duque durante todo o jantar e tivera a certeza de que era mais um enfeitiçado pela jovem. Pouco se importaria com isso se achasse que os dois não poderiam ficar juntos. Afinal, se Drystan e Eudine tivessem um envolvimento, era bem provável que ele virasse o rei de Heldroch, seu superior direto. E o duque, sem ter nenhum poder de decisão no reino, já deixara claro que não estava de acordo com seus métodos.

Além disso, havia outro detalhe. Ele tinha perdido Avrill e não pudera contar com ninguém para desabafar que havia sentido o golpe. Ou seja, qualquer indício de felicidade alheia, quando ele, a seu modo, sofria, era intragável. Enquanto o rei só se preocupava com a filha, sem se recordar da mulher com quem, às vezes, dividia a cama, ele sentiu a pouca importância que deram ao desaparecimento da bela mulher. E, pela primeira vez, viu-se sozinho, percebendo que a companhia dela fazia falta.

Não havia demonstrações de carinho da parte dele por dois motivos: ele não era dado a tais manifestações e, ainda que fosse, não poderia manifestar seu interesse justamente pela mulher que o rei escolhera para substituir sua rainha, pelo menos em seu quarto. Contudo, gostava da cumplicidade que experimentava com Avrill. Além de bonita e educada, Avrill sabia escutá-lo. E jamais questionava sua ambição ou o recriminava por seus atos, por mais violentos que fossem. Ela entendia que alguém na posição dele tinha que demonstrar poder e isso só podia ser feito, em sua opinião, dando bons exemplos do que acontecia a todos que o desobedeciam ou faziam algo contra o reino.

Não gostava de fracassar e o desaparecimento da princesa era seu maior fracasso. Não ter capturado o homem que pilhava diversos vilarejos de seu reino era o segundo maior. Só conseguia atribuí-los à mesma pessoa: Eudine Santê. E, por isso, seu ódio por ela só fazia aumentar.



— Entendeu? — Eudine repetiu a pergunta e Kim balançou a cabeça de modo afirmativo. As duas tinham quase a mesma altura e a mesma idade. Porém, não parecia. Enquanto Eudine era ativa, andando de modo sempre ereto e com o queixo erguido, o que lhe conferia uma atitude atrevida, Kim estava sempre cabisbaixa, como se tivesse algo errado, e nisso perdia alguns centímetros. Não era propriamente bonita, tendo um rosto comum. De bonito mesmo, tinha o sorriso, que exibia pouco e um belo cabelo castanho que estava sempre preso embaixo de uma touca. A figura de Eudine perto da jovem era tão maior, em termo de impacto, que não parecia que ambas não eram nobres. Na realidade, ser camponesa, ainda era melhor do que ser filha de andarilhos, só que tal condição não era, de modo algum, percebida.

— Sim, senhora — Kim respondeu e Eudine suspirou.

— Temos a mesma idade, Kim! — não se conteve — Deixe para usar tratamentos mais elaborados diante dos reis e do duque.

— Que homem bonito o duque! — foi a vez de Kim suspirar, provocando a atenção de Eudine — E a senhora... Você — corrigiu-se rapidamente — Tomando-o por um velho! Se todo velho fosse como este... — suspirou mais uma vez — Não me importava de servi-lo.

— Que tal fazer o que pedi e parar com esta conversa? — Eudine preferiu cortar aquela conversa, pois, sem saber exatamente, irritara-se com tantos elogios para o duque.

— Sim, desculpe-me — Kim olhou para o chão sem graça, mas não havia mentido. Achara o homem bonito e ao vê-lo todo paramentado sua admiração só fez aumentar.

— Então repita o que pedi — mais pediu do que ordenou, dando por encerrado o assunto Drystan.

Kim abriu a mão, nela havia um bilhete, escrito pela própria Eudine e dobrado pelo menos quatro vezes, de modo que coubesse na palma de sua mão, quando a fechasse, sem ser percebido.

— Devo entregar isso ao filho do ferreiro...

— Ele é um soldado, Kim — Eudine fez questão de recordá-la, pois Hank não gostava de ser lembrado pela profissão do pai.

— Desculpe — Kim desculpou-se mais uma vez — Devo conseguir entregar isso ao Hank.

— E, não deve ler o conteúdo — recomendou e se arrependeu ao notar a expressão da jovem.

— Mesmo que quisesse, não poderia. Não sei ler — disse humilhada e Eudine engoliu em seco. Por momentos, esquecia-se de que havia tido uma educação privilegiada. A maior parte dos criados, assim como grande parte dos camponeses do reino, não tinha acesso à educação.

— Desculpe-me — foi a vez de Eudine se retratar — Não deve se envergonhar por esse motivo, mesmo porque, podemos resolver isso, se tiver vontade de aprender.

Pela primeira vez, viu os olhos da moça encherem-se de brilho.

— Sim, claro! Seria algo grandioso para uma pessoa como eu.

— Uma pessoa como você? — Eudine repetiu — Não há nenhuma diferença entre nós e eles — referiu-se aos nobres — Se você aprender isso, Kim, pode aprender qualquer coisa! Falaremos a respeito disso depois, agora vá — Eudine a apressou, pois sabia que, naquele momento, Hank podia ser encontrado sozinho.



Gael estava de braços cruzados, encostado a uma parede, próximo dos aposentos de Eudine. Apenas seguira a sua intuição ao achar que havia algo naquela saída de Eudine da mesa. Assim, quando viu a criada sair do quarto com passos apressados, não pensou duas vezes, antes de colocar-se no caminho dela.

— Senhor Gael! — Kim assustou-se — Aconteceu algo para estar aqui? — mal disfarçou sua confusão ao notar que o quarto do chefe de armas ficava do outro lado do castelo.

— Aconteceu — Gael percebeu a mão que a jovem trazia fechada — Quero saber aonde vai tão apressada.

— Apenas para os meus aposentos, senhor — ela mentiu e mal.

Gael olhou novamente para a mão da moça e ela, ao perceber, agitou-se.

— Deixe me ver o que traz aí — ordenou e Kim apertou ainda mais o papel nas mãos.

— Não trago nada, senhor — a voz dela saiu fraca e sem a menor convicção. A criada diante do chefe de armas era como um pardal diante de uma ave de rapina.

— Não me faça abrir sua mão à força — ele viu a moça engolir em seco, mas não se movimentar. Se fosse para todas as pessoas saberem, Eudine não teria recomendado tanto. Não queria traí-la, não após de ter ouvido a promessa de ajuda para aprender a ler.

Gael, por fim, perdeu a paciência e apanhou o pulso da criada, levantando sua mão. "Que diabos! Agora todos os servos estão se contaminando com a teimosia da dama de companhia", pensou, antes de cumprir sua ameaça e apertar a mão da moça até ela ceder e abri-la, deixando-o ver o conteúdo.

Gael, indiferente aos olhos cheios de lágrimas da criada e ainda sem soltar a mão dela, apanhou o bilhete, desdobrou-o e leu. Não exibiu nenhuma expressão, nem aprovando, nem desaprovando. Soltou finalmente a moça, voltou a dobrar o bilhete, do jeito que estava e entregou-o para Kim.

— Faça o que tem que fazer — ordenou, mas Kim estava abalada demais para entender o que ele queria dizer, então se aproximou mais dela, sentindo-a respirar mais rápido — Faça o bilhete chegar ao Hank!

Kim chegou a abrir a boca para perguntar como ele sabia, porém,

desistiu, afinal era evidente: Eudine devia ter escrito no papel. Tremendo e porque não queria que aquele homem a empurrasse ou a machucasse novamente, quase saiu correndo dali.

Gael voltou a cruzar os braços, balançando a cabeça de forma negativa;

— Vamos Eudine, dê-me apenas uma chance de acabar com você!



Estava muito cedo ainda, o sol nem havia saído, quando Garth ajudou Emma a subir na carroça. Era o dia em que visitavam alguns vilarejos, como comerciantes, trocando mercadorias e comprando algumas coisas que necessitavam, como, por exemplo, tecidos.

Emma fizera questão de ir, porque, assim, poderia ouvir mais sobre Eudine, se é que falavam sobre sua filha. Garth aceitara a companhia, porque estava preocupado com a mulher. Emma parecia mais cansada, mais preocupada e tinha notado algumas novas marcas de expressão em seu rosto. Ela ainda conservava um pouco da beleza que possuía. Tinha cabelos tão pretos quanto os da filha, mas estava magra demais, possivelmente fruto daquela vida que levavam. Porém, seus olhos não lembravam os de Eudine. Não tinham o mesmo brilho que o da filha; em vez de brilharem, eles traziam uma boa dose de desesperança.

Sempre tivera o maior respeito por ela, porque lhe queria bem e porque lhe era grato por cuidar de tanta gente, visto que ela não tinha obrigação nenhuma de fazê-lo. No entanto, a presença de Wilkins era prejudicial à sua líder e isso era evidente. Entendia o quanto queria reencontrar a filha, ainda assim isso não justificava deixar-se influenciar pelo príncipe.

No meio do caminho, Emma quebrou o silêncio.

— Wilkins quer matar a mulher que foi capturada com os demais. Acha que é o único jeito de a princesa não desconfiar. Temo que hoje seja a mulher, amanhã os soldados do rei Cédric que não pereceram, quando sequestramos a princesa.

Garth esperou que Emma acabasse de falar e ficou ruminando as palavras dentro de si, antes de se decidir como ia dizer o que pensava.

— Emma — começou sério — Você sabe, nossa natureza é andarilha. Entretanto, pela primeira vez em muito tempo, temos um teto, ainda que

improvisado, onde ninguém nos atormenta e onde estamos a salvo das tempestades, do frio que mortifica, do calor que debilita. Se você permitir que o príncipe leve a cabo seu plano, poderá colocar tudo a perder, a segurança de centenas de pessoas que estão sob sua proteção — ele fez uma pausa — E, além do mais, nós não somos assassinos. Permitir que ele mate uma mulher, nobre ainda por cima e que, segundo se diz, é a amante do rei, não pode trazer nada de bom.

— Também tenho pensado nisso, Garth — Emma admitiu e sua expressão demonstrou seu cansaço — Talvez, tenha sido um erro aliar-me a ele. Como tudo se encaixou tão bem, julguei que fosse um sinal dos céus. Não me refiro somente ao fato de tê-lo ouvido dizer, antes de conhecê-lo, o quanto odiava o rei Cédric, o quanto desejava tomar seu lugar. Estou me referindo à confiança que ele me passou quando se propôs a ouvir minha história, tratando-me como igual, quando outros teriam me expulsado da vila só por sermos nômades. Wilkins me pareceu diferente. Foi o primeiro nobre a não me olhar com desdém... Julguei que tinha encontrado o aliado perfeito. Agora, tenho minhas dúvidas.

Emma recordou-se de que o encontro ocorrera em um vilarejo perto de Nerthynd, reino de Wilkins, em uma feira, igual àquela para a qual estavam indo e onde, enquanto Garth negociava para obter alguns grãos, ela se distraía, verificando com os comerciantes, tecidos variados. Wilkins e um de seus soldados pararam junto dela. O príncipe, conforme descobriu depois, parou para ver um tecido com o qual pudesse presentear a noiva, um corte caro para um vestido elegante. E, desse modo, sem se preocupar que alguém pudesse ouvi-lo, disse o que pensava do compromisso, o quanto odiava seu reino ser subordinado à Heldroch e o quanto desejava o trono.

— Ele é ruim — Garth constatou, passando a mão sobre a barba que a cada dia ia ficando mais espessa — Está se aproveitando de seu amor materno para estender os tentáculos de suas maldades. Por favor, não permita.

— Já fizemos muitas coisas erradas, Garth. Ou acha que sequestrar uma princesa não é passível de punição exemplar? Principalmente por aquele homem horrível que é o chefe de armas. Aquele que se compraz com o sofrimento alheio; que promove espetáculos em plena praça pública para punir as pessoas, dando como desculpa que devem servir de exemplo.

— Ainda assim, que não deixe derramar sangue na mina. Há muitas crianças lá, Emma. Eles não podem crescer com demonstrações gratuitas de

violência — Garth fez questão de recordá-la.

— Tem toda a razão. Não permitirei que mate a mulher — Emma mostrou-se convicta. Assim que voltassem, diria para Wilkins desistir de sua mirabolante ideia, pois ela mesma contaria toda a verdade à Gwen.



Tarif devia ter um pouco mais de vinte e cinco anos. Ele era um jovem robusto, e parecia um pouco mais velho, por nunca ter tido tempo de se cuidar bem. Antes da mina, sua família toda fora nômade, vivendo sob o céu, cada tempo em um lugar, sendo expulsa de várias localidades por pessoas que não compreendiam seu modo de vida. Ele mesmo, quando criança, acostumara-se a não ter uma morada fixa. Ter um espaço para morar, sempre algo para comer, roupas em bom estado e uma cama fora do relento, tudo isso era novidade. Mesmo que a mina não fosse a melhor moradia do mundo, já havia se acostumado a ela. Adaptou-se até mesmo à escuridão do ambiente, no qual só era possível ficar usando tochas, até mesmo durante dia.

Tudo isso fazia com que o rapaz fosse grato à Emma, a quem respeitava como a uma mãe e por quem era capaz de fazer qualquer coisa.

Era este o jovem que tomava conta de Avrill. A ela não era permitido tirar a venda, então nunca tinha visto os olhos da mulher, nem ela os dele. Se ela enxergasse, teria visto refletido no olhar do jovem a admiração. Fora a princesa, com quem não tinha tido contato, não vira outra mulher com a pele que não fosse ressecada pelo sol, com gestos tão contidos e que mesmo ferida, comportava-se com graça.

Ele também nunca vira um corpo com aquelas curvas todas. As mulheres que moravam na mina eram, em sua maioria, muito magras; resultado de muitos anos de fome. Aquela mulher, não. Ela era saudável. Tinha formas generosas onde, nas outras mulheres, acostumara-se a ver pele e osso. Os bustos eram maravilhosos, muito redondos, deviam ser ainda mais bonitos livres do vestido.

No entanto, por mais fascínio que ela lhe causasse, jamais pensou em lhe faltar com o respeito. Porque era isso que Emma recomendava: deviam, como uma comunidade, respeitar uns aos outros. Sem distinção entre homens, mulheres, jovens ou velhos, todos deveriam ser tratados da mesma forma.

Ele limpou o ferimento dela e Avrill gemeu de dor. Estava bem

melhor agora e finalmente começava a cicatrizar. Era questão de dias para estar totalmente curada.

— Há quantos dias estou aqui? — Avrill perguntou em vão, porque o homem que cuidava dela nunca respondia. Ela sabia que era um homem pelo tamanho das mãos que a tocavam e pela pele áspera da palma de suas mãos. Além disso, conseguia sentir que, às vezes, a respiração ficava acelerada, pesada, principalmente, quando tinha que tocá-la. Não precisava estar com os olhos livres para saber que aquele homem, que não sabia novo ou velho, desejava-a.

Se estivesse bem, usaria isso para fugir dali. No entanto, ainda estava debilitada. Tinha os olhos vendados e as mãos presas, sempre atrás do corpo. Quando precisava fazer suas necessidades fisiológicas era o único momento que as mãos eram presas diante do corpo e, também, o único momento em que era acompanhada por uma mulher. Dessa, só ouvia ordens, nenhuma palavra simpática. No entanto, não era a mesma mulher que vira; com aquela nunca mais estivera. A sensação de conhecê-la de algum lugar não a tinha abandonado ainda.

Após acabar de limpar o ferimento com um pano molhado, Tarif apanhou um pedaço de pão e um copo com chá para lhe dar de comer. Tinha sido assim, todos os dias, dava-lhe as refeições na boca. E mesmo que ela não estivesse acostumada com aquele tipo de alimentação, nunca recusara.

— Eu me sinto suja — Avrill continuou — Preciso de um banho, não é possível que não tenha um lago aqui por perto. Você pode me amarrar e me vigiar, enquanto entro na água — ela foi sincera, pois se aquilo fosse possível, nem importaria com a própria nudez.

Tarif permaneceu quieto e colocou o pão na boca da mulher para que ela pudesse comer. Depois provou o chá para verificar se não estava muito quente e ajudou-a a tomar um gole generoso.

Quando Wilkins parou diante da entrada daquilo que usavam como aposento, o jovem se agitou. O príncipe fez um gesto para que ele fosse até lá. Tarif seguiu a ordem somente após ter repetido o procedimento, servindo-lhe mais um pedaço de pão e mais chá. Enquanto ela acabava de beber, levantou-se, deixando-a sozinha.

Wilkins o fez caminhar alguns passos até ficarem longe e poderem conversar sem que ela os escutasse.

— Esta foi a última refeição dela — avisou, chocando o rapaz — Leve-a até a floresta mais próxima e mate-a.

—Mas... — ele perguntaria o que Emma achava disso, mas Wilkins se adiantou.

— Emma autorizou, caso contrário eu não estaria aqui, diante de você. Compreendeu a ordem?

— Sim, senhor.

— Acha que pode cumpri-la, ou devo passá-la para outra pessoa?

— Se a Emma autorizou, cumprirei a ordem — ele disse rapidamente, mas era uma meia verdade, pois se este era o destino da bela dama, faria com que fosse rápido. Tinha medo de que outros homens não a respeitassem como ele e a machucassem ainda mais pelo fato de que ela fosse morrer.

— Então, o que está esperando? Quer que todos acordem? Vamos! — Wilkins ordenou e Tarif chegou a pular com as ordens quase gritadas — E não se esqueça, quero provas de que a ordem foi cumprida.

Ele apenas assentiu e virou-se, saindo da presença do príncipe, disposto a fazer o que fora ordenado.

Avrill percebeu seu cuidador diferente, quando ele retornou. Além de ter parado de alimentá-la, mesmo que ela ainda estivesse com fome, ele a fez levantar de modo abrupto, quase a machucando. Depois demorou um pouco, deixando-a em pé e sozinha e quando voltou, pôde perceber que ele carregava alguma coisa, talvez uma bolsa um pouco maior que uma algibeira.

Então ele apanhou em seu braço e começou a conduzi-la. Avrill pensou que seu pedido havia sido escutado e, somente por isso, teve ânimo para caminhar, mesmo com dificuldade. A falta de visão quase a fez ir ao chão por diversas vezes, mas o homem, que percebeu ser forte, amparou-a em todas as ocasiões, impedindo-a de cair.

Ela conseguiu notar que saíram do ambiente em que estavam anteriormente, quando uma brisa encontrou seu rosto. Nunca sentiu tanta felicidade ao perceber uma manifestação da natureza tão corriqueira quanto aquela.

Andaram ainda por cerca de vinte minutos. Uma descida que parecia não ter fim. Novamente seus sentidos ajudaram-na a se localizar. Sentiu o cheiro de terra molhada e intuiu que estavam perto de um lago ou rio. Só a possibilidade de se banhar, fez com que abrisse um sorriso.

O sorriso perturbou o jovem Tarif. Ninguém deveria sorrir sem saber que caminhava para a morte. Ainda mais sendo o sorriso o mais bonito que já vira, composto por dentes pequenos, todos muito brancos e não amarelados como os seus.

Fez com que ela parasse, novamente de forma abrupta.

— Não estamos ainda na água — Avrill avisou-a confusa e, pela primeira vez, ouviu a voz de seu cuidador.

— Ajoelhe-se — ele ordenou.

Avrill entendeu imediatamente o que aquilo significava e ficou sem entender, porque não fazia o menor sentido. Chegara com uma hemorragia e haviam cuidado dela, quando poderiam deixá-la morrer. Então, qual motivo agora faria com que fosse morta no meio do nada?

— Não pode me matar! — ela implorou — Não te fiz nada.

— Ajoelhe-se — ele tentou manter a calma e cumprir a ordem. E como ela não seguiu sua recomendação, apanhou em seu braço e fez com que ajoelhasse.

— Por favor! — Avrill implorou - Se tenho que morrer mesmo, por favor, deixe que eu veja esse mundo pela última vez.

Tarif pensou muito, antes de ir para trás dela e livrá-la da venda. Avrill percebeu que ainda não havia amanhecido completamente e, por esse motivo, seus olhos não demoraram a se adaptar, algo que aconteceria se a luz do sol já estivesse presente. Em seguida, ela olhou em volta. Nunca tinha visto um lugar como aquele. Era um descampado. Talvez tivesse sido uma floresta um dia, mas agora era um lugar sem vida, sem árvores, só troncos que haviam sido cortados por machados afiados. Nenhum animal, nada. Um lugar capaz de causar-lhe um frio na espinha. Um péssimo lugar para morrer. Pensou que jamais veria Gael, pensou no lugar no coração do rei, que jamais habitaria. Imaginou se aquele teria sido o mesmo fim de Gwen e de Wilkins.

De todas as perguntas que lhe passaram pela cabeça, nenhuma chegara à sua boca. Desde que pararam naquela estrada nada fizera mais sentido. Se pudesse voltar atrás, não teria acompanhado a princesa, afinal era raro acompanhá-la. Eudine era quem sempre estava com ela. Era para estar em Heldroch, muito provavelmente deixando a cama de Gael, antes que o castelo acordasse ou vendo-o fazer o mesmo: deixar seu quarto, antes que alguém pudesse descobri-los.

Manteve-se ajoelhada e quando Tarif voltou à sua posição inicial, viu-o. Era mais jovem do que imaginava. Não parecia alguém capaz de fazer algo como o que estava prestes a fazer. Dormia com Gael, sabia diferenciar olhos acostumados a matar de outros que não estavam acostumados. Pensou em implorar, só que não teve forças para fazê-lo e, também, achou que de nada adiantaria. Quando o viu se afastar e ir até uma bolsa de couro, teve certeza

disso.

Tarif apanhou uma espada e voltou. Imediatamente Avrill reconheceu que era idêntica às que eram forjadas em Heldroch e intuiu que ele deveria ter apanhado de um soldado morto. Aliás, todos os soldados deviam ter morrido e era irônico que ela fosse morrer por uma espada cunhada pelo seu povo. Espadas de soldados que eram comandados por Gael, o único homem capaz de salvá-la e que não fazia ideia de onde ela estava.

Tarif ergueu a espada, imaginando que ela fosse se encolher, fechar os olhos e desviar seus olhos do rosto dele. Porém, em vez disso, Avrill continuou olhando-o e a tradução de seu medo revelou-se por uma ação que o rapaz não esperava: ela, ainda que silenciosamente, começou a chorar.

CAPÍTULO 25

A grandeza exige sacrifícios – Friedrich Schiller

I - O que aconteceu na madrugada, que não se viu...

Exatamente do modo como sugerira no bilhete que lhe fora entregue, quando todo o castelo dormia, Hank fora até os aposentos de Eudine. Ela não só estava acordada, como também estava ansiosa. Receoso, o soldado entrou somente após ter certeza de que ninguém o vira.

— Eu ainda não sei o motivo pelo qual me arrisco tanto! — o rapaz disse assim que fechou a porta atrás de si.

— Talvez lealdade? Amizade? — Eudine o provocou e seu amigo respondeu com uma careta. Apesar de parecer mais novo do que era, Hank era um ótimo soldado, porém, mais do que isso, além de Mack, era seu único amigo no castelo. Apesar de ser bonito, com seus cabelos dourados e olhos levemente puxados, e bem mais forte do que ela, Hank nunca havia lhe faltado com o respeito, nem levado vantagem, quando treinavam juntos. Além disso, jamais a subestimou ou lhe dirigiu algum tipo de gracejo que demonstrasse poder estar interessado nela. Isso foi o suficiente para conquistar sua amizade.

Não que o rapaz fosse indiferente à beleza de Eudine, afinal ele não era cego. Nesse ponto, pensava do mesmo modo que Mack: nem mesmo a cicatriz era capaz de deixá-la feia. No entanto, Hank sabia que a beleza era um detalhe, a característica mais marcante de Eudine sempre fora a personalidade. Ela era obstinada, persistente e dona de uma força que ele próprio invejava. Nenhuma outra garota teria aguentado treinar tanto e às madrugadas. Nenhuma outra garota teria solicitado que ele combatesse com

ela do mesmo modo que combatia com outros soldados, sem tratá-la com excesso de zelo.

— Se a minha vida depender de uma espada, você poderá me garantir que me ensinou tudo o que sabia? — ela havia interrompido o treino certa vez, furiosa, pelo fato de o amigo não estar combatendo como faria se estivesse diante de outro rapaz — Porque se você dosa seus golpes para me poupar, está mais me prejudicando do que me ajudando. Ou acha realmente que, se um dia for preciso empunhar uma espada, o meu oponente vai lutar cheio de cuidados porque sou mulher?

E depois disso nunca mais a poupara de nada e foi com orgulho que Hank a viu se utilizar da velocidade para vencer sua força. Eudine era uma aluna aplicada, tanto que, na última vez que lutaram, ela o ferira.

Por outro lado, boa parte de seu sucesso vinha de sua teimosia. Uma vez que colocasse algo na cabeça, nada seria capaz de demovê-la. E ele era capaz de apostar sua vida, que aquele olhar, que ela sustentava naquele momento, era indício de que ela já havia tomado a sua decisão sobre alguma coisa e o chamara para fazê-lo saber sobre do que se tratava.

— É mais arriscado estar em seu quarto agora do que antes — Hank tentou se explicar observando o quarto simples, apesar de possuir uma cama que parecia muito mais confortável que a dele — Esperava mais de um quarto da realeza! — continuou sua inspeção com o olhar, andando pelo quarto, enquanto Eudine, sentada na ponta da cama, olhava para ele, de braços cruzados. Ainda estava com a mesma roupa que descera para jantar, afinal dormir não estava nos seus planos, pelo menos não tão cedo.

— Não seja tolo, este é o meu quarto de sempre! — Eudine aborreceu-se. Era tarde e ele estava fazendo com que perdesse seu tempo.

— Tudo bem, diga-me em que posso ser útil, futura rainha! — ele devolveu a provocação e Eudine, apesar de fuzilá-lo com o olhar, resolveu ir direto ao assunto.

— Leishter não tem nada a ver com o desaparecimento da Gwen. Era o homem errado no lugar errado...

— No caso, o lugar errado era estar ao seu lado, Eudine — Hank parou de andar pelo quarto e se encostou à parede próxima de onde ela estava.

— Sim — ela concordou — E não consigo compactuar com nenhum tipo de injustiça...

— Eudine não aja como se estivéssemos falando de um coitado.

Leishter já pilhou muitos lugares e roubou muita gente inocente que não tinha como se defender. Está bem longe de ser um herói.

— Tenho plena consciência disso, ser ladrão não o faz culpado pelo sumiço de Gwen! Será que não vê? Gael o está usando para mascarar sua incompetência. Acontece que ele estava próximo à Montanha da Morte; logo, a menos que fosse algum mago ou bruxo, não conseguiria estar no local em que os destroços da carruagem foram encontrados.

Hank ficou pensativo e Eudine continuou.

— Vamos, Hank, você pode ser tudo, menos burro.

— Tudo bem Eudine, aceitando que esteja certa, não podemos fazer nada! — ele a encarou.

— E aí que se engana — a resposta foi imediata e Hank não teve certeza de que desejava ouvir o restante. Sabia que ela diria seria sinônimo de confusão — Leishter é a única pessoa capaz de encontrar Gwen.

— Está louca Eudine! Está querendo ajudá-lo a fugir? — Hank indagou incrédulo — E a essa altura a princesa...

— Não se atreva a dizer isso! — Eudine impediu que o amigo concluísse a frase — Não é porque todo reino desistiu dela que eu vou desistir! Ela está viva, Hank!

— Como pode saber disso, Eudine? Por acaso, enquanto estive na montanha, pediu algum poder desse tipo também?

— Eu sei. Eu sinto. E isso me basta — Eudine respondeu com uma convicção assombrosa.

— A fuga de Leishter é muito arriscada, não percebe? — ele saiu de onde estava e sentou-se ao lado dela — E seria impossível. Gael o vê todos os dias...

— Ele o tortura todos os dias — Eudine o corrigiu.

— Que seja! Quis dizer que o homem de confiança do rei não deixará que seu prisioneiro mais importante escape.

— As passagens, Hank! — Eudine fez questão de lembrá-lo — Se ele usar as passagens poderá escapar.

— O homem é muito maior do que eu, ele sufocaria naquele lugar claustrofóbico — Hank balançou a cabeça negando.

— Pois, eu aposto que, ainda assim, ele tentaria — Eudine insistiu.

— Supondo que eu concordasse com essa sandice. Por que acha que Leishter cooperaria com você, após estar solto? — tentou ser lógico, propondo uma pergunta para a qual julgava que Eudine não teria resposta.

— Porque ele me deve. Se eu ajudá-lo mais uma vez, aumentará ainda mais sua dívida para comigo.

Hank não conseguiu evitar o riso.

— Está supondo que um bandido tenha honra?

— Não — virou-se para olhar nos olhos do amigo — Estou afirmando.

— Por quê? Vai me dizer que também sentiu isso? — sem querer ele soou debochado, porém, Eudine não se deixou abater.

— Estive junto dele por pouco tempo, tempo suficiente para afirmar que ele não é tão ruim quanto dizem — continuou, obstinada.

— E por essa impressão vai colocar o reino em risco? — Hank quis saber.

— Se isto significa colocar as coisas no lugar, encontrando a Gwen, então a resposta é sim. Basta saber se vai me ajudar ou se vou ter que procurar outros aliados...

II

A visita à cidade concretizou tudo aquilo que na mente de Emma era abstrato: Eudine seria a rainha e o povo, sem a conhecer, devotava-lhe uma estranha idolatria, após ela ter capturado Leishter. Inclusive, havia ouvido tantas histórias a respeito de como se dera a captura do malfeitor, que se podia jurar que as pessoas foram testemunhas oculares do acontecido.

— Está bem, Emma? — Garth preocupou-se ao ver a feição da mulher. Ela estava chocada com tudo o que ouvira. Pessoas falando de sua filha como se a conhecessem, aumentando em muito o feito de ter chegado ao reino na companhia de Leishter.

— Apenas um pouco cansada — Emma não conseguiu achar a palavra certa para definir o que estava sentindo. Era tudo, menos cansaço. O povo se deixava levar muito facilmente e do mesmo modo que elegia seus heróis e heroínas, podia destruí-los, caso fosse convencido a isso. Essa instabilidade a deixava enojada.

— Espero que consiga descansar, durante a volta — Garth entendia que ouvir o povo falando de Eudine como a futura rainha, deixava-a mais distante da filha e isso a torturava. Do mesmo modo, sabia que Emma temia que algo desse errado e revertisse a aura que transformara Eudine em uma espécie de benfeitora do reino.

Por esse motivo, entendeu o silêncio durante todo o trajeto de volta. Garth tivera, em várias ocasiões, vontade de perguntar o porquê ela não se apresentava à Eudine e dizia a verdade. Tão pura e simplesmente. Sabia que a natureza daquela mulher não era ruim e, mesmo apoiando-a e sendo seu braço direito, não entendia o motivo pela qual ela se deixara levar por uma sede de vingança. Fora esta sede que dificultara a aproximação entre mãe e filha e que os levara a cometer um sequestro, do qual, Emma já começava a se arrepender.

A calmaria da viagem foi interrompida ao chegarem próximos da mina. Emma viu uma aglomeração junto da entrada e não entendeu o que poderia ter acontecido. Se os homens de Cédric os tivessem descobertos não haveria ninguém ali, portanto, descartou essa hipótese. Garth teve dificuldade em domar os animais, pois estes ficaram agitados. Teve que usar um pouco mais de força para fazer com que eles parassem. Logo que conseguiu, desceu na frente, para se assegurar que os cavalos permaneceriam parados enquanto Emma descesse.

Emma ergueu um pouco o vestido que usava e conseguiu descer sem dificuldades. Aproximou-se da aglomeração.

— O que houve aqui? — apreensiva tentou entender a situação.

Ao ouvirem sua voz, homens, mulheres e crianças abriram o caminho para que ela visse o motivo de tamanha agitação. Havia uma poça de sangue na entrada principal da mina. Algo que tinha o efeito de deixar os moradores assustados e em estado de alerta.

Imediatamente Emma recordou-se do plano de Wilkins e caminhou apressada em direção à entrada, desviando-se para não sujar seus sapatos. Não acreditava que ele tivesse feito algo sem a sua aprovação. Ajustando a vista à escuridão do lugar, passou direto para o local onde Avrill deveria estar. Encontrou o aposento vazio.

Cada vez mais nervosa, saiu em busca de Wilkins. Foi encontrá-lo velando o sono de Gwen que havia acabado de adormecer. Por muito pouco ela não acordou a princesa, com sua entrada intempestiva. Wilkins foi mais rápido, conduzindo Emma para fora do aposento.

— Ainda não está na hora dela te conhecer — ele a levou, de modo delicado e eficaz, para longe, onde podiam falar sem serem ouvidos pela princesa — Amanhã, acredito que seja melhor. Falei muito sobre você hoje. Entretanto, ainda não é hora de vê-la, Gwen já está se acostumando à ideia de que te deve a vida.

— Eu quero saber onde está a outra mulher! — Emma ignorou-o e exigiu furiosa. Diante do silêncio de Wilkins teve vontade de sacudi-lo.

— Ela não é mais um problema — ele respondeu tão natural e foi surpreendido pela reação de Emma que lhe desferiu um tapa no lado esquerdo da face, mal ele acabou de falar. A pancada foi tão forte que Wilkins virou o rosto. Ele demorou um pouco para se recompor, pois seus olhos faiscavam de ódio.

Como aquela mulher ousava tocar-lhe daquela maneira? Sua vontade foi pagar na mesma moeda, no entanto teve que se segurar, pois ainda precisava dela. Depois, pensou que deixaria para se vingar quando estivesse com Eudine. Faria com que a filha pagasse pelo desrespeito da mãe. Conseguindo conter sua vontade, voltou-se para ela, encarando-a novamente.

— Você me desobedeceu! Eu não te dei permissão para isso! — Emma praticamente bufou.

— Não podíamos esperar mais — ele teve um autocontrole tão grande que sua voz saiu firme, como se não tivesse acabado de sentir o peso da mão daquela mulher em seu rosto e o local atingido não estivesse vermelho e ardendo — Não com Gwen acordada.

— Você é muito burro, Wilkins! Há uma poça de sangue na entrada da mina. Há crianças olhando para aquilo, com medo do que possa significar! Tinha realmente que macular o lugar em que vivemos?

— Não fiz nada. Imaginei que Tarif fosse levá-la mais longe... — ele começou, mas foi interrompido.

— Tarif? — Emma não escondeu sua incredulidade — Não me diga que o induziu a isto! Tarif não é assassino.

— Não era, você quer dizer — ele a corrigiu — O importante é que o rapaz sabe seguir ordens e fez exatamente o que eu esperava dele. Aliás, o que você esperava que ele fizesse.

Emma lançou-lhe um olhar cheio de raiva e de arrependimento. Só agora percebera o quão perigoso era o príncipe e que ele só fazia o que desejava. Não o perdoaria por levar para a mina o cheiro de morte e por induzir um rapaz de bem, como era Tarif a se tornar um assassino. Sem conseguir olhar para o rosto do príncipe, porque cairia na tentação de bater nele novamente, deu-lhe as costas e foi procurar o jovem. Queria saber o que aconteceu.

Não demorou muito a encontrá-lo. Tarif estava em sua acomodação. Havia apagado a tocha e como um animal acuado estava sentado encolhido,

segurando os próprios joelhos, com o rosto voltado para a parede. Emma recuou para apanhar uma tocha e assim que o fez, voltou para iluminar o lugar. Não precisou de muita claridade para perceber duas coisas: ele estava em estado de choque e suas mãos, assim, como a sua roupa, estavam sujas de sangue.

— O que fez Tarif? — estava decepcionada com o jovem a quem queria como se fosse da família.

— A sua vontade, Emma — sua voz saiu estranha — Que o príncipe me participou. Disse-me que era o que desejava que eu fizesse e sabe que jamais deixaria de cumprir uma ordem sua!

Emma tentou dizer algo, que não ordenara nada, mas não conseguiu. Da mesma maneira, não conseguiu evitar as lágrimas diante daquela cena. Fazia tanto tempo que não chorava que se assustou com a própria reação, principalmente por descobrir que ainda era capaz de outras emoções, além do desejo de se vingar.

Recriminar o rapaz não adiantaria. Afinal, ela não deveria ter deixado Wilkins sozinho na mina. Ou seja, a mão de Tarif podia estar suja de sangue, mas a culpa era dela. Ela que trouxera a morte para o seio de sua comunidade e esta portava um título de nobreza. Saiu de lá, abalada. Precisava buscar água para limpar o jovem.

Assim que se viu sozinho, Tarif fechou os olhos. Estava perdendo muito sangue, não sabia quanto tempo mais aguentaria. Porém, ferir-se e chegar todo ensanguentado fora a única forma de fazer o príncipe acreditar que tinha ido até o fim. Dissera ao príncipe que desferira o primeiro golpe em Avrill, logo que os dois saíram da mina, por isso a quantidade de sangue na entrada. O príncipe estranhara o fato de demorar tanto para retornar, ao que Tarif respondeu que precisou enterrar o corpo.

Mesmo tendo considerado o rastro de sangue um deslize, Wilkins havia acreditado em tudo o que ouvira e não fizera mais perguntas. Tampouco olhara para o jovem. Se tivesse prestado mais atenção teria percebido sua palidez e que pressionava a lateral do corpo, onde havia enterrado um punhal, fundo o suficiente para poder sujar as mãos e a roupa de sangue, simulando ser de Avrill o sangue que era seu.

Talvez, não demoraria muito até ele perder o sentido. No entanto, precisava aguentar um pouco mais. O suficiente para que Avrill tomasse boa dianteira. Assim, quando todos, inclusive o príncipe, percebessem sua mentira, seria muito difícil alcançá-la.

CAPÍTULO 26

O perigo desaparece quando ousamos enfrentá-lo – François
Chateaubriand

A sensação que tinha ao correr era a de que seu coração sairia pela boca. Aliás, ouvia o modo como ele batia, como se fosse uma música altíssima em ritmo acelerado. Medo, era este o sentimento que a fizera correr de maneira desatinada. Mesmo com dor, mesmo ofegante, não podia parar; ainda que não soubesse para onde estava indo, não conseguia pensar em parar. Temia que o jovem mudasse de ideia. Ele estivera muito próximo de matá-la, porém, no último momento, arrependeu-se. Talvez, suas lágrimas tivessem feito a diferença, ou, e acreditava mais nesta possibilidade, ele não era alguém acostumado a matar.

— Vá, está livre! — ele abaixara a espada — Só peço que tenha cuidado; principalmente com os que te cercam — completara e ela não conseguiu desvendar o que ele quisera dizer com aquilo. Também não ousou perguntar sobre o príncipe e a princesa. O ferimento, que estava cicatrizando, doeu um pouco, forçando-a a diminuir a velocidade até parar. Aquele lugar era medonho: uma floresta morta: troncos de árvores cortados, nenhum animal, nenhum som. Já perdera a noção de quanto estivera correndo, mas as paisagens eram tão iguais que poderia estar repetindo os lugares se, por exemplo, estivesse correndo em círculos.

O desejo de tomar um banho, que havia desaparecido diante do medo, surgiu mais uma vez. Foi quando percebeu não mais sentir o cheiro de terra molhada, deixando claro que não andara em círculos, tendo se afastado de onde quase perdera a vida. Estava suja, não cheirava bem... Se alguém a

encontrasse, e considerando que essa pessoa fosse de boa índole, talvez se recusasse a ajudá-la, porque naquele momento ela parecia qualquer coisa, menos uma mulher vinda de família nobre. Se, por outro lado, caísse na mão de algum bandido, aí seria o seu fim.

Inspirou e expirou lentamente, tentando dominar o medo e pensar. Continuaria andando, até encontrar uma habitação. Lá pediria ajuda e tentaria descobrir onde estava. E, uma vez feito isso, voltaria para Heldroch de alguma maneira, pois tinha que avisar ao rei Cédric do perigo ao qual a filha estava exposta, isto é, se ela ainda estivesse viva. Lembrou-se dos detalhes da feição da mulher que parecia liderar aquela gente e jurou a si mesma que faria a sua descrição perfeita para que Gael e seus homens pudessem varrer todo o reino, até encontrá-la. Achava que, com as informações que daria, os lugares para o exército procurar seriam infinitamente menores. Afinal, podia estar muito diferente, sendo adaptada para abrigar um contingente numeroso, mas tinha recebido a informação de que se tratava de uma mina abandonada, logo não seria tão difícil que fosse localizada.



— Estive pensando, Cédric — o rei Wilhelm olhou diretamente nos olhos de seu interlocutor — É hora de voltar para o meu reino. Já fiquei tempo demais. Tem uma rainha pesarosa e um povo estarrecido que precisam de mim. Era para estarmos aqui em seu reino, em ocasião festiva... — não conseguia se conformar. Estava sentado diante do rei e juntos discutiam como prosseguir, depois de tamanha tragédia, afinal a vida dos reinos não parava.

— Sei como se sente — Cédric compartilhava da mesma tristeza — Tiraram meu raio de luz, a única lembrança que minha Maeve me deixou. É como se eu perdesse a minha rainha de vez agora!

— Pelo menos, botamos a mão no sujeito responsável pelo nosso sofrimento! Acredito que deva pagar com a vida pelo que fez.

— Penso do mesmo modo. Antes, gostaria de saber dele o que fez com a minha filha, onde está seu corpo, quero lhe dar as honras que merece. Embora o sujeito não diga uma palavra, mesmo diante dos métodos severos de Gael.

— Até hoje me espanta que um tipo desses tenha se deixado capturar por uma jovem como Eudine — o rei Wilhelm comentou intrigado.

— Estava ferido, Eudine pode ser bem menor do que ele, mas é inteligente. Sempre foi. Maeve a adorava como uma filha e nunca me perdoou pelo que eu fiz. Eu também nunca me perdoei por ter magoado a minha rainha. Por isso, nunca consegui ser próximo da jovem. Porque olhar para Eudine lembrava-me a minha falta, o meu egoísmo e a decepção com que Maeve descobriu-os em mim. Porém, nunca a quis mal, nem a privei de nada, nunca fiz diferença entre o que era oferecido para Gwen e para ela. Então, talvez, ela se tornar rainha repare um pouco o mal que causei.

— Uma rainha sem rei transformará o reino em um chamariz para os invasores — Wilhelm recordou-o das palavras de Drystan — A última vez que espadas foram erguidas havia uma sucessão de trono envolvida — fez questão de lembrá-lo.

— Sim, eu me recordo perfeitamente. Mas, não se repetirá.

— É evidente que ela rejeita o duque, não precisa ser um entendido em mulheres para perceber isso — Wilhelm insistiu — Não desejando que aconteça, no entanto já imaginou se você vier a faltar? O que será do reino?

— Depois da morte de Gwen, tenho pensado nisso constantemente. Gael jurou proteger o reino e eu acredito em sua palavra. Ele não quebrará a promessa, mesmo depois de eu ter partido.

— Se ele é o seu homem de confiança e Eudine rejeita o duque, você poderia...

— O que? — Cédric não entendeu a sugestão.

— Do mesmo modo que decretou que o trono seria de quem trouxesse Leishter, decretar que se a rainha não estiver casada quando morrer, que deverá desposar o chefe de armas.

— Não sei, Eudine é voluntariosa, jamais concordaria com algo semelhante. E, também, minha Maeve não aprovaria, pois Gael foi o homem que a tirou de sua família.

— Eu entendo o seu receio, Cédric e seu apego ao passado. Às vezes, temos que pensar no que é melhor para o reino, enxergar o futuro. Eu, por exemplo, ainda não sei como proceder sem o meu Wilkins. Não há um parente próximo de sangue e dos mais distantes nenhum que preste, ou decido a sucessão ou abandono meus súditos à própria sorte. E quanto à concordância da jovem, você tem razão, como pessoa, talvez, ela não concorde. Mas, como rainha terá que seguir as leis do reino.

— Não há nenhuma lei que diga isso — Cédric fez questão de enfatizar.

— Meu caro, você é o rei, logo, você é a lei — a declaração de Wilhelm deixou o monarca meditativo.



Eudine caminhou devagar, pensativa. Neste dia, inventara um mal-estar para não comparecer às refeições. Kim acreditou nela e levou comida em seu quarto, para que, forçando-a a engolir um pouco ao menos, ela se restabelecesse o quanto antes. Só saiu dos aposentos de Eudine, quando a viu comer um pouco o que trouxera do almoço.

A dama não ousou lhe contar sobre Gael, pois temia aquele homem como se ele fosse a representação do mal na terra. Sabia o quão cruel ele podia ser e tinha medo de ser sua próxima vítima. Também não dissera a boa impressão que o filho do ferreiro lhe causara. Nunca tinha falado com ele antes e, mesmo sem conhecê-la, ele fora educado e paciente com ela ao receber o bilhete. Perguntara se ela estava bem, por achá-la agitada. Ela havia respondido que sim, um tanto encantada por alguém realmente parecer se preocupar com ela.

Assim que se livrou da dama de companhia, Eudine começou a pensar em sua situação. Sorriu sozinha: uma dama de companhia que tem uma dama de companhia e que logo mais será rainha. Era muita loucura. Queria poder voltar à montanha e perguntar à Igraine, onde errara. Ela pedira, de modo geral, para ser respeitada e ter as opiniões acatadas, não que um trono caísse em seu colo. Aquele lugar era de Gwen, não dela. Não fora talhada para convenções, medidas e discursos bonitos. Ela tivera a oportunidade e dispensara esse ensino aborrecido. Sempre quis aprender outras coisas que, segundo os costumes, não eram de bom tom que uma moça aprendesse.

Caminhou em direção ao estábulo, desde que chegara não tinha conversado direito com Mack. Além de lhe ter um carinho, que não chegava a ser amor, ela sabia que qualquer plano que fizesse, só daria certo se contasse com a ajuda do cavaleiro. Sem ver o jovem, foi caminhando entre as baias dos animais, detendo-se diante daquela em que estava o cavalo com o qual fugira do reino. Passou a mão na crina do animal que se manteve calmo diante de seu toque, mostrando que a cumplicidade que criaram ainda existia.

— Ah, Melt! — acariciou o animal — Precisava tanto da Igraine, agora! Mesmo com suas frases que eu não entenderia, tenho certeza de que

ela me ajudaria — suspirou — Talvez esteja obcecada, porém, eu sou o que sinto e só consigo sentir que a Gwen não morreu.

— Então, tem mesmo por costume falar sozinha? — a fala de Drystan assustou Eudine, que se virou para encará-lo. O duque não havia escutado o que ela conversava com o cavalo, ainda assim não quis perder a oportunidade de falar com ela. Acreditava que ela havia se ausentado das refeições para não vê-lo e teria até respeitado essa vontade, se ela não aparecesse no mesmo lugar em que ele estava.

— E você, o costume de seguir as pessoas? — Eudine respondeu com outra pergunta, encarando-o, algo que Drystan considerou bem típico dela.

— Não a segui — ele falou calmamente. Ele não estava todo paramentado como a noite anterior, mas mesmo com uma roupa própria para montaria, sua figura era impressionante. Eudine se perguntou o que estava acontecendo com ela, porque agora não conseguia deixar de prestar atenção nele — Se estivesse mais atenta, veria que eu estava com Ilid — apontou seu cavalo a algumas baías de distância — Voltamos há pouco. E, além do mais, por que eu a seguiria? — manteve seus olhos fixos nos dela.

— Talvez porque eu não o tenha visto hoje — Eudine sugeriu, olhando-o dentro dos olhos.

— Quer dizer que foi proposital? — ele sorriu — Eu te causo até mal-estar?

— Não diga bobagem, não falei isso — ela o corrigiu — Só disse que talvez estivesse querendo forçar uma situação.

— É uma pena que me conheça tão pouco — seguro se aproximou um pouco mais e, estando mais perto, a diferença de altura entre os dois a incomodou um pouco — Eu não forço coisa alguma.

Eudine sorriu, discordando.

— Sua estadia aqui, parece-me fruto dessa “coisa alguma”.

— O que eu te fiz exatamente? Porque, parece que tem algo pessoal contra mim. E eu não entendo se mereço esse seu tratamento hostil.

— Diretamente não me fez nada — ela admitiu — Indiretamente, faz com que eu me sinta um objeto que pode ser passado de uma mão para a outra, com a maior facilidade.

— Não a vejo como um objeto — ele foi sincero — E, se fosse assim como você diz, eu já teria conseguido o que quero, não acha?

Com "o que quero" ressoando aos seus ouvidos, Eudine baixou os olhos pela primeira vez, incapaz de sustentá-lo diante daquele homem.

Contudo, para não parecer abalada, voltou a encará-lo, segundos depois.

— Discordo mais uma vez, se ainda fosse uma mera dama de companhia, você já teria clamado por seus direitos. As coisas mudam um pouco, quando se é cotada para assumir o trono.

Foi a vez de Drystan desviar o olhar, só que para balançar a cabeça negativamente, sem acreditar naquilo que tinha acabado de ouvir. Descobriria o que Eudine pensava dele e não gostou.

— Do que tem medo, Eudine? — quis saber, assim que voltou a olhá-la.

— Medo? — ela agiu como se tivesse sido desafiada.

— Sim — ele cruzou os braços a esperar que ela dissesse alguma coisa.

— Está enganado, duque! — Eudine cruzou seus braços, também, nervosa — Eu não tenho medo de absolutamente nada!

— Não é o que me parece — deu mais um passo em sua direção — Mesmo que não queria, vou te dizer o que parece. Parece que tem medo de que alguém goste de você do jeito que você é, sendo dama, rainha ou estalajadeira. Tem medo de admitir que, talvez, estar ao lado de alguém pode ser melhor do que estar sozinha. E, principalmente, tem medo de um sentimento dessa natureza, pois nunca o conheceu.

Eudine engoliu em seco, sem palavras. Quando o duque aproximou-se mais, pensando que ela daria um passo para trás, ela se manteve no mesmo lugar, de modo que ficaram muito próximos. Se ele achava que ela sentia medo dele, provaria o contrário, encarando-o.

— Tem certeza de que o seu ducado não precisa de você? — ela quebrou o silêncio, mas Drystan continuou quieto, olhando para os lábios da jovem. Aquela garota tinha o dom de mexer com todos os seus hormônios. E toda a resposta rápida que ela dava, só fazia com que tivesse vontade de, pelo menos uma vez, calá-la, dando outra ocupação para aqueles lábios.

— Está me mandando embora? — ele quis saber, desviando seus olhos da boca da jovem e fixando-o em seus belos olhos.

— Estou apenas perguntando se o seu povo não precisa de você — Eudine incomodou-se com o modo como ele a olhava.

Drystan não se conteve e descruzou os braços, estendendo a mão para tocar no rosto dela. Como Eudine não esperava o gesto, teve o impulso de se afastar, entretanto se conteve, porque não queria que ele descobrisse que tinha o poder de desestabilizá-la. Em todo caso, sentir o toque do homem em

seu rosto, no lado oposto ao da cicatriz, deixou-a sem ação. Ele acariciou sua face e Eudine sentiu-se arrepiar. Quando Drystan alternou o lado das carícias, refazendo com o dedo o caminho da cicatriz, ela teve que fazer muita força para não virar as costas e sair.

— Se é o que quer — o tom de Drystan foi carinhoso, sem parar o que estava fazendo — Irei embora daqui a alguns dias. Aí não precisará se ausentar das refeições só para não me encontrar.

— Está se dando muita importância, duque — Eudine conseguiu dizer, querendo que ele parasse de acariciá-la daquela forma, porque estava muito difícil se concentrar e manter aquela conversa.

— Drystan — ele a corrigiu, finalmente parando de contornar a cicatriz e segurando no queixo dela, algo que a surpreendeu novamente — Qual a dificuldade em dizer o meu nome? Quem está diante de você é o homem, não o título.

— Nenhuma dificuldade — Eudine quis convencer a si mesma de que era fácil suportar ficar tão a mercê de alguém como estava agora. Então, quando percebeu que ele a beijaria, por mais que quisesse mostrar que não desejava o mesmo que ele, ela fechou os olhos. Drystan sorriu e foi se aproximando lentamente. Quando finalmente ia colar seus lábios na boca bem feita da jovem, uma voz os interrompeu.

— Este não é o lugar mais indicado para fazerem isso! — Mack os advertiu e Eudine, ao ouvir a voz do cavaleiro, abriu os olhos como se saísse de um transe — Acho que deviam deixar os animais descansarem!

Drystan soltou-a e se virou para o cavaleiro. O rapaz estava segurando um balde cheio de ração. Eudine fez o mesmo e entendeu o olhar magoado que ele lhe dedicou.

— Vocês estão atrapalhando o meu trabalho! — dirigiu-se mais para Eudine do que para o duque — Sei que posso estar sendo desrespeitoso, entretanto só estou pedindo que respeitem aos animais e ao meu local de trabalho.

— Tem toda a razão — Drystan falou calmamente, sem acreditar no que quase teria acontecido se não tivessem sido interrompidos — Preciso começar a providenciar meu retorno para Gunther! — declarou, antes de olhar para Eudine, cumprimentá-la com um leve mover de cabeça e começar a caminhar em direção ao castelo.

Eudine, meio atordoada, deixou que ele se afastasse. Mack estava lá, parado, com a expressão carregada. Ela caminhou até ele, sentindo-se

estranha. O jovem olhou para o chão, diminuído.

— Mack... — Eudine começou.

— Não precisa, Eudine. Eu entendi. As coisas mudaram — falou pausadamente, como se tivesse dificuldade para fazê-lo — Não cabe à futura rainha estar com um coxo — ele deu as costas para ela e começou a andar puxando a perna, como se ela pesasse uma tonelada e foi colocando a comida para cada um dos cavalos que lá estavam.

— Não diga isso, Mack — Eudine caminhou atrás dele — Será que pode parar e falar comigo? — ela quis ordenar, mais a frase saiu como um pedido. O rapaz parou contrariado, virou-se para ela e disse:

— Nada do que me disser vai apagar o que eu vi; então poupe seu discurso. Você me prometeu que voltaria e voltou. Só se esqueceu de me avisar que mudaria tanto.

— Não mudei, sou a mesma pessoa — Eudine protestou.

— Ainda que seja, tem algo que nunca vai mudar — ele a encarou.

— O que? — Eudine nunca o tinha visto tão magoado com ela.

— Você nunca vai olhar para mim do jeito que olha para o duque — ele concluiu e virou-se — Agora, deixe-me trabalhar — e dessa vez se afastou, deixando Eudine plantada no meio do estábulo, confusa com tudo o que havia acontecido e frustrada por não ter feito o que havia se proposto ao ir até lá.

CAPÍTULO 27

O altruísmo e a coragem não são tão diferentes assim – Veronica
Roth

Se a intenção era a de ganhar tempo, Tarif cumpriu sua tarefa, pois, Emma só descobriu o seu real estado quando voltou, trazendo consigo água e um pano para limpá-lo.

O rapaz estava sentado em sua cama, sem forças, prestes a perder os sentidos. Emma percebeu sua palidez, no entanto, até se aproximar dele, pensou que fosse fruto de seu estado de choque. Quando, porém, deu mais dois passos na direção do rapaz, pôde ver a quantidade de sangue. Imediatamente percebeu que o sangue na entrada da mina não era da mulher e sim dele. Se o seu coração bateu aliviado por saber que ele não era um assassino, bateu aflito ao perceber que se não fizesse nada, o rapaz morreria diante de seus olhos.

— Pelos deuses, Tarif! O que você fez? — ela se aproximou e sentou-se ao lado dele. Sem pedir licença, ergueu sua camisa ensopada de sangue e não foi preciso muito esforço para localizar o ferimento — Quão fundo foi? — precisava saber, pois dependendo da resposta não adiantaria apenas pressionar o lugar para estancar o sangramento.

Tarif balbuciou algo, incompreensível, antes de finalmente perder os sentidos. Emma levantou-se imediatamente, o simples levantar de blusa do rapaz tinha deixado suas mãos sujas de sangue. Não se ausentou muito, pois pediu para a primeira pessoa que encontrou que chamasse Garth com urgência.

Voltando, dobrou o pedaço de pano, com o qual tinha a intenção de

limpar as mãos do jovem e colocou-o sobre o ferimento, pressionando-o com força. Tarif soltou um gemido, sem recobrar a consciência.

Emma sentiu o sangue quente molhar o pano e depois chegar à sua mão.

— Aguento Tarif, vou tirá-lo daqui! Não vai morrer, não hoje, nem aqui — prometeu em voz alta sem saber exatamente se era para o rapaz ouvir ou para se convencer. Quando Garth entrou no recinto, assustou-se com a cena.

— O que houve? — ele correu até a cama.

— O garoto não é um assassino — ela disse rapidamente — Para salvar a mulher, feriu a si mesmo e acho que não calculou direito, pois está morrendo — continuou pressionando o pano e quanto mais o fazia, mais sangue o encharcava — Pressione o ferimento para mim — pediu e o homem trocou de lugar com ela.

— Precisamos tirá-lo daqui, ele não vai resistir — Garth comentou ao notar o estado do rapaz, enquanto Emma andava até o local onde estava pendurada uma tocha e a apanhava.

— Você e mais alguém o tirarão daqui — Emma retornou com a tocha e Garth descobriu-lhe a intenção — Se não fizer isso, morrerá antes que cheguem ao próximo vilarejo — nunca tinha usado tal procedimento, nem sabia se era verdadeiramente útil para aquele tipo de ferimento, mas era que aprendera em seus tempos de andarilha e é o que faria.

— E se recusarem a nos ajudar... Sabe, somos andarilhos... — Garth mostrou-se reticente e retirou o pano a tempo de ver Emma aproximar a tocha do local do ferimento e encostá-la à pele do rapaz. Dessa vez, mesmo o procedimento durando alguns segundos, o que ouviram foi um urro de dor e o cheiro de carne queimada preencheu o ambiente, deixando-a enjoada. Ainda assim, manteve-se firme, principalmente ao ver que o jovem abriu os olhos. A tentativa era cauterizar o ferimento e ver se aquilo continha a perda de sangue. É verdade que o ferimento ainda teria que ser pressionado, mas acreditava que daquela maneira as chances de sobrevivência aumentariam. Garth voltou a pressionar o ferimento, percebendo que, aparentemente, a tentativa funcionara, pois a quantidade de sangue que saía era menor.

— Vai conversar com aquela gente na linguagem deles, Garth: levará dinheiro, duvido que se neguem a atendê-lo — Emma se aproximou e fez um gesto para trocarem novamente de lugar e Garth sem hesitar, deixou que ela assumisse sua função — Prepare a carroça para que ele vá deitado e leve com

você três dos nossos. Um apenas para ficar pressionando o ferimento até chegarem lá.

— Sim, senhora — ele se levantou prontamente — Já retorno para buscá-lo — Foi em direção à saída, mas deteve-se — Já pensou no que Wilkins fará, quando descobrir?

— É justamente por isso que preciso ficar — Emma explicou e viu o seu braço direito sair apressado.

Alheio à movimentação, Wilkins abraçou Gwen. Seu rosto ainda estava ardendo, assim como ardia por dentro a raiva que estava sentindo de Emma. Foi preciso de muito controle para não lhe devolver na mesma moeda e não a colocar em seu devido lugar. Agora, como se não bastasse, tinha que aturar a princesa mimada.

— Preciso sair daqui! Não aguento mais esse ambiente. Eu me sinto sufocada...

— É muito perigoso, Gwen — não deixou que terminasse e continuou acariciando os cabelos dourados da moça. Agora que já estava acordada há mais tempo, as cores de sua face haviam voltado e estava mais bonita, parecendo a mesma princesa que deixara o reino ao seu lado — Não quero que nada de mal lhe aconteça.

— Mas, não é possível ficarmos de braços cruzados. Se o que diz é verdade, precisamos restabelecer a ordem. Meu pai precisa saber que estou viva e — pensou um pouco, antes de pronunciar algo que lhe doía — E punir a Eudine por isso tudo.

— Seria uma loucura tentarmos chegar a Heldroch sem um exército. Seríamos aniquilados — Wilkins observou, deixando-a ainda mais apreensiva.

— Você disse que nossos anfitriões são numerosos — Gwen recordou-se e Wilkins não entendeu o que ela queria dizer — E se... Fizéssemos deles um exército para retomar o reino?

— Eles não teriam chance contra os homens de Gael — Wilkins surpreendeu-se com a ideia — E, além do mais, porque eles lutariam pela gente? Quer dizer, não é a causa deles.

— Deixe-me falar com eles, se me ouvirem, tenho certeza de que lutarão por nós, por eles mesmos! — falou tão séria que, pela primeira vez, Wilkins reconheceu nela algum sangue de Cédric. Até então, ela nunca havia passado de uma princesa pouco interessante que estava destinada a ser uma esposa maçante.

— A mulher a quem devemos nossa hospedagem não permitiria — Wilkins pensou que Emma seria um empecilho — É muito protetora para com o povo dela. Não deixaria que fossem combater sem treinamento, sem armas...

— Sabe se algo da minha bagagem foi recuperado? — Gwen perguntou aflita.

— Sim, quase tudo — ele foi sincero, pois havia feito questão que a maioria dos pertences fosse levada para o túnel.

— Há moedas de ouro em um dos baús, além da escritura de terras. Estou disposta a doar as terras para eles, para que possam sair daqui, terem uma moradia digna... Com um pouco do ouro, podemos armá-los e você pode treiná-los.

— Seriam massacrados do mesmo modo, Gwen! — Wilkins afastou-se para olhá-la.

— Só não podemos ficar sem fazer nada! — Gwen praticamente implorou e Wilkins abraçou-a, puxando-o para junto de si. Com a cabeça nos ombros dela, sentindo sua respiração acelerada, o príncipe sorriu. O plano inicial tinha dado errado e, por mais louca que fosse a ideia da princesa, não era de todo má, afinal, seria um prazer sem tamanho acabar com a segunda coisa que Emma mais prezava no mundo: os moradores da mina. Porque de Eudine, ele mesmo faria questão de se encarregar.



Avrill estava exausta, porém, parar não era uma opção. Seria uma presa fácil para um lobo ou um urso, que não eram tão incomuns naquelas bandas. Sua única chance de sobreviver era encontrar um abrigo. Por conta disso, ela andou sem parar, mesmo sem ter ideia de para onde e com o ferimento doendo. Após andar em linha reta por um bom tempo, começou a subir uma espécie de morro. A subida foi árdua, pois não havia folhas ou plantas em que pudesse se apoiar. Portanto, teve que fazê-la aos poucos.

Quando finalmente atingiu o topo, estava sem fôlego, com sede e com muita vontade de desistir. Inspirando e expirando lentamente, curvou-se um pouco, buscando forças para prosseguir. Logo que se ergueu, passou os olhos em volta e em um primeiro momento não viu nada. Entretanto, quando olhou para baixo, no lado oposto ao que tinha subido, viu algo que de longe parecia uma cabana. Sorriu, embora a descida fosse demorar, porque era ainda mais íngreme do que a do lado que havia subido e precisaria ir com cuidado.

Tomou fôlego e começou a caminhar em direção à descida, procurando uma trilha, embora estivesse muito escuro e fosse impossível perceber uma, se realmente houvesse. Colocou o pé direito para descer e quando firmou o segundo, pisou em falso, perdeu o equilíbrio e caiu. A descida, que seria longa, durou cerca de quatro minutos ou menos. Descera se chocando às pedras no caminho e teve sorte de não haver nenhuma pontiaguda. Porém, quando finalmente parou de rolar, teve duas certezas: tinha algumas escoriações e um novo ferimento, agora no braço, e estava mais perto da cabana.



Após um jantar cheio de silêncios, que marcou a despedida do rei Wilhelm, Eudine decidiu que deveria manter o foco. Isso significava planejar e executar a fuga de Leishter. Talvez fosse mais difícil sem a ajuda de Mack, ainda assim, faria acontecer. Só esperaria que o rei fosse embora para agir, porque, depois do acontecimento, talvez Gael o escoltasse de volta ao seu reino e com ele longe, seria mais fácil tirar o prisioneiro do castelo.

Não que isso a tenha incomodado, mas Drystan mal olhou em seu rosto durante a refeição, mantendo-se ocupado em uma conversa, que foi classificada como própria para cavaleiros, com os reis e com Gael. Eudine se irritou mais com o fato de não ter sido incluída na conversa do que com a indiferença com que o duque lhe tratou.

Um pouco antes de se recolher, começou a cumprir a sua promessa à Kim, entregando-lhe algumas folhas presas por um laço.

— Mais um bilhete, senhora? — a pergunta saiu com um misto de receio e curiosidade.

— Hoje não — Eudine negou também com a cabeça — Quero que guarde esses papéis em um lugar seguro e de fácil acesso. E os traga para mim, logo cedo.

— Se eles são importantes, não deveria mantê-los com a senhora? — Kim arregalou os olhos, preocupada.

— São importantes sim, para você — explicou — São nestes papeis que aprenderá a escrever e a ler...

— Faltam-me palavras para agradecê-la! — Kim segurou os papéis como se eles fossem um grande tesouro — Diga-me algo que possa fazer... Qualquer coisa que a senhora quiser.

— Há uma coisa sem a qual não poderemos continuar — Eudine atraiu toda a atenção da jovem, deixando-a ansiosa.

— O quê, senhora?

— Não me chame de senhora novamente — Eudine respondeu séria e viu Kim abrir um sorriso. Estava esperando algo mais complicado, embora para ela fosse difícil se acostumar à ideia de chamar Eudine pelo nome.

— Seu pedido é uma ordem, Eudine! — concordou de maneira inocente, sem perceber o quanto aquela frase mexera com Eudine. Imediatamente ela se recordou de Igraine e do que pedira. Sua crença de que havia sido concedido o pedido errado não saía de sua cabeça. Se tudo não estivesse tão confuso, voltaria à Montanha para, pelo menos, tentar entender, porque até aquele momento, não podia dizer que seu desejo fora atendido.

CAPÍTULO 28

Quem trama desventuras para os outros estende armadilhas a si mesmo – Esopo

A porta foi aberta bruscamente e Avrill quase caiu. O olhar que recebeu não foi de forma alguma amigável. O senhor, atarracado e barrigudo, também não esboçou um sorriso por baixo da barba cinzenta que cobria parte do rosto.

— Preciso de ajuda — Avrill resolveu falar, pois percebeu que se não o fizesse, permaneceriam ali, trocando olhares, sem qualquer palavra. E, sinceramente, estava suja, cansada e machucada para perder mais tempo.

— Não posso ajudá-la — o homem mal-humorado se preparou para fechar a porta em sua cara, mas Avrill o impediu, colocando seu braço na porta; arriscando-se, assim, a ganhar mais um hematoma, caso ele continuasse o gesto e forçasse a pesada porta de madeira.

— Por favor! — implorou.

— O que está acontecendo, Archie? — uma voz feminina fez com que Avrill olhasse para dentro da cabana.

— Nada, Glenn, apenas uma zíngara, por certo pedindo comida! — o homem se voltou para dentro da cabana, mas a resposta não foi suficiente para impedir que a senhora fosse ter com ele e olhar com seus próprios olhos ao que se referia.

— Não sou uma nômade — Avrill estava protestando, quando recebeu o olhar da mulher.

A senhora analisou-a um pouco, antes de dizer:

— Pode estar cheirando como um bicho morto, no entanto, definitivamente, não é uma zíngara. Perceba o modelo do vestido, Archie — ela disse de modo ponderado, abrindo um sorriso bondoso ao fim de sua fala.

— Desde quando eu reparo em vestidos, mulher? — o homem virou-se para a esposa.

— A partir do momento em que nega ajuda a uma mulher indefesa e machucada — Glenn respondeu, tirando a mão do marido da porta e abrindo-a, num claro convite para Avrill entrar.

Avrill suspirou aliviada, deixando-se, pela primeira vez, sentir o corpo dolorido pela queda e um pouco de segurança, embora fosse evidente que o homem não a queria ali.

— O que está olhando, homem? — Glenn perguntou, assim que Avrill deu os primeiros passos em direção ao interior da cabana — Vá apanhar água no poço — apesar de aparentar uma ordem, a fala tinha um som de pedido. Archie ainda hesitou, antes de sair, resmungando. Assim que se viram sozinhas, Glenn aproximou-se de Avrill — Não faço ideia de por onde andou, nem o que fizeram a você, mas aqui estará em segurança. Providenciarei um banho e roupas. Depois uma refeição.

— Nem sei como agradecer! — Avrill apanhou as mãos da mulher e as beijou, em sinal de gratidão — Já estava exausta! — continuou e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Acalme-se. Por enquanto, é a única coisa que peço. Depois vou querer entender o que te aconteceu. Talvez só possamos ajudá-la com abrigo, porém, se for possível fazer mais, faremos. Podemos morar isolados e o Archie pode ter essa carranca, mas não nos esquecemos do que é a hospitalidade — ela sorriu e fez um gesto para que Avrill se acomodasse em um móvel feito de madeira e forrado com a pele de um animal que a dama não soube identificar qual era.



Furioso foi pouco para descrever o modo como Wilkins ficou ao descobrir o que Emma tentara lhe ocultar. Era madrugada já quando soubera que Tarif não estava na mina e que todo aquele sangue pertencia a ele e não à Avrill como fora levado a acreditar.

— Não deveria ter prestado socorro! — Wilkins falou ao entrar nos aposentos de Emma sem ser convidado.

Emma não conseguira dormir por não ter ideia do estado do jovem, por isso, quando o príncipe apareceu sem ser convidado, não foi uma grande surpresa, de modo que a encontrou sentada na cama.

— Se Avrill estiver viva, precisamos apanhá-la imediatamente!

— Ninguém da mina sairá daqui! Você já fez muita coisa sem a minha ordem. Já passou muito por cima da minha autoridade.

— Não seja burra, Emma! Avrill lá fora é mais perigoso para você do que para mim — não se intimidou — Temos que caçá-la e matá-la!

— Nunca concordei com a morte dela; logo, não mudarei a minha opinião agora! — Emma disse firme.

— Quando o exército de Gael chegar até aqui e varrê-los do mapa, não poderá dizer que não avisei — seu tom foi prepotente — Avrill não sabe que eu faço parte disso tudo — fez questão de recordá-la — Você pagará por tudo sozinha, se não agirmos agora. Com meus homens e mais dez dos seus, podemos cobrir uma área extensa e, antes mesmo do sol estar no centro do céu, podemos saber onde foi.

— Não se faça de surdo. Já disse que não permitirei — Emma estava irredutível, mesmo sabendo que ele estava correto: se Avrill chegasse ao castelo, o exército de Cédric percorreria todas as minas abandonadas até chegar àquela. No entanto, desde o incidente com Tarif, se é que podia ser chamado assim, ficara refletindo sobre a situação. Chegou à conclusão de que jamais poderia tê-los envolvido em sua vingança. Estava disposta a se entregar, se tivesse a certeza de que aquelas pessoas ficariam seguras.

— Está assinando a sua sentença de morte e colocando tudo a perder! — Wilkins inconformado balançou a cabeça. Bastava apenas matar uma mulher e seguir o plano que tinha definido, colocando Gwen contra Eudine. Ao perceber que Emma não mudaria de ideia, quis dizer que a aliança entre eles estava desfeita, só que, em vez disso, recordou-se das palavras de Gweneth e sorriu: nunca uma loucura como aquelas fizera tanto sentido — Se é este o seu desejo, lavo as minhas mãos — ele fez um gesto de desistência e saiu, deixando-a sozinha novamente.

Emma não sabia, mas havia acabado de dar ao povo dali um motivo bom o suficiente para lutarem.



Mal surgiram os primeiros raios de sol, o rei Wilhelm já estava em cima de um cavalo pronto para partir. Assim como Eudine previra, Gael e outros guardas fariam a escolta do rei, por insistência de Cédric.

Havia um detalhe, porém, que ela desconhecia. Gael iria apenas até parte do caminho. Depois voltaria. Ele sabia que o melhor momento para Eudine tentar algo era durante a sua ausência; logo, deixaria que ela caísse em sua própria armadilha.

Ao acordar, a primeira coisa que fizera foi visitar o prisioneiro. Por intuir que aquela seria o dia de sua fuga, aumentou-lhe o castigo físico, desferindo golpes em seu rosto até que o homem cuspiu sangue.

— É muito fácil, eu estando preso — Leishter livrou-se do sangue com uma cusparada que quase atingiu Gael.

— Acha realmente que está em posição de me ameaçar? — Gael riu, olhando o rosto que fizera questão de deixar bastante machucado.

— Agora não, mas a roda da fortuna continua a girar — Leishter respondeu sem pressa. Já havia se acostumado com aquelas sessões, mas isso só fazia aumentar a vontade de revidar, assim que pudesse.

— Sim, realmente. Veja em que lugar ela o colocou — Gael continuou a provocação — Seria muito mais simples, se você dissesse o que fez com a princesa. Checaríamos as informações e sua tortura chegaria ao fim: eu mesmo daria cabo da sua vida em praça pública, transformando-o no melhor exemplo de todos os tempos.

— Se só depende dessa informação para essas sessões chegarem ao fim, temo que vá precisar se exercitar mais, para que seus golpes saiam mais fortes das próximas vezes, porque eu não relatarei algo sobre o qual não tenho conhecimento.

— Você continua negando e eu continuo aqui — Gael deu de ombros — Visitá-lo me faz bem. Agora só há um detalhe que não entendo: como alguém tão astuto quanto você deixou-se apanhar por uma menina.

Leishter olhou para o rosto de Gael com atenção. Conseguiu detectar naquela pergunta algo que não notara antes: os olhos do homem brilharam intensamente, deixando claro que não devotava nenhuma simpatia por Eudine. Eles deveriam compartilhar do mesmo sentimento, mas, por mais que estivesse encrencado, ele não conseguia desgostar da moça. Ela o salvara por duas vezes, sem que ele pedisse, e também fora pega de surpresa ao chegarem ao reino, isso era evidente. Se Eudine não tivesse cruzado seu caminho, ele já estaria morto. E, morrer, sem dúvida alguma, era mil vezes pior do que ser torturado.

Além de visitar Leishter, Gael de propósito convocara Getz que ajudava a guardar a cela ao lado de Hank. Com o rapaz sozinho, sabia que

Eudine consideraria que aquele seria o melhor dia e momento para agir.

Agora ali, observando a feição de Eudine, sentia um misto de orgulho por conhecê-la tão bem. Afinal, se não tivesse percebido a sua intenção, jamais teria interceptado o bilhete. Precisava apenas apanhá-la com Leishter, ajudando-o a fugir, e uma vez que o fizesse, sabia que o rei Cédric não ficaria ao seu lado, porque o que mais o monarca desejava naquela hora era punir o homem que matara sua filha. Ele consideraria tal ato uma traição e traidores não ascendiam ao trono.

— Que faça uma boa viagem! — o rei Cédric desejou ao aliado — E que encontre a rainha mais conformada.

— Difícil, meu caro amigo, pois nós mesmos ainda não nos conformamos... — o rei Wilhelm suspirou e do alto do cavalo olhou para o duque que estava ao lado de Eudine — Espero uma visita sua, Drystan, desta vez em uma ocasião melhor.

— Sim — Drystan assentiu com a cabeça. Odiara ser portador de más notícias — Daqui a alguns dias irei para casa — dirigiu-se ao rei, mas Eudine foi quem se fixou naquelas palavras — Prometo um desvio em meu caminho para fazer-lhes uma visita.

— E quanto à senhorita — o rei Wilhelm olhou para Eudine — Fico muito grato por ter capturado o homem que fez mal ao meu filho e estarei presente quando for coroada. Desde já, declaro minha lealdade e a manutenção de nossa aliança.

Eudine sorriu, fazendo-lhe uma pequena reverência, algo que fez com que se recordasse de Gwen.

— Sua aliança e lealdade continuam sendo valorosas à Heldroch, senhor! Faça uma boa viagem — ela mal acabou de falar e viu o rei puxar as rédeas do animal que montava. Ele era um homem acostumado a batalhas e, por esse motivo, havia dispensado uma carruagem.

Eudine prestou atenção em Gael que cavalgou lado a lado com o rei nos primeiros metros, até assumir a dianteira e conduzir a escolta. Quando atravessaram os portões da fortaleza, Cédric comentou mais para si mesmo do que para os demais:

— Wilhelm vai embora sem que nós tenhamos a mínima noção do que aconteceu aos nossos filhos! Nunca me senti tão impotente em toda a minha vida.

— Vocês têm o responsável, um momento ou outro, ele falará — Drystan colocou a mão no ombro do rei, em forma de apoio.

— Pois, eu acredito que o maldito morrerá e não dirá uma palavra — Cédric não conseguiu esconder a raiva que sentia de Leishter — Evito ficar diante dele, para não matá-lo com as minhas próprias mãos.

— Se quiser, posso falar com ele — Drystan se ofereceu e Eudine acabou interrompendo-o:

— Seria ótimo passar pela autoridade de Gael! — abriu a boca e se arrependeu de ter falado, era óbvio que ela não queria que ele estivesse com Leishter, principalmente hoje e se não podia dizê-lo de forma direta, também não desejava chamar atenção para isso.

— Eudine tocou em um ponto importante — Cédric ponderou e o duque retirou a mão do ombro do amigo automaticamente — Não posso permitir que o faça, pois seria o mesmo que desacreditar o trabalho do meu chefe de armas.

— Sim, senhor, eu entendo — Drystan compreendeu a posição do rei, logo, preferiu não insistir.

— Em todo caso, agradeço sua disposição — deu-lhe um meio sorriso — Entrarei, mas não precisam me acompanhar — Cédric despediu-se rapidamente, virando-se e começando a andar em direção ao interior do castelo.



Estar a sós com Drystan fez com que Eudine se recordasse do episódio no estábulo. O duque, no entanto, se o fez, não demonstrou, mantendo-se impassível ao seu lado. Somente quando perdeu o rei de vista, ele quebrou o silêncio:

— Engraçado, julguei mal.

— Se eu soubesse do que está falando, poderia opinar — Eudine virou-se para encará-lo.

— Sempre tive a impressão de que você não fosse tão ligada às convenções e, de repente, recorda ao rei que não seria de bom tom eu falar com o prisioneiro — Drystan mal disfarçou o desconforto.

— Não ser ligada às convenções não quer dizer que eu as desconheça. E, além do mais, conheço Gael há mais tempo do que você e posso garantir que ele não apreciaria sua interferência — respondeu rapidamente.

— Então, estava preocupada comigo? — Drystan sorriu diante da expressão contrariada de Eudine à sua pergunta.

— Estamos perdendo tempo com assuntos que não nos levarão a lugar algum — Eudine suspirou, incomodada.

— É verdade — concordou ciente de que ela não era tão imune à sua presença quanto queria aparentar, isso o contentou de alguma maneira, mas o entristeceu de outra, pois Eudine jamais admitiria isso — Estou realmente perdendo tempo. Preciso pensar em minha volta para casa que acontecerá em alguns dias — declarou — Talvez volte para a sua coroação.

— Sim, precisa cuidar de todos os detalhes de sua partida — Eudine tentou parecer animada ao falar aquilo, mas não conseguiu — E será um prazer tê-lo aqui, se... — ela se corrigiu — Quando acontecer.

— Que bom saber que, pelo menos uma vez, serei bem-vindo — Drystan sorriu e Eudine baixou os olhos, torcendo para que aquela conversa acabasse logo — Se me der licença, vou cavalgar — ele fez lhe uma pequena reverência.

— E desde quando cavalgar é um preparativo para a sua partida? — mais uma vez ela não segurou a língua e Drystan riu.

— Enquanto estou aqui, penso que posso fazer o que eu quero, ou há alguma restrição? — ele se aproximou um pouco mais — Pensei que a única restrição necessária fosse manter a distância de você.

— Tem razão, faça o que quiser! Não me interessa! — Eudine ergueu o queixo e acabou com todo e qualquer clima que estava prestes a começar. Por mais que se sentisse estranha diante dele, só tinha um pensamento no momento: a fuga de Leishter. Portanto, sem ao menos se despedir, deu as costas para o duque e entrou.

Drystan sorriu diante da reação dela, nunca chegaria perto de entendê-la e isso era uma das coisas que gostava nela: a moça conseguia ser transparente em suas reações e imprevisível em suas atitudes. Uma combinação para lá de autêntica e misteriosa. Assim que ela desapareceu castelo adentro, ele foi em direção ao estábulo. Gostava de cavalgar, enquanto pensava nas coisas e ultimamente tinha muita coisa a pensar.



A tarde foi caindo e o nervosismo de Hank aumentando. Eudine deixara claro que aproveitaria a primeira oportunidade para tirar Leishter de lá e sabia que a qualquer momento ela apareceria.

Eudine revirou a comida no prato e se forçou a comer uma quantidade

razoável para não chamar a atenção. Com a partida do rei, sentiu um clima mais pesado, com poucas conversas à mesa. Pelo menos, Drystan não voltou a lhe dirigir a palavra.

Mal acabado o almoço, Eudine foi para seus aposentos e teve que convencer a sua dama de companhia que precisava descansar e não queria ser importunada, antes que a noite chegasse. Kim estranhou, mas seguiu a ordem, esperando Eudine entrar em seus aposentos para também se recolher.

Nem bem fechou a porta, Eudine começou a revirar o baú onde ficavam suas roupas. Embaixo de todos os vestidos que possuía estava um de seus trajes para montaria. Foi ele que vestiu rapidamente, prendendo o cabelo sem ter tempo para fazer uma trança. Somente após estar vestida de maneira adequada, entrou na passagem secreta.

Como da primeira e única vez que visitara Leishter, saiu no ponto exato, apanhou uma tocha e desceu as escadas. Seria estranho se o caminho não estivesse livre. Assim, andando rapidamente, chegou a suspirar ao se aproximou da cela e perceber que Hank estava sozinho.

Caminhou até o amigo e o clarão provocado pela tocha revelou a tensão que estava estampada no rosto dele.

— Quando eu vi o Getz integrando a escolta do rei, torci para que estivesse sozinho! — ela declarou num tom baixo.

— Você se arriscou demais, ele poderia ter sido substituído! — Hank a repreendeu.

— Se tivesse sido, eu faria como da outra vez — ela deu de ombros — E desistiria da fuga.

— E explicaria seu traje como? — ele questionou, olhando-a da cabeça aos pés, antes de começar a se mover em direção à porta da cela.

— Oras, Hank, eu não explicaria! Você se esqueceu de que, segundo o pronunciamento do rei, serei a próxima rainha? Acha realmente que um soldado teria a coragem de me fazer uma pergunta dessas?

— Quem se esqueceu do pronunciamento e está colocando tudo a perder é você. Quando sair daqui, não terá mais volta.

— Se eu for pega — Eudine fez questão de recordá-lo — Algo que não pretendo ser.

— Tem certeza do que vai fazer Eudine? — ele quis saber, assim que destrancou a cela — Ainda há tempo para desistir.

— Certeza mesmo eu não tenho, mas estou disposta a correr o risco

— respondeu de uma vez, sem hesitar. Ela viu Hank se livrar das chaves que ela precisaria para soltar o prisioneiro, entregando-as e, em seguida, pediu a tocha que ela segurava. Assim que ela a entregou, viu o amigo apagá-la, encostando-a ao chão úmido. Ele se certificou que estava totalmente apagada, antes de estendê-la novamente na direção de Eudine.

— Acho que isso vai servir. É preciso que me acerte aqui — ele mostrou a parte da cabeça, onde ela deveria golpeá-lo — Com toda a força que tiver.

— Mas... — ela hesitou em apanhar a tocha de volta. Tinha medo de errar e machucá-lo.

— Nem parece que treinamos juntos. Se acertar onde eu disse, não haverá problemas. Ou é isso, ou ficará evidente que fui cúmplice. O que prefere? — Hank estendeu-lhe novamente a tocha e Eudine a apanhou. Hank virou-se de costas — Agora! — ele ordenou e Eudine, um tanto trêmula, teve dificuldades em segurar a tocha e as chaves ao mesmo tempo, no entanto, assim que conseguiu, teve que respirar fundo, antes de lhe desferir um golpe no local indicado.

O corpo de Hank desabou ao ser acertado e Eudine torceu para que tivesse seguido corretamente as instruções, atingindo-o no lugar indicado e usando a força exata para não matá-lo.

Preocupada, ela se baixou para verificar se ele ainda estava respirando. Ficou mais tranquila ao perceber que sim. Ergueu-se, passou pelo corpo do amigo, pulando-o, e empurrou a pesada porta de madeira. Como ele mesmo dissera, agora não havia mais como voltar atrás.

CAPÍTULO 29

Faz o que for justo. O resto virá por si só – Johann Goethe

Leishter estava tão quieto que Eudine julgou que ele estivesse dormindo. Porém, ao se aproximar, o homem a assustou ao levantar o rosto.

— Nossa! — Eudine não conseguiu conter a exclamação. As marcas que ele havia tido a visita de Gael estavam por toda a parte: além dos hematomas, o olho esquerdo estava praticamente fechado de tão inchado e o lábio inferior estava cortado, evidenciando o local em que havia sido atingido.

— O que faz aqui? — sua voz saiu diferente, talvez por conta da dor que sentia ao dizer.

— Vim tirá-lo daqui — Eudine ignorou a censura que conseguiu filtrar naquelas palavras.

— Não estou com humor para brincadeiras! — fez força para encará-la e Eudine preferiu não perder mais tempo, apanhando a chave que Hank lhe dera e, ficando na ponta dos pés, começando a soltar as mãos dele. Solto primeiro a mão esquerda e em seguida a mão direita.

Leishter estava há tanto tempo naquela posição que, uma vez livre, sentiu que os braços pesavam uma tonelada. Sentiu dificuldade em movê-los e os manteve junto ao corpo até que tivesse retomado o controle deles. Percebeu, também, que a posição na qual fora preso mexeu com sua noção de equilíbrio, pois teve que forçar as pernas para não cair. Eudine o apoiou mesmo sendo bem menor do que ele e somente quando sentiu que não cairia, abaixou-se para livrá-lo das correntes que mantinham seus pés presos ao chão da cela.

Totalmente liberto, Leishter exercitou as pernas e sentiu um pouco de dor ao fazê-lo, percebendo que, naquele momento, o ferimento que

cicatrizava, apesar das visitas constantes de Gael, era o menor de seus problemas. Sentia dores em todas as partes do corpo que não pudera movimentar por estar preso.

— Pronto, agora temos que sair daqui — Eudine colocou-se diante dele.

— Temos? — ele a encarou e Eudine fez que sim com a cabeça. O homem, então, a surpreendeu, envolvendo seu pescoço com as duas mãos e em uma velocidade tão grande que Eudine nem conseguiu esboçar alguma reação. Fez um pouco de pressão e suas mãos eram tão grandes que, se tivesse usado apenas uma delas, ainda assim teria envolvido o pescoço da jovem — Sabe, bastaria aumentar um pouco a pressão para quebrar seu lindo e frágil pescoço.

Eudine não desviou seus olhos dele e apesar de sentir as mãos frias dele em sua pele, não se intimidou.

— Então, vá em frente! Por que tanta demora se é tão fácil para você fazer isso? — ela o desafiou.

— Nunca compreenderei você. É intrometida e parece não ter medo. Acho que meu caminho era mais tranquilo, antes de cruzar com o seu.

— Em qual das ocasiões? Naquela em que seria morto pelos homens que o capturaram ou na outra quando morreria provavelmente afogado no raso? —ela quis saber e como ele não teve resposta, ela continuou — Seja lá o que tiver que fazer, faça logo, só não me faça perder tempo! Vim até aqui e sei como tirá-lo do castelo. Entretanto, se quiser tentar sair sozinho, a culpa não será minha, se os homens de Gael finalmente derem cabo de sua vida.

Leishter bufou, ela tinha toda a razão. Aos poucos foi soltando o pescoço da jovem, até livrá-la de uma vez.

— Não sei qual é o seu propósito aqui, mas eu não sou essa pessoa que espera que seja.

— Você não é assassino, caso contrário teria me matado. E sabe o motivo pelo qual não o fez? — sua pergunta retórica ignorou o que o homem acabara de dizer — Vou falar a razão: porque você me deve e tem honra o suficiente para retribuir os meus favores que, a partir de agora, serão três — ela fez questão de enfatizar.

— E o que quer de mim para estar arriscando sua pele para me salvar? — ele exigiu saber.

— Na hora certa eu lhe contarei, mas agora precisamos sair daqui. Você já fez com que perdêssemos muito tempo, tornando tudo ainda mais

arriscado do que já é. Acha que pode caminhar?

Em vez de retrucar, Leishter inconformado balançou a cabeça, só queria saber de onde ela tirava aquela confiança toda.

— Elas podem estar paradas por muito tempo, mas ainda funcionam! — Leishter respondeu finalmente.

— Então faça com que elas se movam! — Eudine disse começando a caminhar em direção à saída, deixando claro que ele deveria segui-la.

Ela o ouviu resmungar algo e creditou isso ao fato de ele não estar acostumado a receber ordens de ninguém, muito menos de uma mulher. Pulou novamente o corpo de Hank, torcendo para que ele só estivesse desmaiado e se virou a tempo de ver Leishter fazer a mesma coisa e, reparando no corpo do jovem soldado caído, olhá-la com uma expressão incrédula. Pensou em dizer algo a respeito, mas já haviam perdido tempo demais, logo deixou que ele tirasse as conclusões que quisesse.

Por motivos óbvios, não fez nenhuma questão de acender uma tocha. Em vez disso, começou a caminhar com passos firmes e rápidos. Precisava chegar à passagem secreta o quanto antes. Leishter acompanhou-a de perto, tendo-a como guia naquele lugar mal iluminado e foi impossível não se impressionar: além do corredor principal, havia pequenos caminhos que davam em outras celas, o que poderia ser um verdadeiro labirinto, para quem não conhecesse o lugar. Suspirou ao perceber que tomara a decisão correta, pois não conseguiria ter a frieza de sair dali pelo caminho menos óbvio. Se tivesse feito algum mal à Eudine, entraria no primeiro corredor que encontrasse após sair da cela e aquilo poderia significar sua ruína.

Quando finalmente começaram a subir as escadas, Eudine suspirou: um terço da fuga já estava realizado.

A respiração de Leishter estava pesada, denotando o quanto seus músculos, todos eles, estavam doendo por serem colocados em movimento depois de tanto tempo.

Eudine parou diante do local correto em que a parede se abria e bateu o local certo para que a fenda fosse se abrindo até se transformar em uma passagem. Leishter olhou-a, imaginando quantos truques a jovem ainda possuía.

— É um espaço apertado, mas é preciso que você entre — Eudine explicou, fazendo um gesto para ele — Esse é o caminho mais curto para sairmos daqui.

— Não sei... Eu sou muito maior do que você... — ele hesitou.

— Você estava acorrentado em uma cela fria, úmida e pequena... E, ainda assim, sobreviveu. Logo, acho que pode sobreviver a esse breve desconforto — Eudine repetiu o gesto e Leishter de má vontade, mais uma vez, fez o que ela pediu.

Eudine teve que entrar em seguida para poder fechar a passagem. E, como fizera com Hank, foi ditando os passos que o homem deveria dar. O processo todo foi bem mais demorado, porque Leishter era facilmente duas vezes maior do que seu amigo.

Ao fim do percurso, Eudine não escondeu sua preocupação. Leishter havia conseguido se locomover lá dentro, ao contrário do que Hank dissera, mas demoraram demais. E, além disso, Eudine não conhecia direito o lugar em que saíram, porque, a despeito de conhecer o caminho até lá, a jovem nunca tinha pisado do outro lado.

— Nem acredito que me livrei daquilo — Leishter comemorou ao sair da passagem secreta e poder respirar livremente sem uma parede colada em seu rosto — Onde estamos?

— Só há um jeito de sairmos do castelo sem cruzar o portão principal — Eudine explicou — Por ali, chegaremos ao fosso — apontou uma escada — Algo que te fará um bem enorme porque, sinceramente, precisa de um banho.

— Você já esteve lá antes? — Leishter ignorou seu último comentário, não escondendo sua curiosidade.

— Sairemos na parte de trás do castelo, nunca tive curiosidade de ir até lá, mas sempre tem a primeira vez — Eudine foi sincera — Para que dê certo, eu preciso que me aguarde aqui.

— Poderia pelo menos me dizer o que eu devo fazer quando chegar lá embaixo — Leishter pediu e viu Eudine sorrir.

— Ainda não confio em você a esse ponto — mais uma vez não conseguiu mentir — Inicialmente, cogitei fazê-lo esperar dentro da passagem, mas percebi que seria uma tortura muito grande. Logo, se quiser realmente ter sucesso na fuga, vai fazer o que estou pedindo. Eu consigo me movimentar com muita facilidade pelas passagens secretas e se tudo der certo, estarei de volta rapidamente.

— E se algum guarda aparecer? — Leishter mostrou-se desconfiado.

— Simplesmente se esconda — Eudine pediu — Embora, duvide que alguém vá aparecer e que você consiga se esconder, se isso for necessário —

começou a se afastar, mas parou — Fique atento aos meus sinais — pediu, antes de entrar na passagem secreta, fechando-a assim que entrou.



Apesar de bem acomodada, alimentada e asseada, Avrill ainda não estava se sentindo bem. O fato de não ter visto a princesa dava-lhe um nó na garganta. Imaginava-se diante de Cédric sem ter as palavras certas para explicar o que acontecera à jovem.

O casal que a acolhera havia lhe poupado de um interrogatório na noite anterior e até o horário do almoço, entretanto, assim que o sol foi baixando, as perguntas foram sendo pronunciadas.

— O que aconteceu com você? — Glenn quis saber e Avrill hesitou — Vamos, apesar da expressão do Archie está entre amigos.

— Não sei precisar a localização correta em que estava — Avrill começou — Só sei que se trata de uma mina abandonada e muita gente vive lá, como se fosse o lugar mais propício do mundo para se morar.

— Então, eu não estava tão errado ao achar que era uma zingara, afinal estive com aquele povo — Archie comentou em seu tom mal-humorado ao qual Avrill já estava se acostumando.

— Como prisioneira e, apesar disso, até tentarem me matar, não havia sentido maldade naquele povo — Avrill sem perceber se pegou defendendo-os — Cuidaram do meu ferimento e me deram comida... Algo que não faz nenhum sentido. Afinal, se não tivessem tratado da minha ferida, eu teria morrido e, nesse caso, não seria necessário atentarem contra a minha vida.

— Que horror — Glenn não soube dizer se ficou mais impressionada com o fato de ela se dizer prisioneira ou com a tentativa de assassinato.

— Os tempos de guerra estão voltando — Archie disse mais pra si do que para elas — Isso explicaria tanta coisa estranha acontecendo.

— O que mais de estranho aconteceu? — Avrill não entendeu, por isso quis saber a respeito do que ele falava.

— Andou fora por muito tempo — Glenn foi quem respondeu — Leishter fez mais uma vítima.

— O que houve dessa vez? — Avrill recordou-se das refeições no castelo nas quais o malfeitor era o assunto.

— Ele matou a princesa Gweneth! — a mulher disse de uma vez, provocando um abalo em Avrill. Sem perceber seu espanto, a senhora continuou — O rei Cédric ficou tão desgostoso que prometeu a coroa a quem

capturasse o bandido. E assim, como num passe de mágica, Heldroch terá uma nova rainha.

— O que? — mesmo a mulher tendo falando pausadamente, pensou que tivesse perdido alguma parte da explicação, visto que não entendera nada.

— Uma moça, a dama de companhia da princesa, conseguiu capturar Leishter! — Glenn continuou — Ela será a nova rainha!

— Isso é impossível — Avrill comentou em choque.

— Não, não é. O reino estará em boas mãos, afinal se tão jovem Eudine já conseguiu capturar o responsável pela morte da princesa, tem tudo para ser uma rainha justa e nos livrar de futuras ameaças.

— Não estava me referindo à nova rainha — foi a vez de Avrill se explicar.

— Então, você estava falando sobre o que? — dessa vez a pergunta partiu de Archie. O homem fez questão de olhar nos olhos dela, para saber ao que estava se referindo.

— Leishter não é responsável pelo sumiço da princesa — sua convicção os impressionou.

— E como pode saber disso? — Glenn compartilhou da mesma curiosidade do marido.

— Porque eu faço parte da comitiva da princesa Gweneth de Heldroch — Avrill fez uma pausa, pois agora o choque era da parte dos dois — E posso garantir que foi o povo daquela mina, e não Leishter, que nos fez prisioneiras.



O quase beijo em Drystan fora o responsável por continuar perdendo tempo. Havia ido até o estábulo para falar com Mack, não para ficar à mercê do duque. Não ter falado com o cavaleiro e, pior do que isso, o fato de tê-lo magoado, obrigou-a a, sem contar com sua ajuda, arrumar a montaria para se afastarem do reino.

Assim, esgueirando-se o mais rápido possível, chegou ao estábulo. Só foi até as baias dos cavalos, quando teve a certeza de que Mack não estava por perto. Já que ele não ficou sabendo de seus planos, achou melhor não envolvê-lo.

Para si, apanhou um cavalo de porte médio, da cor marrom clara. Para Leishter escolheu uma montaria de combate, um cavalo tão forte quanto Melt e que suportasse o peso do homem e, ainda assim, conseguisse cavalgar rapidamente. Por fim, também apanhou uma corda com a qual Mack laçava alguns cavalos que fugiam. Achou que serviria ao seu intento. Selou apenas um dos cavalos, o maior, tirando uma pequena bolsinha de pano que trazia amarrada à cintura e prendendo-a na sela. Montou neste cavalo.

Embora tivesse passado por isso recentemente e Mack já tivesse lhe dado dicas do modo correto de se fazer, por conta do nervosismo, Eudine teve um pouco de dificuldade em conduzir rapidamente um cavalo, estando montada em outro. Mas, assim que o fez, puxando o cavalo menor pela rédea, conseguiu cavalgar usando apenas uma das mãos para controlar o cavalo, imprimindo-lhe alguma velocidade, ao mesmo tempo em que se equilibrava em cima dele.

Afastou-se do estábulo sem imaginar que Mack a observava de longe, sem entender o que ela estava fazendo, mas ciente de que, pelo número de cavalos, deveria se preocupar. Chegou a procurar nas baías o cavalo do duque e o fato de não vê-lo deu-lhe um pouco mais de paz, pois era sinal de que ainda não voltara. Afinal, em sua loucura, imaginara que Eudine e o duque pudessem fugir juntos.

— O segundo cavalo é para quem? — Mack perguntou a si mesmo e o alívio, em saber que ela não estaria com o duque, deu lugar à preocupação.



O rei Wilhelm não entendeu a atitude de Gael, mas também não a questionou. Quando o chefe de armas fez com que parassem e explicou que precisava voltar ao reino, ele apenas deu-lhe a permissão para isso.

— Na realidade, não entendi para que tamanha escolta — Wilhelm disse altivo — Ainda mais com Leishter preso.

— É sempre bom recordar que os homens que viviam em sua horda ainda estão em liberdade. Eles poderiam querer revidar — Gael explicou rapidamente.

— Adoraria a oportunidade de desembainhar minha espada, se isso representasse fazer justiça ao meu filho — o rei respondeu prontamente — Vá em paz, Gael. Cuide de seus afazeres em Heldroch que chegarei ao meu

reino em segurança.

— Muito obrigado pela compreensão, senhor — Gael puxou a rédea de seu cavalo e fez com que ele virasse, antes de bater com as esporas na barriga do cavalo, fazendo o animal sair em disparada.

Sentindo o vento no rosto, Gael esboçou um sorriso. Provaria o quão previsível era Eudine e a surpreenderia em meio à sua fuga. Naquele momento, seus homens de confiança já deveriam estar fazendo o que lhes ordenara: ir até a cela de Leishter. Havia deixado ordens expressas: se houvesse alguma coisa errada e Hank se encontrasse no reino, deveriam prendê-lo.

Seria muito bom encontrar Eudine e Leishter juntos. O homem havia insinuado que só conseguia tocá-lo por mantê-lo preso. Faria questão de provar que não era à toa o chefe de armas, derrotando-o em um combate justo. Só esperava que Eudine não interferisse, pois se o fizesse, não a pouparia. Embora feri-la pudesse significar transformá-la em uma mártir para o povo e queria o contrário: fazer com que passasse de heroína à traidora.



Trancado na câmara, o rei Cédric leu o documento que havia redigido. Ficara pensando muito no que o rei Wilhelm dissera e, por esse motivo, achou que o amigo estivesse coberto de razão. Eudine era muito nova e sua rejeição ao duque significava que, talvez, demorasse muito para escolher um marido, o que tornava seu reinado, antes mesmo de começar, muito frágil.

Confiá-la a Gael, caso morresse, era algo arbitrário, porém, seguro. A futura rainha deveria acatar, pensando na segurança do reino. O casamento não diminuiria em nada o seu poder, mas manteria afastados os possíveis inimigos. Por esse motivo, leu novamente o trecho em que deixava a recomendação expressa:

Caso eu pereça, antes que a futura rainha tenha escolhido um companheiro para a vida toda, para a segurança do reino, ela deverá desposar o meu homem de confiança, o chefe de armas Gael Aldwise.

Assinou o documento, dobrando-o em três partes iguais, antes de derrubar um pouco de cera quente para selá-lo. Não havia se preparado para perder sua filha de modo tão precoce, logo cabia não ficar tão à mercê do acaso, planeando o futuro. Pelo menos agora, se viesse a faltar e tais

condições se apresentassem, Eudine estaria em boas mãos e Heldroch em segurança.



Cavalo

CAPÍTULO 30

No Bom Combate, atacar ou fugir fazem parte da luta. O que não faz parte da luta é ficar paralisado de medo – Paulo Coelho

Kim percebeu que poderia ser mal interpretada, ainda assim, fez o que o seu coração mandou. Havia simpatizado com o jovem soldado e, por mais que aquele lugar não fosse próprio para uma dama, acreditou que não fosse fazer mal levar para ele alguns pedaços de pão que haviam acabado de sair do forno.

Preparou uma pequena trouxa com um pano que apanhou na cozinha, colocando mais pão do que o necessário, caso ele tivesse que dividir com seu companheiro de ronda. Como Eudine estaria confinada, ela nem daria por sua falta.

Seu coração acelerou diante das escadas que levavam ao local no qual o temido Leishter estava confinado. Mesmo assim, e se arriscando a levar uma bela bronca, começou a descer, sem se preocupar em apanhar uma tocha. Não desejava chamar a atenção, nem colocar os homens em alerta ao se

aproximar, revelando-se somente quando estivesse diante deles. Com passos tímidos começou a se dirigir à única cela que estava ocupada.

Estava quase chegando, quando ouviu uma conversação estranha. Não era a voz do jovem Hank, mas sim de dois soldados que pareciam exaltados. Saiu do corredor principal, procurando o primeiro lugar para se esconder: colocou-se atrás de uma coluna que indicava o caminho para outras celas menores, que nunca eram usadas.

— Então, Gael tinha razão — distinguiu o que dizia uma das vozes — Leishter fugiu!

Ao ouvir aquilo, o coração de Kim bateu ainda mais descompassado. E se ele estivesse ali, protegido pelo breu, esperando o momento certo para atacá-la? Não conseguiu conter os tremores, ao pensar naquela possibilidade e também não ousou olhar para trás, imaginando que se o fizesse, o homem estaria lá, pronto para matá-la.

— O que fazemos com ele? — a outra voz quis saber.

— Vamos mantê-lo confinado no alojamento por enquanto — foi a resposta que ouviu e Kim não entendeu sobre quem estavam falando — Não acredito em uma traição dessas por parte de um dos nossos. Gael há de transformá-lo em exemplo.

A moça, pela primeira vez, pensou em Hank. Afinal, ele era um dos guardas responsáveis pela guarda do prisioneiro. *Não é possível estarem falando dele, é?* — ela pensou confusa e teve que colocar a mão na boca para não gritar, ao ver dois homens removendo o jovem soldado, desacordado, segurando-o pelos braços, enquanto as pernas eram arrastadas pelo chão úmido e frio.

— Será que Gael está certo quanto à futura rainha? — foi a última coisa que a jovem ouviu e ficou completamente perdida. Eles haviam falado em traição e estavam prendendo Hank e citando Eudine. Imediatamente, o flash de Gael apanhando o bilhete de sua mão voltou à sua mente. O tremor que sentiu foi ainda maior, pois naquele momento entendera que Hank e, principalmente, Eudine estavam correndo perigo. Esperou por algum tempo, até ter certeza de que os homens haviam subido as escadas e sua única preocupação foi a de encontrar ajuda.

Devagar e insegura subiu as escadas e quase correndo foi até o quarto de Eudine, batendo sem parar. Não obtendo resposta, foi ficando mais desesperada. Procurou pelo duque, também sem sucesso. Estava tão compenetrada em encontrar ajuda que estava caminhando pelo palácio,

levando a trouxa para cima e para baixo. Assim, passou pela cozinha para devolver os pães. Encontrou-se com algumas cozinheiras e teve que se explicar:

— Pensei em levá-los para a futura rainha, em seu quarto — mentiu, agora com mais firmeza do que na vez em que encontrara com Gael — Mas, ela não quis.

— Eudine é assim mesmo, Kim. Aquela ali só faz o que quer — disse uma das cozinheiras — Antes ela vivia por aqui, vendo-nos trabalhar. Acredito que a cozinha e o estábulo foram, por muito tempo, os lugares preferidos da jovem rainha — a mulher comentou e teria falado mais, se Kim já não tivesse virado as costas e saído apressadamente. Afinal, se a mulher estivesse certa, talvez o cavalariaço pudesse ajudá-la.



Com os cavalos devidamente presos no lugar correto, Eudine olhou para a água do fosso. Diziam que ele era profundo, o que mantinha os inimigos longe do castelo. Ela nadava relativamente bem, havia aprendido isso também, quando Gwen ainda se permitia fazer coisas divertidas. Mas, aquilo era totalmente diferente de um rio. Jogou a corda que também amarrara a uma árvore e ficou satisfeita ao saber que quase chegara à água, visto que seria daquela forma que saíam do fosso. Com a certeza de que tudo estava bem e sem pensar muito, porque não tinha tempo, Eudine pulou, torcendo para que estivesse perto do local correto.

A jovem sentiu o impacto da água e afundou assim que caiu nela. Um tom verde escuro, cheio de algas e outras coisas que Eudine não soube identificar, diminuía a visibilidade. De sua exploração na sala onde ficavam os mapas, ela sabia que havia ali uma saída que vinha do castelo, só bastava achá-la e não morrer afogada tentando.

Nadou com dificuldades na direção norte e, sabendo que tinha que ser rápida, pois não aguentaria prender a respiração por tanto tempo, começou a procurar pela saída. Estava prestes a desistir, voltando à margem, quando a avistou. Era uma passagem redonda que deveria dar para o Leishter passar sem dificuldades. Nadou até lá, mas ao chegar perto, verificou que ela estava bloqueada por uma grade. Tentou fazer força, mas a grade não se moveu. Começou a bater na grade, tentando empurrá-la para cima e puxá-la para baixo, sem sucesso. A grade não se movimentava em nenhuma das direções.

Precisava voltar à margem, caso contrário se afogaria, pois estava próxima de seu limite. Antes de desistir, tentou mais uma vez, sem sucesso.

Leishter, do lado de dentro, acabou ouvindo um barulho estranho e, desobedecendo as instruções de Eudine, desceu os degraus da escada e sem muito esforço conseguiu localizar de onde ele vinha. No canto da câmara onde se encontrava, havia uma grade, impedindo que se passasse por aquilo que à primeira vista lhe parecia um túnel e era de lá que provinha o barulho. *Não pode ser coincidência*, pensou, aproximando-se.

— Eudine! — não hesitou e gritou direção ao buraco e como não houve resposta, ele colocou as mãos na grade e a forçou. Estava enferrujada, mas nada que o uso de força não resolvesse. E seus braços, por mais cansados que estivessem, tinham músculos suficientes para isso. Assim, usando toda potência que tinha, conseguiu retirar a grade. Sem titubear, entrou naquele buraco, colocando primeiro as pernas nele e foi deslizando, ralando as costas neste movimento, até parar de pé em outra grade. Para se livrar dessas, foi preciso forçá-la com as pernas. Precisou de quatro chutes para finalmente a grade se desprender e ele cair com tudo na água.

Eudine, que acabara de mergulhar novamente, ficou feliz por ele ter problemas em seguir ordens ao avistá-lo na água e nadou até onde ele estava, fazendo um sinal para acompanhá-la. Sem dificuldades, foram subindo até emergirem completamente.

— Ficar atenta aos seus sinais! — Leishter retrucou em tom de zombaria — Qual deles? Você morrendo afogada?

— Fique quieto — ela tomou fôlego, sentindo a água gelada batendo em seu pescoço — Está fora não está? Isso é o que importa. Precisamos ir até lá - ela apontou a corda.

— Fico satisfeito em saber que pelo menos algumas partes do plano foram bem pensadas — ele zombou mais uma vez e ao sinal da moça nadou com ela até o ponto onde a corda os esperava — Eu subo primeiro — ele declarou — E, uma vez lá em cima, eu puxo você.

— Não sei... — ela hesitou.

— Você disse que eu a fiz perder tempo. Agora é você que está nos fazendo perder tempo. Não vê que é mais fácil eu subir e puxá-la do que o contrário? — foi incisivo e Eudine fez que sim com a cabeça. No entanto, não sabia se podia confiar nele.

Leishter sem dificuldades apanhou a corda e usando novamente a força nos braços conseguiu subir. Chegando lá em cima, sumiu da vista de

Eudine. Além disso, depois de algum tempo, ele retirou a corda. Eudine olhou para cima, incrédula. Sem a corda não havia com ela sair de lá e a água estava fria demais para aguentar ficar ali por muito tempo.

Engoliu em seco, acreditando que fora uma tola e que Leishter estava certo: não era a pessoa que esperava que fosse. Olhou em volta, tentando procurar um modo de sair dali e quando ia nadar para o outro lado, viu a corda ser jogada de volta. Seus olhos foram para cima a tempo de ver Leishter se ajoelhar.

— Eu amarrei a corda em um dos cavalos, caso o meu cansaço não me permita erguê-la — ele explicou — Amarra a corda em volta da cintura e tenha cuidado para o movimento da corda não queimar as suas mãos — instruiu — Dê dois puxões na corda para me avisar que está bem presa.

Eudine, tremendo de frio, fez o que foi pedido. E, assim que estava presa, deu-lhe o sinal, como solicitado.

— Segure na corda e use as pernas para subir e se afastar da parede, para não se machucar — ele a instruiu mais uma vez, antes de começar a puxá-la.

No começo ela foi sendo içada lentamente, mas quando Leishter utilizou a força do cavalo o processo acelerou. Ao chegar ao topo, ele a puxou para onde estava e Eudine, com as pernas doendo, permitiu-se ficar sentada por alguns segundos. O homem sentou-se ao seu lado para tomar fôlego.

— Eu pensei que fosse me abandonar lá — ela foi sincera.

— Pensou errado — Leishter disse sério

— Pode não estar envolvido, mas a tua fama te precede — passou a mão nos cabelos molhados.

— A fama é um monstro com um olho e mil bocas. Nem sempre o que ela diz, condiz com que realmente vê... Não que eu seja inocente, mas há muito exagero no que as pessoas falam. Por exemplo, se tivesse homens que me fossem fiéis, acha que teriam me deixado apodrecer aí dentro? — apontou para o castelo.

Realmente ela não havia pensado nisto.

— É uma história longa, um dia prometo de contar, mas não agora — ele pareceu ler em sua mente todas as perguntas que nasceu. Esfregou as mãos, começando a demonstrar que sentia frio e levantou-se, ajudando-a a fazer o mesmo— Preciso sair daqui o mais rápido possível, mas antes quero saber o porquê de tudo isso. O que quer de mim, afinal?

— A princesa não morreu, eu sei disso, não me pergunte como. E ninguém some sem deixar um rastro. Você conhece todos os lugares desse e de outros reinos. Se ela deixou um rastro, acredito que não haja ninguém melhor para descobri-lo.

— Por que simplesmente não aceita o trono e deixa essa princesa no passado? — ele a olhou, interessado na resposta.

— Porque eu desconheço o significado de desistir e abandonar — ela foi firme — Agora vamos! Vou acompanhá-lo até parte do trajeto.

— Seria mais seguro que ficasse por aqui e se livrasse dessas roupas molhadas — Leishter pensou em sua segurança, mas quando a viu dar o primeiro passo em direção aos cavalos, percebeu que nada a demoveria da ideia.

Restou a Leishter segui-la e enquanto ela dirigia-se até o cavalo menor, ele aproveitou para desamarrar a corda do cavalo que lhe fora destinado e, terminando, foi até perto do local onde haviam subido e a jogou no fosso.

— Este é o seu cavalo — Eudine explicou — Há algumas moedas de ouro debaixo da sela. Acho que dá para se manter escondido, enquanto procura a Gwen.

— Tudo bem, farei o impossível para localizá-la.

— Eu conto com isso — ela começou a desamarrar seu cavalo e Leishter imitou-lhe o gesto. Se ele tinha dúvidas a respeito da sanidade daquela jovem, elas já eram menores do que o respeito que estava começando a sentir por ela.



Kim chegou correndo ao estábulo, chamando a atenção de Mack que foi ao seu encontro. Imediatamente a reconheceu: era a jovem que agora deveria servir Eudine, auxiliando-a em toda e qualquer tarefa.

— Preciso de ajuda! — ela não esperou que ele perguntasse nada, despejando nele toda a sua angústia — Prenderam o Hank e tenho motivos para acreditar que Eudine esteja correndo perigo.

— O que está dizendo? — Mack ficou alarmado e Kim de modo atabalhado começou a contar o que havia visto e ouvido.

— Tentei a ajuda do duque, mas não o encontrei.

— Eu ajudarei Eudine — ele ignorou a menção ao duque — Agora,

volte para o castelo e torça para que eu a encontre — ele pediu — E não comente nada do que ouviu com o duque. Ele não compreenderia — Mack fez um gesto para que ela fosse e caminhou até a baía do cavalo mais rápido que possuía. Agora os dois cavalos faziam sentido. Havia uma fuga em andamento, só não era de Eudine com o duque.

— Vamos Melt — ele acariciou a crina do animal — Você já fez uma vez e está na hora de ajudar Eudine novamente.

Tirou o animal da baía, colocou nele a sela. Vestiu uma capa, com capuz e só depois disso, subiu no cavalo e saiu em disparada na mesma direção em que Eudine havia ido.



Drystan começou a retornar para o reino, decidido a partir no dia seguinte. Gostaria de ficar mais, porém, Eudine deixara claro que não teria sucesso cortejando-a, então, por mais que gostasse do reino, não tinha sentido permanecer ali.

Talvez, assim como o rei Wilhelm, voltasse para a coroação. Na verdade, era mais provável que não estivesse presente.



O reino de Heldroch era extenso, porém, não havia muitas formas de sair dele. Gael e os homens que escoltavam o rei haviam seguido por um dos caminhos, restando o outro por uma floresta escura e de árvores grandes com folhagens densas. Sabia que Eudine era tudo, menos tola. Ou seja, escolheria o segundo caminho. E era justamente esta certeza que faria com que a surpreendesse em uma emboscada simples: estaria os esperando no local onde, obrigatoriamente, teriam que passar.



Mack nunca cavalgara tão rápido em toda a sua vida. A capa o ajudara a lidar com o vento frio que vinha de encontro ao seu rosto. A simples possibilidade de Gael apanhar Eudine junto de Leishter fez com que ele usasse todos os atalhos que conhecia para chegar antes a ela e tamanho conhecimento e esforço deu certo.

Ele avistou os dois cavalos que foram roubados do estábulo e

incitando o cavalo a correr ainda mais, com uma leve batida em seu pescoço, conseguiu emparelhar-se a eles. Leishter assustou-se com a aproximação, enquanto Mack tirava o capuz para revelar sua identidade. Porém, antes que Eudine pudesse dizer qualquer coisa, com um só movimento Leishter quase derrubou o jovem cavaleiro.

— Ele está do nosso lado! - Eudine gritou, puxando as rédeas do cavalo e fazendo com que Leishter fizesse o mesmo, fazendo com que os cavalos parassem. Mack parou ao lado deles — Como nos descobriu? O que está fazendo aqui?

— Não tenho tempo para contar, mas você tem que voltar — Mack falou tão rápido que quase foi difícil entendê-lo.

— Não voltarei para aquela cela! — Leishter fez questão de deixar claro.

— Pouco me importa o que fará — Mack olhou para Leishter — Estou falando com Eudine — virou-se para ela — Gael já sabe e está preparando algo.

— Não posso... Leishter se perderá se não mostrar o caminho correto — Eudine não conseguia acreditar que aquilo tudo fora em vão.

— Eu irei em seu lugar e você retorna para o castelo — Mack anunciar, sem admitir questionamentos — Eu conheço mais atalhos do que você, Eudine...

— Mas... — Eudine tentou protestar, mas Leishter a interrompeu.

— Se quer realmente que eu a ajude com a princesa, é necessário que faça o que ele está dizendo, senão tudo perde o sentido. Caso contrário, estará abandonando Gwen à sua própria sorte.

Leishter usou as palavras certas e, por mais que ela quisesse dizer algo em contrário, Eudine assentiu com a cabeça.

— Tudo bem. Tenham cuidado — ela pediu, olhando principalmente para Mack, surpresa com a atitude dele, visto que as últimas palavras que trocaram não foram as mais amistosas. Puxou as rédeas do cavalo, deu meia volta e começou a cavalgar de volta ao castelo.



Eudine cavalgou com o coração apertado. Não entendia como Gael descobrira. Precisava falar com o Hank e esperava que o amigo estivesse bem.

Fez o cavalo ir ainda mais rápido e, quando estava perto do castelo, o cavalo assustou-se com a aproximação repentina do cavalo do duque. Eudine, por muito pouco, não caiu do cavalo, deixando Drystan apreensivo.

Ele a vira cavalgando e estranhou seus trajes, resolvendo segui-la. Iria propor que cavalgassem juntos até o estábulo, por isso não imaginava que o cavalo fosse se assustar. O homem só ficou em paz quando ela conseguiu permanecer firme em cima do animal até pará-lo.

— Você é louco? — Eudine não escondeu a surpresa de encontrá-lo.

— Não tinha a intenção — o duque desculpou-se, fazendo o cavalo parar-se ao lado de onde ela estava — Sei exatamente o que viveu, porque ao chegar ao reino, passei por coisa semelhante, logo jamais faria algo que pusesse sua vida em perigo. Ele reparou que ela tinha as roupas molhadas — O que estava fazendo? Nadando a essa hora?

— Preciso voltar ao castelo — o nervosismo de Eudine não permitiu que desse satisfação a ele.

— Tudo bem, eu te farei companhia. É o mínimo, depois de quase tê-la derrubado — Drystan comunicou e os dois começaram a caminhar em direção ao castelo, mas depois do acontecimento, Eudine não conseguiu imprimir velocidade à cavalgada.



Gael sorriu ao escutar o som de galopes. Estava em cima de uma árvore e pularia em Leishter assim que ele passasse. Havia escondido o seu cavalo e esperara pacientemente até ter a sua tese comprovada.

A outra pessoa de capuz só podia ser Eudine e adoraria ver o seu rosto quando fosse apanhada. Os cavalos se aproximaram de onde estava. Os dois vinham rápidos, o que deixava claro que só teria uma chance. Assim, quando estavam passando diante do local onde estava escondido, Gael saltou da árvore sobre Leishter, jogando-o ao chão e fazendo o cavalo também cair, quase sobre os dois. Enquanto isso, o cavalo em que Mack estava tirou as duas patas dianteiras do chão e o rapaz não conseguiu se segurar, caindo também.

Gael caiu sobre Leishter, mas o homem, assim que entendeu o que estava acontecendo, empurrou seu oponente, tirando-o de cima de si. Colocou-se em pé e esperou que Gael fizesse o mesmo, afinal estava

esperando aquele momento desde a primeira vez em que fora espancado. O cavalo em que Leishter estava levantou-se com dificuldade, mas uma vez em pé, permaneceu por perto, como se já estivesse acostumado ao que estava acontecendo. Melt acalmou-se e permaneceu próximo de Mack.

— Acabou a aventura, Leishter! Você vai voltar para o local de onde não devia ter saído — Gael cerrou os punhos, mantendo o inimigo em seu raio de visão — Para mostrar como sou bom, vou deixar seus dois olhos iguais.

— É isso o que vamos ver — Leishter se colocou em posição de ataque e quando Gael investiu em sua direção, esquivou-se e acertou-o na altura do estômago, fazendo o chefe de armas se curvar — É muito fácil me acertar, quando estou preso — Leishter disse ao golpeá-lo pela segunda vez, agora no queixo, fazendo-o cair para trás — Tente fazer o mesmo, comigo solto.

Mack levantou-se com dificuldade, sentindo as costas doerem. Atrás de onde estava viu os homens trocarem golpes, sem conseguir definir quem estava com a vantagem, já que Gael se recuperou dos golpes recebidos e acertou o olho que Leishter já trazia inchado, fazendo-o sentir a pancada.

Temeu pelo protegido de Eudine, mas viu que ele não conquistara sua fama à toa. Era um lutador nato e, mesmo sentindo o golpe, esquivou-se das outras tentativas de Gael e começou a acertá-lo sucessivas vezes, devolvendo o modo como fora tratado. Quando Leishter o derrubou novamente, Mack imaginou que o combate estava próximo do fim e tratou de ir até o cavalo de Leishter, deixando-o pronto para partirem.

Porém, julgou rápido demais. Quando Leishter foi chutar Gael, o chefe de armas conseguiu se virar rapidamente e desembainhar sua espada, golpeando-o com ela na altura da coxa. Leishter urrou de dor; sentindo-se tolo, pois era óbvio que Gael apelaria, uma vez que apenas usando os punhos não conseguiria vencê-lo.

O corte ardeu e imediatamente um filete de sangue surgiu manchando a calça do homem ao redor do lugar onde havia sido atingido. Leishter caiu e viu Gael se levantar e caminhar em sua direção lentamente, com a espada em punho.

— Acabou — falou entre os dentes, inspirando e expirando rapidamente, sentindo os golpes que acabara de levar.

Mack havia prometido para Eudine que ajudaria o fugitivo e não

falharia com isso. Pelo menos precisava tentar algo. Aproveitando-se do fato de estar atrás de Gael e de ele estar concentrado apenas em Leishter, apanhou uma pedra do chão e reunindo força de onde não sabia existir, foi em direção ao chefe de armas e, antes que ele acertasse novamente Leishter, fez o gesto para acertá-lo na altura da nuca.

Gael havia passado por muitos treinamentos, logo foi fácil sentir a aproximação. Imaginou que Eudine, percebendo a derrota iminente de Leishter, viesse em seu auxílio. Por isso, esquivou-se no exato momento em que seria atingido, virando-se bruscamente e cravando a espada na altura do abdômen de Mack.

Os dois homens se olharam com surpresa. Mack por ter sido atingido e Gael por perceber que não se tratava de Eudine. Imaginou que teria a chance de se livrar de dois inimigos de uma só vez e já tinha uma explicação para feri-la em combate: a alegação de que não a vira, por ela ter se aproximado pelas costas dele, e de estar apenas se defendendo.

Leishter aproveitou-se da situação para ficar em pé, ir até o cavalo, montando nele de qualquer maneira e dar-lhe o comando para correr. Pela primeira vez sentiu-se mal ao ver alguém pagar em seu lugar, porém, para que o esforço não tivesse sido à toa, acreditou que devia à Eudine e àquele rapaz, sair dali e fazer o que lhe fora solicitado: encontrar a princesa Gweneth, de Heldroch.

CAPÍTULO 31

Você é livre para fazer suas escolhas, mas é prisioneiro das consequências – Pablo Neruda

Gael retirou sua espada e olhou para o sangue do rapaz que sujava boa parte de sua lâmina. Imediatamente Mack caiu para trás e no solo encolheu-se como se aquele simples movimento fosse capaz de diminuir a dor que sentia.

— Seu imbecil! — Gael dirigiu-se a um Mack atônito. Ele estava em posição fetal e segurava com as duas mãos o local no qual fora atingido — Esse golpe não era para você! Por que tinha que se meter? Graças a seu ato de bravura, fez com que Leishter fugisse... E quanto ao seu ferimento... — Gael olhou para as mãos dele, cheias de sangue — Será uma sorte se chegar vivo ao reino. Mas duvido que passe de amanhã. E tudo isso por quê? Por quem? — ele prestou atenção à feição do rapaz e o sofrimento estava desenhado em cada ponto dele, aproximou-se e ajoelhou diante do jovem — Diga-me, vale a pena morrer por Eudine?

— Vale viver e morrer por ela — Mack conseguiu dizer e quando Gael fez um movimento em sua direção, pensou que ele fosse acabar o que começara ali mesmo. Porém, Gael se debruçou sobre o rapaz para tirá-lo do chão e coloca-lo no cavalo.

— Se vale tanto assim, é imprescindível que morra diante dela — Gael comentou de modo frio e quando Mack gemeu ao ser colocado em cima do cavalo, ele balançou a cabeça, demonstrando todo seu inconformismo. Se fosse Eudine, em vez dele, estaria feliz, seria a prova de sua traição ao reino, mas não era esse o caso. Aquele rapaz não passava de um cavalariaço inútil que, ainda por cima, fizera com que Leishter escapasse.



Drystan percebeu o quão Eudine estava angustiada à medida que caminhavam sem trocar uma só palavra. Bastou que a olhasse com mais cuidado para percebê-la diferente de todos os outros dias em que a vira. Tentou não comentar, mas não conseguiu.

— Você saiu para cavalgar e quando foi dar água ao cavalo, aproveitou para tomar um banho em um rio? — questionou intrigado e Eudine ou o ignorou ou não o escutou. Pela primeira vez, parecia perdida. Aquilo aumentou a curiosidade do duque e preocupou-se com o fato de não se recordar de estar diante de uma Eudine sem respostas prontas a serem dadas.

Eudine, por sua vez, sentia um nó na garganta, um aperto no peito que não sabia definir direito o que era. E experimentava um sentimento que lhe era estranho por ser inédito: medo. Temia pela segurança de seus amigos.

Assim, quando chegaram finalmente ao estábulo, estava tão aérea que nem percebeu o modo como Drystan a olhava. Ele apeou primeiro, rapidamente prendeu seu cavalo e se ofereceu para ajudá-la a descer. Em dias comuns, Eudine negaria a ajuda, afinal poderia fazê-lo muito bem sozinha, mas estava preocupada demais para perder tempo com isso. Ao mesmo tempo queria se certificar que Hank estava bem e ter notícias sobre Mack e Leishter.

— O que há com você? — Drystan ajudou-a a descer do cavalo e quando a pôs no chão, suas mãos ficaram na cintura dela.

— Por que é preciso haver algo? — Eudine respondeu de modo vago, mas ele se contentou com aquela resposta-pergunta, pois foi a primeira vez que o escutou desde que começaram a cavalgar em direção ao estábulo.

— Porque está distante e não está nem retrucando, como é o seu costume. Logo, sou levado a pensar em duas coisas: finalmente percebeu que sou um bom homem e deixou de lado sua reserva comigo ou, e esta é a minha aposta, ocorreu algo tão grave que não está conseguindo pensar em nada mais, além disso.

— Não deveria se importar tanto, Drystan — Eudine se deu conta, finalmente, das mãos do homem que permaneciam em sua cintura.

— Não consigo me manter indiferente quando o assunto é você, Eudine. Infelizmente para mim, já que me elegeu como seu inimigo sem eu ter feito nada para isso.

— Sei bem quem são os meus inimigos e você não está nesta lista —

Eudine tentou soar confiante, sem conseguir, deixando o duque ainda mais intrigado — Pode me soltar? — pediu.

— Tudo bem — ele concordou com um aceno de cabeça — Eu pensei muito e desta vez já me decidi. Acho que não tem sentido permanecer por mais tempo. Irei embora amanhã, logo que o sol baixar um pouco — ele olhou para o rosto de Eudine e mais uma vez se impressionou com a preocupação que ela mal conseguia disfarçar — Só lamento partir sem fazer com que confie em mim. Sei que não precisa da minha ajuda, mesmo assim eu gostaria de ajudá-la.

— Seja mais ativo duque, não aja como um simples homem que precisa provar algo para mim, eu que continuo sendo uma simples dama de companhia — ela olhou novamente para as mãos dele e Drystan não fez nenhuma menção de soltá-la.

— Acontece que eu estaria mentindo, pois existe algo que eu preciso provar antes de ir embora — ele buscou seus olhos e Eudine manteve seu olhar no dele, pois só desejava que ele falasse de uma vez e a deixasse ir.

— Diga o que de uma vez o que precisa provar — impaciente, precisava sair dali.

Drystan soltou-a finalmente, antes de começar a falar.

— Eu teria que ficar mais uma noite aqui para dizer tudo o que gostaria. O que atrasaria a minha partida. Contudo, no momento, eu só preciso provar um beijo seu — ele olhou para os lábios dela e antes que Eudine tivesse qualquer reação, inclinou-se um pouco e depositou neles dois beijos suaves. Eudine, que não esperava o gesto, ficou sem ação. Aquele mero encostar de lábios foi o suficiente para trazê-la para o momento presente, fazendo com que esquecesse por segundo o que a afligia. Estremeceu diante do contato.

Não sendo rejeitado do modo que imaginou que seria, Drystan a puxou de encontro a si, sentindo suas roupas úmidas e dessa vez mostrou-lhe realmente o que era um beijo de verdade. Os lábios dela eram doces como frutas vermelhas recém-colhidas, de modo que Drystan saboreou-os, ora mordendo-os de leve, ora sugando-os, deixando Eudine tonta. Ela nunca imaginara que um simples beijo fosse capaz disso.

No meio de tantas sensações novas, Eudine sentiu-se um tanto estranha ao pensar que talvez ele notasse sua inexperiência, afinal só havia beijado Mack, e não era nada parecido com o que estava acontecendo entre eles. Talvez porque ela nunca tivesse se entregado, como fazia naquele

momento. O pensamento em Mack fez com que ela o repelisse, empurrando-o. A lembrança de Hank também a encontrou. Pareceu insensível estar se permitindo àquelas sensações, sabendo que seus mais queridos amigos estavam em perigo por sua causa.

— Eu preciso realmente ir — livre do contato com o duque, virou-se e seguiu, caminhando com passos largos. Seus lábios queimavam e seu coração batia descompassado, sentido algo inédito e poderoso o suficiente para deixá-la ainda mais confusa. Sabia que Drystan estava observando-a se afastar e, por isso, não olhou para trás.



O príncipe Wilkins tentou fingir estar no controle da situação e não ser comandado pela raiva, quando foi ao encontro da princesa. Apesar disso, Gwen achou sua entrada intempestiva.

— Aconteceu algo? - ela não escondeu a curiosidade com a volta repentina do noivo.

— Sim, pensei muito no que disse e percebi que tem razão. Se acha que pode conclamar o povo a lutar por você, eu te apoiarei.

— Está sendo sincero? Pareceu tão reticente antes... — ela quis saber.

— Sim. Se isto melhorará a situação desse povo, estarei ao seu lado. Como futura rainha de Heldroch, você deve mostrar benevolência para com seu povo, sejam eles andarilhos ou não. Amanhã bem cedo suas coisas estarão aqui e poderá doar o que quiser para eles - Wilkins prometeu — E falar com todos.

— E eu tenho a permissão para falar com eles? A mulher... A que é líder aqui permitiu?

— Já ouviu falar em hierarquia, Gwen? — ele a encarou — Se você deseja falar, ela vai ter que permitir e eu garantirei isso — e assim deu o assunto por encerrado.



Kim foi até Eudine, mal ela colocou os pés dentro do castelo.

— Gael descobriu tudo... Prenderam o Hank e a culpa foi minha! — o tom da moça saiu choroso e tão rápido que quase foi impossível compreendê-la.

— Calma Kim — Eudine pediu, pois precisava compreender o que

ela queria dizer. Puxou-a pelo braço até um local onde não seriam ouvidas — Fale pausadamente.

— Gael descobriu sobre a fuga — ela começou, seus olhos estavam cheios de lágrimas — E a culpa foi minha.

— De que maneira a culpa poderia ser sua? — Eudine, apesar de ficar ainda mais nervosa com aquela declaração, tentou ser racional.

— O bilhete — Kim arrependeu-se de não ter contado antes — Gael apanhou de mim o bilhete que a senhora mandou para o Hank. Eu deveria ter contado, mas fiquei com medo...

Eudine engoliu em seco. Então, estavam sendo observados desde aquele dia? Kim estava diante dela, esperando uma bronca, tão ou mais nervosa que ela própria.

— Gael é um monstro, Kim! Não a condeno por ter medo dele...

— Só que, por minha causa, o Hank foi preso...

— Ele está nas celas? — Eudine tentou pensar em algo?

— Não, levaram-no desacordado de lá... Acho que está no alojamento, o mesmo local em que eu o encontrei para lhe entregar o bilhete... Eu sinto tanto, pelo menos o Mack conseguiu alcançá-la!

— Sim — Eudine baixou os olhos, pela primeira vez arrependida de ter levado o plano adiante — Você foi a responsável por isso?

Kim fez que sim com a cabeça.

— Quando ouvi seu nome, entendi tudo: que Gael havia preparado uma armadilha. Procurei o duque e não o encontrei, então recorri ao Mack.

— Fez muito bem, eu lhe serei sempre grata! — Eudine tentou sorrir, mas a palavra armadilha ficava ressoando em sua mente — Eternamente grata. Agora, vou ver Hank.

— Acha que a deixarão se aproximar? — Kim estava apreensiva com o estado do jovem cavaleiro.

— Para alguma coisa deve servir o fato de eu ser a futura rainha! — Eudine respondeu altiva, tentando recuperar a segurança que era sua principal característica.



Gael olhou para o cavalo que trazia o jovem, ele dera um jeito de prendê-lo para que não caísse. Não sabia exatamente como falaria com o rei,

mas havia percebido que não adiantava citar o nome de Eudine, pois no estado de encantamento que Cédric estava, ele não acreditaria. No entanto, para resolver isso, contava com a personalidade de Eudine e seu apego aos seus aliados.



Dois homens de Gael guardavam a entrada do alojamento. Assim que viram Eudine, tornaram-se ainda mais rígidos em sua postura.

— Eu vim ver o Hank — Eudine disse de modo autoritário e viu os homens trocando olhares, indecisos — Não ouviram?

— Nós não podemos permitir, senhora.

— Não é um pedido, é uma ordem — Eudine foi firme, sem hesitar e diante da imobilidade dos homens, apelou — Quando eu for a rainha, podem ter certeza de que me lembrarei da insubordinação de vocês e à maneira do seu comandante serão castigados em praça pública.

— Mas, senhora... — o mesmo homem ainda tentou argumentar, sem sucesso. Eudine caminhou até eles e, ainda que temessem a reação de Gael, abriram o caminho para que ela passasse, abrindo também a porta para ela entrar.

Eudine ergueu o queixo e caminhou com passos firmes, escondendo o nervosismo que sentia. Percebeu Hank em uma das camas e se aproximou dele. Ficou mais tranquila ao saber que ele havia recobrado a consciência, mas, ao mesmo tempo, viu que ele tinha os braços e pernas presos.

— Hank... — lamentou-se.

— Estou bem, Eudine — ele fez questão de tranquilizá-la.

— Até o Gael chegar, depois você sabe tanto quanto eu que...

— Ele conseguiu fugir? — Hank não deixou que continuasse.

— Acredito que sim — Eudine deu voz mais ao seu desejo do que à certeza de que tivessem conseguido.

— Neste caso, eu faria tudo de novo. Se você tem certeza de que a princesa está viva e ele ajudará a encontrá-la, não me importo.

— Mas eu sim — Eudine aproximou-se mais dele — Errei em envolvê-los nisso.

— Como se eu não tivesse poder de decisão — ele a encarou — Você não me obrigou a nada, logo não se sinta culpada, porque eu não a culpo.

— Não vou me perdoar se acontecer algo com você...

Eudine teria continuado a falar se a porta do alojamento não fosse aberta de forma abrupta. Ela e Hank se viraram na direção da entrada a tempo de ver Gael entrar, carregando Mack nos ombros, como se fosse alguma trouxa de roupas sujas. Eudine não conseguiu esconder o espanto ao perceber que o cavaleiro estava desacordado e suas roupas estavam sujas de sangue.

— Muito bom que estejam reunidos — Gael caminhou devagar na direção deles, parando diante da cama ao lado da que Hank estava e depositando nela, sem nenhum cuidado, o jovem desacordado — Em um mesmo ambiente, todos os traidores do reino que fizeram Leishter fugir!

— O que fez com ele? — Eudine ignorou a frase, preocupada demais para prestar atenção em Gael. No momento só queria saber do jovem cavaleiro. Deixou Hank e foi até ele. Ao ver o local de onde provinha o sangue, ela sentiu-se enjoada e desesperada, inclinou-se sobre o jovem, colocando as duas mãos sobre o ferimento de Mack, pressionando-o, como se aquilo pudesse estancar o sangue.

— Eu não fiz nada, mas suas mãos Eudine estão sujas de sangue — havia um prazer na voz de Gael que ela nunca tinha ouvido antes — E como sou uma pessoa boa, vou te dar duas opções: primeiro escolher entre os dois quem viverá. Porque, se o cavaleiro for tratado, ainda há chance de ele sobreviver. Porém, ele só será socorrido, se você escolhê-lo. Neste caso, Hank morrerá amanhã, em praça pública, enforcado. Ou então, pode escolher o Hank, e deixar que a natureza siga seu rumo e leve Mack de uma vez.

Ele olhou para Eudine que permanecia calada, ainda no mesmo movimento, enquanto suas mãos ficavam cada vez mais encharcadas de sangue.

— Lembre-se: se você escolher o Mack e ele morrer, então perderá os dois — Gael continuou de modo duro e adorou ver a expressão cada vez mais desesperada de Eudine.

— Você é um monstro! — Eudine não queria, mas foi impossível impedir que as lágrimas se formassem em seus olhos.

— Sou justo. Estou te dando opções. Além dessa, há outra. Mesmo escolhendo um dos dois, o escolhido será condenado por traição. A menos que você se declare culpada, diante do reino todo, aí o seu escolhido estará livre para viver longe daqui — ele não conteve o sorriso ao perceber que a jovem, sempre cheia de atitude, encontrava-se sem ação e prestes a chorar diante dele — E então? O tempo está passando e seu amigo não durará muito. Qual é a sua decisão?

CAPÍTULO 32

*Toda despedida é dor... Tão doce, todavia, que eu te diria boa noite
até que amanhecesse o dia – William Shakespeare*

Foi o sangue em suas mãos e não o olhar inquisidor de Gael que a fizeram se decidir. Aliás, diante daquela situação, Eudine acreditava não haver outra resposta a dar a não ser aquela.

— Mack! Deixe que ele seja atendido! Não posso vê-lo perder tanto sangue, sem fazer nada! — respondeu para Gael e, em seguida, com os olhos marejados, voltou-se para Hank — Desculpe-me.

— Fez a escolha certa, eu teria feito o mesmo — Hank tentou tranquilizá-la.

Gael sorriu, irritando Eudine.

— Vamos! Peçam para levarem-no daqui! — ela ordenou — Quero que veja o médico real — e fez questão de dizer que não queria que fosse cuidado pelo mesmo homem que tratava dos soldados, quando estes voltavam feridos. Como era obrigatório escolher, queria que ele tivesse realmente chances de sobreviver.

Gael franziu o cenho, sem conseguir deixar de admirar a astúcia de Eudine. Mesmo acuada, a jovem sempre parecia estar um passo à frente, pois sabia que o médico real era infinitamente superior àquele que cuidava de seus homens e, também, não lhe era subordinado. Mesmo sabendo que seu poder sobre o homem era restrito, sabia que não se negaria a ajuda alguém, por esse motivo, concordou. Demonstrando isso, caminhou até a porta e chamou dois de seus homens.

— Levem o cavaliço para que ele receba cuidado. Devem levá-lo ao médico real e dizer que o caso é grave e o pedido de ajuda partiu de mim —

ele ditou ordem e viu os dois homens entrarem no alojamento para apanharem Mack, fazendo com que Eudine finalmente se afastasse dele. Seus olhos acompanharam todo o processo de remoção, que não foi um dos mais cuidadosos. Agora o jovem receberia cuidados especializados que tentariam conter a hemorragia e preservar sua vida.

Quando os homens saíram, os olhos de Eudine ainda fitaram a cama e todo o sangue de Mack que havia nela. O sorriso de Gael tornou-se mais amplo, ao se notar diante de Hank e Eudine.

— Diga-me agora: valeu a pena trair a minha confiança? — ele se virou para Hank — Tem que saber quem são seus aliados, rapaz. Na primeira oportunidade, foi preterido.

— Não diga bobagem! — Eudine protestou, sabia bem o que ele estava tentando fazer: colocar Hank contra ela — Mack estava morrendo. Eu teria feito o mesmo por Hank se ele estivesse ferido.

— Então, o erro foi meu — Gael não escondia a satisfação com a situação — Eu deveria ter ferido os dois e deixado que escolhesse. Acredito que, ainda assim, sua decisão se manteria a mesma.

— Eu não me importo — Hank se pronunciou — Acredito em Eudine e que fizemos o certo. Se para isso, eu precisar pagar com a vida, fique certo que morrerei com honra.

— Honra? — Gael gargalhou — Será lembrado como um traidor. E quando eu enforcá-lo em praça pública — ele revelou a punição pensada para o jovem — O povo vai aplaudir quando o seu corpo inerte pender em uma corda...

— Ninguém vai ser enforcado! — Eudine o interrompeu, recuperando a confiança que fora abalada ao ver o estado de Mack — Você me disse que havia duas escolhas a ser feita e eu ainda não proferi a segunda.

— Acabou de dizer, Eudine — os olhos de Gael brilharam — Você seria uma oponente à altura se não tivesse um coração. Se fosse mais racional, tudo seria mais fácil. Deixaria o cavaleiro morrer e escolheria o soldado. Com suas emoções, acaba perdendo os dois, pois duvido que Mack consiga sobreviver ao ferimento...

— E sobre lealdade, você já ouviu falar? — Eudine o interrompeu novamente.

— É muito jovem, cara Eudine, para entender que a maior lealdade que se deve ter é a si mesma — Gael cruzou os braços — Retomando: a partir da sua afirmação de que ninguém será enforcado, chego à conclusão

que confessará a sua traição diante do povo de Heldroch e, desse modo, desistirá do trono.

Hank olhou para Eudine, esperando que ela dissesse que Gael estava errado. Diante do silêncio da jovem, ele se pronunciou.

— Não faça isso, Eudine! Um reino não sentirá tanto a perda de um soldado, quanto à de uma rainha... Não, após terem perdido a princesa Gweneth!

— Ela não morreu! — Eudine fez questão de recordar ao amigo — E há de ser a rainha.

— Pelo jeito que fala, percebo que estou fazendo um favor ao reino: está completamente maluca, com essa sua ideia de que a princesa esteja viva – Gael zombou – Não vejo a hora de ver a expressão do rei Cédric ao dizer, com todas as palavras, que libertou Leishter. O homem que matou a filha dele!

— Não temo — Eudine foi sincera — Porém, tenho uma exigência.

— Acha realmente que está em posição de exigir algo? — Gael descruzou os braços e deu dois passos na direção dela.

— Sim — ela ergueu o queixo para encará-lo — Não voltarei atrás na minha decisão, mas gostaria de convocar o povo e o rei, quando o duque estivesse longe daqui.

— Hummm — Gael a olhou de maneira estranha — Quer preservar seu pretendente de saber sua verdadeira natureza?

— Não é nada disso! — ela não admitiu, embora fosse exatamente o que queria fazer. O beijo ainda mexia com ela e, mesmo em meio aquela crise toda, só conseguia pensar em tudo o que aquele homem lhe fizera sentir no pouco tempo em que a teve em seus braços — Entretanto, Drystan é intrometido. Ele pode de alguma forma atrapalhar as coisas...

Gael refletiu. Ter Drystan longe poderia ser melhor, por isso, pela segunda vez, cedeu à Eudine.

— Assim que ele partir, o povo começara a ser convocado e o rei será avisado sobre seu pronunciamento público – ele a informou – Agora sugiro que vá para os seus aposentos se limpar e vestir-se adequadamente como a futura rainha, que jamais será, para que não levante suspeitas durante o jantar.

Tudo o que Eudine não estava preocupada era com o jantar, muito menos com aparências.

— E como terei notícias de Mack? — ela quis saber, ignorando todo o resto que ele havia acabado de falar.

— Mandarei que um dos meus homens entre em contato com a sua dama de companhia — Gael voltou a sorrir — A quem eu devo tudo isso. Se você estivesse cercada por pessoas mais espertas, não cairia em armadilhas, Eudine!

— Dispensando seus conselhos, Gael — Eudine caminhou de volta à cama em que Hank estava — Só quero que cumpra sua palavra e liberte o Hank. Ele não precisa ficar amarrado...

— Cada coisa a seu tempo! Eu já cedi bastante aos seus caprichos. Hank irá embora assim que você estiver diante do povo. Até lá, tomará o lugar daquele a quem libertou, aguardando na cela — mais uma vez, apenas informou — Agora vá! — ordenou e Eudine teve que fazer um esforço muito grande para não retrucar. Ainda abraçou o amigo, antes de finalmente deixar o alojamento.



À noite

De seu último contato com Emma, até seu encontro com Gwen, Wilkins percebeu uma coisa: a aliança havia terminado e precisava garantir que o pronunciamento fosse feito. Logo, era necessário tirar Emma de seu caminho, pelo menos, enquanto Gwen estivesse falando com o povo. A ausência de Garth ajudaria muito, já que percebera que ele garantia que os ânimos não se exaltassem.

Aquela foi uma madrugada em que não dormiu, tomando as devidas providências para o dia seguinte. Primeiro, fez seus homens trazerem os baús da princesa. Depois, procurou neles, tudo o que fosse de valor e que pudesse atrair a simpatia e atenção de todos ali. Por fim, a parte mais arriscada. Junto de seus homens, quase ao amanhecer, entrou no aposento onde Emma dormia e sem dificuldades, pois a mulher jamais pensara em ter sua segurança resguardada, rendeu-a, enquanto dormia; fazendo com que suas mãos e pés fossem amarrados e sua boca amordaçada.

— Será algo provisório, minha querida anfitriã! — Wilkins falou diante de uma mulher surpresa e assustada — Não te farei mal, só preciso que não interfira. Depois que a princesa falar e se o povo não for seduzido pelas promessas que ela fará, então, tudo voltará ao normal e sairemos daqui — explicou, sentado diante dela — Embora, sinta muito lhe informar, mas nunca

vi-ílt um miserável recusar a um prato de comida, ainda que do aceite do prato, dependa sua própria vida! — ele sorriu — Até que a minha princesa fale, ficará no aposento que tão gentilmente me cedeu.

Ele fez um gesto para seus homens e eles caminharam até a cama e fizeram-na levantar, antes de o mais forte apanhá-la no colo.

— Quero que vigiem para que ninguém descubra que ela está lá — ele ordenou e levantou-se devagar, vendo-a ser levada. Agora precisava falar com sua noiva, incitar-lhe a ir em frente com sua ideia de retomar o reino, torcendo para que ela tivesse herdado de Cédric a mesma eloquência e poder de indução. Se tudo desse certo, a mais doce das princesas, estava prestes a liderar um levante contra o próprio reino.



Drystan verificou mais uma vez suas coisas. Havia levado bagagem para ficar por mais tempo e muitas roupas não tinham nem mesmo saído dos baús. Também, não tivera tempo e nem oportunidade de entregar o presente que levara para Eudine. Ao sair do ducado, não imaginava que tantas coisas aconteceriam e que, ao final, quando a encontrasse, seria rejeitado por ela.

Achara estranho, porque após o beijo, no qual sentiu a resistência dela abandoná-la, Eudine sequer olhara para ele durante o jantar. Estava aérea, ausente, totalmente diferente da jovem que conhecer e aquela ausência não tinha nada a ver com aspirações românticas. Embora ela disfarçasse bem, havia uma nuvem de preocupação que a rondava e a qual ele conseguiu perceber.

O rei Cédric também estava mais quieto do que o normal. Algo que o duque atribuiu à falta da filha, afinal o peso da morte de Gweneth era uma bruma que talvez pairasse para sempre sobre o reino. Apenas Gael estava normal. Portanto, houve pouca conversação à mesa.

Quando finalmente percebeu que estava pronto para partir, deixou suas lembranças sobre o jantar e desceu para o café da manhã. Inicialmente planejava sair de Heldroch após o almoço, mas decidira que o quanto antes partisse, melhor. Além disso, havia prometido ao rei Wilhelm uma breve visita e pretendia cumprir a promessa, embora o rei fosse se espantar com a velocidade deste pagamento. Seu cavalo voltaria a ser atrelado à carruagem com a qual chegara ao reino e viajaria como o duque de Gunther, com todo conforto possível, levando adiante a insígnia de sua família. Em sua tola

imaginação, achara adequado ir ao reino com uma carruagem, pois assim ofereceria mais conforto à sua noiva, quando a levasse com ele para casa.

Não foi surpresa perceber que Eudine não se encontrava. Assim, a refeição seguiu de modo tranquilo e sua grande admiração foi o bom humor experimentado por Gael. Desde que chegara ao reino, nunca o vira tão feliz. Chegou até a imaginar que aquilo tinha a ver com sua partida, já que Gael deixara claro que não gostava de sua intromissão em assuntos particulares do reino. No entanto, tirou a ideia da cabeça, por não ter provas concretas para afirmá-lo.

— Gostaria de te agradecer a hospedagem e me solidarizar com tudo o que aconteceu durante a minha estada – agradeceu ao rei, após a refeição – Apesar de tudo, foi muito importante estar aqui, afinal, o senhor sempre faz com que eu me sinta à vontade, como se fosse da família.

— Não precisa me agradecer, Drystan. Eu teria muito orgulho em ser seu pai. É honrado, digno e ótimo combatente, sempre leal e obstinado. O prazer foi o meu em tê-lo aqui em meu reino e as portas estarão abertas para seu retorno, sempre que quiser. Conto com você, representando o ducado, na cerimônia de coroação.

Gael sorriu involuntariamente ao pensar que não haveria cerimônia alguma e Drystan o encarou, desconfiado, mas resolveu relevar. O importante é que dentro de algumas horas, estaria longe dali e Gael e tudo o mais não teriam tanto poder sobre ele. Quer dizer, talvez estivesse se enganando, porque, isso não valia para Eudine, ainda levaria consigo o gosto do beijo, o cheiro da pele, o tremor que causara nela e, sobretudo, a personalidade que o encantara desde o primeiro minuto.

Ao contrário dos outros dias, dessa vez, precisava ver Eudine e se despedir dela. Já concordara em ir embora, mas não admitiria jamais fazer isso sem vê-la uma última vez. Desse modo, mesmo sabendo-se totalmente inconveniente, foi procurá-la em seus aposentos.

Kim foi quem abriu a porta e Drystan achou a expressão da dama carregada e pensou que deixar o reino o estivesse fazendo ver coisas onde não existiam.

— Senhor? — ela não escondeu a surpresa.

— Sei que não é de bom tom ter com uma dama em seus aposentos, porém, preciso falar com Eudine. Poderia, por favor, avisá-la sobre a minha presença? — ele pediu sem demonstrar sua ansiedade. Para Kim pareceu ainda mais bonito e seguro do que nos outros dias. Podia não estar com o

traje branco que ainda provocava suspiro entre todas as mulheres que trabalhavam no castelo, mas estava bonito do mesmo modo, todo de preto.

— Sim, senhor — Kim assentiu e pediu licença, antes de fechar a porta e ir até Eudine.

A jovem não estava deitada e tampouco deprimida com tudo o que acontecera. Não era de ficar se lamentando, crescera aprendendo a se levantar, sempre que caía. Então, por pior que parecesse a sua situação, não se permitia o desespero. Só estava muito irritada para ter que dividir uma refeição repleta de convenções. Aproveitara seu tempo com a dama de companhia, começando a pagar sua promessa: ensinando-a a ler e escrever. Ser útil foi a única forma que a fizera relaxar um pouco.

Ir presa e perder a coroa eram as punições que imaginava receber, pois sabia que em nome da rainha Maeve, o rei não permitiria que lhe aplicassem nenhum castigo físico. Pensando nisso, chegava à conclusão de que não faria muita diferença com a vida que levava até ali: nunca se sentiu livre e jamais quisera o trono. Estar reclusa a uma cela, só diminuiria o espaço de seu confinamento naquele castelo. O que não podia permitir era que seus amigos pagassem por tentarem lhe ajudar. Hank seria exilado e isso já era um castigo sem tamanho: viver longe de uma família, de pessoas que realmente se importavam com ele.

Kim havia ficado muito triste ao ouvir tudo o que acontecera, no entanto Eudine acreditava que a maior tristeza era o fato de ela saber que Hank teria que deixar Heldroch. Afinal, percebera o jeito como os olhos da jovem brilhavam ao falar dele.

A dama a dispersara de seus pensamentos, indo ao seu encontro, meio sem jeito.

— O duque quer lhe falar e apenas uma porta o separa de nós — Kim disse de uma vez e Eudine pensou um pouco, antes de responder.

— Peça que entre — Eudine falou pausadamente e viu a expressão de Kim denunciar seu espanto — E, por favor, nos dê algum tempo de privacidade, esperando do lado de fora.

— Mas, senhora — ela começaria, mas refez a frase, diante do olhar de Eudine — Quis dizer, Eudine — conseguiu chamá-la pelo primeiro nome, mas com bastante esforço — Pode não ser visto com bons olhos um homem em seus aposentos, ainda mais um homem tão bonito quanto o duque.

— Kim, a minha menor preocupação agora é como me veem ou deixam de ver. Eu realmente não me importo — ela deu de ombros e Kim,

como já havia começado a conhecê-la, entendeu que não mudaria de ideia. Pediu licença e foi fazer o que lhe fora solicitado.

A jovem foi até o duque e lhe disse que ele podia entrar e esperou que o fizesse para deixar o quarto, fechando a porta ao sair.

Quando entrou, Eudine o aguardava em pé no meio do quarto e Drystan olhou-a com cuidado, detendo-se em cada pequeno detalhe dela. Ficaram em silêncio por alguns segundos, até que aquela inspeção acabou por irritá-la.

— Pensei que quisesse me dizer algo, não sabia que ficaria aí só me observando.

— Estou tentando guardar tudo o que eu puder de você, pois fará falta aos meus olhos vê-la todos os dias — foi tão franco que acabou por abalá-la. Será que ele treinava para dizer tais coisas que, simplesmente, conseguiam desarmá-la? Eudine não soube dizer, mas teve a certeza de que ficar diante de Drystan a deixava mais nervosa do que aquilo que estava por vir.

— Então, veio se despedir — ela tentou tirar a conversa daquela esfera, pois ainda se lembrava da sensação do beijo e vê-lo tão bonito em sua frente, dizendo-lhe palavras encantadoras, não estava ajudando a esquecê-la.

— Sim. Porque senti que se não partisse de mim a iniciativa, não nos despediríamos — ele falou seguro e deu dois passos para se aproximar mais.

Eudine teve que resistir bastante para não dar dois passos para trás. Não queria que ele achasse que tinha medo dele, quando na verdade tinha medo de si mesma, sempre que estava com ele.

— Esgotei minhas tentativas de te provar que não sou quem imagina — Drystan continuou — Assim, como aliado do reino, eu te ofereço meus serviços e a minha lealdade- ele se ajoelhou diante dela, como os cavaleiros faziam perante o rei Cédric, em sinal de respeito e lealdade.

— Levante-se, por favor – Eudine pediu constrangida. Ela não seria mais rainha e não lhe fazia bem vê-lo naquela posição, como se lhe fosse subordinado — Por favor – ela repetiu o pedido e ao ver que ele não se moveu, aproximou-se e tocou em seu ombro para fazê-lo levantar.

Drystan atendeu ao pedido e ficaram novamente muito perto, os olhos dele fixos nos dela.

— Sempre a servirei, Eudine, independente do que aconteça – ele falou sério, causando um arrepio na jovem — Sempre que precisar, basta chamar que virei em seu auxílio. Escute a minha promessa, terá sempre a

minha lealdade — falou o que realmente sentia.

— Drystan... — Eudine começou, mas ele impediu que continuasse, colocando um dos dedos nos lábios da jovem.

— Eu já entendi — ele sorriu, não queria ser novamente rejeitado — Só queria me despedir, sem voltar a assuntos antigos. Todo bom guerreiro deve saber o momento de atacar e o momento de recuar — ele sorriu de modo triste, dessa vez — Estou batendo em retirada.

O silêncio incômodo fez se presente, Eudine imaginou que ele a beijaria novamente. Mas, em vez disso, foi surpreendida por um abraço. Drystan encaixou-a em seus braços, e os corações dos dois bateram juntos por alguns segundos. Eudine nunca se sentiu tão protegida quanto naquele momento.

Drystan, por sua vez, teve que fazer um esforço gigantesco para afrouxar o abraço. Não podia beijá-la novamente, porque não conseguiria parar se comesse. Só tê-la aninhado ao seu corpo já o fazia queimar. Por isso, foi se afastando lentamente.

— Preciso ir — constatou, sem nenhuma vontade de fazê-lo — Voltarei quando for proclamada rainha — esboçou um sorriso — O rei Cédric disse que não demora, talvez esteja esperando uma data especial para isso, como o dia em que você nasceu, para que Heldroch celebre as duas datas de uma só vez.

Eudine tentou sorrir, mas não conseguiu. Quis dizer-lhe que jamais subiria ao trono, só que não saiu nada. Por fim, quanto ao seu aniversário, nunca soube realmente a data correta em que alcançaria a maioridade, por ter sido criada longe de sua família. A rainha Maeve que decretou um dia para comemorarem. Se nunca houve dúvidas em relação à idade em que chegara ao castelo, nunca houve certeza em relação ao dia em que nascera.

Sem conseguir fazer nada, Eudine viu o duque dar-lhe as costas e sair de seu quarto, deixando assim sua vida.

Respirou fundo, sentindo-se, pela primeira vez em anos, confusa sobre suas atitudes e com vontade de chorar. Contrariando tal vontade, passado algum tempo, saiu do quarto e caminhou pelos corredores do castelo, até chegar à parte externa.

Quase não ia àquela parte do castelo, por ser muito alta e por nenhuma mulher ter permissão de estar ali, sendo o lugar reservado para os homens que guardavam o castelo e para os arqueiros do reino. Os soldados tentaram impedir sua passagem, mas não conseguiram, pois Eudine ordenou

que a deixassem passar. Nenhum deles ousou ir contra ela.

Assim, com os cabelos esvoaçando por conta do vento, caminhou pela adarve a tempo de ver a carruagem pertencente ao duque começar a se afastar, deixando Heldroch para trás. Na medida em que a carruagem foi se afastando, seu coração foi ficando mais apertado. Admitiu estar errada em relação a ele, mas agora isso pouco importava, já que no dia seguinte, seu destino seria selado e nele não havia lugares para um sentimento daquela natureza.



— Não é seguro — Glenn disse preocupada, enquanto passava remédio nos machucados da moça. Avrill estava deitada na cama simples, enquanto recebia cuidados — E o Archie só conseguiu um cavalo. E se estiver sendo caçada?

— É um risco que preciso correr — Avrill sentiu a ardência, pois apesar de já estar bem melhor do que quando havia chegado, a área ainda estava sensível, e quando a senhora passou o unguento sob sua pele foi impossível não sentir — Eu sei que Leishter é um bandido, mas não tem nada a ver com o desaparecimento da princesa. Preciso colocar Gael no rumo certo.

— Fala do chefe de armas, como se fossem íntimos — a senhora deixou escapar e Avrill ficou sem graça.

— Apenas convivemos próximos, na mesma corte — ela mentiu e mudou de assunto — Quanto antes a princesa for resgatada, melhor. Temo que façam com ela o mesmo que fizeram comigo: primeiro curem suas feridas para depois atentar contra sua vida.

— De sua história, este ponto não faz o menor sentido — Glenn finalizou o que fazia, cobrindo o ferimento, que ainda necessitava de mais cuidados, com um pano.

— Talvez o rapaz tenha tido pena de mim — Avrill deu de ombros, sentando-se na cama logo que foi permitido — E, com isso, deu-me a chance de restabelecer a verdade. Por mais perigoso que seja, vou tentar voltar para Heldroch.

— Então, como não farei com que mude de ideia, prepararei algo para comer, pois de barriga vazia, esta missão será ainda mais arriscada. Uma viagem de muitas horas exige resistência — ela declarou, prestes a levantar.

— Não tenho como lhes agradecer por tudo — Avrill impediu que levantasse, apanhando em suas mãos — Prometo que quando tudo tiver chegado ao fim, quando Gwen estiver em casa, farei o rei saber o quão foram importantes. Muito obrigada.

— Só aceito como agradecimento sua chegada sã e salva no reino — a senhora respondeu com bom humor.

— Não se preocupe, eu não pretendo desapontá-la — Avrill sorriu, acreditando piamente no que dizia.

CAPÍTULO 33

A maldade bebe a maior parte do veneno que produz – Sêneca

Gael ostentava um belo sorriso ao caminhar em direção à câmara em que se encontrava o rei Cédric. Mal Drystan deixara o castelo e ele já começara a tomar providências para um grande pronunciamento no dia seguinte. Homens haviam sido designados para armar a estrutura na qual Eudine poderia ser vista por todo o povo. Queria que a jovem ficasse em posição de destaque, enquanto ele e o rei assistiram dos camarotes. Adoraria presenciar a queda da jovem, antes de aceder ao trono.

Seu encontro com o rei era justamente para comunicar-lhe sobre o evento. Desde que a princesa desaparecera, Cédric havia se tornado muito distante dos assuntos oficiais. Como se realmente não fizesse mais sentido para ele. Gael via aquilo como símbolo de fraqueza, pois em sua opinião um homem jamais deveria colocar seus interesses pessoais acima dos interesses do reino.

Ainda assim, sabia que o rei faria perguntas e já havia pensado nas respostas. Quando ele perguntasse o motivo para o pronunciamento, diria que Eudine fora procurá-lo e expressara sua preocupação em assumir um cargo tão importante, desejando, antes, falar com seus futuros súditos. Deixaria que ele tivesse a surpresa com o teor do que ela diria.



Gweneth arregalou os olhos diante da visão. Agora, fora do local em que estivera desde que chegara, tinha finalmente a noção de onde estava. Ficou sem palavras, pois era desumano tanta gente viver ali com tão pouco, enquanto ela desfrutava de mais espaço do que necessitava e de mais luxo do que realmente precisava para se manter.

Engoliu em seco e continuou caminhando, sendo guiada por Wilkins

que se movimentava ali com segurança, como se conhecesse aquele lugar como a palma da mão. Ficou impressionada também com a quantidade de tochas necessárias para manter a claridade do local e, ao ver algumas crianças, tentou imaginar o que era passar a infância ali.

Wilkins percebeu na expressão de Gweneth o quanto ela ficara chocada com a condição de vida daquelas pessoas. E, justamente por isso, teve certeza de que seu discurso seria emocionado. Conduziu-a até o centro da mina, onde era possível, olhando para cima, ter a dimensão exata de quantas pessoas habitavam a construção. Eram muitas. Assim como Avrill, quando estivera na mesma posição, a princesa sentiu uma leve tontura ao olhar para cima e sentir-se observada por tantos olhos.

A figura da jovem de cabelos dourados foi o suficiente para chamar a atenção. Antes mesmo que o príncipe convocasse os moradores, muitos deles já se aglomeravam para vê-la.

— Por favor, façam silêncio! — Wilkins pediu, quando sua vontade era ordenar que se calassem. Os homens principalmente olharam-no com desconfiança, afinal era a primeira vez que ele lhes dirigia a palavra sem estar ao lado de Emma. Achavam estranha essa ausência. Como não obteve sucesso na primeira tentativa, ergueu seu tom de voz e deu-lhe um argumento capaz de convencê-los — Estão diante da princesa Gweneth, de Heldroch. A verdadeira e única herdeira da dinastia Rawlin, a filha única do rei Cédric.

Houve um burburinho no começo, mas eles foram cessando. Agora com a atenção redobrada, afinal, jamais imaginaram que a jovem que estivera ali por tantos dias pudesse ser da realeza.

Wilkins ficou satisfeito, pensando que até os boçais sabiam o significado de hierarquia.

— Olá — Gwen começou timidamente e Wilkins fez um gesto, pedindo que aumentasse o tom de voz, sugestão prontamente seguida — Eu preciso lhes agradecer o que fizeram por mim, restabelecendo a minha saúde a ponto de eu poder estar aqui me dirigindo a todos. Levarei minha gratidão até o fim dos meus dias — ela fez uma pausa — Como princesa de Heldroch não posso me omitir... Sei que talvez esta seja a única moradia que possuem, entretanto merecem mais do que isso. Os seus filhos merecem mais do que isso.

— Crescer ao relento? — um dos homens ousou interrompê-la e Wilkins tentou, sem sucesso, localizar o dono da voz.

— Não, crescer sob a proteção de um teto — Gwen foi firme, e

respondeu para todos, embora voltasse o rosto ao local de onde o som fora proveniente — Com condições plenas de desenvolvimento.

— O rei nunca fez nada a nosso favor — foi a vez de outro homem falar, só que esse se deu a conhecer e contou com a concordância de vários homens e mulheres.

Wilkins pensou em interferir, mas Gwen fez-lhe um gesto.

— Posso responder apenas por mim — ela retomou — E estou lhes dando a minha palavra que daqui para frente isto será diferente. Eu não tinha conhecimento sobre vocês — disse a verdade — Como sucessora na linhagem real, posso me comprometer aqui e agora com o futuro de vocês e de seus filhos.

— A princesa pode provar que está falando sério — Wilkins se intrometeu e fez um gesto para seus homens. Dois deles saíram da vista de todos e quando voltaram, traziam um dos baús de Gweneth. Aquele no qual ela levava provisões e presentes para o seu pai, o rei Wilhelm. Os homens depositaram o baú perto de Wilkins e o príncipe o abriu. Ele apanhou primeiro dois papéis que eram as escrituras de terrenos.

— Você que interrompeu a princesa — ele olhou para o homem — Venha até aqui — dessa vez não foi um pedido e sim uma ordem. Gwen ficou apreensiva com a forma como todos olharam para os dois.

O homem ainda hesitou, no entanto com passos desconfiados aproximou-se.

— Você tem família? — Wilkins quis saber, logo que ele se aproximou e o homem fez que sim com a cabeça.

Wilkins estendeu um dos papéis para a princesa e ela entendeu imediatamente o que ele queria que fizesse.

— Como se chama? — Gweneth quis saber, assim que recebeu a escritura de Wilkins.

— Cisnard — o homem falou timidamente — Não tenho um segundo nome — fez questão de dizer.

— Tudo bem — Gwen sorriu-lhe simpática — Cisnard, como princesa de Heldroch, tendo por testemunhas o príncipe Wilkins e seu povo, faço a cessão destas terras. Nelas poderá erguer sua casa e cultivar uma plantação.

Diante dessa afirmação, ouviram-se várias exclamações surpresas.

— Para que tenha certeza de que estou sendo sincera, assim que chegarmos ao reino, farei novamente a cessão. Diante de todo o povo de

Heldroch — Gwen comportou-se de maneira humilde e, ao mesmo tempo, ativa, provocando em Wilkins um sorriso de canto da boca. Era a marionete perfeita, porque conseguia atrair a simpatia do gentio, sem muito esforço. Cisnard apanhou o papel incrédulo, estava tão nervoso que tremia. E como sinal de agradecimento, ajoelhou-se diante de Gwen. A princesa, sem jeito, pediu que ele se levantasse.

Wilkins continuou, chamando o outro homem que se manifestara. A ideia era enfraquecer os que resistiram e, assim, ganhar os demais. O outro homem demorou um pouco mais a se apresentar, mas assim que o fez, recebeu das mãos de Gwen outra escritura e repetiu o gesto realizado por Cisnard.

— Há outros presentes aqui para vocês — Wilkins continuou, aumentando o burburinho — Porém, ainda há um assunto importante a ser tratado — ele olhou para a princesa, instruindo que continuasse.

— Eu quero fazer muito pelo meu reino, fazer muito por vocês. Porém, chegou-me a notícia de que meu pai foi enganado e, por conta de seu engano, não serei mais a futura rainha — um novo burburinho, dessa vez muitas pessoas confusas.

— Então, de que vale esses papéis? — Cisnard questionou confuso.

— Ainda valem muito — Wilkins fez questão de responder.

— Sim — Gwen demonstrou firmeza — Porque pretendo reconquistar o meu lugar de direito e para isso conto com a ajuda de vocês — foi direta.

Milhares de vozes falando ao mesmo tempo. Homens, mulheres, todos querendo saber o que significava ajudar uma princesa a retomar um trono.

— Quer que nossos maridos e filhos lutem por você? — uma mulher finalmente fez a pergunta que todos queriam fazer, mas ninguém tivera a coragem.

— Por Heldroch — Gwen a corrigiu e, pela primeira vez, a segurança que possuía a abandonou.

— Promete-nos terras, mas quer nos tornar viúvas e aos nossos filhos órfãos — a mesma mulher continuou — Já tivemos muitas perdas. Se mesmo com armas e treinamentos já seria impossível combater um exército, imagine sem. Podemos ser andarilhos, mas não somos burros.

— Acha realmente que a princesa não pensou nisso? — Wilkins se intrometeu — Eu lhes treinarei e todos estarão armados, eu mesmo farei as

armas chegaram a todo homem de bem que se comprometer a nos ajudar.

— O que Emma acha disso? — a mesma mulher encarou o príncipe.

— Vou lhes contar a verdade — Wilkins tomou a palavra mais uma vez — Neste momento, as tropas do reino já devem estar se preparando para atacar a mina. E se os deixarmos vir até aqui, então, não haverá viúvas e órfãos que, e sim apenas corpos.

Gwen olhou para ele, esperando que desmentisse aquilo, mas Wilkins fez o contrário, manteve-se firme.

— Eu disse o mesmo para Emma — ele continuou — E o que ela fez? Omitiu-se. Onde está que não aqui? — apostou alto, pois se alguém fosse procurá-la, teria problemas — Eu sinto muito não ter lhe falado antes — virou-se para Gwen e adorou a expressão que ela fizera, mais um choque, agora ao pensar na segurança de todas aquelas mulheres e crianças.

— Temos que tirá-los daqui — não escondeu o desespero — O quanto antes. Eu não acredito que Gael permitirá que inocentes se transformem em alvos.

— Gael seguirá ordens, sejam elas quais forem — Wilkins continuou sério. Aquela conversa na frente de todos era mais um ponto positivo para o teatro que armara.

— Eudine não faria isso. Eu a conheço — Gwen recusou-se a acreditar.

— E não é isso o que a vingança faz com as pessoas? Que elas se esqueçam de suas naturezas? A Eudine que conheceu é bem diferente da Eudine que subirá ao trono.

— Não acredito — Gwen novamente não quis escutá-lo — Ela é boa, jamais faria mal a crianças...

— Tudo bem, Gwen. Esqueçamos tudo isso. Porém, não diga que não avisei, quando o exército de Gael cercar a mina.

— Eu posso me entregar, caso isto aconteça... — Tentou argumentar.

— Se eles chegarem tão perto, Gwen, não desejarão sua rendição — Wilkins fez-se preocupado, dando passos em direção a ela — Podíamos pedir ajuda ao meu pai, mas isso fará com que quebre a aliança com o seu pai...

— Se para proteger nossas mulheres e filhos for necessário levantar-se contra o exército de Gael, é melhor que seja longe daqui — Cisnard, que assistia a conversação, pronunciou-se. No entanto, ele o fez mais direcionado para seus outros companheiros do que para os dois.

— Alguém aqui concorda com isso? — Wilkins lutou contra sua vontade de sorrir. Ainda se surpreendia em como os tolos podiam ser influenciáveis — Pode levantar a mão, quem concorda com o que o que acabou de ser dito? — e para reforçar repetiu em suas palavras — Que entre o embate ocorrer aqui ou nos arredores do castelo, é preferível poupar as mulheres e crianças...

Timidamente um a um os homens foram erguendo as mãos, conversando rapidamente com suas famílias que era o certo a fazer. Assim, as mulheres demoraram mais em concordar. Mas, bastou que uma erguesse a mão para outras seguirem. Aquela mulher que se pronunciara, de nome Reynard, manteve-se firme em sua discordância, mas não obteve muito sucesso em seu papel de convencer os demais.

— Pelo jeito já se decidiram — Wilkins constatou, com autoridade — E tomaram a melhor decisão. O quanto antes, vocês estarão em posse de espadas, adagas e punhais. Pensemos em coisas mais leves por enquanto — ele apontou o baú — Há presentes para vocês, mulheres. A princesa Gweneth ficará feliz em distribuí-los. Por favor, se aproximem — pediu e timidamente as mulheres foram se aproximando.

— Emma jamais concordaria em lutar uma guerra que não é nossa — Reynard segurou o braço de uma das mulheres, impedindo-a de ir em direção ao encontro da princesa.

— E onde ela está agora? — Annabeth, a mulher que foi segura, quis saber — Lembre-se, você não é a Emma. E se ela nos omitiu algo tão importante assim, não sei se merece nossa confiança.

— Não diga bobagem. Seus filhos e marido morrerão por uma causa que talvez nos favoreça, talvez não — olhou para a princesa que, a esta altura estava rodeada por outras mulheres e sua fala perdeu-se diante de tanta coisa bonita que saía do baú.



— Você não precisa concordar com isso, pode fugir — Kim começou — Temos o mesmo tamanho e quase o mesmo corpo, posso ficar em seu lugar, usando suas roupas, enquanto foge.

Eudine sorriu agradecida e apanhou as mãos da dama entre as suas. Mesmo com tanta coisas acontecendo, cumpria sua palavra e as duas

estavam debruçadas no papel, onde a moça já havia rabiscado suas primeiras letras.

— Eu agradeço, Kim, mas muita gente já se feriu por minha causa. Não quero que seja mais uma. Eu dei minha palavra e não voltarei atrás. No entanto, há uma coisa que poderia fazer por mim.

— Basta me dizer, que farei — Kim prontificou-se e Eudine sorriu, afinal não podia reclamar das amizades que as circunstâncias lhe trouxeram.

— Sei que sente alguma coisa pelo Hank — Eudine viu a moça baixar os olhos — Queria que, amanhã, quando ele partir... Que fosse com ele.

— Como? — Kim não entendeu.

— Quero você longe daqui, Kim, é mais seguro. Depois de amanhã, não sei do que Gael será capaz. E ele sabe que você é minha aliada. Talvez desconte em você.

— Eu entendo, senhora — ela se corrigiu — Eudine. Só que ir embora com o Hank me parece tão precipitado. Ele nem ao menos sabe da minha existência. Jamais desejará minha companhia. E, além disto, nunca sai deste castelo...

— Sempre há uma primeira vez, Kim. Sua família se oporia?

— Minha família é todo aquele que trabalha no castelo. Não tenho ninguém.

— Mais um motivo — Eudine sorriu cumplice, achando que tinham trajetórias parecidas — Na verdade, eu queria que fosse para cuidar dele — Eudine foi sincera — É muito ruim estar longe de seu lar, de sua família. Se ele achar que o que sucede é o contrário, irá com você por qualquer lugar.

— Eu não entendi — Kim tentou compreender onde ela queria chegar.

— Hank deve achar que ele que toma conta de você — Eudine esclareceu de modo simples — Sua lealdade jamais permitirá que se afaste de você.

— Como disse, não tenho família aqui, Eudine, por isso entendo um pouco sobre essa falta. Porém, o meu medo não é deixar o castelo.

— Qual é seu medo, então? — Eudine a encarou.

— E se o sentimento de lealdade não for o suficiente para mim? — perguntou preocupada e Eudine sorriu mais uma vez, soltando-lhe as mãos.

— Nesse caso, terá uma vida toda para traçar o caminho até seu coração.



Drystan culpou o balanço da carruagem pelo aborrecimento que sentia. Já havia passado por ali a cavalo, mas em uma carruagem era bem pior. Foi impossível se esquecer do acidente, em mais algum tempo chegariam ao local exato que, pelo jeito, havia sido o último que a princesa vira.

A noite caía com uma velocidade impressionante e o frio se tornava a cada minuto mais intenso. Drystan ajeitou a capa que havia colocado, de modo a manter-se aquecido. Recordara-se do calor do corpo de Eudine, quando a teve em seus braços. O pior não era ser rejeitado, era ter a certeza de que poderiam conhecer a felicidade experimentada por seus pais.



Avrill sentiu o vento frio bater em seu rosto e continuou a cavalgar. Apenas quando montou no cavalo é que percebeu que seu corpo ainda estava dolorido. Fora duro despedir-se de Glenn e até mesmo do mal-humorado Archie. Agradeceu-os pela acolhida e pelo cavalo, prometendo retornar para compensá-los.

— Retorne para nos ver, não para nos compensar — Glenn havia lhe respondido — Porque já vivemos bastante, recompensa é bom quando se é jovem, para nós, não haverá muita serventia.

A dama pensou nos dois com carinho, e aquele pensamento foi capaz de diminuir o medo que sentia. Além de estar muito escuro, não dominava aquela montaria e por duas vezes se assustara, imaginando haver alguém atrás dela. Para completar, não estava em posse de um mapa e, por isso, não sabia se estava indo na direção exata. Ainda assim, não podia desistir, já que disso dependia a vida da princesa, considerando que ela ainda estivesse viva.



Drystan estava quase adormecendo, quando a carruagem balançou mais do que o normal, fazendo com que quase batesse a cabeça em uma de suas extremidades. Após isso, ouviu os cavalos relincharem e ouviu o condutor gritando com os animais para acalmá-los. Somente quando a carruagem parou, Drystan percebeu que estavam fora de perigo.

Abriu imediatamente a porta e olhou para Iohan, o condutor.

— O que houve?

— Não sei — o homem havia suado na tentativa de controlar os cavalos e agora passava as costas da mão na testa de modo a limpá-la — Ilid assustou-se com algo.

—Estranho. Ele não costuma ser assim — Drystan resolveu descer e olhar seu cavalo.

Passou a mão na crina do animal e depois verificou suas patas, primeiro as dianteiras, depois as traseiras. Não encontrou nada, pois se ele tivesse se machucado, poderia explicar aquela atitude.

— Vamos desatrelá-lo — Drystan ordenou e Iohan começou imediatamente a soltar o animal. Mesmo sabendo que isso pudesse atrasá-los, o duque pensou em cavalgar um pouco com o animal, ver se estava com sede, antes de prosseguir.

Quando o cavalo foi totalmente desatrelado, Iohan escutou a ordem de esperá-lo dentro da carruagem.

— Aqui é perigoso, afinal estamos perto de onde a princesa sumiu. Além disso, está frio. Portanto, aguarde a minha volta aí dentro. Darei quatro batidas breves — disse e só saiu quando Iohan entrou na carruagem e fechou-a.

Drystan passou a mão no pescoço do cavalo, antes de lhe dar o comando para seguir, primeiro bem devagar e depois mais rápido. Logo encontrou uma trilha segura e conduziu o cavalo por ela, em busca de um rio ou lago. A noite estava cada vez mais densa.

A cada centímetro que entrava na trilha mais se embrenhava em um lugar que não conhecia. Foi prestando bastante atenção para não se perder na hora de voltar. Ao fim da trilha, viu-se diante de uma floresta densa e teria voltado atrás se não estivesse preocupado com sua montaria. Por isso, não desistiu.

Bem mais devagar, fazendo com que Ilid galopasse lentamente, foi entrando. Ficou imaginando se Gael e seus homens teriam estado ali, fazendo buscas pela princesa. Afinal, ele mesmo não conhecia aquele lugar e tampouco sabia onde ia dar. Conduziu o cavalo de modo calmo até o momento em que sentiu o cheiro de terra molhada. Para quem vivia na estrada como ele, desenvolver o faro era algo natural.

— Já já Ilid — falou com carinho com o cavalo e a cada passo que davam o cheiro ficava mais forte.

Drystan observou o rio e abriu um sorriso por não ter perdido o jeito.

Felizmente o cavalo tinha se comportado bem até ali, demonstrando que, talvez, fosse apenas cansaço que o fizera ficar irritado. Apeou e puxou Ilid até a margem do rio. Não se espantou com a voracidade com a qual o cavalo sorveu o líquido.



Avrill havia escutado as recomendações e resolveu segui-las à risca, por mais medo que tivesse. Archie havia lhe falado que, assim que o cavalo diminuísse o ritmo deveria deixar que matasse sua sede.

Por não conhecer o caminho e tampouco saber se estava na direção certa, demorou muito para encontrar um lugar em que o cavalo pudesse beber água. Quando finalmente o encontrou, respirou aliviada, apeando com um pouco de dificuldade e começou a puxar o cavalo para que ele pudesse ali repor suas energias. Para ela aquela parada significava esticar as pernas, visto que sentia dores já por tanto tempo sentada.

Então, foi tudo muito rápido. Bastou estar diante do rio para verificar o erro que cometera. Na outra margem, havia um homem envolto em uma capa, aparentemente dando água para o cavalo. Diante daquele estranho, Avrill assustou-se e puxou o cavalo na direção contrária do que o animal queria ir, fazendo-o relinchar.

O barulho foi o suficiente para que Drystan erguesse o rosto e avistasse a figura do outro lado da margem. Não entendeu o que uma mulher poderia estar fazendo em um lugar como aquele tão tarde. Seu estranhamento só fez aumentar, quando ela largou a montaria e começou a correr.

Foi o instinto que fez com que ele largasse da rédea de Ilid e escolhesse a melhor maneira de atingir a outra margem o rio sem se molhar, indo atrás dela.

A possibilidade de estar sendo caçada foi o que fez Avrill correr. Ela não acreditava que chegara tão perto de sair daquele lugar. Ao olhar para trás e ver o homem em seu encalço, seu coração acelerou. Dessa vez tinha certeza de que não seria poupada.

Drystan gritou para que ela esperasse, fazendo com que a mulher aumentasse ainda mais o ritmo. Fez uma parada, antes de suspirar, cansado. Será que não podia ser algo mais simples? Quando finalmente voltou a correr, aumentou seu ritmo disposto a alcançá-la dessa vez.

Mesmo que ela tenha aberto uma boa distância, acabou a poucos

metros dela, quando aumentou a velocidade. Talvez ela estivesse cansada ou se cansara, pois conseguiu alcançá-la e quando estava bem próximo de tocá-la, viu a mulher tropeçar em algo e desabar no chão.

Drystan caminhou até ela, preocupado. Avrill tentou se levantar em vão, pois ao tocar o pé no chão sentiu uma dor incrível, que a fez desistir de ficar em pé. Arrastou-se alguns metros na tentativa de fugir dele. O duque a alcançou e se abaixou para verificar se ela estava ferida.

— Por favor, não me mate! — Avrill implorou.

— De onde tirou essa ideia? — assim como ela, estava ofegante.

— Você correu atrás de mim — respondeu ainda intimidada.

— Não, você que fugiu de mim — Drystan explicou — Não tenho a menor intenção de mata-la — Drystan fez questão de dizer, oferecendo a mão para que ela se levantasse — Estou apenas tentando entender o que uma dama faz em um lugar como esse — sua mão ficou estendida e Avrill hesitou em apanhá-la — Sabe o quanto é perigoso?

— Tao perigoso quanto encontrar um homem estranho, com uma capa que lhe esconde o rosto — Avrill disse insegura. Havia torcido o tornozelo, não tinha dúvidas disso. Ou seja, mais uma dor para sua infundável coleção.

Drystan entendeu-lhe o receio e se livrou da capa. Só quando a retirou é que Avrill pôde ver o quanto era bonito e teve que admitir a sua figura imponente inspirava confiança.

— Duque Drystan Ash — apresentou-se, causando surpresa em Avrill. Afinal, conhecia o nome, mas não o homem.

— Sou Lady Macge — ela disse e teve vontade foi a de chorar de alívio — Avrill Macge — Sabia que o ducado de Gunther era aliado do reino. Segundo o que o rei lhe dizia, quando estavam juntos, a localização do ducado era estratégica, o que transformara o duque em seu principal aliado na última grande guerra.

— Lady Macge? — foi a vez de Drystan Heldroch e nos reinos vizinhos sabiam quem era a bela nobre pela sua aproximação com o rei — Não é possível! Julgaram-na morta. Foram feitas inúmeras buscas e não foi encontrado sinal da comitiva da princesa... E agora você surge aqui do nada... Não faz o menor sentido.

— É uma história muito longa — Avrill disse exausta e novamente Drystan estendeu-lhe a mão para que ela se levantasse do chão. Avrill finalmente aceitou, no entanto bastou firmar o pé para sentir dor no pé que havia acabado de torcer, gemendo de dor.

Drystan não pensou duas vezes, antes de pegá-la no colo.

— Não há necessidade disso! Eu posso andar — Avrill protestou.

— Sim, eu vi que pode — Drystan duvidou — Sugiro que poupe seus esforços, porque não vou colocá-la no chão — avisou, pois, realmente não tinha a intenção de desampará-la. . Ela estava ferida e graças à corrida, haviam se afastado um pouco do rio, no qual os cavalos haviam ficado.

— Eu não me machucaria se não tivesse corrido atrás de mim — retrucou.

— Eu só corri porque correu primeiro, como já disse antes — foi paciente, como se estivesse diante de uma criança — Não tinha a intenção de assustá-la, muito menos te machucar. Portanto, apenas coloque as mãos em volta do meu pescoço e deixe o restante comigo — ordenou e ela ainda hesitou antes de obedecê-lo. Não teve como não se impressionar com o homem. Drystan a sustentou como se não pesasse nada e ainda conseguiu apanhar a capa que havia tirado e colocou sobre ela como se fosse uma manta — Vou mantê-la em segurança — prometeu e, pela primeira vez desde que tudo aquilo começara, ela acreditou e, nos braços do duque, sentiu-se segura.

CAPÍTULO 34

Tática é saber o que fazer quando há algo a fazer; estratégia é saber o que fazer quando não há nada para fazer – Savielly Tartakower

— Deixe-me verificar — Drystan pediu licença, ergueu um pouco o vestido dela e tocou-lhe o tornozelo direito. Avrill, que estava sentada no confortável banco estofado da carruagem, chegou a puxar um pouco a perna que ele fizera com que mantivesse esticada. Fez uma careta de dor, respondendo à dúvida dele. Agora, pelo menos, ele sabia onde havia sido a torção — Desculpe-me, mas precisava verificar. Aguarde um pouco.

Drystan estava cansado, pois o retorno, até o local em que a carruagem estava, fora mais demorado do que imaginara. Isto porque havia colocado Avrill em cima de Ilid e puxara o cavalo por todo o caminho. O último trecho fora o mais cansativo, pois fora preciso subir uma boa distância para voltarem à estrada. No entanto, nada disso fez com que desistisse. Queria se assegurar que Avrill estivesse bem, antes de lhe perguntar o que havia acontecido.

Assim, enquanto o condutor atrelava Ilid novamente, ele tomou seu lugar para poder abrir um dos baús que estavam em cima da carruagem. Apanhou uma camisa branca de algodão, voltou a fechá-lo e desceu, indo ao encontro de Avrill.

— Pronto — ele sorriu para ela e, antes mesmo de sentar-se, deu à camisa o destino que imaginara ao apanhá-la: rasgou-a com uma facilidade que impressionou Avrill. Aliás, desde que ele se revelara na floresta, só fizera impressioná-la.

Drystan aproximou-se dela, com as tiras em que havia transformado a camisa.

— Até que alguém possa ver seu tornozelo é mais prudente imobilizá-lo, para que não piore — declarou — Está um pouco inchado, portanto, prometo que não apertarei demais — aproximou-se e pegou novamente no tornozelo de Avrill para, desta vez, envolvê-lo com as tiras de pano.

Avrill ficou a olhá-lo, enquanto ele, compenetrado, fazia o que lhe prometera. Era impossível não ficar impactada diante de um homem daqueles, o famoso duque de Ash, de quem o rei falava com tanta consideração, era ao mesmo tempo forte e gentil. Achou estranho pensar em Cédric e imediatamente pensou em Gael. Chegou à conclusão de que nem o rei, muito menos o chefe de armas tratariam sua lesão com tamanho cuidado. Na realidade tinha dúvidas se dispensariam aquele tempo todo para ela.

— Obrigada — quebrou o próprio encantamento no qual se encontrava — Nem acredito que esteja aqui.

Drystan ergueu o rosto para encará-la.

— Sim, também não acredito nisto e estou ansioso para saber o que ocorreu. Porque, em Heldroch, Leishter foi preso como o responsável pelo sumiço da princesa e do príncipe, embora nunca tenha dito uma só palavra a respeito.

— Ele não disse por não saber — Avrill olhou-o nos olhos — Posso garantir que Leishter não tem nada a ver com isso.



Leishter só relaxou quando percebeu que não estava sendo seguido, e esta certeza só veio após algum tempo. Antes que a madrugada caísse, já havia pensado no próximo passo a seguir: conseguir alguém que ignorasse quem era e cuidasse de seu ferimento por um bom punhado de moedas.

Assim, cavalgou até um vilarejo onde havia um médico que tinha mais amor ao dinheiro do que à profissão, aliás, a fama que fizera com que o procurasse não era a de que fosse um bom médico e sim a de que atendia a qualquer tipo de pessoa. Segundo o que se dizia, ele não só cuidava dos ferimentos, como abrigava os feridos, deixando que fossem embora apenas quando tivesse a certeza de não haver risco de morte. Foi em sua casa que bateu com a madrugada já avançada.

A porta foi aberta pelo próprio. Apesar de sonolento, o homem reconheceu-o de imediato e não escondeu sua surpresa ao vê-lo tão machucado.

— Desculpe-me, não posso te ajudar. Já estou abrigando um ferido, não posso aceitar mais um.

Leishter apanhou algumas moedas na bolsa de pano e estendeu-a para o homem. A hesitação durou os segundos em que ele demorou em colocar os olhos nos dobrões. O homem abriu-lhe a porta.

— Então era mentira que havia sido capturado? — quis saber e Leishter não queria conversar, portanto, limitou-se a mostrar a quantidade em sangue em sua perna, fazendo com que o homem entendesse o recado.

Esperava partir logo quando clareasse, estando ou não melhor. Sentia-se em dívida e esse era um sentimento que não gostava de experimentar. A imagem do jovem sendo golpeado em seu lugar não saía de sua mente.



Eudine achou irônico o dia amanhecer lindo. O céu estava sem nuvens e o sol os brindara com sua presença. Chegou próxima à janela e pôde observar toda a movimentação no lado de fora, no pátio principal, onde em poucas horas estaria dizendo a todos os súditos que ajudara Leishter a fugir, porque sabia que a princesa estava viva.

Talvez, acreditassem que estivesse louca, mas não ligava, nem mesmo temia a punição que receberia por conta disso. Importava, antes, contar a verdade, independente de que a levassem em consideração ou não.

Kim estava mais angustiada do que ela, por duas razões: afeiçoara-se à Eudine e cogitava seriamente deixar Heldroch ao lado de Hank. Não sabia, porém, se ele aceitaria sua companhia, temendo ser rejeitada.

— Pensou no que eu te disse? — Eudine a despertou de seus pensamentos.

— Sim e tenho medo — Kim respondeu rapidamente, juntando-se a ela. Observou o movimento do lado de fora, impressionando-se com a quantidade de pessoas que chegavam.

— Quem não tem? — Eudine sorriu, observando a movimentação — O medo é bom quando impede que nos machuquemos e é ruim quando nos tolhe os movimentos. Imagine quantos passos eu teria deixado de dar, se tivesse ouvido toda a vez que senti medo... Talvez não estivesse tão encrencada, isto é certo, mas também isso não garante que estivesse feliz.

— Você parece tão destemida, Eudine — Kim sorriu tristemente —

Estaria aflita, se fosse você. Seu destino será decidido em poucas horas lá fora — viu Eudine afastar-se da janela, acompanhando-a — Todos querem ouvir a futura rainha.

— Acha realmente que pode haver algo mais assustador do que ser afastada de sua família e vir morar em um lugar como este? — ela fez um gesto para que a moça olhasse para o quarto — Até minhas lágrimas cessarem, pois já chorei muito, Kim. Aí percebi que ações, e não lágrimas, poderiam mudar o meu destino aqui. Decidi governar a minha vida que, até então, estava nas mãos de outras pessoas. Em todos os dias neste castelo, após ter essa consciência, nunca fiz nada que não quisesse. Ainda assim, errei ao me acomodar, ao me sentir confortável com uma vida que não era para mim — Eudine passou a mão sobre a cicatriz — Esta marca fez com que eu despertasse novamente e ela ter ficado aqui, entalhada em minha pele, faz com que eu me recorde todos os dias que só não posso agir diante do acaso, pois ele não depende de mim. Quanto ao resto, procuro não me omitir. Se o povo deseja me ouvir, ouvirá.

— Queria ser como você, Eudine — Kim demonstrou sua admiração.

— Seja apenas a Kim, siga seus instintos e tudo acabará bem — Eudine sorriu — Não tenha medo de se arriscar — ela aconselhou — Sei que não sou a pessoa mais adequada para te dizer isso, mas eu não me arrependo de nada do que fiz.

— Nada? — o tom desconfiado de Kim fez com que Eudine não entendesse sobre o que ela estava se referindo, por isso esperou que concluísse — Nem mesmo de ter afastado o duque?

Eudine não esperava pela pergunta, portanto ficou sem palavras. Admitiu sim que, nesse ponto, seu medo a impedira de ir adiante e fazer o que acabara de aconselhar para Kim: seguir seus instintos. A sua demora em responder, disse para Kim tudo o que ela queria saber.

— Eis aqui um exemplo que deve ignorar — Eudine disse por fim e, diante disso, Kim foi até ela e a abraçou. E durante aquele abraço, entendeu que a moça acabara de se decidir e seguiria com Hank.



Cédric raramente sonhava com a rainha Maeve e o sonho tivera o poder de perturbá-lo. Era como se a mulher viesse cobrar sua falta de cuidado

com a Gwen. Para completar, não havia compreendido o tal pronunciamento de Eudine. A jovem não tinha lhe falado nada a respeito, estando mais calada do que o habitual. Achava estranho ela ter se reportado a Gael, não que ela não tivesse autonomia para isso, mas Eudine e Gael não eram do tipo que conversavam. Logo, tinha o maior interesse no que ia ser dito, ainda que não estivesse se sentindo bem disposto.

Fora tal indisposição que o fizera chamar uma das criadas. A jovem apareceu rapidamente.

— Ethel, quero ver o quanto antes o médico real — ele ordenou e a jovem fez-lhe uma reverência, antes de deixar seus aposentos.

Balthar era um homem alguns anos mais velho do que o rei, tendo conhecido os pais dele enquanto aprendia o ofício para um dia poder tornar-se o médico oficial da família real. Coubera e ele noticiar ao rei a morte da rainha e vira o modo como ele ficara, o quanto sofrera.

Quando Ethel apareceu para chamá-lo foi prontamente. Não sabia o que estava acontecendo, mas diria para o rei tudo o que pensava sobre o caso. Ou seja, atendeu ao pedido sem demoras, colocando-se diante daquele a quem tinha como amigo.

— Senhor — ele fez uma reverência para Cédric — Eu sinto muito...

— Sente muito pelo que? — Cédric não entendeu, afinal tinha sido tão breve o quanto pedira.

— Não há nada que se possa fazer. Sei que o pedido partiu do senhor, mas o jovem está morrendo e não há nada como eu impedir.

A expressão de Cédric mudou. Havia chamado o homem para relatar sua indisposição, não sabia a quem se referia, visto não ter feito pedido algum.

— Do que está falando, Balthar? Não pedi que cuidasse de ninguém.

Foi a vez de a expressão do homem se modificar. Engoliu em seco e respondeu, sendo o mais sincero possível.

— Os homens de Gael disseram que o pedido partira do senhor, majestade. Não entendo.

— E o jovem? Quem é? — Cédric interessou-se pela história, afinal entenderia se o pedido fosse para um dos homens de Gael que tivessem sido feridos em algum combate.

— É o cavaliço — Balthar respondeu, tentando imaginar no que havia se metido.

— E, pelo jeito, não tem ideia de como ele se feriu — Cédric estava

cada vez mais desconfiado. Ainda era o rei de Heldroch e acabara de ter noção de que não sabia o que se passava debaixo de seu nariz. Sentiu a dor de cabeça aumentar diante daquela descoberta.

— Não, senhor, eu só sei que foi ferido por uma espada. Ignoro a circunstância — Balthar baixou os olhos.

— Desde quando luta para salvá-lo? — Cédric questionou.

— Desde o começo da noite de ontem — Balthar não escondeu o desânimo — O ferimento foi muito profundo e, por mais que tenha usado tudo o que eu saiba, não posso fazer mais nada.

— Ele já está desacordado? — Cédric continuou seu interrogatório.

— Reveza momentos de delírio com uma semi-lucidez. Temo que, quando perder os sentidos, será para sempre.

— Então me leve até ele — Cédric ordenou e a Balthar só restou acatar.



Leishter sentiu-se muito melhor após ter o ferimento tratado. Teria conseguido dormir, se não estivesse preocupado com o desfecho daquela história toda.

O médico o havia acomodado modestamente no pequeno cômodo contíguo à cozinha, porque havia outros dois homens no local em que ele atendia todos aqueles que o procuravam.

Levantou-se e esperava sair dali sem ser visto, para não ter problemas. Podia não ter sequestrado a princesa, mas ainda era responsável por muitas pilhagens. Teria conseguido, se um dos homens não saísse do outro cômodo exatamente na hora em que abriria a porta.

Leishter e ele se encararam. Foi possível ver na feição do homem que fora reconhecido. Leishter cerrou os punhos, preparado para defender sua liberdade.

— Sei quem é você, mas não me importo — o homem lhe disse e Leishter olhou-o desconfiado — Estamos na mesma condição — ele declarou.

— Não o vejo ferido — Leishter ainda não estava seguro se podia confiar nele.

— Eu me refiro a estarmos os dois aqui, porque este seria o único

lugar em que se propuseram a me ajudar. Temos mais em comum do que supõe — o homem continuou e estendeu a mão para ele — Eu me chamo Garth e, embora não tenha o mesmo currículo que o seu, sou considerado um pária, também.

Leishter hesitou em apertar-lhe a mão, mas o fez.

— Não tem ideia do quanto foi preciso rodar até achar ajuda — Garth continuou, imaginando que por bem pouco Tarif não morreria.

— Agora que apertamos as mãos, posso ir embora — Leishter foi seco.

— Na verdade, acho que o acaso fez com que nos encontrássemos — Garth esperou estar fazendo a coisa certa, mas pensou que Emma lhe entenderia — O último crime que lhe imputam...

— Acha realmente que quero falar sobre isso? — Leishter questionou cismado — Como não sei que está me segurando aqui para receber uma recompensa pela minha cabeça?

— Não tem como saber, porém, é preciso que me escute. Eu havia ouvido o boato que estava preso em Heldroch por um crime que não cometeu.

— Como sabe que não o cometi? — pela primeira vez que mostrou interesse pelo o que o homem dizia.

— Porque... — hesitou — Fomos nós que sequestramos a princesa — Garth viu Leishter caminhar em sua direção e não reagiu quando ele o apanhou, segurando em seu colarinho puído.

— Não brinque com isso — Leishter olhou dentro dos olhos do homem.

— Quisera estar brincando — Garth não se intimidou com o tamanho do homem que o segurava e se continha para não arrancar à força as palavras de sua boca.

— E por que fizeram isso à princesa? Não ousaram feri-la, ousaram?

Garth ficou confuso com aquele cuidado da parte dele. A fama de Leishter sempre fora a de que só se preocupava com a própria pele. Achou que ele ficaria mais interessado em poder se livrar da acusação do que com o estado da princesa.

— Responda! — Leishter o sacudiu, fazendo com que Garth despertasse de seus pensamentos.

— A princesa não foi ferida, quer dizer, pelo menos até agora.

— Então, ela estava certa... — Leishter pensou alto e Garth olhou-o

sem entender — Por que raios fizeram isso?

— A mando do príncipe Wilkins — Garth revelou e viu Leishter ir largando seu colarinho aos poucos, até soltá-lo completamente.

Os dois foram surpreendidos pelo médico que chegara da rua naquele instante, entrando rapidamente e se deparando com os dois.

— É preciso que deixem o lugar — o homem lhes disse, fechando a porta atrás de si — Tenho que sair e não posso deixá-los dentro de minha casa.

— Garantiu-me que poderíamos ficar mais — Garth o recordou, lembrando-o inclusive que havia pagado mais por isso.

— Isso foi antes — o médico disse sério — Haverá um pronunciamento em Heldroch e para o bem do meu negócio preciso estar lá — explicou-se rapidamente. Já havia tentado em oportunidades anteriores conhecer o médico real, aprender com ele e, quem sabe, suceder-lhe num futuro próximo.

Garth e Leishter se olharam. O primeiro esperando que a dama não tivesse chegado ao reino e o segundo tendo certeza de que Eudine estava enrascada.



Hank foi acompanhado de dois soldados o tempo todo. Assim, arrumou as poucas coisas que possuía em uma trouxa e se encontrou brevemente com a família. Mentiu dizendo ao pai que sairia em uma missão e retornaria, assim que possível. Talvez, quando Eudine fosse rainha, ele pensara, mas não ousou pronunciar. Foi constrangedor não poder aceitar a espada que o pai forjara para ele.

Também estava impressionado com a quantidade de pessoas que estavam chegando em carroças, carruagens, toda sorte de transporte. Sentiu-se estranho em ser o único indo contra o fluxo, enquanto todos chegavam, ele deveria partir.

Sentiu-se um covarde. Jamais deveria ter permitido que Eudine se sacrificasse por ele. Não temia morrer por uma causa que considerasse nobre. Caminhou entre a multidão e, quando chegou próximo à entrada do castelo, um dos soldados foi até ele e arrancou-lhe o brasão que representava que era um dos homens de Gael, deixando sua veste rasgada na altura do peito.

— Receberá um cavalo, para que se afaste rapidamente do reino —

um dos homens de Gael fizera questão de explicar — Se ousar retornar, teremos que matá-lo, pois não pertence mais a essa terra. Heldroch já não o reconhece como filho.

Hank engoliu em seco, concordando com tudo. Viu o homem pegar a trouxa de sua mão e prendê-la à sela do cavalo. Estava para montar, quando Kim, ofegante aproximou-se. Os guardas tentaram impedir que ela se aproximasse.

— A futura rainha pediu que eu viesse — sua fala segura fez com que os homens hesitaram, mas deixaram que se aproximasse.

— O que faz aqui, Kim? — Hank olhou-a preocupado e sua preocupação aumentou quando viu que a moça também trazia uma trouxa e estava com uma capa em cima do vestido, como se fosse preciso se preparar para uma longa viagem em cima de um cavalo.

Kim tremeu ao ouvir a pergunta, no entanto conseguiu dominar seu medo e aproximou-se bastante de Hank a ponto de conseguir falar em seu ouvido.

— Trago um último pedido de Eudine, ela que não pôde se despedir de você.

— Diga — Hank pediu interessado, falando em um tom que não pudesse ser ouvido pelos soldados.

— Dê sua palavra que cumprirá o pedido, antes — Kim pediu e sua voz saiu angustiada — Preciso saber se é leal à Eudine.

— Não pode duvidar disso. É claro que sou leal e, se isto é realmente preciso, dou minha palavra.

Kim respirou devagar, tentando conter sua ansiedade.

— Eudine pediu que me leve com você, pensando em minha segurança, pediu que me proteja, afastando-me daqui, pois teme o que Gael possa me fazer, afinal fui eu quem impediu seu plano de ser bem-sucedido.

— Isso é injusto, Kim. Não merece uma vida como a que passarei a ter — protestou e os olhos da moça se encheram de lágrimas.

— Deu sua palavra — ela o recordou.

Um dos soldados se irritou com os cochichos e achou que era o momento de interrompê-los.

— Pronto! — puxou Kim pelo braço, afastando-os — Tem que sair do reino — olhou para Hank.

— Antes, tire as mãos de cima dela — os olhos de Hank cintilaram de raiva e viu o homem abrir um sorriso de escárnio.

— Em sua posição, não pode exigir, apenas acatar — para provoca-lo ainda mais o soldado acariciou os cabelos de Kim, provocando asco na moça, em vão, tentou se afastar dele — Sua amiguinha ficará em ótimas mãos, não se preocupe.

— Quero ver você manter este sorriso no rosto, quando Gael souber que quebrou o acordo com Eudine — Hank se deu conta que realmente era muito arriscado para Kim permanecer no reino e Eudine não faria um pedido daqueles se não soubesse do que o chefe de armas era capaz.

— Do que está falando? — afrouxou a pressão que fazia no braço de Kim e se fez sério.

— Não se esqueça de que fui um de vocês, combatemos lado a lado, portanto sei como o Gael age.

— E, ainda assim, não teve dúvidas em traí-lo — o soldado rebateu.

— A questão não é esta. Continuo leal ao reino — foi firme — Gael tem um acordo com a futura rainha e você o está quebrando. Pense bem, hoje o exilado sou eu, mas amanhã pode estar em meu lugar, principalmente se desagradar o seu comandante — ele o encarou — Solte a moça — não foi um pedido e sim uma ordem, de modo que viu o soldado vacilar — Eudine poupou a mim ao fazer um acordo com o seu comandante, portanto, não queira que ela tenha algo contra você. Gael também não hesitará em puni-lo se atrapalhar seus planos junto a ela.

Diante de tais argumentos, o soldado soltou Kim e ela ficou sem saber o que fazer. Hank estendeu-lhe a mão.

— Venha, vou ajudá-la a subir no cavalo.

Kim sorriu entre lágrimas ao perceber que Eudine estava certa. Aceitou a mão do jovem e ele a ajudou a subir primeiro, montando logo em seguida, ficando atrás dela.

— Não será confortável por sermos dois em um só cavalo — avisou, falando na altura de seu ouvido — Assim, quando precisar parar, não hesite em me dizer.

Kim balançou a cabeça concordando. Mal ele sabia que só o fato de sentir seu corpo tão junto ao dela faria com que a viagem fosse a melhor de toda a sua vida.



Desde que ouvira Avrill, Drystan ficara preocupado. "Tema o inimigo

que se esconde". Era a frase que vinha à sua mente. Era evidente que aquilo fora algo calculado, afinal quem pensaria em uma mina abandonada? Ele mesmo havia feito as buscas com os homens de Gael e não havia rastros da princesa. Talvez, se Avrill não tivesse conseguido fugir jamais saberiam.

— É estranho — ele havia comentado, após ela relatar tudo — Por que não fizeram um contato como rei? Qual é o propósito? Sim porque deve haver algum...

— Não sei — Avrill balançou os ombros. Para fazer com que a perna dela continuasse esticada, Drystan sentara-se no banco em frente a ela, por mais que achasse incômodo viajar sentado no sentido contrário ao que andavam — Só espero que a princesa esteja bem. Que ela não tenha passado a metade do que passei — suspirou — Pensei que fosse morrer.

— Que bom que estava enganada — Drystan sorriu para ela e ficou sem ação quando viu seus olhos se encherem de lágrimas.

— Foi por tão pouco... Na primeira noite na cabana, sonhei que o homem tinha ido até o final. No sonho eu assistia a minha morte.

Drystan levantou-se e se acomodou no único lugar possível para que ela mantivesse sua perna esticada. Ou seja, em seu canto esquerdo, ficando muito próximo dela para isto. Não hesitou em confortá-la, fazendo que apoiasse a cabeça em seu ombro.

— Está segura. É o que importa no momento.

A conversa havia acontecido no começo da madrugada, quando havia decidido voltar à Heldroch. No entanto, Drystan tinha pedido que o condutor encontrasse um lugar para passarem a noite, já que movimentos bruscos provocavam dor na dama que tinha por companhia e era muito arriscado seguir viagem em plena madrugada.

Ela adormecera em seu ombro e Drystan manteve-se velando o seu sono. Percebeu que ela havia passado por muita coisa e era tão frágil... O tipo de mulher que permitia ser cuidada. Foi inevitável a comparação com Eudine. Talvez ela mudasse com o tempo, pois era muito jovem ainda. Já Avrill, tinha certeza de que não mudaria mais, achando que sempre conservaria a elegância e a delicadeza.

Quando acordara, ficara sem graça ao perceber que o travesseiro tão confortável no qual descansara a cabeça, era na verdade, o ombro largo do duque. Desencostou-se dele, sentindo-se tola.

— Bem, pelo menos não teve pesadelo — Drystan agiu como se não tivesse percebido seu embaraço.

— Não — ela sorriu sem graça — Falta muito?

— Na verdade, achei mais prudente seguir viagem só quando amanhecesse. E agora, por algum motivo, estamos indo mais devagar do que deveríamos — Drystan respondeu sério, ignorando que ter Avrill apoiada por tanto tempo em seu ombro deixara o local dolorido — Eu vou ver o que está acontecendo — informou, afastando-se e dando duas batidas na carruagem, logo acima do banco que ficava em frente ao que Avrill estava sentada.

Não demorou muito para a velocidade ir diminuindo, até cessar completamente. Uma vez parada, Drystan abriu a porta da carruagem e saiu. A intenção era a de perguntar o que havia acontecido, só que não foi preciso. Havia muita gente na estrada em direção à Heldroch.

— O que há? — Drystan dirigiu-se a um homem que, acompanhado da família, caminhava em direção ao reino.

— Estamos indo ouvir a futura rainha. Estamos bastante curiosos para saber como ela é. Sabe, dizem que ela alguém como nós e, ainda assim, vai ser rainha.

Drystan agradeceu. Eudine certamente encantaria a todos, só não entendia o motivo de ela não ter dito que falaria para o povo. Era como se tivesse esperado ele ir embora e isso o incomodou. Falou para o condutor seguir com cuidado. E entrou novamente na carruagem.

— Descobriu? — Avrill questionou interessada.

— Sim. Haverá um pronunciamento em Heldroch e há muita gente indo para lá.

— Suponho que seja para ver Eudine — Avrill pensou na loucura daquilo tudo — Aliás, como ela está lidando com essa decisão do Cédric... Do rei Cédric — ela se corrigiu.

— Não está confortável, mesmo assim acatou a decisão. Tenho certeza de que ficará muito feliz em saber que a princesa está viva — quanto a isso ele não tinha dúvidas. Sua dúvida só residia no tal pronunciamento e no fato de ela não ter desejado sua presença.



Finalmente chegou o momento. Eudine achou cedo, no entanto já sentia falta de Kim. Queria poder ter se despedido de Hank. Pediria desculpas por tê-lo envolvido naquilo tudo.

Para falar a verdade aos súditos, tinha escolhido um vestido da cor

azul, digno de uma princesa, algo que certamente Gwen aprovaria. Duas damas vieram ajudá-la a se vestir e, pela primeira vez, não negou a ajuda. Deixou que a penteassem também. Só abriu mão de todos os pós e pinturas que elas quisessem lhe empurrar. A verdade merecia ser dita de cara limpa.

Não havia descido para o almoço, pois não queria lidar com Gael. Desde que descobrira a fuga, ele sustentava um olhar vitorioso. Olhar no qual estampava toda a felicidade que sentia em tê-la nas mãos. E diante daquele olhar, Eudine revivia a sensação da qual ainda havia resquícios: estar impotente e ter Gael como o responsável por isso.

Não ousou olhar pela janela, pois sabia que havia muita gente lá fora. Segundo uma das damas, que a ajudaram, todos a queriam muito bem. Ela representava um modelo por ter saído das camadas mais baixas para assumir um reino, após um ato de bravura.

"Hoje, pois, haverão de achar que sou uma covarde" - ela pensou, quando finalmente ficou pronta. Olhou-se no espelho. Talvez ficasse feliz, apesar de tudo, pois aquela refletida do outro lado não era ela.

Decidida, saiu de seus aposentos e achou o castelo muito quieto, muito vazio. Sua caminhada solitária, no entanto, durou muito pouco. Gael alcançou-a logo que desceu e começou a caminhar junto dela.

— Se há uma coisa que me impressiona em você, menina, é que mantenha sua palavra — caminhou ao seu lado como se fossem grandes amigos.

— Não preciso de seus elogios, Gael, então, poupe-me — sua irritação fez com que ele sorrisse.

— Não basta ganhar, Eudine, sem tripudiar sobre o vencido não há graça — ele continuou divertindo-se — Seu erro foi se intrometer no meu caminho.

— Repense suas palavras e perceberá que você que se colocou no meu, desde que me tirou da minha família — Eudine respondeu séria.

— Sem lamúrias, garota, vai discursar para uma multidão que te adora. Mantenha sua altivez, aquela que nem sei de onde tirou. Caia com elegância.

— Só para constar, Gael, me retirei assim que pude das aulas de etiqueta — Eudine aproximou-se da saída do castelo. A partir dali seguiria por um corredor isolado do povo até o alcançar o palco.

— Ah sim, com isso está querendo dizer que não sabe ser elegante? — ele zombou.

— Não — ela se virou para ele e sorriu — Estou dizendo que nunca aprendi a cair. Principalmente para agradar alguém — e apertou o passo, distanciando-se de Gael que apreciou a resposta, pois, em poucos minutos, assistiria o contrário.

"Então vamos ver como se afunda de pé", o chefe de armas sorriu, seguindo-a.



A popularidade de Eudine era tanta que até Gael se surpreendeu com tantas pessoas. Até camponeses, que nunca vinham ao castelo para os pronunciamentos reais, estavam presentes. Não paravam de chegar carroças, carruagens e pessoas a pé.

O rei Cédric estava sentado no lugar que havia sido preparado para ele no palco. Estava sério, quase tão sério quanto no almoço, no qual não dissera uma só palavra. Eudine deveria sentar-se ao seu lado, só que não seguiu esse protocolo, permanecendo o tempo todo em pé no centro da estrutura, assim que pisara nela.

Coube a Gael, como sempre, pedir que o povo fizesse silêncio.

— Súditos de Heldroch, escutem! — ordenou — Vossa futura rainha — foi com um prazer inestimável que pronunciou estas palavras, pois sabia que depois do discurso ela seria reduzida a uma traidora do reino— Eudine Santê deseja lhes falar.

O vozerio foi cessando até reinar o mais absoluto silêncio. Eudine olhou em volta. Era tanta gente que ela não via onde acabava a multidão.

— Façam-lhe uma reverência! — Gael ordenou e novamente foi atendido. Os súditos se abaixando, por serem tantos, lembraram ondas do mar. Eudine engoliu em seco diante da visão.

Deu dois passos para frente, esperava que sua voz não lhe falhasse. Antes de começar, fechou os olhos e recordou-se do seu pedido à Igraine, achou irônico, afinal queria ser ouvida, queria que sua opinião fosse escutada. Quando abriu os olhos novamente, já estava mais confortável com que iria fazer. Portanto começou.

— Povo de Heldroch — virou-se para trás — Majestade, rei Cédric Rawlin, agradeço a um e a outro por poder estar aqui diante de vós. Não entendo o motivo pelo qual tanta gente veio me ouvir, do mesmo modo que

não compreendo como podem me desejar como rainha.

— Porque é uma de nós — alguém gritou do meio da multidão.

— Tudo o que sempre quis foi pertencer a um lugar — Eudine sorriu — Sim, sou uma de vocês, na medida em que não sou nada do que vocês pensam — ela atraiu a atenção de todos — Sou passível de erros e estou longe de ser uma heroína. Eu não prendi Leishter, eu o salvei da morte por duas vezes.

Desta vez, uma exclamação foi ouvida, os súditos se olhavam sem compreender o que ela estava dizendo. O rei Cédric se mexeu na cadeira com grande desconforto.

— Façam silêncio! — Gael ordenou aquilo estava melhor do que imaginara.

— Eu não prendi Leishter por uma simples questão — Eudine continuou — Porque estava fora do reino e nem sabia do desaparecimento da princesa. A notícia surpreendeu a mim, tanto quanto a vocês. E quando voltei, estava febril, nem sabia o que estava acontecendo, nem sabia que herdara o trono. Nunca mereci este trono.

O silêncio agora representava o quanto as pessoas estavam pasmas diante do que ela estava dizendo. Era evidente que os que estavam mais afastados do palco a ouviam bem mal, porém as palavras iam sendo passadas adiante. E o mesmo sentimento ia pintando os rostos em todas as fileiras.

— Aliás, nunca quis esse trono. Não por não respeitar o reino de Heldroch, não por desrespeitar vocês, súditos, mas por que a princesa Gweneth está viva.

Agora a multidão reagiu com mais espanto. Gael e o próprio rei Cédric não esperavam tal declaração. Os dois ficaram igualmente incomodados, porém, por motivos diferentes. Cédric por conta da esperança de ela estar certa e Gael por achá-la imprudente ao colocar aquela ilusão na cabeça de tanta gente. Deveria ele ter escrito o que ela falaria, deixar por conta de Eudine só podia ter dado naquilo.

Eudine esperou que a agitação diminuísse e em um só fôlego disse:

— E, por esse motivo, eu libertei Leishter. A única pessoa capaz de encontrar a princesa, já que o nosso chefe de armas nunca foi capaz de rastreá-la.

Gael teve vontade de ir até onde ela estava e esganá-la. Diante da agitação que se provocou no povo, ele achou que era hora de interromper o discurso, finalizá-lo. Não deixaria que uma garota sem linhagem diminuísse o

respeito e temor que todos lhe tinham e muito menos desmerecesse seu trabalho. Agora entendia o que ela quisera dizer em não aprender a cair, pois ela o puxava com ele em seu declínio.

Gael caminhou até ela e segurou-a no braço com força, puxando-a. Tal ato fez com que todos os burburinhos cessassem e os olhos se voltassem para aquela cena. O rei finalmente resolveu intervir e fez um sinal para alguns soldados. Eles caminharam até Gael e Eudine.

— Prendam essa traidora — Gael ordenou, soltando-a finalmente.

Dois homens foram até Eudine, segurando-a por cada um dos braços. Gael sorriu diante da cena, mas não percebeu que os outros dois soldados permaneceram, enquanto Eudine era retirada do palco. Assim que Gael fez a menção de seguir os homens, foi impedido pelos soldados.

— Saiam da minha frente — virou-se disposto a castigá-los pela ousadia.

— Não podemos, senhor — um deles respondeu — Em nome do rei de Heldroch está sendo preso.

Gael arregalou os olhos e virou-se para o rei Cédric, sem entender. Ele havia levantado do trono e caminhava em sua direção. Gael chegou a tocar na bainha onde estava a espada, mas desistiu.

— Levem-no para o meu aposento — Cédric dirigiu-se para os soldados — E o mantenham afastado de Eudine — saiu, deixando claro que os dois seriam levados para o mesmo lugar — O povo merece uma explicação sobre o que acabou de acontecer.

Cédric viu os soldados conduzirem Gael que não ousou em resistir e, quando estes sumiram, voltou-se ao povo. Tinha a intenção de explicar que os dois seriam interrogados para saber de qual lado estava a verdade. Porém, antes que conseguisse dizer uma palavra, a multidão começou a gritar pela rainha que haviam elegido para si.

— Eudine! Eudine! Eudine! — cada vez mais alto, como se fosse uma única voz.

Além de ficarem pasmos diante do que ouviram, os súditos consideraram que somente alguém com muita coragem seria capaz de dizer a verdade sem medo das consequências. Gael tê-la tratado com brutalidade dera a medida de quão corajosa fora. Estavam cansados de ver o chefe de armas punindo seus desafetos em praça pública. Além disso, acreditaram que a certeza de Eudine sobre a princesa tinha fundamentos, afinal se ela salvara Leishter como ele poderia ser responsável pelo sequestro? Se isso estivesse

correto, por pior elemento que fosse, Leishter era sim o mais capacitado para encontrá-la. Por fim, consideraram um ato de nobreza e lealdade da parte de Eudine: o sacrifício. Afinal, arriscara sua posição cômoda de futura rainha para soltar alguém que pudesse trazer a princesa de volta.

Quando Gael armara todo aquele circo, não previra somente uma coisa: que o desejo de Eudine pudesse se concretizar naquele exato momento.

CAPÍTULO 35

*Quem tem coragem para enfrentar os perigos vence-os antes que eles
o ameacem – Públio Siro*

O único momento em que Eudine sentiu-se intimidada foi ao ter sido retirada do palanque, pois bastou saírem da vista do público para os soldados soltarem seus braços e caminharem ao seu lado, como se estivessem tão somente a escoltando.

— Perdoe-nos, senhora. Apenas seguimos ordens — disse um dos guardas.

— Não precisa se explicar — Eudine estava calma — E também não precisa me chamar de senhora.

— Em todo caso, ganhou nossa admiração ao sacrificar-se pelo Hank — o outro falou, surpreendendo-a, pois jamais imaginava ouvir isso de um dos comandados de Gael — Ele era um de nós, logo, se estivéssemos na mesma posição em que ele esteve, gostaríamos de tê-la como aliada.

— Não fiz nada além da minha obrigação. Afinal, fui eu quem colocou o Hank nesta confusão, cabia a mim, e não a ele, arcar com as consequências.

— Seja como for — o primeiro soldado a encarou — Foi um gesto nobre e ganhou o respeito de muitos que não concordam com os métodos de nosso comandante.

A conversa só acabou por terem chegado diante dos aposentos reais. O soldado parou de falar e abriu a porta para que ela entrasse. Assim que ela entrou, os dois soldados a seguiram e mantiveram a porta apenas encostada.

Uma vez dentro do quarto, Eudine aproximou-se da janela. Ouvir a multidão gritar seu nome deu-lhe um arrepio. Sentiu-se estranha em relação àquilo, pois o povo não só a escutara, como também acreditara em tudo o que

dissera. Agora, tomavam partido a seu favor, gritando seu nome para deixar claro que não concordavam com a sua prisão.

— Igraine! — Eudine falou baixinho para si mesma e se recordou da mulher. Havia pensado em seu pedido, segundos antes de começar a falar e, como um passe de mágica, em vez de dedos apontados para seu rosto, chamando-lhe de traidora, apoio — Parece que o caminho para a realização do meu desejo é tão tortuoso quanto a sua fala.

— Disse alguma coisa? — questionou o guarda com quem conversara por último, fazendo com que ela se virasse para olhá-lo.

— Pensei alto, somente — Eudine mentiu e voltou a se concentrar na multidão.

Talvez fosse mágica mesmo, pois, quando mais se imaginava longe de seu desejo, mais perto dele se encontrava. Eudine suspirou, estava começando a pensar como a mulher da montanha.

A verdade é que não esperava aquele desfecho e ainda não tinha entendido a intervenção do rei; mesmo assim, não sentia medo. Ao contrário, experimentava um sentimento de alívio. Cumprira seu propósito ao falar diante de tantas pessoas, logo não tinha do que se arrepender.

Gael não teria ficado surpreso, se a conhecesse melhor. Teria previsto, por exemplo, que ela jamais omitiria seus sentimentos em relação ao desaparecimento da princesa, pois se o fizesse, estaria lidando com uma meia verdade. Libertara sim Leishter, mas com um propósito. No mais, ainda que considerasse a remota possibilidade de Gwen estar morta, algo que nem cogitava, sabia que o homem não podia ser o culpado disso, pois estava do lado oposto ao local em que ela sumira e Eudine, além de ser testemunha disso, era seu álibi. Logo, não conseguiria compactuar com tal injustiça, pois Leishter poderia ser acusado de qualquer coisa, menos deste crime.

Eudine virou-se com o estrondo da porta ao se abrir e sem surpresa viu um Gael irado sendo conduzido a muito custo por dois soldados. Os homens precisavam aplicar uma força maior do que a comum para detê-lo. Ao vê-la, Gael esforçou-se ainda mais para se livrar, ansiando acertar suas contas com Eudine ali mesmo.

— Por favor, senhor — um dos homens pediu — Nós não queremos machucá-lo.

— Qual de vocês faria isso? — Gael arrogante o encarou e todos os soldados que estavam no quarto trocaram olhares, intimidados — Qual de

vocês terá que nascer de novo para me machucar?

A pergunta ficou sem resposta, mas os homens que seguravam Gael aumentaram a pressão que faziam no braço dele, impedindo-o de se soltar.

— Estamos seguindo ordens reais — explicou, depois de um tempo, o mesmo soldado que tentava acalmá-lo,

— Pois então, Cédric deve estar louco, pois aquela ali — olhou para Eudine — É a única culpada.

Eudine ergueu o queixo para encará-lo.

— Culpada sim por soltar Leishter, mas jamais poderão me acusar de omissão quanto à princesa, o que já não posso dizer sobre você.

— Como ousa avaliar o meu trabalho? — os olhos de Gael cintilaram de raiva — Fiz todas as buscas necessárias, conforme-se: a princesa está morta!

— Se tivesse feito todas as buscas, não estaríamos aqui. É triste saber que o segundo homem mais poderoso do reino não passa de um incompetente.

— Da mesma forma, causa-me pesar em saber que a garota que subiria ao trono é dada a alucinações! Terei enorme prazer em jogá-lo no fundo de uma cela.

— Trate primeiro de se perguntar o motivo pelo qual está preso, em vez de me ameaçar. Quando tiver resposta para isso, talvez eu te dê atenção. Mas, não espere o meu temor, Gael, porque nunca o terá.

— Ainda farei com que engula sua petulância — Gael ameaçou e a jovem o ignorou, retornando seu olhar para a multidão. Observando-os, pôde perceber que os ânimos estavam, aos poucos, acalmando-se e sorriu. Cédric devia ter voltado a ser o rei que conhecera: capaz de apascentar dragões com seu discurso. Tudo bem que dragões eram figuras lendárias, mas ainda assim, quando o rei discursava com o coração, ele era capaz de mover as paixões de quem o escutasse. A calma, no entanto, deixava claro que, a qualquer momento, o rei entraria ali e ela saberia qual seria sua punição.



A poucos metros da entrada do castelo, Drystan perdeu a paciência, batendo na lateral da carruagem, pedindo para que o condutor parasse.

— Seguirei a pé daqui — ele explicou para Avrill, preparando-se para

abrir a porta e sair — Preciso saber o que está acontecendo. Peço que aguarde...

— Por favor, quero tanto, ou até mais do que você, voltar ao castelo...

— Avrill pediu e Drystan cogitou dizer-lhe que não era recomendável forçar o tornozelo e, portanto, deveria chegar ao castelo na carruagem, mas não conseguiu. Sua criação e educação não permitiram que contrariasse a dama.

— Tudo bem — Drystan concordou, abrindo a porta e estendendo a mão para ajudá-la a descer.

Avrill se impressionou com a quantidade de pessoas. Não se lembrava de ter visto tanta gente antes. Mais surreal do que Eudine ser a próxima rainha, era perceber o tamanho de sua popularidade.

— Isso é impressionante — não se conteve.

— Sim — Drystan pensou em Eudine e assentiu com a cabeça — Muito impressionante. Está pronta?

Avrill fez que sim com a cabeça, firmando o pé machucado no chão. A expressão de dor que ela fez deixou claro para o duque que, apesar de tanto zelo, o tornozelo ainda inspirava cuidados. Por isso, ele não pediu permissão, antes de apanhá-la no colo e começar a caminhar em direção ao castelo, tendo o cuidado de se desviar das muitas pessoas que circulavam.

— Posso caminhar... — ela retrucou, segurando no pescoço dele.

— Se caminhar do jeito que mente, talvez seja melhor esperarmos na carruagem — Drystan rebateu bem-humorado, caminhando com passos largos e firmes como se não a estivesse carregando.

Assim que cruzaram a entrada principal, Avrill não conseguiu evitar e acabou se emocionando. Quando Drystan percebeu que ela estava chorando, ela limpou as lágrimas rapidamente.

— Desculpe-me, é que imaginei que nunca voltaria para casa.

— Não precisa se explicar — foi-lhe solidário — Sei que passou por muita coisa ruim, natural que se emocione, agora que está em segurança.

— Graças a você — ela sorriu e continuou a limpar as lágrimas teimosas. Estar ali significava muito mais do que estar em segurança: queria dizer que em breve veria Cédric e Gael e teria que se despedir de Drystan. Mesmo tendo o conhecido há pouco tempo, não tinha como não se encantar por ele: era bonito, gentil, honrado e realmente se importava com seu bem-estar.



Quando o rei Cédric entrou em seus aposentos, nem Eudine, nem Gael esperavam. A jovem ainda estava do lado oposto àquele no qual Gael era seguro por dois homens e a raiva do chefe de armas aumentava ao ver Eudine livre.

— Finalmente me encontro diante de vocês dois — o rei olhou primeiro para o chefe de armas e depois para a jovem — Vocês têm noção do que causaram? — apontou para a janela — Ninguém sairá daqui, enquanto não souber o que foi resolvido em relação a você Eudine e eu temo pelas consequências, caso tenha que puni-la.

— Senhor, se quiser, posso debelar qualquer levante, basta autorizar que me soltem — Gael falou sério, para desgosto de Cédric.

— E você faria o que? Levantaria as armas contra o seu próprio povo, contra os meus súditos? — o rei quis saber.

— Agindo corretamente, poucos pagariam senhor, só os líderes — Gael continuou, sem perceber que suas palavras deixavam o rei cada vez mais desgostoso.

— Por favor, Gael, cale-se. Não permitirei que fira ninguém — Cédric descartou a ideia — Eu deveria prender vocês dois. Assim, não conspirariam às minhas costas. Acham realmente que poderiam tomar decisões importantes sobre o reino sem me consultar?

— Tudo o que fiz, faria novamente, pois só pensei em Heldroch e como chefe de armas julgava ter autonomia — Gael encarou o rei.

— Autonomia exatamente para que, Gael? Para destilar sua maldade sob o brasão do reino? — virou-se para Eudine — E quanto a você, não se acha muito jovem para ser responsável pela fuga de um criminoso?

— Minha juventude não foi empecilho para me prometer o trono, sem eu pedi-lo — Eudine respondeu de maneira polida, sem a agitação e arrogância de Gael — Se o senhor me achou apta para ser a rainha, logo devia ter considerado que decisões importantes passariam por mim.

— Ainda assim, Eudine. Não poderia livrá-lo. Leishter é traiçoeiro, um ladrão e...

— E não tem nada a ver com o desaparecimento de Gwen — sua convicção assustadora fez com que o rei a olhasse com ternura.

— Como pai, adoraria que estivesse certo. Porém, acredito que esteja se apegando a uma possibilidade remota...

— Como pai, deveria ser o primeiro a jamais desistir de sua filha —

Eudine recordou-se do próprio pai e engoliu em seco — Eu não compartilho do mesmo sangue que a Gwen, no entanto a sinto viva, jamais duvidei disso. Do mesmo modo que, se achasse que ela morreu, seria a primeira a concordar com o que diz. Mas não é o que sinto. E quanto a Leishter ele é um ladrão, não um assassino.

— Não vê, majestade? Ela defende o facínora com unhas e dentes. Ela quem deve ser punida, não eu — Gael os interrompeu — Aliás, não entendi a maneira, nem o motivo pelo qual fui trazido até aqui, como se fosse um contraventor... Meus serviços e minha vida sempre estiveram à disposição do reino. Como posso ser tratado da mesma forma que uma traidora? Qual atitude minha se compara a libertar o responsável pelo desaparecimento da princesa?

Cédric voltou seu olhar para Gael, nunca o vislumbrara por este prisma. Agora o via e entendia que para ele tudo o que fazia era tão natural que não conseguia enxergar qualquer erro na própria conduta.

— Está aqui porque sua manobra foi denunciada — Cédric revelou de uma vez. Tinha planejado conversar com os dois separadamente, não ali em pé no meio do quarto, sob os olhares e ouvidos atentos dos quatro guardas que acompanhavam a tudo — Sei que a ideia deste pronunciamento foi sua, e não de Eudine. Também sei o que você esperava disso.

— Não sei quem o envenenou contra mim, senhor, mas são mentiras, está claro — Gael indignou-se sem ter noção de quem poderia tê-lo acusado, afinal Eudine não fora, pois ela não tivera a oportunidade de ficar sozinha com o rei — Seja lá quem foi, por que essa pessoa merece mais confiança do que eu?

— Sabe a única ocasião em que um homem não mente? — Cédric caminhou, aproximando-se de Gael para olhá-lo nos olhos. Diante do silêncio do chefe de armas, completou — Em seu leito de morte.

Eudine arregalou os olhos. Imediatamente se recordou que não tivera mais notícias sobre Mack. Sentiu as pernas fraquejarem e teve que se apoiar na janela para não cair.

— Como? Está falando de quem? — deixou de ser merca espectadora para se dirigir ao rei.

Cédric percebeu, tarde demais, que havia falado mais do que devia. Eudine ficou tão pálida que ele teve impressão de que ela fosse desmaiar, fazendo com que se afastasse de Gael para ampará-la.

— O que disse? — insistiu quando ele se aproximou, sem conseguir conter o tremor que foi, aos poucos, tomando conta de suas mãos. Aceitou o amparo do rei, pois novamente suas pernas fraquejaram, o tremor se espalhando pelo seu corpo todo. Começou a sentir-se mal, uma dor tão maior que qualquer outra que já sentira e que, no momento, impedia-lhe de respirar direito.

— Sinto muito — Cédric não julgou o laço que ela tinha com o cavaliço, apenas aceitou que deveria ser forte pelo modo como o rapaz só falava nela. Por este motivo, entendeu perfeitamente quando a primeira lágrima atravessou todo o rosto da jovem. Novamente enxergou algo que não tinha visto antes: Eudine era tão frágil quanto sua filha, embora não demonstrasse. Por muito pouco não acariciou o rosto da jovem, só não o fez porque temeu que ela se afastasse ao seu toque, uma vez que nunca o tinha feito antes, nem mesmo quando ganhara aquela cicatriz que roubava um pouco de sua beleza — O ferimento foi profundo e o rapaz perdeu muito sangue. O médico tentou, mas não pôde impedir a natureza de seguir seu curso.

Eudine baixou os olhos, sem acreditar. Não era possível que Mack estivesse morto. Não acreditava que não pudera ao menos se despedir, desculpar-se e lhe dizer o quão havia sido importante para ela.

Ao erguer novamente o rosto, deparou-se com um sorriso irônico de Gael. Ele não fez a mínima questão de esconder seu contentamento. Afinal, ele havia ganhado, pois Eudine perdera seus únicos amigos no castelo de uma só vez: Hank e Kim, para o exílio; Mack, para a morte.

— Eu te odeio, Gael! — Eudine gritou e teria se arremetido contra o chefe de armas, se não fosse segura pelo rei — Assassino!

Gael só tirou o sorriso do rosto, quando o rei o encarou. Não tinha culpa se o rapaz trocara de lugar com Eudine. O golpe que desferira era para ela, não para ele.

— Acalme-se, Eudine — Cédric pediu — Nada trará seu amigo de volta.

As lágrimas tornaram-se abundantes ao perceber que o rei estava coberto de razão.

— Eu preciso vê-lo — implorou para o rei.

— Precisamos acabar a conversa, Eudine. Há uma multidão lá fora...

— Aceito qualquer coisa que o senhor decidir, mas, por favor, deixe-me vê-lo — Eudine suplicou novamente e o rei consentiu.

— Vamos, eu a acompanharei! — ele olhou para os dois homens que seguravam Gael, fez-lhes um gesto para trazerem-no, também.

— Eu não quero este homem perto do Mack! — Eudine exigiu, ao perceber que Gael os acompanharia.

— Ele não entrará, Eudine — Cédric garantiu — Só não posso perdê-lo de vista.

Eudine não retrucou, pois não tinha palavras, elas haviam sumido ou sido afogadas pelas suas lágrimas. Seus olhos estavam nublados e sua mão estava suja de sangue. Mack morrera por sua causa e jamais se perdoaria por isso. A cada passo que dava ao encontro dele, lembrava-se de uma situação que viveram juntos, a cada passo, uma risada que não mais ouviria, um abraço que jamais sentiria novamente, um amor que jamais foi capaz de corresponder.

Ela e o rei seguiram na frente, sendo seguidos pelos dois soldados que reforçavam a escolta de Gael. A poucos metros de onde estava o corpo do rapaz, Eudine quebrou o silêncio.

— Quais foram as últimas palavras dele? O senhor disse...

— Eudine... —o rei a advertiu, pois não queria que ela sofresse ainda mais...

— Por favor...

Cédric novamente cedeu, pois apesar de sua figura imponente era vulnerável às lágrimas e ao fato de ela ter a mesma idade de sua filha. Assim, atendeu ao pedido e contou brevemente seu encontro com Mack.



Balthar conduziu o rei até o local em que estivera lutando para salvar a vida do jovem.

— Fiz tudo o que era possível, mas ele partirá a qualquer momento — o médico informou, antes que o rei entrasse.

Cédric caminhou devagar, aproximando-se com cuidado. Viu a dor estampada no rosto do rapaz, assim que ficou diante dele. O sangue havia sido estancado, porém, segundo o que Balthar lhe dissera, enquanto se encaminhavam para lá, a lâmina entrara fundo demais e, provavelmente atingira algum órgão.

A testa de Mack estava cheia de pequenas gotas de suor. Ele sentia-se arder, ao mesmo tempo em que era tomado por calafrios.

— Eudine — o jovem proferiu sem perceber a aproximação do rei.

Sua visão estava embaçada, ficando turva na maior parte do tempo e tendo uns vislumbres do local em que estava. Era como se sonhasse e acordasse durante esses sonhos, mas esse despertar era breve, pois o sonho era mais atrativo.

— Eudine — voltou a chamar, quando o rei sentou-se na beira da cama e apanhou em sua mão — Eu não tenho medo.

Cédric olhou para Balthar.

— Ele está assim, dizendo frases soltas e repetindo o mesmo nome — explicou o médico.

Em um de seus vislumbres da realidade, o rosto do rei Cédric apareceu para ele. Mesmo sem saber se era realidade ou ilusão, sussurrou.

— Só há um verdadeiro culpado: Gael.

Ao ouvir o nome do chefe de armas, o rei se interessou e se aproximou mais do rosto do jovem, buscando escutá-lo melhor.

— Você falou em Gael — o rei instigou-o a continuar.

Mack novamente enxergou Eudine e sorriu para a miragem.

— Eudine...

O rei voltou a insistir, tentando-o trazer para a lucidez novamente.

— Mack, você falou em Gael...

— Sim — ouviu o monarca com clareza — Era uma emboscada. Ele queria Eudine, não a mim. Queria feri-la, mas eu não podia permitir... — Mack sentiu dor e por isso, fez uma pausa — Ele não a quer como rainha. Vai usar a fuga de Leishter contra ela...

— Fuga? — o rei olhou para o médico — Ele está delirando?

— Não está me parecendo — Balthar foi sincero — Talvez fosse melhor verificar sua cela, pois é a primeira vez que ele forma frases coerentes. Aproveite, porque não sei como ainda está vivo.

— Leishter, me fale sobre ele — o rei acatou o conselho, voltando-se a falar com o jovem.

Mack abriu os olhos e pôde enxergar o rei, mas havia uma luz atrás dele que o impedia de olhá-lo diretamente.

— Ele achará a princesa, se Eudine acredita nisso, também acredito.

Cédric ficou desconcertado ao ouvir falar em sua filha.

— A princesa? — sua expressão ficou ainda mais séria.

— Sim, a princesa — Mack olhou para a luz — É lindo...

— O que é lindo, Mack? — o rei não entendeu.

— A luz, ela é bonita e quente. Não sentirei frio, se for até ela...

Cédric olhou para o médico que, com um gesto, insistiu que continuasse.

— Fale-me sobre a princesa — o rei insistiu, precisava entender a respeito do que ele estava falando.

— Eudine irá encontrá-la, porque é determinada e destemida. Mesmo tendo inimigos poderosos como Gael, ela não desistirá.

— E, por isso, ela libertou Leishter? — o rei tentou entender.

— Sim, Gael sabia e permitiu — Mack sorriu, um sorriso em meio a dor que sentia — Preparou uma emboscada. Quando ele me atingiu, disse que não queria que fosse eu, queria que fosse ela... — uma nova pausa, mais longa, seu tom de voz abaixou consideravelmente — Eu faria de novo.

— O que faria de novo? — o rei se aproximou dele para ouvi-lo melhor.

— Tudo... Qualquer coisa... Basta pedir Eudine... — sorriu mais uma vez, agora para além de onde o rei estava — Preciso ir, pois lá na luz está mais quente do que aqui...

Era muita informação para digerir e não ousava duvidar de um moribundo. Segundo ele, Eudine libertara Leishter para que ele salvasse a sua filha; Gael tinha conhecimento da fuga, mas deixou que ela acontecesse, porque desejava ferir Eudine ou afastá-la do trono. Agora as coisas começavam a fazer sentido, como aquele pronunciamento sobre o qual Gael fizera questão de lhe avisar.

Mack novamente teve um momento de lucidez, e viu o rosto do rei, no entanto estava cansado demais. A dor o estava abandonando, o frio o estava deixando e sentia uma paz que aumentava na medida em que a luz se aproximava dele.

Passou a língua sobre os lábios, demonstrando que tinha a intenção de falar alguma coisa. Cédric percebeu e aproximou-se ainda mais, a ponto de Mack falar em seu ouvido.

— Diga-lhe que não senti dor — pediu — Fale que ela esteve sempre comigo, por isso, também não senti medo — a luz tornou-se mais próxima — Não confie em Gael — fechou os olhos, sentindo todas as partes do seu corpo sendo abraçadas pela luz, sentiu-se bem — Ele... — abriu um pouco os olhos e sussurrou — Lady Macge...

E estas foram as suas últimas palavras para o rei, antes de fechar os olhos para não mais abri-los.

Cédric soltou a mão do rapaz, lamentando que alguém tão novo pudesse sucumbir daquela maneira. Gael usara sua força contra uma pessoa que não tivera treinamento para se defender à altura, o que era lamentável, já que o considerava um guerreiro honrado. A possibilidade de sua filha estar viva acendeu a esperança em seu coração, do mesmo modo que as últimas palavras de Mack demoliram sua confiança em Gael.



Eudine chorou ainda mais ao acabar de ouvir o relato do rei Cédric. Ele chamara por ela e ela não estivera lá, nunca se esqueceria desse fato.

Finalmente eles ficaram diante do aposento onde jazia o corpo do jovem. Também pelo rei, soube que ele morrera quando o dia estava prestes a nascer.

— Pronto — o rei a olhou — Tem certeza de que vai conseguir fazer isso?

— Sim — Eudine secou as lágrimas com as costas das mãos — Preciso me despedir... —e, saindo do amparo do rei, que a escorara até ali, Eudine endireitou o corpo e com passos tímidos aproximou-se da porta, abrindo-a devagar.

Faltou-lhe ar ao ver Mack sobre a cama. Parecia que ele dormia, pois sua expressão era serena. Aproximou-se da cama e sentou-se na beirada, ao lado dele.

— Perdão, Mack, perdão...

Ela mordeu os lábios, tentando parar de chorar.

— Sempre cuidou de mim, mesmo na hora de partir... Se não fosse por você, estaria em uma cela agora... — ela curvou-se sobre ele, deitando a cabeça em seu peito — Perdão... Eu nunca pude retribuir tudo o que fez por mim... Nunca te disse o quanto confiava em você... Meu amigo, meu primeiro beijo, meu primeiro amante, meu porto seguro... Perdoe-me — ela acariciou o rosto do jovem, chocando-se com a temperatura e a rigidez de sua pele — Sentirei sua falta todos os dias da minha vida e honrarei sua memória. Morreu por ser muito mais do que um cavaliço, por ser meu herói... Não deixarei que sua morte seja em vão, prometo...



Gael compreendera o que havia acontecido, só não tinha ideia do que

o aleijado havia falado para o rei. Amaldiçoou o fato de não tê-lo deixado morrer na floresta, decididamente, um erro sem tamanho. Agora, por conta da morte de um reles cuidador de cavalos, havia aquela névoa de sentimentalismo que estava nublando os olhos do rei, tirando sua objetividade. Algo que era muito perigoso.

Era evidente que o rei havia tomado partido por Eudine, motivo pelo qual ela estava solta e ele não. Não acreditava que tantos anos de serviço seriam ignorados por conta de uma jovem voluntariosa.

Pensou na visita à Montanha da Morte, no pedido que ele fizera: ser o homem mais importante do reino, após o rei. Estava dando tudo certo até Eudine intrometer-se em sua rota. Pedidos eram concedidos por tempo determinado? Teria o pedido dele terminado, ao começar o dela? Não, não havia sido falado nada nesse sentido. Algo que o deixava mais confuso. Se o seu pedido não tivesse expirado, por que estava passando por tudo aquilo? Se pudesse, voltaria à Montanha e tirar suas dúvidas, no entanto isto era impossível.

A lembrança da visita àquele lugar se dissipou quando viu um de seus homens (aqueles traidores, que não pensaram duas vezes antes de mantê-lo preso) aproximar-se de Cédric. O soldado fez uma reverência rápida e aflito disse algo no ouvido do rei.

— Tem certeza disso? — sua expressão demonstrou o tamanho de sua incredulidade.

— Veja com os próprios olhos — e apontou para o fim do corredor.

Cédric não escondeu o nervosismo ao ver Drystan se aproximar. O duque moveu-se com velocidade, aumentando o assombro do rei ao perceber que era verdade: ele trazia no colo Avrill. Ela estava um pouco mais magra do que se recordava, mas conservava a beleza e, principalmente, estava viva. Pela primeira vez, considerou que Eudine tivesse razão e seu coração acelerou ao saber que o fruto de seu amor com Maeve pudesse estar viva.

Gael pasmo olhou Avrill. Não soube dizer se estava feliz com o fato de ela estar viva ou não. Quer dizer, ela estar ali, exatamente naquele momento, era a pior coisa que podia lhe acontecer, pois tornava crível a loucura de Eudine e estampava sua incompetência. Por outro lado, ficara feliz que Avrill não estivesse morta, pois sentira sua falta, principalmente falta dos momentos que desfrutavam juntos. Não gostou, entretanto, de vê-la nos braços de outro homem e não pôde nem ao menos demonstrar isso, nem qualquer outra coisa, uma vez que no castelo ela voltava a ser a amante do

rei.

— O que isto significa? — o rei dirigiu-se aos recém-chegados e agora eram seus olhos que estavam cheios de lágrimas, mas de felicidade. Não tivera tempo para pensar em Avrill, contudo estava feliz em vê-la bem e exultante com a possibilidade de finalmente saber o que acontecera à sua filha.

— É uma longa história — Drystan quem respondeu, pois Avrill ficou sem palavras. Ela não esperava encontrar o rei e Gael ao mesmo tempo, tampouco ver o chefe de armas subjugado, recebendo o tratamento dispensado aos inimigos do reino.

Eudine estava perto da porta, quando ouviu a voz de Drystan. Mal acreditou que ele pudesse ter voltado. Finalmente, uma coisa boa, depois de tantas coisas ruins. Precisava de um ombro amigo no qual encontrasse apoio para continuar. Prometeu-se que, dessa vez, aceitaria sua ajuda, se ele lhe oferecesse. Limpou as lágrimas mais uma vez e saiu pronta para abraçá-lo e lhe pedir abrigo.

Sua certeza transformou-se em dúvida no exato momento em que o viu, pois não podia pedir abrigo a um homem que carregava outra mulher no colo. A sensação que experimentou foi tão ruim que teve vontade de chorar novamente. Acabara de sentir o gosto do ciúme e ele era ácido e desagradável. Mais, sentir algo assim era inédito e assustador.

Percebeu a dimensão desta nova sensação ao notar que mal conseguira olhar a cena com clareza, ou seja, prestar atenção a quem ele trazia nos braços. Seu despeito a cegara por instantes, mas o entendimento também chegou via olhar. Ao olhar ao redor e perceber a expressão incomodada de Gael e os olhos marejados do rei, voltou sua atenção à mulher e foi quando a enxergou: Avrill Macge. Encontrou ali, diante do local em que experimentara a pior dor de sua vida, um motivo para sorrir: a certeza de que Gwen estava viva.

Drystan ficou preocupado com o estado de Eudine, tentando entender o que estava acontecendo. Também notara a maneira como olhara para ele e não compreendeu a indignação que viu nos olhos vermelhos da moça.

— Se eu estava em dúvidas a respeito do que fazer, ou do que dizer para essa multidão, agora não estou mais — as palavras de Cédric interromperam a troca de olhares sem diminuir a quantidade de perguntas que a cena provocava na cabeça de todos — Eles precisam saber que está viva — dirigiu-se primeiro à Avrill e depois à Eudine — E que você estava esse

tempo todo coberta de razão.



O príncipe Wilkins fez questão de desamarrar as mãos de Emma, no entanto não lhe devolveu a liberdade.

— Viu como sou benevolente? Não pensei em te fazer mal, só não queria que atrapalhasse. Agora poderá ver com os seus próprios olhos o poder de um bom discurso.

— Está louco se acha que meu povo lutará por você! — Emma sentiu os pulsos doloridos e quando se levantou, sentiu dor também nas pernas. Havia ficado sentada na mesma posição por muito tempo.

— Você que está louca, por dois motivos: não são o seu povo e eles não lutarão por mim, mas por terras e recompensas — Wilkins sorriu — A ambição tem esse poder, uma vez que entra pelo nosso sangue, rapidamente contamina tudo, pés, mãos, braços, tronco... O que chama de seu povo, mostrou sua verdadeira essência: um bando de errantes que luta cada um por si, todos querendo um lugar ao sol. Essa unidade, essa grande família feliz que inventou é tão frágil quanto um fio de cabelo, cara Emma Santê, senhora de coisa alguma.

— Eles não lutarão, tenho certeza disso.

— Cuidado com suas certezas absolutas, elas podem fazer com que afunde — ele a advertiu — Nesse momento, se sair, vai perceber que alguns homens foram pegar galhos para treinarem com eles, enquanto não têm espadas de verdade.

— Eles nunca aprenderão a tempo... Isso é uma sandice, hei de convencê-los a desistir.

— Eu a informarei algo que, no fundo, já desconfia: eles não irão e nem podem desistir. Mais cedo ou mais tarde Gael e o exército estarão aqui. Podem morrer como covardes, puxando para a cova suas mulheres e filhos, ou combaterem como heróis bem longe daqui, salvaguardando suas famílias.

— Não permitirei que os arraste para a morte...

— Sinto te informar, cara Emma, mas é voto vencido. Duvido que sua opinião faça cócegas no ouvido de qualquer um dos que já se decidiram. E digo mais, diante da carruagem que mandei buscar, aposto que os ânimos de nossos heróis ficarão ainda mais inflamados.

— Do que está falando? — Emma o encarou, tentando entender.

— Mandei alguns dos meus soldados para o meu reino. Eles trarão armas de todos os tipos: arcos, lanças, machadinhas, espadas, punhais e qualquer coisa capaz de ferir o exército de Gael.

— Seu pai não permitirá que tanta arma saia assim do reino...

— Não permitirá se souber — Wilkins a interrompeu — E não pretendo que ele descubra. Pena que me conheça tão pouco, Emma. Não costumo dar passos maiores que minhas pernas. Ajo com segurança, após ter pensado muito. Se eu disse que haverá um carregamento de armas, não duvide de mim.

— Brincar com a vida dos outros é fácil...

— Não os obriguei a nada... Precisava ver a Gweneth, ela herdou a eloquência do pai. Convinceu-os de que a luta é a melhor saída... Mas, Emma, você está livre, pode discursar para “o seu povo” — zombou ao imitar o tom de voz de Emma — e fazê-lo mudar de ideia. Caso consiga, vou querer a fórmula milagrosa e vendê-la em feiras e cidades distantes...

— Suas ironias... — ela começou e novamente ele não deixou que terminasse.

— O que chama de ironia, chamo de verdade. Só estou te dizendo que, se suas palavras forem boas a ponto de arrancar a ambição que fora enterrada profundamente no peito dos homens, a ponto de lutarem por Gwen, neste caso vou querer a receita, pois ficarei rico, já que a ambição não dá as cartas apenas neste reino, mas em todo e qualquer lugar em que houver uma aspiração, desejo ou um simples querer.

CAPÍTULO 36

Ideias ousadas são como as peças de xadrez que se movem para frente; podem ser comidas, mas podem começar um jogo vitorioso – Johann Goethe

Comoção, este foi o sentimento que tomou conta da multidão ao ver Avrill e ouvir do rei que Eudine estava certa e que Leishter não tinha responsabilidade sobre desaparecimento da princesa.

— A princesa Gweneth, ao contrário do que eu acreditava, pode estar viva — o rei estava com os olhos cheios de lágrimas e mesmo que o povo não conseguisse perceber, pela distância, era capaz de sentir no tom de sua voz — E não pouparei esforços até encontrá-la.

A declaração foi recebida com palmas e gritos de comemoração. A agitação só cessou quando o rei Cédric novamente tomou a palavra. Avrill muito nervosa estava ao lado do rei, impressionada com tanta gente e, ao mesmo tempo, sentindo-se estranha em estar perto do homem do qual fora amante por tanto tempo. Sempre sonhara com uma multidão como aquela ouvindo do rei que ela seria sua nova esposa. Agora percebia o quão distante seu sonho era da realidade.

Antes de irem para o palanque, o rei havia ordenado aos guardas que prendessem Gael. Havia pedido que Eudine falasse novamente à multidão, dando-lhe tempo para fazê-lo, ao sair com Avrill e deixá-la sob os cuidados de Drystan.

— Por que não me contou o que estava acontecendo, Eudine? — Drystan quis saber.

— Para poder ser meu herói também? — Eudine deixou escapar, pois havia se incomodado ao vê-lo com Avrill.

— Eu já percebi que você não precisa de um herói, pena que não perceba que eu me contentaria em ser qualquer coisa que você quisesse... Estar ao seu lado, já me basta.

— Provavelmente não seria uma boa ideia: estaria morto ou exilado — Eudine recordou-se de Mack e Hank e sentiu vontade de chorar, entretanto conteve este ímpeto.

— Sinto muito pelo seu amigo, porém, não foi você quem o golpeou. Foi a espada de Gael que o matou.

— Um golpe que me era destinado — Eudine fez questão de lembrá-lo — Saber que não foi em vão, diminui a dor que estou sentindo. Quando Gweneth voltar, pelo menos saberei que fiz a coisa certa.

— Sim e, dessa vez, mesmo que você não queira, não sairei de seu lado — declarou — Não é só a multidão que gosta de você, Eudine.

— Drystan... — diria que aquele momento não era adequado, no entanto o duque a interrompeu.

— Esperarei o tempo que for necessário para resolver o nosso assunto. Se isso significa esperar o retorno da princesa, não tenha dúvidas de que o farei — deu o assunto por encerrado e ofereceu o braço para ela — A multidão só dispersará se você deixar claro que está bem.



— Nunca imaginei que faria algo do tipo — Leishter disse se espremendo no fundo da carroça.

O médico suava frio, com medo de ser pego transportando um fugitivo. Não entendia a decisão do homem em retornar. Afinal, ele já estava a salvo e bem longe. Leishter limitara a responder que era o certo a fazer. Se Eudine se arriscara por ele, não temia em fazer o mesmo por ela. Além disso, podia não ter achado a princesa, entretanto o destino o fizera tropeçar em Garth e esse não só revelara o paradeiro da princesa, como o verdadeiro mandante do sequestro.

Acreditava que Eudine precisava saber a identidade de seu verdadeiro inimigo, porque, enquanto não soubesse, a vantagem era dele.



Emma não acreditou no que estava vendo. Como o príncipe avisara a ambição havia tomado conta da maioria dos moradores e eles a disfarçavam

sob a desculpa de proteger a família. Ela os conhecia o suficiente para saber que estavam querendo se lançar em uma empreitada mortal por conta da recompensa que receberiam, não por ideais maiores como a proteção dos que amavam.

Tentou, em vão, falar com os homens que haviam aceitado participar daquela loucura, porém, eles a ignoraram, ou acusaram-na de não pensar no bem de todos.

— A culpa é sua, Emma. Afinal, não nos diria que estávamos correndo perigo? – um dos homens a questionou — Deixaria que o exército de Gael nos varresse do mapa?

— Escute o que está falando, Baldor — Emma pediu — Confesso que errei, no entanto, nunca fiz nada que os prejudicasse.

— Até agora, pois, na medida em que colocou aqui, sem o nosso conhecimento, a filha do rei de Heldroch, prejudicou a todos -- respondeu, deixando-a sem palavras. Tentou argumentar que ele estava certo nesta questão, mas todo o resto estava distorcido, porém, o homem não a ouviu e fez com que percebesse que havia perdido esta batalha, pois não conseguiria convencê-los a desistir.

Cabia, então, falar finalmente com a princesa Gweneth de Heldroch. Enquanto caminhava ao encontro da princesa, temeu que Wilkins impedisse o encontro, no entanto, para sua surpresa, ele não fez nada para impedir.

Mal imaginava que o príncipe estava mais interessado no carregamento de armas que mandara buscar do que na possibilidade de ela falar com a princesa. Gweneth era tão crente e tão inocente que podia ser manipulada da maneira que quisesse. Jamais acreditaria em uma mulher que não conhecia. Por este motivo, não via Emma como ameaça, pois a grande massa já havia sido convencida e uma mulher não seria capaz de desfazer isso. Afinal, assim era o gênero humano: com facilidade ele se esquecia de quem lhe fizera e demonstrava ingratidão na primeira oportunidade que aparecia.



Gweneth estava tão tensa que mal conseguia tocar na comida que lhe havia sido trazida. Deixara o prato de lado e sentada na cama, olhava para o nada. A ausência de Wilkins aumentava sua ansiedade e o medo que sentia de que ele fosse apanhado. Emma a observou, antes de entrar, achando-a tola

por nem ao menos questionar a versão ouvida do príncipe e irresponsável por convencer tanta gente a lutar por uma causa que não lhes pertencia.

— Gweneth — anunciou sua presença, entrando de uma vez no local onde a jovem princesa estava e assustando a princesa com sua entrada.

Passada a surpresa, Gwen ergueu o rosto e soube que aquela era a mulher que faltava conhecer, a líder daquelas pessoas e a quem devia sua recuperação.

— Você deve ser a Emma — Gweneth levantou-se, caminhou até ela e, sem nenhuma cerimônia, abraçou-a.

O gesto desarmou Emma que, surpresa, não tendo conseguiu abraçá-la de volta.

— Muito obrigada. Devo a você minha vida. Se não fosse sua acolhida, não sei o que seria de mim — Gweneth afastou-se devagar e, ao vê-la com mais cuidado, assombrou-se ao prestar atenção no rosto dela — É impressionante... Você me lembra... — não teve coragem de proferir o nome de Eudine, pois, segundo Wilkins, aquele era agora o nome de sua inimiga.

— Eudine – Emma completou e notou a confusão que causou na princesa, afinal como ela saberia se não a conhecesse — Ela é minha filha e você está sendo enganada.

— Como? – Gweneth pronunciou as palavras devagar, sem acreditar — Você quer dizer que estava viva esse tempo todo e nunca a procurou?

Emma riu nervosa.

— Está dando importância à informação errada. Acabei de dizer que está sendo enganada e você quer falar de algo a respeito do qual não tem a menor ideia?

— Tenho ideia do que vi. E vi a infelicidade de Eudine, dia após dia.

— Quando? Antes ou depois de você feri-la por ser mesquinha demais para dividir a atenção do reino com ela? — Emma rebateu, fazendo a princesa empalidecer.

— Não foi por querer!

— Você não consegue mentir. Mente tão mal que nem mesmo você acredita no que está dizendo. Qual era o seu plano? Matá-la ou simplesmente dar um jeito de colocá-la em seu lugar?

— Você não me conhece, não pode dizer isso de mim — Gweneth defendeu-se.

— Em seus delírios você confessou, Gweneth. Aquela cicatriz que Eudine carrega foi fruto de sua maldade. Nada nunca apagará isto.

— Eu não queria que ela se machucasse! — Gweneth gritou— Só queria, pelo menos uma vez, fazer alguma coisa melhor do que ela. Eudine sempre montou melhor do que eu, ela sempre precisou de apenas uma lição para executar tudo com perfeição... Só queria que ela caísse e riríamos juntas depois. Não imaginava que o cavalo fosse disparar e que ela caísse daquela altura! Eu me arrependo disso, só que não posso voltar atrás... E por pior que minha atitude tenha sido, isto não justifica uma vingança tão baixa da parte dela.

— Não acredito que seja tão inocente assim, Gweneth. Acredito que seja mais fácil para você enxergar o que quer do que a verdade. Eudine seria incapaz de te fazer mal, você conviveu com ela e não consegue perceber isso?

— Sim, eu convivi com ela, você não! — ela encarou Emma — Não conhece Eudine para defendê-la. O que há? Sentimento de culpa?

— Só alguém muito fútil para se deixar manipular dessa maneira — o comentário de Emma veio repleto de desdém.

— Fútil? — Gweneth repetiu ofendida — Antes fútil do que insensível, pois só uma mulher seca de sentimentos é capaz de jamais procurar a própria filha.

Emma perdeu a paciência diante da acusação. Aproximou-se da princesa e ficaram tão próximas que os rostos quase se tocaram.

— Não ouse falar do que não sabe. Jamais abandonei minha filha. Ela foi roubada, retirada de mim! Nunca me permitiram que me aproximasse e quando falo "permitiram", estou me referindo ao Gael e ao seu pai a quem ele se reporta.

— Meu pai jamais faria isso — Gweneth negou com a cabeça e sorriu nervosa.

— Cresça! Jamais será uma rainha de verdade, se não tiver personalidade. Pessoas boas fazem coisas ruins o tempo todo! Ainda mais quando detêm algum poder.

— Mais um motivo para Eudine se vingar de mim e da minha família!

— Wilkins está mentindo! — foi a vez de Emma gritar — Se você está aqui é por causa dele! Agora ele vai usá-la para lutar contra seu próprio reino! Será que não vê o absurdo dessa história toda?

— Não entendo o que deseja com isso, mas não conseguirá. Wilkins não me enganaria. Dê-me uma prova apenas do que diz e aí eu serei madura o suficiente para aceitá-la e acreditar em você.

Emma pensou por alguns segundos e não hesitou.

— Fui eu e o príncipe Wilkins que planejamos seu sequestro. Foi a minha gente que abordou a carruagem em que você e o príncipe estavam e, por fim, foram os homens dele que mataram os guardas do seu reino.

— Eu disse provas, não mentiras. Só palavras não me levam a lugar nenhum. Se eu confrontar vocês dois serão as palavras dele contra as suas. E, sinto muito, no entanto sou obrigada a acreditar em quem eu conheço e confio. Devia estar preocupada com o seu povo, em vez de tentar se sacrificar pela Eudine. Eles lutarão não por mim, e sim por terem uma vida melhor do que a que têm aqui.

— Será um massacre, não entende?

— Wilkins saberá nos dar a vantagem que não temos — Gweneth estava irredutível — Não ache que me omitirei, estarei ao lado dele. E juntos retomaremos Heldroch.

— Quando se der conta da verdade, será tarde demais — Emma estava inconformada, pois nunca conhecera alguém tão teimosa em toda a sua vida. Havia acabado de confessar o que fizera e ela ignorara a confissão, preferindo acreditar no noivo, sem ao menos refletir.

— Sei que este lugar te pertence — Gweneth a encarou — Ainda, poderia me deixar sozinha?

— Como queira, majestade — Emma fez-lhe uma reverência exagerada — É exatamente desse jeito que acabará: sozinha. Você é tola demais para reconhecer o verdadeiro perigo — girou sobre os calcanhares e saiu.

Estava mortalmente arrependida de ter começado tudo aquilo. Sua sede de vingança desencadeara algo tão grande que não sabia como deter. Sentiu falta de Garth, talvez se ele estivesse ali, poderia aconselhá-la e ajudá-la a convencer o povo de que seria uma marcha para a morte. Um bando de andarilhos não teria a menor chance contra um exército preparado.



Por mais que Avrill estivesse cansada, não pôde deixar de ouvir Eudine falar para o povo que a aguardava ansiosamente. Por mais estranha que fosse a sensação, aceitara a oferta de Cédric e, por causa de seu pé, sentara-se no trono ao lado esquerdo do que ele estava.

— Fazer o que se acredita nem sempre é fácil. Perdi dois grandes amigos para não trair minhas crenças — quando Eudine começou, todos

ficaram quietos para escutá-la — Aprendi que toda decisão tem consequências e tenho que viver com elas. Diante das minhas perdas, poderia estar arrependida, no entanto, eu me arrependeria muito mais se compactuasse com a injustiça. Sinto em meu coração que a princesa está viva e sua volta fará com que tudo tenha valido a pena. E vocês serão testemunhas, porque serão convocados para presenciarem a devolução do trono à sua herdeira de direito — ela nem bem acabou de dizer e foi ovacionada.

Drystan ficou impressionado e, ao mesmo tempo, orgulhoso. Eudine havia acabado de dizer que não seria rainha e ainda assim o povo a adorava. Para quem não tinha costume de falar para tantas pessoas, era impressionante a sua desenvoltura. Falava de modo simples e verdadeiro e, assim, cativava mulheres e homens e encantava as crianças.

Ela seria uma ótima duquesa, Drystan sorriu ao pensar. Uma jovem forte e decidida, capaz de ser ativa sem ser nobre e manter a simplicidade ao falar com o povo, mostrando-se igual a eles e lhes inspirando confiança.

— Agora, peço que voltem em paz para vossas casas. Quando a princesa retornar, serão dias de festa e vocês serão os convidados de honra — Eudine concluiu sua fala e novamente recebeu manifestação de carinho por parte dos ouvintes. Além disso, aos poucos, a multidão foi acatando seu pedido e deixando o lugar. Pela quantidade de pessoas, demoraria muito para deixarem o castelo, mas o fato de o fazerem de modo ordenado e com a esperança renovada apascentou o coração de Eudine.



A multidão ajudou a Leishter a deixar a carruagem sem ser visto. Cabisbaixo e usando um capuz, andou no meio das pessoas, contando com a distração em que se encontravam para não ser reconhecido. Com cautela chegou à entrada do castelo e continuou andando até se aproximar da estrutura do palanque.

Como todas as pessoas, viu Eudine de longe, logo não esperou ser reconhecido por ela. Circulou toda a estrutura do palanque. Era natural que houvesse um caminho direto entre tal estrutura e o castelo, longe do povo, e foi justamente essa entrada que encontrou. Foi necessário usar sua vivência como ladrão para se esgueirar e entrar, burlando a segurança.

Depois, escondeu-se e esperou o momento certo aparecer. Primeiro

passaram alguns soldados da escolta do rei, que apoiava Avrill, depois foi a vez de Drystan e em último lugar, Eudine. Ela fora a última a sair do palanque e quando o duque ofereceu-lhe o braço, de onde estava ouvi-a dizer que precisava pensar sobre o que tudo aquilo representava e gostava de fazê-lo enquanto caminhava. Drystan não se ofendeu, porque há conhecia um pouco para saber que aquilo era verdade. E, no mais, teria bastante tempo para ficar ao lado dela.

Leishter precisou ser exato, já que ela estava apenas a alguns passos atrás de Drystan. Ele esperou que ela ultrapassasse onde estava escondido e, assim que o fez, saiu e a puxou, cobrindo sua boca com a mão para ela não gritar.

O susto foi tão grande que realmente teria gritado, se ele não tivesse impedido. No momento, imaginou que fosse algum soldado fiel a Gael.

— Calma, Eudine! Sou eu — tranquilizou-a, falando em seu ouvido — Tirarei a mão da sua boca, tudo bem?

Ela fez que sim com a cabeça e Leishter não só retirou a mão, como a soltou completamente. Eudine virou-se para vê-lo.

— Você voltou? Por quê?

— Primeiro porque não deixaria que fosse castigada por minha causa. Depois, porque acredito que descobri o que você tanto queria.

Eudine olhou-o incrédula.

— Está falando a verdade?

Leishter fez que sim com a cabeça.

— Acho que você me influencia a fazer coisas desse tipo — comentou contrariado e Eudine sorriu.

— Só me diga uma coisa: Gweneth está viva?

— Sim — ele assentiu com a cabeça — Como você suspeitou desde o início – teria continuar a falar, se Eudine não o tivesse surpreendido com um abraço para demonstrar a gratidão que sentia. Era a melhor notícia que poderia receber.

Leishter ficou sem graça, pois fazia muito tempo que ninguém lhe fazia uma demonstração de carinho. Assim, abraçou-a de volta. Ela fez com que se recordasse que um dia tivera pais e irmãos e que, insatisfeito com a pobreza, saíra de casa em que viviam. Uma de suas irmãs devia ter a idade de Eudine. Assim, quando a abraçou de volta, recordou-se dela.

— Vocês podem me explicar o que isto significa? — Drystan interrompeu o abraço, visivelmente contrariado ao ver a cena, anunciando

para Eudine e Leishter que não estavam sozinhos. Ao notar que ela não seguia atrás dele, Drystan voltou preocupado. Não precisou caminhar muito para dar de cara com a cena. Talvez tenha sentido o mesmo que Eudine sentira ao vê-lo ao lado de Avrill, pois não gostou nem um pouco da proximidade dos dois.

Leishter afastou-se de Eudine, preparado para brigar. Não conhecia o homem à sua frente e, ainda que não fosse Gael e estivesse desarmado, não fugiria do embate. Com a atitude, Drystan chegou a colocar a mão na bainha de sua espada.

— Por favor! — Eudine interveio, colocando-se entre os dois — Vocês estão enganados. Não são inimigos. Estão do mesmo lado — olhou para um e depois para o outro — Portanto, não percam tempo com essas demonstrações de virilidade.

Leishter olhou para Drystan e abaixou os punhos. O duque demorou um pouco mais para tirar a mão de sua espada. Eudine teve que caminhar até ele.

— Drystan. Você falou em estar ao meu lado — ela o encarou — Esta é a hora de me provar que estava sendo sincero.

Drystan finalmente tirou a mão da espada e Eudine lançou-lhe um olhar de agradecimento.

— Leishter, este é o duque Drystan Ash. Ele é um precioso aliado do reino, talvez o mais honrado e leal — apresentou-o para Leishter e depois ao se virar para Drystan, ele irônico tomou a palavra.

— Sei exatamente quem é Leishter. A fama dele o precede...

— O que talvez não saiba — Eudine o interrompeu, pois não queria perder o controle da situação, deixando crescer a animosidade entre os dois — É que ele sabe onde está Gweneth e será imprescindível em seu resgate.



Torre

CAPÍTULO 37

É mais fácil enganar as pessoas do que convencê-las de que elas foram enganadas – Mark Twain

— Deveria matar vocês! — Wilkins vociferou e os dois soldados olharam para o chão, sem ter coragem de encará-lo. Ele havia deixado a mina para encontrar os homens que mandara ir até o reino de seu pai. Agora, eles estavam na mesma floresta morta em que Avrill quase fora assassinada — São incompetentes! Será que não veem que não podemos perder tempo? Se demorarmos muito o exército de Gael nos apanhará, antes que consigamos dar os primeiros passos! — andou de um lado para o outro, sem conseguir conter o nervosismo — Aquele povo pode ser ignorante, mas não irá lutar com as mãos vazias — parou diante dos soldados — Vão me dizer o que

aconteceu, ou continuar agindo como se não estivessem aí?

— Perdão, senhor. Não foi possível — Lenz, o seu homem de confiança tomou a palavra — Conseguimos entrar escondidos no reino, só que foi impossível sair com a carruagem. Vossa majestade, seu pai, parece ter desconfiado, pois ordenou que toda carroça que entrasse ou saísse do castelo fosse inspecionada. Por isso, foi necessário recuar para não sermos descobertos.

— E o Anton? — Wilkins questionou interessado.

— Manteve sua palavra e não disse nada. Como ordenou, ameaçamos a família dele, caso abrisse a boca. Assim, tem trabalhado durante a madrugada, para entregar o pedido que fez. Somente enquanto a vida no castelo se recolheu é que consegue forjar tantas armas.

— Menos mal! Se aquele inútil tivesse alertado o meu pai, eu mesmo faria questão de matar sua mulher e seus dois filhos — bufou.

— Senhor, percebemos que não há escudos, nem elmos para todos — um dos soldados tomou coragem e se intrometeu na conversa.

— E o que eu tenho a ver com isso? — Wilkins encarou o homem.

— É o básico para se protegerem...

— Pouco me importo com a vida daquele gentio, não entende? Já estou sendo generoso ao armar suas mãos. Não posso tratar um bando de andarilhos como um exército vitorioso. Os que forem melhores no treinamento receberão equipamentos para a própria segurança. Está melhor assim?

O homem não se atreveu a contrariá-lo e voltou a ficar quieto.

— Preciso voltar para minha princesa — Wilkins sorriu — A noiva mais tola que alguém poderia desejar. Vocês não retornarão comigo. Devem aguardar aqui, pois percebi que se quero algo bem feito, eu mesmo devo fazê-lo — declarou — Estejam preparados.



Eudine teve mais facilidade em convencer Drystan a ouvir o que Leishter tinha a dizer do que em fazer com que o homem fosse recebido pelo rei. Por mais que estivesse claro que Leishter não estivesse envolvido no desaparecimento da princesa, ele havia lesado o reino em outras ocasiões e isso pesava na má vontade de Cédric em vê-lo. Coube a Drystan interceder. Fechou-se com o rei no salão principal do castelo, enquanto Eudine e

Leishter aguardavam do lado de fora do recinto.

O rei pediu que o duque se sentasse diante dele, algo que foi atendido prontamente. Em ocasiões que precisava discutir com Gael alguma estratégia, os dois sentavam-se à grande mesa de pedra ardósia. No tampo daquela mesa, inúmeras vezes foram abertos mapas e estabelecido quais os passos a seguir para garantir a vitória. Não imaginava que em tempos de calmaria tal recinto voltasse a ter tamanha importância.

— Não tenho nenhuma simpatia pelo homem — Drystan foi sincero — No entanto, confio plenamente no julgamento de Eudine. Ela pode ser muito jovem e, quase sempre, impulsiva, mas tem uma qualidade que não temos: ela consegue enxergar além das aparências. Apenas por ela, peço que escute o que ele tem a dizer.

— Eudine esteve certa o tempo todo. Por mais que haja uma resistência muito grande da minha em me associar a um homem como Leishter não posso ignorar isso — Cédric se pronunciou após refletir um pouco — Ela teve mais fé do que eu. Como pai, não me conformo de ter desistido tão cedo!

— Não deve deixar decisões passadas minar sua confiança. O importante é o que há de vir: a princesa de volta e em segurança.

— Engraçado, sonhei com a mãe dela — Cédric sorriu — Talvez estivesse me avisando sobre isso. Seguirei seu conselho e ouvirei o que o homem tem a dizer. Se isso nos ajudará a encontrar minha filha, não podemos perder mais tempo. Faça-os entrar – ordenou.

— Sim, senhor — Drystan agradeceu, levantando-se e fazendo uma pequena reverência, antes de sair.



Após ter tomado um banho revigorante, ficando por mais de meia hora dentro da tina com água quente, Avrill foi examinada pelo médico real. Para medir a extensão da torção, ele apertou o local, fazendo com que Avrill gemesse de dor e depois passou um emplastro, que fez o local esquentar um pouco.

— Estaria pior, se não tivesse recebido um cuidado prévio — Balthar explicou e Avrill sorriu ao se lembrar do cuidado que tivera o duque. Definitivamente estava encantada com ele — Agora preciso novamente enfaixar o local e vou ter que apertar bastante, talvez lhe causando incômodo.

Portanto, aconselho que repouse — avisou, antes de começar.

Avrill percebeu que ele realmente não mentira e a faixa ficou tão apertada que o mínimo esforço lhe causou dor. Porém, logo que ele a deixou, ela já estava decidida: precisava encontrar Gael, pois ainda não havia entendido o que acontecera com ele. Como podia ter descido tanto? Ir de homem mais importante do reino para prisioneiro era algo espantoso.

Suportando a dor, calçou um sapato, apanhou um xale que jogou em cima do vestido que estava e, contando com a ajuda de uma bengala, para não forçar tanto o pé, saiu. Sabia onde ficavam as celas, embora nunca tivesse estado lá. Portanto, não teve problemas para chegar até lá.

— Senhora! — o soldado não escondeu a surpresa ao vê-la — Não deveria estar aqui.

— Preciso ver e falar com o prisioneiro — Avrill o encarou e notou a hesitação do homem — Será rápido, prometo.

— Eu não deveria — ele foi sincero, entretanto, como todo o reino, sabia que estava diante da amante do rei. Temeu que ela se queixasse a ele — Mas, permitirei. Desde que seja breve.

— Serei — Avrill o agradeceu e viu o homem destrancar a cela para que ela pudesse entrar.

Gael estava sentado na cama e ergueu o rosto ao ouvir a porta sendo aberta. Surpreendeu-se ao vê-la entrar e sorriu quando a porta foi fechada e ele ficou a sós com ela. Levantou-se e foi em sua direção.

— Avrill — aproximou-se, puxando-a para si e a abraçando — Que bom que está viva. Saiba que fui a única pessoa que se preocupou com você.

Avrill escapou do abraço e deu dois passos para trás.

— Então, por que desistiu tão rápido de me encontrar?

Gael olhou-a incrédulo.

— Nem bem chegou e já está escutando as bobagens de Eudine?

— Acontece que ela não disse nenhuma bobagem, Gael! Enquanto você dava as buscas por encerrada, eu quase morri! — Avrill deixou evidente sua mágoa — Aliás, parece que não foi a única coisa que fez de errado. Como me explica estar nesta cela?

— Cédric está encantando por aquela garota insolente. Vai perceber isso quando for tarde demais!

— Não é o que eu soube — Avrill o olhou sem entender como pôde ficar tanto tempo com alguém tão cruel — Além de agir pelas costas do rei, matou o cavaliço, imaginando que fosse Eudine! Que monstro planeja

matar alguém tão jovem, Gael?

— Monstro? — Gael riu — Eu sempre fui capaz de dar a minha vida pelo reino e em troca o que eu recebo? Ingratidão! O rei preferiu acreditar em uma garota teimosa a confiar naquele que manteve esse reino em segurança durante todos esses anos...

— Acontece que ela estava certa, Gael. Leishter não nos sequestrou! — Avrill não deixou que continuasse.

— A certeza dela não lhe dava direito a libertar um notório inimigo do reino! E o cavaliço era apenas um maldito aleijado, não sei exatamente porque ganhou notoriedade agora.

Avrill balançou a cabeça decepcionada.

— Não sei como não enxerguei quem você era antes!

— Está querendo dizer o que com isso? — Gael voltou a se aproximar dela, apanhando em seu queixo, obrigando-a a olhar para ele.

— Que... Foi um erro...

— Deveria ter morrido mesmo, Avrill! Porque é a mulher mais burra que conheço. Vá lá e corra para pegar as migalhas de carinho que o rei te oferecer!

— Como se com você fosse diferente — ela não fugiu dos olhos dele.

— Não sei se quase morrer deixou-a tola, com arroubos românticos. Sempre te ofereci o melhor de mim, nada posso fazer se voltou sonhando com heróis. Tenho duas coisas a te dizer: só os tolos se deixam governar pelo coração e Drystan jamais olhará para você — declarou, abalando-a — Ou acha realmente que não percebi o seu jeito com ele?

— Agora você que está falando bobagem — tentou negar.

— Minta para si mesma se é o que te apetece. Só sei de uma coisa: sua origem nobre nunca fará com que o duque desvie o olhar de Eudine!

— Que seja! — Avrill se desvencilhou dele — Prefiro ficar sozinha a estar novamente com você. Porque, se você sempre me ofereceu o seu melhor, tenho que te dizer que nunca foi o suficiente para mim.

Gael sorriu, porém, não deixaria que ela tivesse a última palavra.

— Previsível de sua parte, Avrill, agora que estou por baixo, afastar-se de mim. Pode ter certeza de que é algo que eu nunca me esquecerei. Portanto, torça realmente para que a roda da fortuna não me favoreça. Pois, se isto acontecer, eu me lembrarei exatamente dos que estiveram ao meu lado e dos ratos que correram.

Avrill achou inacreditável que ele, na posição em que se encontrava,

ainda ousasse ameaçá-la. Andou até a porta, sentindo dor no tornozelo ao fazê-lo e bateu na porta da cela, para que o soldado abrisse a porta e pudesse sair dali, pois de repente o ar se tonara irrespirável.



— Isto é impossível! — Cédric bateu na mesa — Eu não acredito.

Eudine também estava estupefata com o que havia acabado de ouvir. Sabia que Wilkins não prestava, no entanto não tinha a ideia de que ele pudesse estar por trás de todos os acontecimentos. Lembrou-se do pressentimento que tivera e engoliu em seco, pensando que deveria ter convencido Gweneth a não ir, ou contar para ela sobre a personalidade dúbia de seu noivo. Estava em dúvida, se ela tivesse falado sobre o assédio que sofria do príncipe, Gwen teria acreditado? Teria desistido da viagem? Não tinha a menor segurança para responder tais questões.

— Não tenho motivos para mentir — Leishter disse ofendido – Devo alguns favores à Eudine e prometi retribuir. O destino, a sorte, o acaso, seja lá o nome que quiserem dar, fez com que eu descobrisse o que tinha que descobrir. Voltei só para contar isto para Eudine. Acreditar ou não em mim fica a cargo de vocês.

Drystan estava pasmo. Nunca poderia imaginar que, por trás da aparência inofensiva e quase covarde, Wilkins escondesse uma personalidade capaz de maquinar tramas como aquela, deixando claro o quanto era frio e ambicioso.

— Acredito em Leishter — Eudine se manifestou, atraindo os olhares de Cédric e de Drystan. Os dois esperavam que ela expusesse um argumento que embasasse aquela frase. Algo que afastasse sua decisão da emoção, tornando-a mais racional.

Leishter olhou para a jovem, acreditando que ela jamais pararia de surpreendê-lo. Afinal, não tivera a menor dúvida em dizer o que estava pensando, independente de que aquilo fosse contrário à opinião do homem mais poderoso de Heldroch.

— Wilkins jamais foi digno de Gweneth — Eudine voltou a falar após instantes em silêncio e dessa vez captou toda a atenção dos três homens. Sentiu-se um pouco constrangida, mas se a sua fala convencesse o rei Cédric a perceber o verdadeiro inimigo, achou que valesse a pena se expor — Sempre que podia, ele me assediava. E isso vem desde que nos conhecemos,

na ocasião, acreditou que eu fosse a princesa.

Drystan cerrou os punhos tamanha raiva que sentiu do príncipe. Só um homem baixo para assediar uma mulher estando comprometido com outra.

— Por que nunca me disse isso? — Cédric também ficou abismado.

— Acreditaria? — Eudine quis saber e, diante do silêncio do rei, ficou claro que não — Nem a Gwen acreditaria, se eu tivesse dito. E além do mais, sempre soube me defender — ela fez uma pausa — Gwen ao contrário, estava apaixonada e totalmente cega. Eu tentei fazer com que desistisse da viagem...

Cédric recordou-se do dia da partida e da demora em Gweneth aparecer. Lembrou-se também que o motivo era uma conversa com Eudine. O rei colocou a mão na cabeça, depois massageou as têmporas.

— Wilhelm é um aliado precioso. Como vai entender tudo isso?

— Prefere manter uma aliança a punir o sequestrador de sua filha? — Eudine não se conteve e Drystan olhou para ela, como se pedisse que fosse mais cautelosa.

— Minha filha em primeiro lugar, é claro — Cédric não se absteve e respondeu o que ela queria saber — Só que as consequências dessa descoberta serão desastrosas.

— E se eu for até falar com o rei Wilhelm? — Drystan se ofereceu.

— Coisas assim teriam que ser conversadas entre mim e ele, não por sermos reis, e sim por sermos pais — Cédric explicou o motivo para descartar o oferecimento de Drystan — Não sei se Wilhelm aceitará, pois será a palavra de um príncipe contra a de um ladrão — sincero, olhou para Leishter que não se ofendeu, afinal não havia se regenerado por ter feito uma coisa certa — E, além disso, não temos tempo. Precisamos retomar as buscas, tentar encontrar essa mina abandonada.

— Talvez Lady Macge possa nos ajudar, afinal, ela esteve lá — Drystan recordou ao rei e Eudine olhou para ele, odiava sentir ciúme, no entanto era exatamente este sentimento nada nobre que experimentava ao ouvi-lo falar sobre Avrill. Pelo menos, não a tinha chamado pelo primeiro nome como fazia até então.

— Sim, apesar do trauma que sofreu, Avrill nos ajudará, não tenho dúvidas disso — Cédric concordou convicto — Tenho dúvidas se posso confiar em Gael.

— Não pode! — Eudine não deixaria que o rei cometesse novamente

o erro de depositar a vida da princesa nas mãos dele — Gael já demonstrou que não é digno de confiança.

— Eu tenho ciência disso — Cédric concordou — Porém, eu já não me sinto mais tão apto para estar a frente do exército...

— Se me conceder a honra — Drystan tomou a palavra — Posso comandar as buscas.

— Confio totalmente em você Drystan e é claro que eu permitirei que comande as buscas, minha única ressalva é quanto ao fato de não conhecer tão bem assim os atalhos do reino.

— Se houver mapas, posso descobrir a localização das minas — Drystan prontificou-se.

— Eu posso acompanhá-lo — Leishter ofereceu-se, causando surpresa nos dois homens — Acredito que nesta sala, não haja ninguém que conheça melhor o terreno do que eu.

— Se você souber acatar ordens, não te farei oposição — Drystan foi sincero.

— Acatar ordens suas? — Leishter riu debochado — Contento-se em conseguir que o exército acate suas ordens. Deve haver muitos partidários de Gael e que não aceitarão seu comando. Quanto a mim, não sou seu subordinado e sim um aliado — achou melhor deixar claro.

— Hank — Eudine divagou em voz alta, terminando uma discussão que mal havia começado. Ignorando os ânimos dos dois, olhou para o rei — Peça para homens procurarem Hank. Ele deixou o reino, por imposição de Gael, mas pertence ao exército e poderá diminuir ou debelar qualquer insubordinação no seio deste.

— Farei isso, Eudine — Cédric concordou — Ele será muito útil.

— Há mais uma coisa — o tom de Eudine deixou o rei de sobreaviso — Eu também irei.

— Como? — Drystan olhou para ela, reprovando a ideia — Não concordo.

— Drystan, não estou pedindo sua permissão — Eudine rebateu — Eu irei.

— Eudine, você continua sendo a herdeira do trono — Cédric começou a dizer...

— Isto é provisório; a primeira coisa que farei, quando Gweneth retornar, é devolver o que lhe é de direito — Eudine o interrompeu — E o trono não pode ser um motivo para eu não ir. Sei que posso ajudar mais do

que atrapalhar.

Drystan balançou a cabeça negativamente. Uma empresa como aquela não era para uma mulher. Não sabia o que teria que enfrentar, nem quanto tempo demoraria em encontrar a mina. Não se perdoaria caso algo acontecesse a ela. Precisava protegê-la dela mesma, isso era evidente.

— Se a Eudine for, eu não irei — Drystan pronunciou e Eudine olhou para ele surpresa e decepcionada.

— O que? — não quis e não conseguiu acreditar no que acabara de ouvir.

— Exatamente isto que eu disse — olhou para o rei — Terá que escolher. Se Eudine for, eu não irei — repetiu resolutamente.

— Quem você pensa que é? — Eudine olhou para ele, a face queimando de raiva e um sentimento ruim a incomodando — Está dizendo que é bom demais para ter-me ao seu lado?

Drystan permaneceu em silêncio. Se abrisse a boca diria que a amava demais para deixar que se arriscasse. Desejava que ela estivesse em segurança e não abriria mão disso.

O silêncio do duque deixou-a ainda mais furiosa. Olhou para o rei, esperando que ele dissesse algo em seu favor.

— Desculpe-me, Eudine, preciso da experiência de Drystan — Cédric olhou em seus olhos e entendeu perfeitamente quando ela se levantou e sem dizer nada deixou o salão principal.

Mais do que a raiva que sentia, Eudine teve que deixar o local porque não queria chorar na frente daqueles homens. Drystan havia partido seu coração ao agir de modo tão autoritário e excluí-la de alguma coisa só pelo fato de ser mulher. Odio-o e odiou-se por gostar dele. Nunca poderia ficar com alguém que não a respeitasse e a subestimasse.

— Não deveria ter feito isso — Leishter virou-se para olhar para Drystan — Se não fosse por ela, não teriam nada. Qualquer outra pessoa, com medo de perder o trono, não faria qualquer esforço para encontrar a princesa.

— Já temos uma jovem em perigo — Drystan não gostou de ter sido contestado, ele não discordava do fato de quem sem Eudine não teriam nada, porém, não colocaria sua vida em risco para agradá-la — Sei muito bem o que estou fazendo.

— Não, não sabe — Leishter rebateu — Aquela jovem que vê como uma peça frágil é muito mais leal e forte do que muitos homens que já

conheci. Não tenho nenhuma vergonha de dizer que devo minha vida a ela.

— Cavalheiros — Cédric resolveu mediar a conversa, preocupado com a animosidade entre os dois — Já está decidido. Eudine ficará no castelo e, quando Gweneth retornar sã e salva, sua mágoa já terá chegado ao fim.



Wilkins estava entediado. Aguentara Gweneth falando sem parar sobre a impressão que tivera de Emma. Por mais que a princesa estivesse magoada com Eudine, não suportara saber que a mãe dela estivera tão perto e jamais a procurara.

— Essa mulher mentiu tanto a seu respeito! Como se eu fosse acreditar em alguém que se esquece de que tem uma filha.

— Nem todas têm a sorte de ter pais como os seus, Gwen. Não conheci pessoalmente a rainha Maeve, mas minha mãe sempre me disse coisas maravilhosas sobre ela.

— Daria tudo para ter a minha mãe de volta — Gwen aceitou o abraço do noivo.

— Imagino, minha querida, porque não há coisa mais importante do que a família.

— Talvez Eudine tenha puxado a frieza de sua mãe. Isto explicaria mudar tanto em tão pouco tempo, querendo se vingar de algo que eu considerava resolvido.

— Está agitada Gwen! Poupe sua energia — ele a beijou no rosto — Será muito trabalhoso reaver o reino. Tem que se guardar para isso. Serão dias duros. Tenho pensado muito nisso, você será a única mulher na nossa campanha... Talvez fosse melhor ficar aqui.

— Jamais deixaria de participar de algo tão grande assim — Gwen estava resoluta — e além do mais, eu me sinto sufocada aqui. Não é possível viver sem ver a luz do sol. Sinceramente, este povo merece uma morada digna e eu farei de tudo para proporcionar isto a eles. Por isso, preciso estar presente quando recuperar meu reino, meu trono.

— Tudo bem, estarei lá para protegê-la.

Após esta conversa ainda jantaram, comida, aliás, que não era de modo algum ruim, e Gweneth demorou demais para pegar no sono. Wilkins teve que esconder sua irritação com a demora e, assim que teve certeza de que a princesa havia adormecido, colocou uma capa com capuz e saiu.

— Ainda é possível desistir — Emma o encontrou próximo da saída.

— Não conheço o significado de desistir — Wilkins sorriu confiante

— A vitória é minha e é só uma questão de tempo para desfrutá-la. E devo muito a você: proporcionou-me material humano sem o qual nada disso seria possível. Agora se me der licença, preciso cuidar dos últimos detalhes — e deixou Emma, sem ouvir o que ela deveria querer lhe falar.

Saindo da mina, encontrou-se com os homens no exato lugar onde havia ordenado que estivessem. Precisava das armas e não hesitaria em fazer o que fosse preciso para obtê-las.



— Eudine, por favor, deixe-me falar com você – Drystan bateu novamente e mais uma vez só teve o silêncio por resposta. Não foi nenhuma surpresa quando ela não apareceu para o jantar. Ainda assim queria lhe explicar que não tivera a intenção de ser tão duro quanto fora. Porém, não raciocinava direito quando o assunto era ela e faria qualquer coisa para protegê-la, até mesmo magoá-la.

Do lado de dentro, em sua cama, Eudine fingia que não estivesse escutando os apelos do duque. Não importava o que ele lhe diria agora, mas sim o que havia feito. Chegara lá cheio de promessas de não sair de seu lado e, na primeira oportunidade, ele a afastara.

O rei podia ter se decidido pelo duque, no entanto isto não significava que acataria tal decisão. No dia seguinte acompanharia o funeral de Mack e depois só tinha uma certeza: não acompanharia os acontecimentos de tão longe.

— Eu sei que está com raiva, mas acredite: minha condição não tem nada a ver com o que disse. Tenho ciência do seu valor e, de nenhum modo, julgo-me superior a você, preciso que acredite nisto! Por favor, deixe-me falar com você, Eudine — Drystan encostou-se à porta – Demonstre a raiva que está sentindo, faça qualquer coisa... Só não me ignore! — ele pediu.

Eudine tinha vontade de deixar claro o quanto estava magoada e lhe dizer alguns desaforos, entretanto sabia que isso não adiantaria de nada. Sua raiva acabaria e a decisão continuaria a mesma. Sabia que Drystan a envolveria em seus braços e ela não conseguiria raciocinar direito. E precisava, mais do que nunca, estar no comando de suas faculdades mentais; por isso, por mais que estivesse tentada a abrir a porta, manteve-se deitada,

alheia aos pedidos de Drystan.

O duque suspirou ao perceber que ela não responderia e muito menos abriria a porta. Com muito pesar desistiu e caminhou devagar em direção ao seu quarto. Esperava que no dia seguinte, quando os ânimos estivessem mais calmos, pudesse falar com ela. Não sabia o que lhe aguardava nessa empreitada e tampouco se preocupava com isso. Sua única preocupação era que Eudine fosse capaz de lhe perdoar.



Avrill ficou surpresa, afinal seus encontros com o rei sempre se davam no quarto dele, geralmente bem mais tarde. Não estava acostumada a recebê-lo em seus aposentos, por isso ficou sem jeito ao vê-lo diante de sua porta. Estava com trajes próprios para dormir, mas não hesitou em convidá-lo para entrar. Cédric sorriu-lhe e aceitou o convite.

— O que o traz aqui? — Avrill fechou a porta assim que ele entrou.

— Venha — o rei ofereceu-lhe o braço e a conduziu até a cama — Sente-se. Balthar disse que não deve forçar o pé.

Avrill sentou-se e viu o rei fazer o mesmo, sentando-se ao seu lado.

— Não tive tempo direito para falar com você, portanto, achei que era preciso — Cédric olhou-a nos olhos. Avrill estava um pouco abatida, no entanto parecia ainda mais bonita e, de repente, o rei notou que nunca se posicionara em relação a ela. Tinham começado a ter um caso, quando ela era muito nova e Maeve ainda era viva. Adorava sua juventude, seu modo de se comportar, seu jeito de sorrir e o modo como nunca cobrava nada. Porém, quando perdera sua rainha, algo se quebrou dentro dele. Culpou-se um pouco por não ter dispensado toda atenção para sua mulher, responsabilizando a jovem amante por esta falta. Isso fez com que a mantivesse em sua cama, mas longe de seu coração. Era a hora de reparar este erro — Estou muito feliz que esteja bem. Deveria te dizer mais vezes o quanto você é importante para mim, só que fico protelando e acabo não dizendo nada.

— Não é preciso, Cédric — ela abaixou os olhos — Eu entendo...

— Não quero que entenda. Estou aqui para me desculpar com você. Com o que tenho feito com você durante todos esses anos. Errei demais, Avrill. Você também estava desaparecida e só havia pensado em minha filha — confessou constrangido — Vê como sou tolo? Você é tão importante para mim quanto ela e nunca fui capaz de te demonstrar isto. Na maioria das vezes

fui frio com você, quando estávamos em público, quando o que devia ter feito era abraça-la todas as vezes que precisava de um abraço ou sentisse vontade de fazê-lo.

— Não é necessário, Cédric — ela voltou a dizer e ele fez com que se calasse, colocando o dedo indicador sobre seus lábios.

— Deixe-me concluir, Avrill. Eu sonhei com Maeve e pensei em muitas coisas. Na verdade, percebi que ela estava tão somente me liberando, porque ela não vai passar de uma lembrança, por melhor e mais importante que seja, não passará disso. Enquanto você é real. É o seu abraço que me conforta, e sua paz que me acalma...

— O que quer dizer com isso, Cédric? — estava confusa, sem saber o que pensar da atitude do rei, afinal nunca lhe fora tão franco.

— O que deveria ter dito antes: quero tornar oficial o que temos.

Avrill ficou sem ação, sem acreditar no que havia acabado de ouvir.

— Como?

— Avrill Macge — ficou ainda mais sério — Quando tudo isto se resolver, você quer se casar comigo?

Avrill sentiu-se tremer da cabeça aos pés, sonhara tanto com aquilo, porém, nunca imaginou que fosse acontecer.

— Não me respondeu — Cédric insistiu.

— Claro Cédric... Quando tudo estiver bem, eu aceito — seus olhos cheios se encheram de lágrimas.

Cédric sorriu e depositou um beijo na testa dela, antes de se levantar.

— Deixou-me mais feliz.

— Não vai permanecer aqui? — ela não entendeu ao vê-lo caminhar para a porta.

— Balthar disse que precisa repousar — ele a recordou — Além disso, teremos todo tempo do mundo.



Wilkins comandou a entrada no castelo, utilizando a madrugada e aparecendo diante dos homens que ficavam guardando a muralha como se fosse um fantasma. Diante da visão, ficaram petrificados e só entenderam que não se tratava de um espectro, quando ouviram dele ordens para abrir os portões. Entre assombrados e felizes, fizeram o que foi pedido.

— Príncipe, achamos que tivesse morrido... Seus pais... — o soldado

que o encontrou assim que entrou no castelo, segurou seu cavalo para que apeasse.

— Não me lembro de ter dado permissão para me dirigir a palavra. Mais, se você ou os outros soldados alardearem a minha presença, considerem-se homens mortos — e saiu.

Wilkins caminhou diretamente para o local onde Anton estava forjando armas. O homem parou ao ver o príncipe entrar. Podia parecer arrojada sua estada ali, algo que ele só considerava loucura. O reino todo estava sofrendo por sua perda e ele ali, zombando da dor de todos, inclusive de seus pais. Não fosse pela ameaça feita à sua família, já teria o denunciado ao rei Wilhelm.

— Espero que tenha acabado — Wilkins aproximou-se do homem.

— Falta pouco agora, afinal foram muitas armas. Tem mesmo tantos homens assim para empunhá-las?

— Não é uma informação que te interesse — Wilkins deu dois passos até a bancada onde havia algumas armas. Apanhou a espada que havia sido feita horas atrás, verificando seu corte — Quero saber se meu pedido foi repassado para você.

— Sim — o homem passou por ele, indo para o fundo da forja e voltando com uma espada envolta em um pano de cor marrom — Aqui está. Do jeito que pediu — estendeu-a para o príncipe.

Wilkins sorriu, apanhando a espada e se desfazendo do pano que a envolvia. A espada havia sido forjada do jeito que pedira, com um metal mais leve que permitisse desferir golpes rápidos e sua lâmina estava afiadíssima. O príncipe manejou a espada, golpeando o ar e ficou extremamente satisfeito. Sua antiga espada era muito pesada, o que impedia que fosse tão ágil quanto desejava.

— Só falta o sangue para batizá-la — brincou, divertindo-se com a expressão do ferreiro.

Os soldados que o acompanhavam foram se encontrar com ele. Wilkins parou de brincar com a espada e ordenou.

— Carreguem a carruagem com as armas que encontrarem aqui e, depois disso, partimos — ele cruzou os braços e esperou que os homens fizessem o que ordenara.

Todo o processo demorou quase uma hora. Pelas suas contas, estariam de volta à mina antes de amanhecer, afinal, o grande trunfo era que o lugar era distante de Heldroch, mas perto de Nerthynd, o que fazia do reino

uma parada estratégica para suas pretensões.

Desde que Gweneth convencera os homens da mina a lutarem, dois soldados haviam ficado encarregados de passar as noções básicas de combate, como o deslocamento em fileiras. Havia pensado em tudo. Provavelmente Gael e seu exército retomariam as buscas. Ou seja, mandaria um número limitado de homens sairia para encontrar a mina.

Ele planejava atacar este pequeno grupo antes que eles chegassem ao destino, surpreendendo-os, pois não estariam esperando tantos homens. Com a vitória certa, caminhariam em direção ao castelo onde o exército não teria tempo suficiente pra se organizar. Usaria a surpresa como sua principal arma e com ela esperava mostrar que era um ótimo estrategista.

— O exército de Heldroch é numeroso — lembrara-se da opinião de Lenz ao expor seu plano — E Gael é...

— Por isto que a surpresa é fundamental. Se matarmos Gael neste primeiro encontro, o exército ficará desorientado e é com isto que conto — havia sido sua resposta. Agora o mesmo Lenz o tirava de seus pensamentos, avisando que acabaram de carregar a carroça.

— Comecem a sair, apanharei um cavalo melhor e encontrarei vocês — Wilkins avisou e depois se virou para o ferreiro — Eu me recordarei de sua colaboração — manejou mais uma vez a espada, antes de sair, levando-a.

Caminhou calmamente até o estábulo. Aquele castelo era infinitamente menor do que o de Cédric. Desde o primeiro dia que pisara lá havia se decidido que seria dono daquilo tudo, assim como o rei de Heldroch. Não queria, porém, ser rei por casar com a filha de Cédric. Queria fazer o que muitos tinham vontade, mas jamais tiveram coragem: usurpar o trono e acabar com a sucessão por hereditariedade. Jamais se casaria com a rainha de Heldroch, estando fadado a ser um mero coadjuvante. Ele seria o rei e se Gweneth continuasse dócil, deixaria que fosse sua rainha.

Chegou ao estábulo e escolheu a montaria. Estava acabando de desamarrá-la, quando uma voz familiar fez com que se virasse:

— Wilkins? — o rei Wilhelm não acreditou no que seus olhos estavam vendo. Então ele era o responsável por toda aquela movimentação. Havia suspeitado de uma forja que trabalhava durante a madrugada, no entanto, em vez de questionar Anton, resolvera vigiar. Só não esperava se deparar com o próprio filho.

O príncipe se virou devagar, pois não contava com aquele “imprevisto”.

— Pai — ele fez-lhe uma reverência.

— Onde estava até agora? Onde está a princesa? Se vocês estavam bem, por que não apareceram? Tem noção do sofrimento que causou na sua mãe? Será que nunca se tornará um homem responsável? Se até hoje estava preocupado com a sucessão real, agora tenho certeza de que não tem capacidade para ser um rei...

— Sabe qual o seu defeito, meu pai? — Wilkins o interrompeu — Nunca me escutou e gosta tanto de ouvir o som da sua própria voz que nem me dá tempo para responder as perguntas que faz.

— Cédric é meu aliado. Está desesperado com o desaparecimento de Gweneth. E agora você aparece aqui como se nada tivesse acontecido e acha que pode me dobrar sendo irônico?

Wilkins sorriu.

— Estou farto. Não precisamos de Cédric e, antes que perceba, eu serei o rei de Heldroch e decidirei se continuaremos como reinos aliados. Agora, porém, preciso ir.

— Está enlouquecendo — Wilheim caminhou em direção ao filho — Não deixarei que saia daqui sem explicar o que está acontecendo — segurou no braço dele — Assim sendo, trate de se explicar.

— Solte-me! — não foi um pedido, e sim uma ordem — Nada, nem ninguém me impedirá de trilhar meu caminho.

— Em nome de sua mãe, peço que ouça o que está falando! Não o deixarei partir, antes que me explique o que está acontecendo.

— Se eu não soubesse que você pensa pequeno, eu diria pai! — Wilkins encarou o rei — Você nunca concordaria. Tem tanto medo de Cédric que não é capaz de pensar que há vida sem ele.

— Acabou, Wilkins! Eu o arrastarei para dentro, se for preciso e contará tudo o que aconteceu e principalmente o que tem a ver com o sumiço da princesa! E logo que o sol aparecer, ordenarei que Cédric seja avisado sobre seu aparecimento. Logo, é melhor dizer de uma vez onde está a princesa — Wilheim perdeu a paciência.

Wilkins tentou se desvencilhar. E quando o rei fez mais pressão em seu braço machucando-o, lembrou-se de todas as vezes que fora diminuído por ele e não teve nenhuma dúvida ou hesitação. Apanhou a espada recém-forjada e movendo-a com extrema velocidade, golpeou o próprio pai na altura do abdômen, enterrando a espada tão profundo quanto conseguiu.

O rei, com lágrimas nos olhos, olhou-o incrédulo e sua mão foi

soltando o braço de Wilkins. O príncipe tirou a espada com a mesma velocidade que a enterrou, causando ainda mais dano do que já havia causado. Viu seu pai soltá-lo, levar as mãos ao ferimento, antes de suas pernas bambearem e, por não conseguir suportar o peso do corpo, cair para trás, lentamente.

Wilkins deu um passo para o lado sem demonstrar qualquer emoção. Antes, voltou sua atenção para o objetivo que o levara até ali. Acabou de soltar a montaria escolhida, tirando-a da baía. Ignorou seu pai caído a poucos metros dele, totalmente insensível aos seus gemidos de dor. Provavelmente ele morreria nos próximos minutos, logo já era passado.

Puxou o cavalo para fora do estábulo e, antes de montá-lo, olhou mais uma vez para a espada. Considerou o que havia acontecido um bom sinal para o combate iminente, pois, agora tudo estava perfeito, afinal a espada havia acabado de ser batizada.

CAPÍTULO 38

Os homens quando não são forçados a lutar por necessidade, lutam por ambição – Maquiavel

As batidas insistentes na porta do quarto não só acordaram Hank, como também fizeram com que ele se levantasse da cama improvisada no chão e caminhasse até o outro lado do quarto para apanhar sua espada.

Na pequena cama, Kim acordou assustada e, embora não tenha proferido nada, seu olhar questionou se Gael havia mudado de ideia e mandara homens para matá-los. "Eudine não permitiria", pensou e viu o jovem cavaleiro colocar o dedo indicador na frente da boca, solicitando que permanecesse em silêncio.

Hank havia se mostrado gentil e cuidadoso, entretanto ainda não a olhava do jeito que ela gostaria. Por mais que se mostrasse grato pela sua companhia, era evidente que ele sentia saudade da família, do reino. Agora que não podia mais estar na companhia dos seus, nem no local onde nascera, ele percebia a importância de ambos.

Graças a Eudine, haviam conseguido se instalar em uma estalagem. Isso porque assim que soube de Kim que ela o acompanharia, fez com que a moça aceitasse uma pequena bolsa de pano com alguns dobrões de ouro, suficientes para os primeiros meses.

— Sempre recebi por ser dama de companhia de Gweneth, pois é não se espante, isso foi o que sempre deu a medida exata da minha função aqui — Eudine explicou diante da expressão surpresa da moça, insistindo para que ela aceitasse a quantia — Como percebe, não tenho gastos, logo nada melhor do que usar esta quantia de uma forma útil.

Com esse dinheiro foi possível se hospedar na pequena estalagem que não ficava próxima de Heldroch e que surgira como saída para o cansaço

evidente após muito tempo em cima do cavalo. Hank a apresentara como irmã, algo que a dona da estalagem aceitou sem questionar, mais interessada no brilho das moedas. Assim, disponibilizou o único quarto disponível no qual havia apenas cama para uma só pessoa. Não se opôs em arrumar mantas e algumas peles para que o rapaz improvisasse uma cama, enquanto estivesse por ali. Kim ficou um pouco frustrada, pois não se importaria em dividir a cama e a sua vida com o jovem. No entanto, percebeu que Hank se esforçava para não lhe faltar com respeito e, talvez, esse excesso de zelo demonstrasse que correspondia o sentimento que a dama lhe devotava.

As batidas reiniciaram ainda mais insistentes. Hank percebeu que o quarto não tinha janelas, ou seja, cometera um erro primário ao se hospedar em um local do qual não poderia fugir se fosse preciso. Assim, só restou ao jovem cavaleiro aproximar-se da porta e abri-la.

— Senhor Hank Sallinger — a dona da estalagem chamou-o com voz grave, como se houvesse acabado de descobrir algo muito importante — Soldados de Heldroch desejam vê-lo.

Hank receoso segurou sua espada com mais força. O dia nem havia amanhecido. Para encontrá-los ali, os soldados deveriam ter viajado a noite inteira, sem interrupção e em alta velocidade. Além disso, aquela não era a única estalagem no caminho, ou seja, possivelmente vasculharam os outros estabelecimentos até chegar àquele. Olhou para Kim e aflição dela tornou-se a dele. Se Gael tivesse mandado homens para matá-los, não teriam como fugir.

— Pediram-me para dizer que vêm em nome da senhora Santê — a mulher não escondeu que conhecia a quem pertencia o sobrenome, já que a fama da dama de companhia que subiria ao trono de Heldroch só fazia crescer.

Ouvir o nome de Eudine fez com que Hank relaxasse um pouco. Embora pudesse ser uma armadilha, sua tensão foi diminuindo. Abaixou a espada e virou-se para Kim.

— Fique aqui — pediu cauteloso — Preciso saber o que está acontecendo. Se tudo estiver bem, eu subirei e te colocarei a par dos acontecimentos.

— Hank! — Kim quis protestar, pedir que não fosse, porém, não teve tempo, pois o viu deixar o quarto em companhia da estalajadeira.

A descida pareceu durar uma eternidade. Estava inseguro, pois não sabia se o nome de Eudine havia sido usado apenas para ele se desarmar, ou

se partira dela a ideia de procurá-lo. Nesse caso, também não conseguia ficar alegre, pois devia ser o sinal de que algo grave acontecera.

Hank respirou aliviado ao tocar o último degrau da escada e se deparar com Getz. Haviam ficado em guarda juntos e confiava um pouco no rapaz. Devia ter sido escolhido por Eudine, pois ela sabia que ele só confiaria em um rosto conhecido.

— Hank Sallinger, de Heldroch — Getz saudou-o da maneira mais formal possível — Venho, em nome do rei Cédric, para informá-lo que foi revogado o seu exílio. O reino precisa de seus serviços — fez um gesto para outro homem que o acompanhava e o soldado aproximou-se de Hank e estendeu para ele uma trouxa feita de um pano resistente e amarrada com um cordão — A senhorita Santê pediu-nos que entregasse em mãos.

Hank ficou sem ação. Sentiu as mãos tremerem um pouco e teve que dominar o nervosismo para aceitar o pacote que o soldado lhe estendia. Passou pelos homens, até encontrar a mesa de madeira e depositou o embrulho em cima dela. Desamarrou-o com cuidado e seus olhos encheram de lágrimas ao ver o conteúdo: era uma roupa pertencente ao mais alto nível da guarda de Heldroch, composta por uma cota de malha; uma coifa – pequeno capuz de malha também para proteger a cabeça e o pescoço; uma espécie de meia calça para ser usada em baixo da calça que também estava no embrulho; um manto, trazendo o brasão do reino e uma capa. O que diferenciava sua roupa daquela que os soldados usavam era a cor: azul escura, enquanto os outros usavam um tom de azul mais claro.

— Isto significa... — não conseguiu concluir e Getz ajudou-o.

— A partir de agora, senhor, assume o lugar que era de Gael.

— É muita responsabilidade — Hank passou a mão sobre o rosto, sem esconder o nervosismo. Desconhecia quais eventos se sucederam para fazer com que ele passasse de exilado ao posto de comandante do exército; só tinha certeza de que aquela era a maneira de Eudine retribuir-lhe a lealdade — Ainda assim, eu aceito.

— Que bom! — Getz sorriu — Porque precisamos retornar o quanto antes.

— O que aconteceu? — finalmente quis saber algo que tivera vontade de perguntar desde o momento em que vira o companheiro.

— A possibilidade de a princesa Gweneth estar viva é muito alta — Getz respondeu rapidamente — Além disso, Leishter não teve nada a ver com o desaparecimento dela.

— Eudine estava certa — Hank conseguiu ostentar um pequeno sorriso. Ela era a pessoa mais teimosa que conhecia, porém, não se surpreendia com o fato de ter razão na maioria das vezes.

— Sim, senhor. Ela fez questão de preparar o embrulho — Getz concordou.

— Para eu ser promovido o que houve com Gael? — também não conteve sua curiosidade.

— Nosso antigo comandante foi preso por ordem do rei — a fala de Getz surpreendeu Hank — Ele está preso por ter assassinado o cavaleiro — continuou e Hank arregalou os olhos ao saber que Mack havia morrido. Ele estava mal, porém acreditava que o médico real pudesse salvá-lo — Na realidade, não foi bem por causa da morte do cavaleiro...

— Mack — Hank o interrompeu — Ele tinha um nome!

— Desculpe-me — Getz ficou sem graça e, corrigindo-se, reiniciou — Mack antes de morrer revelou ao rei que o alvo de Gael não era ele, mas a senhora Santê. Como ela é a próxima na sucessão ao trono, pelo menos até o retorno da princesa, o ato foi considerado uma traição ao reino.

Hank fez uma careta. Que homem era capaz de atentar contra a vida de uma mulher? Tudo bem que Eudine não poderia ser considerada indefesa, visto ser uma ótima aluna e ter se saído muito bem durante as aulas que tivera com ele. Entretanto, por mais que fosse rápida e soubesse manejar bem uma espada, continuava sendo muito frágil perante um homem muito mais velho, mais forte e mais experiente em batalhas.

— O que houve com a sanidade de nosso comandante? — Hank deixou escapar.

— Não faço ideia... Parte dos soldados de Heldroch se mostraram insatisfeitos com tal prisão. Não admitem seguir ordens de um duque que não pertence o reino, muito menos de um bandido como Leishter.

— Leishter?

— Sim, ele retornou. Assim como Lady Macge...

— Entendi agora a minha nomeação — para Hank era evidente que aquilo havia sido ideia de Eudine. Ela tinha uma facilidade impressionante para buscar soluções, antes que os problemas se fizessem maiores.

— Precisamos voltar o quanto antes para retomarmos a busca à princesa.

— Há mais alguma coisa que eu preciso saber? — Hank apanhou a trouxa de cima da mesa.

— Só tenho autorização para te dizer isso. As outras informações serão passadas ao chegar à Heldroch.

— Tudo bem — Hank assentiu — Eu me trocarei e já volto. Eu e a senhorita Kim voltaremos com vocês para o reino – ele informou, antes de virar-se e subir as escadas apressadamente.



No céu, o sol ainda estava fraco. Eudine sentiu-se triste ao ver o caixão de madeira baixar na cova. Por ela, Mack teria recebido honras de um herói, sendo enterrado diante de muitas pessoas. Porém, como isso não havia sido possível, o rei Cédric permitira que o jovem fosse enterrado em uma área nobre: em uma pequena colina atrás do castelo na qual além de outros nobres, jaziam os antepassados da família real: seus pais, os pais deles e sua querida Maeve.

Eudine e Gweneth costumavam ir até lá, quando mais novas, logo que perderam a rainha. No entanto, um dia a princesa decretara que aquele hábito era muito triste e decretou que aquela sepultura não representava o que fora sua mãe e, assim, não precisava estar ali para lembrar-se dela. Eudine, por sua vez, continuou frequentando o lugar. Era um de seus paradiços favoritos quando fugia das aulas de etiqueta. Maeve fora o mais próximo que tivera de uma mãe e sempre lhe seria grata por isso. Era raro uma mulher nobre não hesitar em dividir com ela um amor que deveria ser destinado apenas à sua filha de sangue. Somente após o acidente responsável por sua cicatriz deixou de ir até lá.

— Merecia muito mais do que isso — Eudine proferiu baixinho, quando os homens acabaram de cobrir a cova com a terra, colocando três pedras sobre o lugar no qual ele havia sido enterrado. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, no entanto prometera a si mesma não chorar e garantir que aquela morte não fora em vão.

Apesar de ter acordado indisposto, o rei Cédric fizera questão de participar do sepultamento. Avrill fez-lhe companhia, insistindo para que visse Balthar depois que tudo acabasse.

— Não é nada além da emoção em saber que Gweneth está viva — Cédric dissera, amenizando seu mal-estar.

Leishter também se fez presente. Afinal, aquela dívida jamais poderia pagar: Mack salvara sua vida e morrera por esse motivo.

Drystan chegou quando todos, com exceção de Eudine, já haviam se retirado. Cédric, Avrill e Leishter ainda se reuniram no salão principal para que, diante dos mapas, a dama apontasse o local em que imaginava ficar a tal mina abandonada.

O duque achou o momento oportuno para falar com ela, visto que não quisera recebê-lo na noite anterior.

Ela tinha os olhos voltados para algum lugar além da sepultura e Drystan pegou-se curioso ao tentar imaginar no que ela estaria pensando. Pigarreou para chamar sua atenção e Eudine virou-se para ele.

— Desculpe, não pude chegar antes.

Eudine apenas o ouviu, sem dizer nada e o duque se aproximou um pouco mais.

— Segui todas as instruções que deixou sobre Hank — ele começou e diante da indiferença dela, trouxe a conversa para o terreno pessoal — Sei que está com raiva de mim, Eudine e, se pudesse, gostaria de uma chance para me explicar.

— Isto é necessário Drystan? Pensa que sou tola a ponto de não entender? — ela o encarou.

— Não acho que seja tola, e sim que sua teimosia esteja impedindo que me ouça. Você se engana se acha que eu a subestimo, só não quero que se machuque.

Eudine apanhou a mão direita dele e a levou até seu rosto, fazendo com que tocasse sua cicatriz.

— Pensei que fosse evidente que já me machuquei bastante nesta vida e, ainda assim, sobrevivi.

— Eu sei disso, Eudine — não esperava pelo gesto dela, por isto aproveitou para lhe acariciar o rosto. Ela fugiu ao carinho dele, dando dois passos para trás — Acontece que sou egoísta.

Eudine não entendeu o que ele quis dizer e ficou a olhá-lo esperando o complemento. Drystan voltou a diminuir a distância entre eles, antes de se explicar.

— Quero garantir que esteja bem, porque a quero para mim.

— Drystan... Eu ficaria lisonjeada, se sua declaração não levasse em consideração apenas o que você quer e o que você acha.

— Peço perdão... Não consigo agir diferente quando o assunto é você — foi sincero — E, além do mais, caso estivesse em campo, ao meu lado, não seria capaz de me concentrar do modo que preciso.

— Agora me ofende, chamando-me de distração — por mais que entendesse o cuidado, incomodava-se com suas palavras — Seus argumentos não me convencem, eles só me desmerecem cada vez mais. Afinal, pensei que houvesse ficado claro que não temos nada. Logo, não deveria se preocupar em me manter a salvo para o seu bel prazer!

— Não tive a intenção de desmerecê-la... — ele ainda tentou, no entanto Eudine o interrompeu.

— Peço que não diga mais nada e que se concentre — frisou bem a última palavra — Em trazer Gweneth de volta para casa.

— Sim, senhora — Drystan desistiu, havia aprendido que não adiantava insistir. Daria tempo à Eudine — Estou indo me reunir ao rei. Aguardaremos a chegada de Hank para partir. Enquanto isto, precisamos planejar as buscas — informou — Não quer se juntar a nós?

— Não — ela deu alguns passos para longe dele e deu-lhe as costas — Ficarei mais um tempo por aqui. Além do mais, vocês já contam com a ajuda de Avrill, minha presença não é necessária.

— Neste caso... Se me permite — contrariado balançou a cabeça e começou a caminhar para longe dela.

— Quando partirem, prove que sabe se cuidar — Eudine finalmente se virou, aumentando a voz para que ele a ouvisse — Retorne inteiro.

Drystan parou de andar e sorriu, gostando de perceber que, apesar da mágoa, ela se preocupava com seu bem-estar.

— Pode ter certeza disso, Eudine — e continuou sua caminhada de retorno ao castelo.

CAPÍTULO 39

A grande arte é mudar durante a batalha. Ai do general que vai para o combate com um esquema – Napoleão Bonaparte

A carroça repleta de armas chegou à mina ao mesmo tempo em que a carroça trazendo Tarif, Garth e os outros homens que os haviam acompanhado. Garth foi o primeiro a descer, surpreso com a quantidade de armas. Não ficou surpreso ao ver Wilkins descer do cavalo e começar a gritar com seus homens e com os moradores da mina, ordenando que a carroça fosse descarregada.

— Todos enlouqueceram? — dirigiu-se a um dos homens que passou por ele correndo, para cumprir a ordem do príncipe. Tendo sido ignorado, continuou caminhando até estar de frente para Wilkins — O que significa tudo isso?

— Pensei que fosse evidente — Wilkins sorriu — Espadas, lanças, arcos e flechas. Pensei em solicitar punhais, contudo seria um erro um combate tão próximo — continuou naturalmente e Garth ficou a olhá-lo como se estivesse falando uma língua indecifrável — Perdeu algumas decisões, Garth. Isto é o que acontece quando se perde tempo com subalternos — o príncipe tirou a espada da bainha e a mostrou para o homem — Diga, se não ficaram perfeitas? Especialmente esta.

— Do que está falando? De quem é este sangue? — Garth continuou perdido.

— Muitas perguntas — Wilkins continuou sorrindo — Não se preocupe, não é o sangue de sua amada Emma Santê — seu sorriso tornou-se ainda maior diante da expressão de Garth — Ora, vamos lá. Só esse povo parvo não percebe isso — deu de ombros — Para situá-lo, estou corrigindo o

erro de vocês. Afinal, tem uma hora em que cessam as palavras e é necessário agir — Wilkins apontou para a carroça em que estava Tarif — Graças ao seu pupilo, lady Macge fugiu. Graças a Emma, não pude ir atrás dela. Se estivesse morta como ordenei, nada disto seria preciso. Como está viva e provavelmente em Heldroch, será preciso sujar as mãos de sangue.

— Você está supondo que meu povo vá lutar em seu nome? — Garth questionou incrédulo.

— Não — o sorriso do príncipe agora foi vitorioso — Não é suposição, é certeza.

— Está louco! Armá-los não quer dizer que deixarão de ser exterminados por um exército experiente!

Wilkins se aproximou de Garth e o encarou;

— Não tão fácil, Garth. Hoje teremos uma vitória, porque seu povo tem o melhor comandante que poderia: eu. Grave minhas palavras: fogueiras arderão hoje em sinal de nossa vitória e você e os outros covardes que ficarem poderão enxergá-las daqui. Pois queimarei o corpo de meus inimigos e a fumaça preta que há de se formar no céu, dará a medida exata da minha força!

— Está completamente maluco! — foi impossível não se assustar diante da frieza com a qual ele proferiu aquelas palavras — Falarei com Emma.

— Vá lá, Garth! — Wilkins zombou — Verá que mesmo livre é possível estar com as mãos atadas!

Garth afastou-se e viu os homens ajudarem Tarif a descer da carroça. Com passos firmes entrou na mina, indo ao encontro de Emma. Apesar de muito cedo ainda, encontrou a mulher já acordada, aflita, andando de um lado para o outro. Ao vê-lo, mostrou como toda a situação estava fragilizando-a e o surpreendeu com um inesperado abraço. Garth correspondeu. Abraçando-a pela primeira vez desde que se mudara para a mina. Depois de alguns segundos, ela se afastou lentamente.

— O que está acontecendo, Emma? Wilkins enlouqueceu de vez.

— Eu estava tão cega para me vingar que me associei a um monstro, Garth. A culpa é minha — Emma estava esgotada — Acreditei que pudesse conter e controlar Wilkins, como se ele fosse alguém previsível. Enganei-me completamente. Ele convenceu a princesa a falar com a nossa gente e eles se deixaram seduzir com a promessa de uma vida melhor.

— Quanta ingratidão! — Garth comentou decepcionado — Entre

você e ela, preferiram ouvi-la?

— Na realidade, não pude contestá-la — Emma sorriu tristemente — Wilkins pensou em tudo. Até mesmo que minha presença poderia atrapalhar o discurso e me manteve longe enquanto ela discursava. Prendeu-me aqui em meus aposentos.

— O que? Aquele bastardo ousou machucá-la? — Garth ficou furioso com a possibilidade.

— Não — ela negou com a cabeça — Não me machucou, apenas me afastou, pois sabia que eu poderia influenciar a decisão do povo... E aquela jovem herdou a oratória do pai. Quem ouviu, disse que foi uma fala apaixonada e forte. A maioria dos homens aceitou combater longe daqui para poupar suas famílias.

— Então, talvez seja a hora de falarmos com ela — Garth sugeriu.

— Já tentei. Na mesma medida em que a vingança me cegou, a paixão foi a responsável pela cegueira da jovem. Ela confia nele a ponto de ignorar tudo e todos que sejam contrários ao noivo. Não acredita que ele seja capaz de mentir, de machucar ou de manipulá-la. Não passa de um brinquedo nas mãos dele, uma marionete de luxo.

— Por que não mostrou os soldados sobreviventes de Heldroch, que estão mantidos como prisioneiros? — quis saber.

— Porque simplesmente não sei o que foi feito deles. Eu temo que Wilkins tenha os matado para apagar os rastros de sua mentira.

— Não duvido. Ele me exibiu uma espada suja de sangue — Garth inconformado balançou a cabeça — Não acredito que não possamos fazer nada.

— A única pessoa que poderia deter Wilkins não o vê como uma ameaça. Esta princesa jamais será uma boa rainha, pois lhe faltam duas características imprescindíveis para isso: discernimento e poder de decisão.

— Não tenho dúvidas disso — Garth mostrou-se aflito — Nosso povo será dizimado.

— Sim e a culpa é minha. Por esse motivo, tomei uma decisão: eu os acompanharei.

— Não pode fazer isso, Emma. Quem vai ficar com as mulheres e as crianças?

— Não serei eu, Garth. A princesa irá com ele, não sei bem como. Sendo assim, eu também os acompanharei.

Garth negou com a cabeça. Estava diante de uma tragédia anunciada

e, se perdessem Emma, aquele povo não sobreviveria.

— Deixaremos Tarif e os outros que voltaram conosco responsáveis pelas pessoas que aqui ficarem — declarou com segurança.

— Deixaremos? — repetiu, querendo saber o que ele estava querendo dizer.

— Estarei ao seu lado — Garth explicou calmamente — Afinal, é para isso que servem os amigos, não?



Hank respirou profundamente. Nunca imaginara que ficaria tão feliz em voltar a Heldroch. Paramentado com as roupas enviadas por Eudine, entrou de cabeça erguida no reino.

Ele achou Kim um tanto estranha, não tão feliz quanto ele, ou, caso estivesse, ela não demonstrara. Fizera o percurso todo calada, alheia a tudo o que acontecia em volta deles. Como os homens haviam comprado um cavalo, não foi preciso que dividissem a mesma sela e, talvez por isso, sentiu falta de sua companhia, ficando, ao mesmo tempo, orgulhoso ao saber que ela montava bem.

Quando passaram pelos portões da fortaleza, percebeu a movimentação dos soldados. Ao vê-lo, os homens paravam para reverenciá-lo, afinal, estava agora no lugar que fora de Gael. Para a busca, havia sido convocado um regimento com aproximadamente cinquenta homens. Era o número considerado ideal, caso o paradeiro fosse conhecido.

Finalmente chegou à entrada principal do castelo e apeou, ajudando Kim a fazer o mesmo. Embora ela não pertencesse àquilo tudo, acompanhou Hank e juntos caminharam em direção ao duque. Drystan se destacava entre os homens, agora paramentado em um traje de combate todo preto. Assim que viu Hank, sorriu para ele, feliz com o fato de os homens terem-no encontrado.

— Saúdem seu novo comandante — ele ordenou para os soldados com quem estava conversando e a ordem foi acatada imediatamente.

— Não é preciso, senhor — Hank fez um gesto, dispensando a honraria e cumprimentando o duque com um aperto de mão.

— Agora estamos completos. Eu só poderia acompanhar um exército se este tivesse um comandante — Drystan explicou — Acredito que tenha um conhecimento bem maior do terreno bem maior do que eu. Lady Macge apontou o local em que provavelmente fique a mina, acho que se o vir,

poderá nos guiar até lá do modo mais seguro.

— Agradeço a confiança — Hank falou rapidamente — Nem sei se sou digno deste cargo.

— Tem a seu favor Eudine — Drystan sorriu — Acredito que só isso baste. Se ela confia em sua competência e o rei confia nela, então não há dúvidas sobre seu merecimento para assumir o cargo.

— Gostaria de vê-la — Hank aproveitou que o duque citara o nome dela.

— Acho que ainda não retornou — Drystan olhou em direção à colina na qual acontecera o sepultamento de Mack. Embora não pudesse ser vista dali, Hank entendeu perfeitamente.

— Nesse caso, melhor vermos os mapas, pois não podemos perder mais tempo – o jovem ignorou o cansaço da viagem que havia acabado de fazer.

— Estávamos o esperando para isto — Drystan fez um gesto para que o acompanhasse. Antes de fazê-lo Hank voltou-se para Kim e depositou-lhe um beijo na testa.

— Descanse um pouco, cuide-se, logo estarei de volta — prometeu, antes de entrar, acompanhando o duque.



Garth aproximou-se. Teve que achar uma brecha entre os homens para ouvir o que Wilkins estava falando. Furou o bloqueio a tempo de ver o príncipe usar a espada para fazer um risco no terreno arenoso.

— Sabem de onde vem a minha certeza? — questionou de modo retórico — Do conhecimento que tenho do inimigo. Sei o modo como pensam e a maneira como eles se moverão — ele fez outro risco, paralelo ao primeiro — Para chegarem à região conhecida pelas extrações de pedras preciosas, esta que nos encontramos, há duas possibilidades. Este caminho – apontou com a espada o primeiro risco feito — É o mais seguro.

— Então, será o que tomaremos? — um dos moradores da mina questionou.

— Não – Wilkins negou com veemência, surpreendendo a todos.

— Acabou de dizer que é o caminho mais seguro... — o homem retrucou sem entender.

— Disse que era o mais seguro, não o mais rápido — Wilkins

observou — No momento, eles têm pressa em nos encontrar — manipulou um pouco a sua fala, porque o certo seria dizer "encontrar a princesa", mas precisava fazê-los acreditar que o exército marchava para lá para atacá-los — Por esse motivo, eles se arriscarão para ganhar tempo. Terão que passar por uma região montanhosa e quando atravessarem o vale — fez uma marca no segundo risco — Nós o surpreenderemos.

— E se estiverem preparados para uma surpresa? — o mesmo homem quis saber, fazendo Wilkins sorrir. O que os moradores da mina desconheciam era que expedição era de busca e, por isso, o número de homens convocados para isso seria muito pequeno perto da quantidade de homens que ele próprio levaria. Dos quase mil e quinhentos homens que residiam ali, ele levaria um terço pra este primeiro encontro, além dos soldados que lhe eram aliados.

Ele ficaria responsável por duzentos e cinquenta homens que se esconderiam nos montes e montanhas até a tropa de Heldroch estar no lugar propício para o ataque. Enquanto isso, Lenz estaria posicionado na saída do vale. A lém de comandar os outros soldados fiéis ao príncipe, ele comandaria os outros duzentos e cinquenta homens. Alguns soldados seriam os responsáveis pela chuva de flechas e dariam o comando para os homens irem para o combate corpo a corpo.

Garth percebeu que se o plano de Wilkins desse certo, o exército de Heldroch ficaria cercado e, se o número de homens enviado para a busca fosse realmente pequeno, admitiu que talvez o príncipe não estivesse tão louco quanto supunha.



Kim não ficara para ver Hank partir ao lado do duque e de Leishter que parecia muito maior do que os dois. Havia entendido que Eudine ficara na colina e, por esse motivo, fora à sua procura. Porém, ao contrário do que Drystan dissera, ela não estava lá.

Sem entender, Kim retornou ao castelo e a procurou por todos os cantos, antes de ir procurá-la no lugar mais óbvio: seu quarto. Ao se aproximar, estranhou que a porta estivesse entreaberta. Lentamente a empurrou e entrou.

Eudine estava tão compenetrada em vestir o traje masculino que nem ouvira Kim se aproximar. Na noite anterior, assim que Drystan deixara seu

quarto, ela pedira que uma das criadas levasse dois recados: um ao duque, exigindo que Getz procurasse Hank e outro à pessoa responsável pelo fardamento do exército, pedindo que separasse dois fardamentos completos, pois fazia questão que Hank voltasse devidamente paramentado. Foi sua ideia pedir trajes diferentes: um deles semelhante àquele usado por Gael e outro igual ao usado pelos demais soldados. Assim, embalou o traje que mandaria para o amigo, mas não devolveu o outro, uma vez que ninguém o pedira de volta. Era vestida com ele que os encontraria e faria parte das buscas.

— Eudine? — Kim não escondeu a surpresa ao entender o que ela pretendia fazer.

— Kim! — Eudine assustou-se, mas sorriu ao vê-la bem — Muito bom saber que está de volta. Espero que você e Hank tenham se entendido.

— Beijos na testa não são sinônimos de entendimento — Kim comentou desanimada e apontou para a roupa que ela usava — Isto não significa o que eu estou pensando, significa?

— Não sei o que está pensando — Eudine experimentou a coifa.

— Você se juntará a eles, não é? — Kim não conseguiu esconder a preocupação.

— Digamos que não seja querida, ainda assim pretendo acompanhar os acontecimentos de perto — respondeu concentrada em verificar se precisava fazer algum ajuste na roupa.

— É muito arriscado! — Kim protestou.

— Um pouco. Fique tranquila, sei lidar com uma espada. Tive um bom professor — Eudine sorriu — E, além disso, costumo ser fiel à minha intuição e algo me diz que preciso fazer isso.

Kim procurou palavras para dizer que era contra aquela decisão, entretanto não as encontrou. Fez apenas o que podia: caminhou até ela e deu-lhe um abraço.

— Por favor, tome cuidado.

— Tomarei e trarei o seu Hank em segurança — Eudine sorriu, antes de prender a venteira à outra extremidade da coifa, cobrindo seu queixo e boca e deixando apenas seus olhos visíveis. Como a roupa estava larga, se não fosse pela estatura, poderia passar facilmente por um homem. Para finalizar apanhou sua espada e a colocou na bainha — Esperarei que saiam e depois de um tempo, irei atrás deles.

— E se alguém perceber, Eudine? E se o rei perguntar por você?

— Se alguém perguntar por mim, diga apenas que não sabe —

respondeu naturalmente, fazendo com que Kim se recordasse que ela já havia passado por aquela situação uma vez.



Dia seguinte

Para evitar viajar a tarde inteira e chegar ao local mais perigoso à noite, a resolução em conjunto foi sair bem cedo no dia seguinte, quando a madrugada estava acabando. Por este motivo, o jantar seguiu silencioso, sem a presença de Hank, Leishter e Drystan que fizeram uma refeição rápida em seus próprios aposentos, priorizando o descanso.

No dia anterior, a decisão em ir pelo caminho mais curto acabou sendo tomada pelo rei e a Drystan e a Leishter só coube aceitar. Sem Eudine presente, Leishter foi ignorado ao dizer que o caminho mais longo era melhor para a montaria, visto só haver um lago após terem vencido todo o vale.

Quando soube da decisão, Hank também concordou com ressalvas. Se fossem poucos homens, poderiam ir por cima, pelo caminho das montanhas. Mas era um caminho estreito que permitia que apenas um cavalo seguisse por vez. Ou seja, tornaria o percurso tão demorado quanto o do caminho mais longo. O jovem ainda não conseguia acreditar que o príncipe estava por trás de toda aquela confusão. Mais uma vez teve que admitir que Eudine estivera certa ao implicar com ele.

Assim, quando partiram, com um contingente propício para as buscas, sabiam que a viagem seria difícil e, pelas dificuldades do terreno, por mais rápido que fossem, demorariam a chegar à região das minas. Após quase duas horas e meia de viagem, Drystan, Hank e Leishter cavalgavam lado a lado mais à frente. Ir por aquele era mais penoso para os cavalos. Ilid por pouco não se machucara, fazendo com que o duque diminuísse o ritmo da cavalgada.

Atrás deles, o terreno só permitia que fossem formadas fileiras com quatro cavalos. Leishter conhecia bem o local, pois já havia se escondido nas montanhas que rodeavam o vale composto por uma vegetação rala e poucas árvores.

— Não gosto daqui — Leishter comentou, antes um pouco de

avistarem a entrada do vale.

— Foi voto vencido na escolha do caminho, portanto, não sei se adianta reclamar — Drystan respondeu seco.

— Eu não contestei a decisão, só disse que não gosto daqui — Leishter repetiu — Sei que ao passar o vale entraremos na zona de extração de pedras preciosas. Só espero que não demoremos muito a encontrar a mina correta, pois, pelo que eu me lembre, há algumas minas naquela área.

— Já pilhou alguma delas? — Drystan não se conteve e Hank achou melhor intervir.

— Você disse minas? Não apenas uma? — o jovem comandante mudou o rumo da conversa para algo mais útil.

— Exatamente, algumas minas — confirmou, ignorando Drystan. Sabia que o duque não lhe tinha simpatia por conta de Eudine. Era tolo se achasse que tinha algum interesse na jovem. Apenas a via como uma irmã mais nova a quem devia a vida e por quem tinha muito carinho e admiração — Só na área em que a dama apontou no mapa, deve haver três grandes minas.

— Espero que não percamos tempo — Drystan integrou-se à conversa, pois queria encontrar a princesa o quanto antes e retornar ao castelo.

— Vocês que estão no comando — Leishter disse em tom provocativo — Já pensaram no que farão com o príncipe? Talvez ele se sinta acuado e coloque a vida da princesa em perigo.

— Ele ignora que já sabemos que está por trás de tudo — Drystan fez questão de recordá-lo.

— Mesmo assim, é preciso temer um homem que sequestra a própria noiva. Espero realmente que tenha pensado em tudo, duque — Leishter manteve o mesmo tom e Drystan olhou-o sério, preferindo não responder.



Do local no qual estava escondido, Wilkins viu a expedição e sorriu. Como havia imaginado não eram muitos homens. Conforme havia combinado com os soldados e os homens da mina, ergueu o braço direito com o punho fechado. Eles teriam que estar atentos, pois quando abrisse a mão, era pra que eles descessem as encostas e buscassem o combate corpo a corpo. A instrução era a de golpear os cavalos, derrubando os homens em

cima deles.

Olhando com mais cuidado, enquanto se aproximavam, estranhou a ausência de Gael.

— Por que abríam mão do melhor homem do reino? – perguntou a si mesmo, mas nem esta dúvida diminuiu sua confiança. Logo estariam no ponto ideal: local em que Lenz também pudesse vê-los e, assim, atacar.

Hank sentiu um arrepio, já havia passado pelo vale, no entanto nunca tinha estado na região citada por Leishter. Sentiu que algo estava diferente. O sol estava no centro do céu e esquentava muito. Começou a olhar para os lados e para cima, tentando descobrir o que mudara.

— Não há pássaros — após uma inspeção cuidadosa, ele disse do nada, puxando as rédeas de seu cavalo. Ergueu o braço para que todos parassem.

— O que houve? — Drystan quis saber, fazendo Ilid voltar um pouco para ir até Hank.

— Não há pássaros — Hank respondeu aflito — Precisamos recuar!

Leishter puxou as rédeas do cavalo bruscamente, fazendo-o virar na direção dos soldados que os acompanhavam.

— Voltem imediatamente! – gritou para os homens. Um deles fiel a Gael aproximou-se.

— Nós não batemos em retirada — arrogante, recusou-se a seguir as ordens — Por qual motivo teríamos que retornar? Foi sendo covarde assim que se manteve longe das grades por tanto tempo?

— Não seja tolo, não ouviu o novo comandante? — Leishter mostrou-se impaciente, pois o soldado acabara fazendo com que os outros também não o seguissem — Não há pássaros.

— Devemos nos retirar apenas pela ausência de pássaros? — o soldado debochou.

— Estúpido! — Leishter perdeu a paciência — A ausência de pássaros indica que algo ou alguém fez com que debandassem. E como acabamos de chegar, tenha certeza de que não fomos nós!

O soldado chegou a abrir a boca para retrucar, só que não teve tempo: uma flecha cortou o ar, passando a poucos centímetros de Leishter que chegou a ouvi-la e acertou o homem no rosto, fazendo com que caísse do cavalo e o animal se assustasse, assustando os demais, iniciando uma reação em cadeia, na qual foi preciso que os soldados controlassem suas montarias com mãos firmes para não serem jogados ao chão.

Leishter praticamente se deitou sobre o seu cavalo, tentando não ser um alvo tão fácil quanto fora o jovem soldado.

— Procurem abrigo! — Drystan e Hank gritaram quase o mesmo tempo, controlando seus cavalos e vendo as fileiras se desmancharem, movendo-se sem sincronia ou organização.

Wilkins finalmente abriu a mão, ordenando que os homens atacassem. Revelando seus esconderijos, eles começaram a descer a encosta em direção à expedição. Ao mesmo tempo foram disparadas novas flechas, agora com fogo em suas pontas, aumentando o caos e confusão, principalmente em relação à montaria que reagiu mal diante do fogo.

Leishter puxou seu cavalo, em direção à saída do vale. Estava certo, não poderiam ter confiado no príncipe. Seriam atacados pelos dois lados e o número de homens que desciam das encostas era muito grande.

— Faça com que se desloquem para o leste! — ele passou cavalgando por Drystan e Hank — Há algumas árvores que podem dificultar que sejam alvos tão fáceis.

— E você vai fazer o que? — Hank gritou sem entendê-lo, pois ele sugeria uma coisa e estava fazendo outra.

— Ele acredita que sozinho seja capaz de deter as flechas — Drystan explicou, fazendo um sinal para os soldados, indicando-lhes o caminho sugerido por Leishter.

— Irá se matar — Hank concluiu, fazendo o mesmo sinal para os homens, notando a distância diminuir entre eles e os homens que já haviam ganhado o vale — Assim, como nós, se não conseguirmos nos afastar um pouco e apear.

— Para as árvores — Drystan gritou — Cavalguem até lá e se preparem para o combate corpo a corpo. Em cima do cavalo, nós somos alvos muito fáceis — gritou, puxando Ilid com força e fazendo o cavalo ir para o local sugerido por Leishter.



Só havia uma chance de alcançá-los, após ter dado a eles uma vantagem de uma hora: apanhar o único atalho possível no caminho mais rápido para a área das minas. Por isso, Eudine não pensou duas vezes em ir por cima. Foi meio assustador, cavalgar em um caminho tão estreito e tão alto. Entretanto, o tombo a transformara em uma amazona melhor e muito

mais cuidadosa. Assim, sem perder a velocidade, em momento algum se colocou em perigo.

Ganhou o tempo preciso e descobriu que os tinha alcançado ao ver alguns cavalos. No entanto, percebeu que algo estava errado quando notou que os cavalos estavam correndo na direção contrária e um deles corria sem levar nenhum soldado.

Fez com que seu cavalo cavalgasse mais rápido até um ponto onde pudesse ver o vale com mais clareza. E quando chegou lá que percebeu o que estava acontecendo: o exército de Heldroch estava sendo atacado e tudo estava muito confuso, com fogo e fumaça para todos os lados. De modo que não conseguia ver o que estava acontecendo e, muito menos, se Drystan, Hank e Leishter estavam em segurança. Também não reconheceu quem os atacava, visto que lá de cima, podia perceber que a horda não tinha uma vestimenta específica, como aconteceria se fosse um exército pertencente a outro reino.

Eudine engoliu em seco. Sentiu medo, principalmente por Drystan. Não tinha muito tempo e precisava fazer algo. Tentou se concentrar e pensar no que poderia fazer, uma vez que estava muito longe de Heldroch e voltar para o reino poderia significar a derrota dos homens que estavam lá embaixo.

— Vamos, Eudine! Pense! — ela fechou os olhos por alguns segundos. Recordou-se rapidamente onde estava e cuidadosamente puxou as rédeas do seu cavalo para que ele se virasse com cuidado. Dali para Nerthynd era muito perto e esta era a única chance. Achou irônico, porém, o exército de Wilhelm era o único que poderia salvá-los. Mesmo que a considerassem louca, era para eles que pediria ajuda.



Rei

CAPÍTULO 40

Ou você tem uma estratégia própria, ou então é parte da estratégia de alguém – Alvin Toffler

A tarde estava no final e a noite já se desenhava no horizonte, quando ela chegou. Ofegante, Eudine puxou as rédeas do cavalo. Os homens que estavam nas torres, embora tivessem reconhecido o brasão de Heldroch, hesitaram sem saber se deviam deixá-la entrar. De onde estavam não era possível perceber que se tratasse de uma mulher e, assim, diante dos últimos acontecimentos no reino, pareceu-lhes estranho um cavaleiro do reino aliado ter chegado sozinho.

Nervosa, percebendo a hesitação dos homens, Eudine soltou primeiro a venteira, antes de tirar a coifa.

— Eudine Santê — gritou — De Heldroch. O que me traz aqui é urgente.

Os homens se olharam por instantes. Sabiam muito bem de quem se tratava. A fama da dama que subiria ao trono só aumentava. O próprio rei Wilhelm falara muito bem da jovem ao retornar o reino. Levando isto em conta, foram abrindo os portões.

Eudine conduziu o cavalo para dentro da muralha e apeou assim que os portões se fecharam atrás de si. Não tinha tempo, precisava de ajuda o quanto antes. Só de pensar que Hank, Leishter e Drystan poderiam estar feridos sentia-se aflita.

— Preciso falar com o rei, imediatamente — solicitou, assim que dois soldados foram até ela.

Os dois soldados se olharam, deixando-a sem compreender o que aquilo significava.

— Por favor! Não me ouviram? Não posso perder tempo.

— Já será atendida. Desde o momento em que seu nome foi anunciado, já estamos providenciando isso — o soldado que aparentava ser mais velho fez questão de acalmá-la. Não deu muito certo, pois Eudine só pensava se seus amigos teriam conseguido resistir ao ataque. Na verdade, só pensava em Drystan — Venha — pediu, fazendo um gesto para que a dama o seguisse.

Eudine só havia estado ali no reino uma vez e durante o caminho sentiu medo de se perder. Isso a atrasaria. Felizmente, conseguira chegar, mas estar ali não estava sendo como imaginava. Acreditava que quando o rei ouvisse seu nome, iria encontrá-la imediatamente e, sem demora, colocaria seus homens à disposição.

Foi conduzida por um longo corredor e quando chegou ao fim deste, estava no salão principal do castelo. Ali, os reis Cédric e Wilhelm fecharam vários acordos. O casamento de seus filhos devia ter sido combinado ali, muito antes de se conhecerem. Eudine parou de pensar nisso, ao ver a rainha se aproximar.

Meryl caminhou devagar até a jovem. Não se lembrava dela, mas era como se ouvisse a voz de Wilhelm referindo-se à jovem com admiração.

Eudine segurava a coifa nas mãos, torcendo-a impaciente, esperava ver o rei, não a rainha, a quem nem conhecia. Fez-lhe uma reverência.

— Senhora — cumprimentou, sem esconder sua aflição — Eu...

— Sei o que quer — a rainha a interrompeu — Mas é impossível —

seu tom assustou Eudine — O rei está morto.

— Como? — indagou estupefata.

— Wilhelm está morto — declarou, como se nem ela ainda acreditasse no que dizia.

— Como? — repetiu — Quando?

— Foi assassinado — Meryl novamente chocou Eudine — Nesta madrugada.

— Eu sinto muito pela sua perda — Eudine começou — E acredito que minha estada lhe causará mais tristeza — fez uma pausa, procurando as melhores palavras — Preciso de ajuda imediatamente. Descobrimos que quem está por trás do desaparecimento da princesa é o seu filho...

— Não ouse falar dele — a rainha a interrompeu e Eudine ficou tensa. Não tinha tempo para convencê-la do caráter dúbio do príncipe. Apertou a coifa com a mão que a segurava e engoliu em seco. Preparou-se para ir embora. Se não conseguiria ajuda ali, precisava voltar e tentar fazer algo. Meryl percebeu sua intenção e viu que não foi clara — Wilkins está banido deste reino! — declarou e Eudine a encarou, mais uma vez sem compreender. Foi quando viu a primeira lágrima percorrer o rosto da bela senhora — Se não fosse meu filho, eu o condenaria à morte, por ter assassinado o próprio pai.

Eudine não escondeu o espanto, levando a mão livre à boca. O príncipe era mais perigoso do que imaginava. Não podia deixar que um homem completamente louco se casasse com aquela que crescera como se fosse sua irmã.

— Ele foi o responsável pelo desaparecimento da princesa — Eudine informou-a, passada a surpresa.

— Se tivesse me dito isto antes, jamais acreditaria — a voz da rainha demonstrava a sua dor — Agora, no entanto, sei do que ele é possível.

— Como soube que foi ele? — Eudine questionou o que pedia sua curiosidade.

— Ao verem o rei mortalmente ferido, alguns soldados ficaram com tanto medo do que meu filho havia se tornado que me contaram — explicou e abaixou os olhos — Perdi os dois homens da minha vida no mesmo momento. Sofri tanto com o sumiço de Wilkins e agora queria que ele jamais tivesse aparecido — desabafou — Preciso cuidar do funeral de Wilhelm. O povo de Nerthynd homenageará seu rei, durante o funeral, sem saber jamais quem o matou, pois não quero trazer a desesperança para o seio do meu

reino. Por ora, prefiro que resida somente em mim. Não posso ajudá-la. Sabe que Heldroch tem um exército muito maior do que o meu. Além disso, se os meus inimigos souberem que o trono está vago poderão tentar usurpá-lo.

— Eu sei... — Eudine fez uma pausa, tentando conter o nervosismo que ia se apossando dela — Porém, estou muito longe de Heldroch! Já perdi um tempo precioso vindo até aqui. Por favor, pela aliança que tem com o reino, imploro que me ajude. Acredito que o príncipe tenha preparado uma emboscada e neste momento... — não quis concluir.

— Não posso abrir mão do capitão da guarda, não em um momento como esse — Meryl lamentou-se.

Eudine fechou os olhos e respirou fundo. Ao abri-los, estava decidida a fazer a última tentativa.

— A senhora amava o rei Wilhelm? — questionou e a rainha olhou para ela perplexa com a pergunta.

— Claro que sim! Que pergunta é essa? — irritou-se.

— Faria qualquer coisa, se pudesse impedir sua morte? — mesmo percebendo a irritação da rainha, emendou outra pergunta.

— Não seja insolente, jovem! É óbvio que faria qualquer coisa se pudesse voltar no tempo e impedir isso de acontecer.

Eudine suspirou e pela primeira vez na vida desarmou-se.

— Então, entende a minha situação. Estou aqui implorando a sua ajuda para não perder o homem que eu amo.

Meryl não esperava a declaração e, no primeiro momento, ficou sem ação. Depois olhou para Eudine e percebeu que era muito nova ainda. Pelo jeito já havia passado por muita coisa e, apesar daquela postura madura e decidida, naquele momento não passava de uma menina assustada.

Depois pensou no que havia vivido ao lado de Wilhelm. Apesar de terem sido prometidos desde crianças, apaixonara-se por ele assim que o conheceu. Foram felizes juntos e seus olhos já haviam possuído o mesmo brilho que agora via estampado no olhar de Eudine.

— Posso disponibilizar alguns homens, só que entre eles não estará meu comandante — cedeu e Eudine suspirou aliviada.

— Se me permitir, eu os levarei até onde se dá a batalha — Eudine declarou com uma convicção que espantou a rainha. Percebeu estar diante de uma jovem diferenciada e finalmente entendia as palavras do marido sobre ela. Ficou triste ao reconhecer nela mais nobreza e caráter do que havia em seu próprio filho.

— Esteja preparada para partir – Meryl concordou – Serão convocados alguns homens para acompanhá-la e receberão ordens seguir seu comando e guardar sua vida como se fosse a minha...

— Senhora? – Eudine a interrompeu, delicadamente — Pode, por favor, enviar um mensageiro a Heldroch? O rei Cédric precisa ser avisado do que está acontecendo. Eu temo o que se seguirá a isto.

— Meu marido me falou muito bem a seu respeito, mas não te fez jus, Eudine. É muito corajosa e será uma ótima rainha — Meryl assentiu com a cabeça, concordando com o pedido.

— Por pouco tempo — Eudine fez questão de esclarecer — Eu devolverei o reino a quem ele pertence: a princesa Gweneth.

— O que é nobre de sua parte – a rainha conseguiu sorrir e mudou de assunto – Esteja preparada, vou ordenar que os soldados a encontrem no pátio. Espero que não seja tarde demais e que possa salvar seu amor — desejou cúmplice.

— Obrigada — Eudine fez-lhe uma pequena reverência ao se despedir e enquanto caminhava para o pátio, só conseguia pensar que também esperava que desse tempo.



As espadas se chocavam com tamanha força que o seu encontro produzia faíscas. A falta de técnica dos agressores era compensada pela sua superioridade numérica. Assim, Drystan, Hank e os outros eram obrigados a lutar com quatro a cinco homens simultaneamente.

As primeiras baixas no exército de Heldroch resultaram desta desvantagem e o príncipe Wilkins foi o primeiro a ferir mortalmente um dos soldados do reino que, até então, tinha como aliado.

Considerou muito inteligente terem se refugiado nas árvores, mas nem aquilo os salvaria, quando Lenz e os outros se juntassem a eles.

Enquanto lutava com soldados, não perdia do raio de visão o duque. Não o conhecia muito bem, mas sabia de sua fama nos combates e estava disposto a acabar com ela. Ainda não tinha entendido direito o que acontecera com Gael, mas o importante é que pouco a pouco estavam conseguindo vencê-los. Só estranhava a demora dos outros. Mais tarde faria o que prometera ao sair da mina, queimaria o corpo dos inimigos mortos em batalha e esperava que o corpo do duque encabeçasse a lista.

Graças à cota de malha, Drystan não foi ferido gravemente em três investidas. Não compreendia o motivo pelo qual estava sendo atacado, porém, precisava se defender e, naquela situação, isso significava ferir ou matar seus inimigos.

Hank sempre treinara para momentos como aquele, no entanto vivê-lo era algo totalmente diferente. Retirou a espada do abdômen de um homem e o viu tombar e por muito pouco não foi atingido por outro, por ter ficado impactado com a proximidade da morte. Enganou-se ao achar que seria indiferente àquilo. Sentiu-se mal ao ferir alguém mortalmente e muito pior em saber que sua vida dependia de continuar a fazer aquilo. Além do mais, estava ficando complicado. A cada soldado que era ferido ou morto, sobravam mais homens para os que sobreviveram combater.

Wilkins esquivou-se do ataque de um soldado e em um contragolpe rápido feriu-o na altura do pescoço, aproveitando que o homem não vestia nada que lhe protegesse esta região. A cada homem de Heldroch que tombava mais satisfeito ficava, sentindo o gosto da vitória. Se tudo continuasse daquela maneira, em pouco tempo sobraria apenas o duque e o jovem soldado que parecia estar à frente dos demais e ele faria questão de matar os dois. Só uma coisa lhe aborrecia: a demora de Lenz. Já era para estar ali, não entendia o motivo para não ter se juntado a ele.



Leishter estava longe de ser louco ou mártir. Ao contrário do que Drystan imaginara, ele não caminhara para a morte, já que não era nobre o suficiente para se tornar um herói, em um ato que resultaria inútil.

A verdade é que conhecia muito bem aquela área e pretendia tirar proveito disso. Nunca se imaginara lutando por um reino, porém, como carregava o brasão de Heldroch no peito, usaria seus conhecimentos para defendê-lo.

Quando se afastara dos demais, torcendo para que tivessem seguido seu conselho e ido em direção às árvores, tinha uma ideia de onde vinham as flechas e era para lá que estava indo. Em outra ocasião, já se escondera ali e, por isso, sabia muito bem o melhor lugar para os arqueiros se postarem. Um local em que possuísem visão ampla da expedição.

Os primeiros metros cavalgando abaixado no cavalo foram os mais perigosos, pois a chuva de flechas não cessava e podia ser atingido a qualquer

momento. Além disso, sempre havia a possibilidade de o próprio cavalo ser atingido. Nesse caso, poderia ser arremessado para longe do animal, com o descontrole do mesmo, e se machucar muito. Por esse motivo, vencida a distância inicial, puxou as rédeas do cavalo, fazendo com que ele se aproximasse da encosta da montanha, esperando o melhor momento para pular dele. Cavalgar assim rente ao paredão que circundava o vale era uma maneira de sair do raio de visão dos arqueiros e, se possível, salvaguardar a montaria. Foi diminuindo a velocidade do cavalo e sem pensar muito, para não se arrepender do que faria, pulou.

Machucou-se um pouco ao saltar, entretanto se ergueu rapidamente, sentindo as palmas das mãos arderem. Ignorou os pequenos cortes que fez nesta parte da mão, pois precisaria dela para escalar, escolhendo os lugares certos para colocar os pés e firmar suas mãos. Apesar do incômodo, conseguiu subir sem dificuldades, buscando chegar ao topo de modo seguro e sem perder muito tempo. Tinha certeza de que encontraria os arqueiros ali em cima. Se aquilo fosse uma emboscada, como imaginava, era possível que houvesse mais fileiras de homens. Contudo era óbvio que não estariam lá em cima e sim na saída do vale. Talvez só estivessem esperando um sinal para se juntarem aos demais e se isso acontecesse seria impossível sobreviver. Não entendia como um príncipe medíocre conseguira se tornar líder de uma horda de esfaimados. Fosse como fosse, só tinha um pensamento: faria com que os arqueiros cessassem e não deixaria que as outras fileiras avançassem.

Escalando com dificuldades, conseguiu finalmente ficar a poucos metros do ponto mais alto e tomou cuidado para não ser visto. De onde estava, esticando um pouco os pés, era possível ver os pés dos homens que estavam lá em cima. Naquele ponto havia apenas seis arqueiros e alguém que os comandava. Olhou para baixo procurando um lugar para apoiar o pé e dar o último impulso para subir. Só tinha uma chance e ainda assim ela era arriscada. Se os homens o vissem antes de conseguir subir, muito provavelmente o derrubariam com uma ou mais flechadas e daquela distância não errariam.

Tomou fôlego, firmou o pé em uma pedra e a escolha se revelou errada, pois a pedra estava solta e rolou. Se não fosse ágil teria caído e, daquela altura, seria difícil sobreviver. Com o coração um pouco acelerado por conta do acontecimento, tentou novamente e dessa vez conseguiu escolher o lugar certo para pisar e foi preciso um só impulso para atingir o topo.

Um dos arqueiros se assustou com sua aparição, enquanto o outro se virou para ele, com a intenção de acertá-lo. Leishter aproveitou a hesitação do primeiro arqueiro para apanhá-lo e o empurrar em direção ao outro, fazendo com que se chocassem e caíssem. Com o barulho, os outros arqueiros pararam de atirar as flechas e se viraram para ver o que estava acontecendo. Leishter nem lhes deu tempo para reagirem, arremetendo-se contra eles, alcançando-os mais rápido do que imaginavam, derrubando-os.

Lenz desembainhou a espada ao perceber o intruso e começou a caminhar em sua direção. Estava se preparando para descer e encontrar os outros homens da mina, quando o viu. Pelo que conhecia do príncipe, sua demora seria cobrada.

Leishter sorriu ao vê-lo, parecia alguma sina brigar com mais de um homem ao mesmo tempo. Por esse motivo, resolveu mudar um pouco a tônica das coisas, para poder se dedicar exclusivamente ao homem que caminhava em sua direção. Enquanto os arqueiros estavam se levantando, tirou sua espada e correu na direção deles, sem lhes dar chance de reação. Talvez algo tivesse mudado dentro dele, pois feriu os homens nos braços, impedindo que conseguissem manejar a espada ou o arco, no entanto não conseguiu matá-los imediatamente, como teria feito em tempos atrás.

Ao ver seus homens feridos e gemendo, Lenz apertou o passo, indo ao encontro de Leishter, erguendo sua espada e desferindo um golpe com toda a força que tinha. Leishter bloqueou o golpe com a espada e deu dois perigosos passos para trás, mais alguns centímetros e corria o risco de despencar lá de cima.

Lenz não parou de golpeá-lo e Leishter apenas se defendeu, conseguindo permanecer no mesmo lugar. Teve que admitir, o homem era bom no manejo da espada, porém, estava com tanta gana de vencê-lo que o atacava sem pensar. Assim, no primeiro momento de distração, Leishter acertou-o com um contragolpe, no instante em que ele erguia o braço para desferir um novo golpe. A espada entrou na roupa do soldado, na altura da axila, venceu a resistência da carne ao se afundar nela, traspassando até sair do outro lado, no ombro. Lenz urrou de dor e deixou a espada cair, sentindo uma queimação no local.

— O que planejaram? — Leishter quis saber, aproximando-se e chutando a espada do inimigo para longe.

— Se disto depende a minha vida, então é melhor me matar, porque não direi — Lenz grunhiu e Leishter balançou a cabeça desaprovando a

atitude. Como podia ser fiel a um louco como o príncipe Wilkins?

— Olhe em volta — apontou os arqueiros feridos — Seja lá qual for o plano de vocês, ele já começou a dar errado.

Mesmo com dor o homem de confiança de Wilkins riu.

— Sabe quanto tempo seus aliados durarão lá embaixo? Quanto tempo você acha que demorarão em se cansar, lutando com um, dois... Cinco homens ao mesmo tempo?

Leishter caminhou até ele e o apanhou pelo pescoço, erguendo-o do chão. Lenz novamente urrou de dor e viu seu oponente caminhar com ele até a ponta da encosta por onde havia subido e suspendê-lo no ar.

— Você sabe quantos segundos levará para chegar lá embaixo? — Leishter o imitou, ameaçando-o. Lenz pareceu não se importar, pois se revelasse alguma coisa, Wilkins mesmo faria questão de matá-lo — Não me obrigue a fazer isso — Leishter pediu, realmente não querendo matá-lo, mas sim descobrir a informação que precisava.

Lenz riu mais uma vez.

— Wilkins vai matá-los um a um e vai guardar um pouco de sua gana para a jovem que Heldroch elegeu como rainha. Ele há de se refastelar com ela primeiro, antes de matá-la...

Leishter não o deixou acabar. Ergueu ainda mais o homem, encarando-o e sem nenhum remorso o soltou. Os arqueiros se olharam, sem acreditar que ele havia cumprido a promessa e que o homem de confiança do príncipe estava morto.

Leishter ao se virar, viu o medo nos olhos dos homens.

— Quem será o próximo? — quis saber, caminhando na direção deles.



Drystan e Hank se encontraram costas com costas. A cada minuto estava mais difícil. A luta já se desenrolava por muito tempo. Com a chegada da noite, o duque e o jovem soldado sentiam as forças diminuírem. Viam os soldados de Heldroch resistirem o quanto podiam até sucumbirem por terem lidar com vários homens ao mesmo tempo. A cada soldado morto ou ferido, aumentava o número de homens livres para atacá-los.

— Não sei se conseguiremos — Hank foi sincero, já estava cansado e combater vários golpes simultaneamente só fazia aumentar este cansaço.

— Temos que deter o príncipe — Drystan avisou — Talvez, se matarmos o líder... — não pôde acabar a frase, tendo que se esquivar rapidamente de um golpe e desferir outro na sequência, matando o homem que o desferiu.

Assim, começou a ir em direção ao príncipe, que ao vê-lo neste movimento, fez o mesmo. Os dois foram se livrando dos homens que encontraram no caminho até estarem frente a frente.

Wilkins sorriu e ergueu sua espada suja de sangue, desferindo o primeiro golpe. Drystan bloqueou o golpe, contra-atacando e sendo bloqueado também. O duque surpreendeu-se com a destreza do príncipe, que conseguiu se defender muito bem. No entanto, tinha mais experiência do que ele e por isso, começou a levar vantagem, fazendo com que o Wilkins se esforçasse para conseguir se defender.

Drystan aumentou a força dos golpes e conseguiu acertar o braço do príncipe que começou a andar pra trás, sentindo o ferimento arder. Caminhando para trás, acabou tropeçando em um dos corpos e Drystan o teria ferido mortalmente se dois moradores da mina não desferissem golpes em sua direção. Wilkins, aproveitando que o duque estava distraído, conseguiu se levantar e desferiu dois golpes em seu oponente. O primeiro o feriu na coxa e o segundo no ombro.

Drystan foi surpreendido pelos golpes e caiu, ficando mercê dos três. Chegou a ver a espada se erguendo em sua direção e pensou que não conseguiria cumprir sua promessa à Eudine.

— Ele é meu! — Wilkins gritou para os homens se afastarem, pois seria dele a satisfação de dar cabo do duque. Então, ergueu a espada e a abaixou com velocidade, assustando-se com o barulho ao ter seu golpe, que acertaria Drystan na cabeça, bloqueado.

Hank conseguira se livrar dos seus adversários e vira o momento em que o duque fora atingido de forma desleal pelo príncipe. Assim, correu em seu auxílio, chegando até ele no exato momento em que Wilkins o feriria mortalmente.

— Não deveria ter feito isto! — Wilkins voltou-se para Hank, tentando acertá-lo, entretanto o rapaz resistiu às investidas, até que o duque conseguisse se erguer e se defender dos moradores da mina que, malgrado o ataque do príncipe, voltaram-se contra ele.

Wilkins estava furioso por não ter conseguido matar o duque e sendo mais experiente do que o jovem com quem combatia, fez com que ele

sentisse o peso de ter se intrometido, desferindo uma sequência de golpes, fazendo com que Hank se esforçasse demais para não ser atingido. Com um golpe, o príncipe conseguiu desarmá-lo, fazendo com que sua espada caísse longe de onde estava.

Wilkins novamente teve sua ação frustrada pelo barulho de cavalos. Olhou assustado para a entrada do vale. Não acreditou no que viu: reconheceu alguns soldados de seu reino sendo comandados por um cavaleiro do reino de Heldroch.

Praguejou, afastando-se de Hank. Se Lenz não tivesse demorado a se juntar a ele, quando a ajuda chegasse, todos já estariam mortos. Agora só lhe cabia uma ação: retroceder. Começou a ordenar aos homens que se retirassem, roubando os cavalos que sobreviveram. Na realidade, não se preocupou se os homens conseguiriam fugir, contanto que ele conseguisse. Os cavalos que não haviam sido feridos estavam dispersos e, por isso, teve dificuldade em alcançar um deles. Mas, quando conseguiu, nem mesmo o ferimento em seu braço fez com que tivesse dificuldades em montá-lo e abandonar a área onde a luta fora travada, indo em direção à saída do vale.

Assim que o viram se afastar, os homens que puderam começaram a correr, buscando se salvar. Os outros que continuaram combatendo, logo foram derrotados, já que perderam a vantagem diante do treinamento do exército: a superioridade numérica.

Drystan não entendeu de imediato o que os fizera retroceder, mas ficou aliviado ao cessar o combate. O cenário era terrível, muitas baixas, muitos homens feridos e outros que estavam morrendo.

A baixa foi grande dos dois lados. Os soldados, mesmo os que sucumbiram, mataram muitos homens, antes de não conseguirem escapar de um golpe fatal. Drystan foi andando na direção das árvores, sentindo-se esgotado física e mentalmente. Fora salvo duas vezes, uma por Hank e a outra por aquela ajuda providencial. Não esperavam enfrentar tantos homens ao mesmo tempo e estavam cansando. A morte era questão de tempo.

Apoiou-se em um tronco e, pela primeira vez, permitiu-se respirar profundamente e sentir dor nos lugares onde havia sido atingido.



Por meio dos arqueiros, Leishter ficou sabendo do plano de Wilkins: atacar o castelo. Também soube que o restante do contingente trazido para a

emboscada esperava a ordem de Lenz para juntar-se ao príncipe.

Seria loucura ir até eles sozinho. Por mais que sua fama causasse medo em muitas pessoas, não sabia o nível de manipulação conseguido pelo príncipe e pensou que era

melhor não se arriscar. Se eles esperavam o homem que atirara lá de cima e não fariam nada sem a sua ordem, então, de maneira involuntária atrapalhara esta ação, visto que Lenz jamais se juntaria a eles.

Certificou-se que os arqueiros não lhe ofereciam perigo, antes de verificar se era possível ver o que estava acontecendo no vale. Aproximou-se com cuidado da beirada e foi tomado de surpresa ao ver o príncipe e os homens comandados por ele debandando. Não demorou muito para ver o motivo: um reforço vindo não sabia exatamente de onde.



Mesmo cavalgando com velocidade, Wilkins conseguiu ver o corpo sem vida de Lenz. Pelo jeito que estava retorcido, havia sido jogado lá de cima. O príncipe olhou para o alto e novamente praguejou, batendo as esporas da bota na barriga do cavalo, fazendo com que ele fosse ainda mais rápido.

Não foi surpresa encontrar os homens que Lenz deveria comandar na saída do vale. Pelo menos não tinha sofrido baixas deste lado também. Seja lá o que acontecera com Lenz, impediu que seu homem de confiança chegasse até eles. Sabia que perdera uma chance enorme de exterminar a expedição de busca, porém, dos males o menor, já que ainda poderia usar aqueles homens na continuação de seu plano. Nem o fato de ter sido obrigado a retroceder faria com que desistisse de atacar Heldroch.

— Vamos! — ordenou ao ficar diante dos homens — Mudanças de planos.

— Senhor... — via-se a confusão nos olhos de um dos moradores da mina — E os outros?

— Alguns sucumbiram — Wilkins foi direto — Caminhem se não

quiserem se juntar a eles. Quanto aos que sobreviveram, eles se juntarão a nós, agora vamos! — gritou, dando a conversa por encerrada.

CAPÍTULO 41

O verdadeiro herói é aquele que faz o que pode – Romain Rolland

Eudine puxou as rédeas do cavalo e foi inevitável levar a mão à boca, horrorizada com o cenário. Ouvira falar sobre combates, no entanto nenhum relato era igual ao que via. Um fino tapete de sangue se misturava ao chão de terra. Corpos inertes estavam lado a lado com outros que conservavam um fio de vida. Os olhos dos homens que estavam prestes a morrer tinham um brilho opaco, como se a alma estivesse se desprendendo devagar. E o cheiro, Eudine se viu tapando o nariz por duas vezes, pois o cheiro era estranho. Cheiro de sangue fresco. Se pedissem para ela descrever aquele odor, diria que era o cheiro da morte.

A visão e o olfato daquele cenário fizeram com que pensasse no duque. Ainda não o tinha visto e não sabia se era um bom ou mau sinal. Apeou rapidamente, e suspirou ao se encontrar com Hank.

— Eudine? — mesmo ofegante, ele não escondeu a surpresa — É claro que tinha que estar por trás disso — fingiu estar nervoso, porém, conseguiu sorrir, abraçando-a — Obrigada, graças a você estou vivo.

— Graças a mim, não. Graças aos soldados de Nerthynd.

— Como se eles tivessem aparecido aqui sozinhos — Hank continuou o agradecimento.

— Onde está o Leishter? — Eudine olhou em volta e Hank deu de ombros, demonstrando que não sabia — E o Drystan? — aflita, afastou-se alguns passos do amigo, procurando avistá-lo — Onde está o duque?

— Ele foi ferido...

— Como? — Eudine não o deixou acabar, ouvir que Drystan fora ferido conseguiu abalá-la. Deixando Hank para trás, ela começou a caminhar, gritando pelo nome de Drystan, temendo encontrá-lo entre os homens caídos.

Drystan estava cansado e sentia doer os ferimentos. Assim, havia se encostado a uma árvore para recuperar-se um pouco. Estava tão exausto que

fechava os olhos por segundos e foi quando pensou que estivesse delirando, imaginando ouvir nitidamente a voz de Eudine.

— Drystan! — a cada passo sem encontrá-lo, a angústia da jovem só aumentava. Estava prestes a se desesperar, quando o enxergou finalmente. Caminhou o local em que ele estava, tirando a coifa.

— Não era delírio! — Drystan mesmo com dor, conseguiu sorrir — Então, você está ligada á retirada de Wilkins! Por que isso não me espanta, Eudine?

Eudine não conseguiu responder. Sentiu alívio ao vê-lo vivo e felicidade por ter chegado a tempo. Odiava mostrar-se vulnerável, no entanto seus olhos se encheram de lágrimas. Em vez de responder, sentou-se ao lado dele e sem que ele esperasse depositou um beijo em seus lábios.

Aquele gesto sim o surpreendeu mais do que Eudine aparecer ali, trazendo reforço. Ignorou a dor dos ferimentos e a puxou para si, beijando-a da maneira que sempre quisera, com ardor e toda paixão que sentia por ela. Esteve tão perto da morte que sentir o gosto daqueles lábios foi para ele como ir aos céus. Em outra ocasião estaria furioso por ela estar ali, contudo só conseguia agradecer. Com dificuldade parou de beijá-la e se afastou devagar, olhando-a nos olhos.

—Terei que me machucar mais vezes para receber esse tratamento? — conseguiu fazer graça da situação.

— Não brinque! — Eudine pediu, averiguando o quanto ele tinha se machucado — Se tivesse acontecido algo a vocês, eu não me perdoaria. Pelo jeito não cumpre suas promessas...

— Do mesmo modo que você não cumpre ordens — provocou-a, sorrindo — Era para estar longe disso aqui.

— Saiba que eu o odiei, Drystan, por vetar minha presença...

— Algo que felizmente você não cumpriu — ele a interrompeu — Tudo aconteceu como tinha que acontecer, Eudine... Se eu tivesse concordado com você, estaria comigo durante a emboscada e provavelmente estaríamos mortos. Graças à sua teimosia, você nos seguiu e conseguiu voltar a tempo. Devo te pedir desculpas.

— Pelo que? — Eudine não entendeu.

— Você tem razão, desde que a conheci, não tenho feito outra coisa além subestimá-la. De onde vim, as mulheres são frágeis e precisam ser salvas. Você, apesar de frágil, decididamente não espera ninguém para salvá-la — sorriu — E talvez seja esta a sua grande qualidade.

Eudine fez com que ele se calasse, colocando o dedo indicador sobre seus lábios.

— O importante é que estamos bem. Quer dizer, aparentemente. Deixe-me ver como está.

Drystan estremeceu quando ela tocou em seu ombro ferido. Estava doendo mais agora do que na hora em que fora atingido. Eudine afastou o tecido rasgado para poder ver a extensão do ferimento e fez uma careta ao perceber que a aparência não era uma das melhores.

— Não é tão feio quanto parece — ele a acalmou — Será apenas mais uma cicatriz para minha coleção.

— Tenho minhas dúvidas — Eudine não se convenceu e passou para o próximo ferimento, na altura da coxa. Tocou-o com cuidado e quando Drystan puxou sua mão rapidamente, imaginou que fosse por conta da dor que ele sentia. Nem lhe passou pela cabeça que após o beijo, ele estivesse muito sensível ao seu toque.

— Se continuar com essa inspeção, vai ficar difícil eu responder por mim — Drystan confessou bem-humorado e Eudine corou. Estava tão preocupada com ele que nem se dera conta do quanto ele a desejava e de como aquela proximidade era torturante.

— Desculpe — disse sem graça.

— Onde foi conseguir ajuda? — Drystan mudou de assunto.

— Fui à Nerthynd — Eudine suspirou — Wilkins enlouqueceu, completamente.

— Está me dizendo que trouxe homens de Nerthynd para nos auxiliar contra o seu próprio príncipe? — Drystan não entendeu — O rei Wilhelm acreditou em você e aceitou ajudá-la contra o próprio filho?

— O rei Wilhelm está morto — Eudine falou devagar e viu a expressão estupefata do duque — Wilkins matou o próprio pai.

— Não é possível...

— Sei que o tinha em alta conta, sinto muito — Eudine solidarizou-se com ele.

— Então, se o rei está morto...

— A rainha Meryl autorizou a ajuda — Eudine completou, dizendo o que ele queria saber.

— E qual argumento usou para ela autorizar que, em um momento em que o reino está vulnerável, homens deixassem Nerthynd?

Eudine pensou no seu argumento passional, entretanto não teve

coragem de repeti-lo para ele.

— Implorei que fizesse jus à aliança — mentiu, também optando por mudar de assunto rapidamente — Agora mais do que nunca, sei que Gweneth corre perigo ao lado do príncipe.

— Tivemos muitas baixas, será impossível continuar em direção às minas hoje.

— Hank não soube me responder o que houve com Leishter — Eudine encarou o duque — Acha que ele...?

— Não. Leishter é perito em se manter vivo. Não sei como, mas ele fez o que se propôs. Graças a ele, as flechas pararam. Ajude-me a levantar — ele pediu e Eudine levantou-se primeiro e estendeu a mão para ele — Precisamos decidir o que fazer. Temo que precisemos abandonar os nossos mortos. Sei que não faz parte dos códigos de honra, porém, mesmo com o reforço que trouxe, perderíamos muito tempo.

— Pedi que um mensageiro fosse à Heldroch — Eudine o avisou — Acredito que opção mais viável seja pousarmos em Nerthynd para continuarmos daqui. Nem você, nem os demais estão em condições de fazer uma viagem demorada. Precisam de cuidados médicos.

Drystan sorriu, atraindo a atenção dela.

— Falei alguma bobagem? — não entendeu.

— Não, Eudine. É que não para de me surpreender com sua lucidez e clareza na tomada de decisão. Se você diz que é o melhor a fazer, eu não tenho dúvidas.



Quando o mensageiro chegou a Heldroch, interrompeu o jantar que o rei Cédric dividia com Avrill e Balthar. Apesar de não sentar à mesa, Kim também estava no salão, pronta para servir Avrill, caso a dama precisasse de algo. Voltara a ser a dama de companhia de Eudine, mas em sua ausência e diante de tudo o que acontecia, não conseguira ficar em seu quarto.

Por conta dessa decisão, tivera que responder sobre a ausência de Eudine e não soube mentir tão bem para o rei. Ele percebeu o que acontecera em sua hesitação.

— Ela não está em seu quarto, não é verdade? — Cédric fez uma pergunta retórica e Kim permaneceu em silêncio — Não é a primeira vez que ela faz isso — Cédric balançou a cabeça, inconformado.

Assim, quando o mensageiro do reino aliado foi anunciado, Cédric acreditou que pudesse ter algo a ver com Eudine, porém, não chegou nem perto de imaginar o conteúdo da mensagem.

— Edwin, de Nerthynd, Senhor — o mensageiro começou — Fui enviado a pedido da rainha Meryl — continuou, contando com toda a atenção de Cédric e dos demais — Vim comunicar que a expedição de busca à princesa sofreu uma emboscada enquanto atravessavam o vale, não chegaram à região das minas.

Avrill levou as mãos à boca, espantada. Kim pensou imediatamente em Hank e em Eudine. Cédric manteve-se calmo.

— Se vocês ficaram sabendo, significa que a emboscada não foi bem-sucedida, correto? — o rei quis saber.

— Não necessariamente, senhor. Até o momento em que sai de lá, a rainha Meryl estava disponibilizando reforços para ajudá-los. Seriam guiados ao local pela senhora Eudine Santê.

Cédric passou a mão nos cabelos, nervoso. Acabara de descobrir onde estava Eudine, mas ainda não estava muito claro o que estava acontecendo.

— Tem falado apenas na rainha. O rei Wilhelm...

Cédric parou ao ver o mensageiro abaixar os olhos.

— O que houve?

— O rei está morto, senhor — o mensageiro informou, causando um burburinho no ambiente — Foi assassinado — continuou assustando-os com a informação — Pelo próprio filho, o príncipe Wilkins.

Cédric levantou-se da mesa. Como podia ter dado a mão de sua filha para um homem como Wilkins? Como não percebera?

— É pior do que eu pensava — Cédric não escondeu o nervosismo — Tenho que tomar uma atitude. Não sei quais os planos desse facínora, mas não vou assistir passivamente! — pensou um pouco, antes de mandar chamar um dos soldados. O soldado entrou no local onde jantavam e fez uma reverência ao rei.

— Estou às suas ordens senhor — soldado esperou.

— Eu quero a guarda do castelo reforçada e boa parte do exército pronto para agir.

— Sim, senhor — o homem assentiu. Estava prestes a se virar e sair, quando Cédric ordenou.

— E leve Gael à minha presença, no salão principal.

O homem concordou e saiu. Balthar e Avrill olharam para Cédric,

assim que o soldado os deixou.

— Depois de tudo, acha Gael digno de confiança? — Avrill atreveu-se a perguntar.

— De confiança, não — Cédric respondeu imediatamente — Porém, é a pessoa mais capacitada para liderar o exército.



Eudine e os outros estavam prontos para partir, quando Leishter apareceu. Ele demorou a se juntar a eles porque trazia escorado em cada um dos ombros, dois arqueiros.

Os homens de Nerthynd se surpreenderam com a captura daqueles que se bandearam para o lado do príncipe. Imediatamente foram até Leishter e apanharam seus ex-companheiros, prendendo-os para levá-los de volta ao reino.

— Leishter! — Eudine foi até o amigo e o abraçou — Feliz que esteja bem.

— Eu, feliz que esteja aqui — Leishter brincou, assim que ela se afastou — Vi quando chegava, porém, não imaginei que fosse você — pelo modo como Hank e Drystan o olharam, percebeu que compartilharam da mesma surpresa — Acabei me demorando mais do que imaginava. Porém, descobri os planos de Wilkins. Ele vai atacar Heldroch.

— Está completamente louco se acha que terá chance — Hank aproximou-se, juntando-se a eles, após cumprimentar Leishter com um aceno de cabeça.

— Não o subestime, pois a tática empregada quase deu certo — Drystan também se juntou a eles — Contando com a surpresa, por bem pouco, não conseguiu nos derrotar.

— Agora o elemento surpresa acabou — Leishter comentou calmamente — E é por isso que não seguirei com vocês.

— Por quê? — Eudine não entendeu.

— Sei finalmente onde fica a mina. Acredito que eu deva ir até lá.

— É loucura achar que poderá lidar sozinho com tantos homens — Drystan discordou da ideia — Hoje pode ter dado certo com os arqueiros, contudo é sempre bom contar com uma equipe.

— Não disse que era isso que faria — Leishter continuou, sem se alterar.

— O que pretende, então? — Drystan insistiu.

— Fazer o que faço de melhor, esgueirando-me, aproximando-me sem ser visto, acompanhar de muito perto.

— É muito arriscado — Hank se intrometeu.

— Sei e isso não é nenhuma novidade para mim. Costumo me dar bem em situações de risco — brincou, depois voltou a ficar sério — Sinceramente, se o plano é atacar Heldroch não sei se vale a pena todos nós perdermos tempo indo à mina. Duvido que a princesa esteja lá.

— Está sugerindo o que? — Hank não compreendeu.

— Devolver o que nos fizeram. Não sei se o reino estará pronto para a chegada deles — Leishter expôs o que pensava — Supondo que esteja...

— Então, a surpresa ficará por nossa conta — Drystan finalmente entendeu o ponto de vista dele — Ao cercarmos Wilkins e seus comandados.

— Isso — Leishter assentiu com a cabeça.

— Com o ataque sofrido o ideal era que voltássemos ao reino — Hank também compreendeu — Não que continuássemos a persegui-los. No entanto, supor que Wilkins pense isso é se arriscar demais.

— Como disse, eu me saio muito bem em situações de risco — Leishter insistiu — Se o príncipe conseguiu antecipar um passo nosso, apostando que pegaríamos o caminho do vale, por que não podemos antecipar um movimento dele?

— Sim — Eudine, que até então se mantinha alheia à conversa, resolveu participar — Por mais que Wilkins queira aparentar ser alguém imprevisível, nunca me enganou, pois sempre soube que era mau caráter. Ele é mais óbvio do que imagina. Acredito que Leishter tenha razão e seja hora de combater Wilkins com seu próprio veneno.

— Tudo bem — Drystan concordou — Porém, se Heldroch não estiver pronto, novamente ficaremos em desvantagem numérica. Conseguimos escapar uma vez, não sei se dará certo novamente.

— Eu conto com o rei — Eudine encarou Drystan — Por isso, pedi que o mensageiro avisasse o que aconteceu.

— Só há um problema nisto, Eudine — Hank aproximou-se dela — Se o rei entender o perigo que ronda o reino, não terá dúvidas em contar com a ajuda de Gael.

— Nunca imaginei que diria isso — Eudine olhou para o amigo — Mas, se isto servir para deter Wilkins, ficarei mais tranquila. Como dizem: o inimigo de meu inimigo é meu amigo — ela fez uma pausa — pelo menos

momentaneamente.



Gael sorriu. Mais cedo ou mais tarde precisariam dele, era claro. Só não imaginava que fosse tão cedo. Ouviu as palavras do rei e olhou o mapa que estava sobre a mesa.

— Sempre dediquei minha vida ao reino. Não mudarei agora — respondeu prontamente. Depois se aproximou da mesa, apontando o mapa.

— Se a emboscada ocorreu aqui, e supondo que nossos homens tenham sobrevivido, não acredito que Wilkins se atreverá a passar pelo vale novamente. Se ele está na região das minas — ele fez um círculo com o dedo na região em que ficavam as minas — Também não irá esperar por nós. É natural que ele e seus comandados venham em nossa direção. Se o fizerem, só poderão seguir por este caminho — esbanjou seu conhecimento do local, esperando que Cédric visse o quanto errara em prendê-lo, entregando seus soldados a homens inexperientes no comando.

— E o que sugere? — Cédric se sentiu desconfortável em ter que confiar a ele novamente o reino, porém, não havia outra saída.

— Reforçar a proteção do castelo e postar muitos homens aqui — mostrou a região no mapa que era um tanto afastada do castelo — Impedindo que se aproximem, caso este seja o intuito — Eu mesmo irei recepcioná-lo, caso seja esta a intenção de Wilkins.

— Tudo bem — Cédric concordou, aquela situação fazia com que sua cabeça estivesse doendo — Contanto que garanta a integridade física da minha filha.

— Por que acha que ela estará com ele? — Gael perguntou interessado.

— Porque é ela é o único trunfo que tem contra mim — Cédric respondeu sério e Gael concordou.



Quando Wilkins retornou à mina o estardalhaço foi grande e a maioria dos moradores acordou. A quantidade de baixas assustou as famílias cujos parentes não voltaram e deixou ressabiados os homens que não tinham ido a combate. Wilkins estava furioso demais para se preocupar com a reação temerosa dos homens e com a quantidade de lamúrias e lágrimas que o

embate causou nas mulheres e crianças.

Emma tentou aproveitar a situação para fazer com que os sobreviventes e os demais homens da mina desistissem daquilo.

— Vocês viram. Na outra ponta não há recompensa. Apenas morte — ergueu sua voz, chamando a atenção de todos.

— E não irão vingar os que morreram em combate? — Wilkins respondeu no mesmo tom de voz — Desistir é dizer que seus irmãos, filhos e amigos não significavam nada, que morreram em vão. Portanto, preparem-se, sairemos logo que amanheça o dia — anunciou sem se dar o trabalho de explicar a mudança de planos.

Por mais que a maioria das mulheres tenha ficado do lado de Emma, os homens preferiram o argumento de Wilkins. O príncipe tinha a facilidade espantosa de deturpar as coisas.

— Esqueça, Emma — foi o conselho de Garth, puxando-a de onde estava — Estão cegos. A ganancia impede que ouçam a razão.

— Não suporto vê-los morrendo por uma luta que nem é deles — Emma estava cansada.

— Depois dessa volta tumultuada, tem certeza de que é uma boa ideia acompanhá-los? — Garth demonstrou sua preocupação, ainda mais depois de perder alguns amigos — Um campo de batalha não é o lugar mais apropriado para mulheres.

— A princesa irá, eu também — Emma continuou resoluta.

— Imaginei que não fosse mudar de ideia e estarei lá para protegê-la.

— Você não precisa fazer isso, Garth — Emma foi sincera — Já é muito difícil cuidar de si mesmo para se preocupar comigo.

— É algo que eu tenho que fazer — ele disse simplesmente, fazendo-a sorrir em agradecimento.



Gweneth também não ficou indiferente à movimentação. Após acordar e se vestir para o frio que fazia na madrugada foi atrás do noivo. Ficou impressionada ao ver tantos homens feridos recebendo cuidado. Recebeu alguns olhares, enquanto procurava Wilkins. Quando finalmente o encontrou, o próprio príncipe cuidava do local onde fora ferido.

— O que houve? — indagou preocupada.

— Seu exército, isso é o que houve — Wilkins falou de má vontade.

— Eles atacaram mesmo reconhecendo-o? — Gweneth expôs sua dúvida, aproximando-se para cuidar dos ferimentos do noivo.

— Estão seguindo ordens, quantas vezes terei que falar isso? — Wilkins foi ríspido, sem nenhuma paciência — Eu posso cuidar disso sozinho, obrigado — desviou-se do toque dela.

— Soube que partiremos cedo — embora não tenha gostado do modo como a tratou, a princesa se afastou e relevou o jeito do noivo, creditando-o ao difícil combate.

— Sim, então, em vez de estar aqui fazendo inúmeras perguntas, deveria estar dormindo — ele continuou destilando todo seu mau humor.

— Eles estão assustados com o que houve, Wil... Pude ver nos olhos deles — Gweneth comentou preocupada.

— Ficarão muito mais se o exército chegar à mina. Temos que sair daqui bem cedo. Então, sugiro que vá dormir, porque o dia será longo — ordenou e Gweneth, que nunca o tinha visto daquela maneira, achou melhor se afastar. No entanto, não conseguiu dormir. Em vez disso, auxiliou as mulheres da mina a tratar dos feridos. Não tinha sono, nem condições de voltar a dormir.



Esconder-se. Esse era a sua maior qualidade desde criança. Assim, fugira de algumas surras de meninos mais velhos ou escapara da violência de seu padrasto. Por conta dele deixara a casa de sua mãe, esquecendo que tinha uma família. Por conta dele, passara a roubar primeiro para comer, depois apenas para provar que conseguia burlar toda e qualquer autoridade.

Movimentou-se com cuidado, quando ficou próximo da mina e pôde ver um momento de tremenda agitação, sendo substituído por uma calma. Os homens que combateram tinham seu momento de descanso.

Foi o momento em que ficou mais atento. Apesar da calma, ainda havia movimentação, deixando claro que nem todos dormiam. Aproximou-se com cuidado da mina e quando teve certeza de que não havia ninguém nas imediações, saiu da penumbra onde estava e começou a ir em direção à entrada.



Gweneth ajudara os homens feridos, menos o próprio noivo que

repelira o seu contato. Saber que muitos não haviam voltado fez com que se sentisse mal. Não pensara direito ao pedir que lutassem em seu nome. Agora conseguia compreender isso. Cada vida perdida significava uma mulher que ficara viúva, um filho que ficara órfão, irmãos que jamais se veriam ou dariam alegrias aos seus pais. O que mais a incomodara nesta situação fora o fato de Wilkins não parecer se importar com esse lado. Pareceu muito mais chateado com o revés que sofrera do que com as vidas que se perderam.

Precisava respirar e isso só era possível fora daquele lugar claustrofóbico. Por isso, a decisão de sair, ignorando a hora. Colocou um xale sobre as costas e caminhou em direção ao lado de fora.



Os dois se encontraram no exato momento em que ela saía e em que Leishter estava quase entrando. A princesa se assustou com o estranho vestido com as vestimentas do exército de Heldroch. Teria gritado se Leishter não tivesse sido mais ágil e avançado até ela, agarrando-a de modo a cobrir sua boca.

Gweneth o mordeu e se debateu, exigindo que ele usasse um pouco mais de força para contê-la.

— Fique quieta! — ordenou — Princesa!

Gweneth arregalou os olhos. Se ele a reconhecia como princesa, como ousava falar com ela daquela maneira? Mesmo sentindo a mordida, Leishter a arrastou, saindo da entrada da mina, levando-a para um lugar onde não pudessem ser vistos. Esse movimento foi custoso, porque a princesa tinha algo em comum com Eudine: era teimosa. Mesmo sabendo que jamais ganharia dele, não parou de tentar se livrar por um só segundo.

— Se não parar, vou sacudi-la até que entenda — Leishter ameaçou, perdendo a paciência e somente diante dessa ameaça, que ela percebeu ser verdadeira, ficou quieta — Não vou soltá-la, mas tirarei a mão de sua boca. Se você gritar, já sabe o que te acontecerá — avisou e retirou a mão com cuidado.

Gweneth, que estava respirando de modo acelerado, por conta do susto, foi retomando a calma, conseguindo respirar normalmente.

— Está aguardando o que para me matar? — foi a primeira coisa que ela perguntou.

— Está delirando? — Leishter a encarou — Estou aqui para salvá-la,

não para matá-la.

— Não precisa mentir, apesar de usar a roupa do meu reino, não faz parte do exército, não o conheço.

— E por acaso conhece todos os seus soldados? — ele zombou — Duvido!

— É claro que conheço! — afirmou indignada — A maioria e você não é um deles.

— Como tem tanta certeza? — mesmo sem querer, Leishter se divertiu com a situação. Nunca estivera diante da princesa e embora ela lhe parecesse bastante mimada, era uma bela jovem.

— Não mostrou nenhum respeito por mim — ela o encarou e Leishter não segurou a gargalhada.

— Esperava uma reverência? — zombou mais uma vez, irritando-a.

— Vamos, siga de uma vez a ordem de Eudine — ela pediu ciente de que aquele homem não a soltaria.

— Eudine ordenar a sua morte? — Leishter olhou-a incrédulo — Presumo que não precise sacudi-la, pois já bateu a cabeça. Eudine tem a procurado incansavelmente. Foi a única que não acreditou que estivesse morta. Até seu pai desistiu de te procurar — ele disse de uma vez.

— Está mentindo — Gweneth balbuciou, sem acreditar.

— Não fale comigo sobre mentiras. Fui vítima da maior delas ao ser acusado de raptá-la — Leishter continuou — Fui preso e torturado todos os dias em que estive preso em seu reino.

— Qual é o seu intuito com isso? — Gweneth se recusava a confiar no que ele dizia.

— Sinceramente, não sei — Leishter foi sincero — Se não me reconheceu, faço questão de me apresentar, sou talvez o bandido mais procurado da área: Leishter. Não uso um sobrenome, pois desde que saí de casa, não sei o que é família.

A incredulidade de Gweneth aumentou. Estava diante do famoso bandido, do inimigo mais conhecido de Heldroch e nada fazia sentido.

— Seu pai prometeu o trono a quem me capturasse. Eudine me salvou por duas vezes e me levou para o seu reino, pois eu precisava de cuidados, caso contrário eu morreria. Julgaram que ela havia me capturado e, desse modo, seu pai prometeu-lhe o trono diante de uma multidão.

— Não é possível... Wilkins me disse...

— Por favor, prove que consegue pensar sozinha — Leishter a

interrompeu — Será que não percebe que a versão do príncipe não faz o menor sentido?

Gweneth ficou em silêncio. Estava difícil de qualquer coisa ter sentido.

— Se eu aceitar a sua versão...

— Não é versão, é verdade — ele a corrigiu — Pense, aqui é bem mais perto de Nerthynd do que de Heldroch. Se fosse verdade, por que Wilkins não pediria ajuda ao próprio exército?

— Porque ele disse que nossos pais terminariam a aliança que une nossos reinos...

— Foi enganada. Soube que o rei Wilhelm estava tão empenhado quanto seu pai para encontrá-los. Fiz parte da expedição em sua busca e o seu príncipe nos preparou uma emboscada, por bem pouco não nos matou. E, para completar, suponho que esta não seja a pior notícia a te dar.

— Aconteceu algo com o meu pai? — indagou aflita.

— Não — Leishter a acalmou — Porém, o rei Wilhelm está morto. Morreu pelas mãos do próprio filho — falou de uma vez, chocando-a.

— Não é possível — ela balançou a cabeça, incapaz de aceitar que enganara tanto e se casaria com um monstro capaz de matar o próprio pai.

— Pense princesa! — insistiu — Por conta do que Eudine desejaria sua morte?

— Eu... — ela começou nervosa, envergonhada de continuar — Sou a culpada por aquela cicatriz que carrega no rosto.

Leishter riu nervoso. Não imaginava como fora possível, porém, percebeu sua culpa.

— Cresceu com Eudine e a conhece menos do que eu? É isto o que está me dizendo?

Gweneth olhou-o sem compreender sobre o que ele estava falando, fazendo com que Leishter explicasse.

— Ela não é do tipo que guarda mágoa ou abandona. Não me abandonou e jamais desistiu de procurá-la. Ignorou a minha fama e os meus erros passados e me deu uma chance de provar que era mais do que todos diziam a meu respeito.

— Não é possível — Gweneth começou a refletir sobre tudo o que ele havia falado e recordou-se das palavras de Emma. Ficou enojada ao perceber que podia estar enganada a respeito do príncipe.

Percebendo diminuir a resistência, Leishter foi soltando-a devagar,

sem soltá-la totalmente.

— Pelos deuses, cometi um grande erro! — Gweneth se lamentou, sentindo um mal-estar ao perceber que a culpa de todas aquelas mortes era dela — Eu os convenci a lutar...

— Você foi manipulada, a culpa não foi sua — Leishter mostrou-se solidário — Venha comigo e dê um fim a tudo isso — propôs.

— Não posso — Gweneth pela primeira vez considerou as coisas que ouvira a respeito de Wilkins — Se estiver certo e eu o abandonar agora, ele descontinuará nesse povo... Eles não têm culpa... Não posso permitir.

— Seu noivo planeja atacar Heldroch. Será muito perigoso estar ao lado dele. Volte comigo, seu pai ficará satisfeito em vê-la...

— Não posso — Gweneth repetiu, fazendo que não com a cabeça — Você me revelou uma porção de coisas sobre Wilkins... Não me peça para ignorar tudo isso, salvando apenas a minha própria pele. Se ele foi capaz de matar o próprio pai, o que fará a um bando de estranhos? Eu me sinto responsável por tê-los colocado nisso tudo.

— E pretende o que? — Leishter não entendeu.

— Acompanhar de perto. Controlar Wilkins.

— Se ele tivesse controle, não estaria aqui.

— É um risco que tenho que correr — Gweneth ergueu o queixo para encará-lo. Nunca imaginava que pudesse nutrir alguma simpatia por Leishter e muito menos sentir-se segura ao seu lado — Considere que estou em posse de uma informação que antes não tinha. E que irei me cuidar por conta disso ou esperar o melhor momento para fugir.

— Princesa...

— Por favor, deixe-me voltar para lá. E diga ao meu pai que estou ciente, que irei me cuidar e que logo estaremos juntos — prometeu.

Leishter fez que não com a cabeça, mostrando que não concordava. Ainda que considerasse uma péssima decisão, deixaria que voltasse para dentro da mina. Mesmo contrariado, soltou-a. Gweneth olhou para ele agradecida. Precisara passar por um susto como aqueles para finalmente entender e aceitar a verdade. Leishter cruzou os braços sobre o peito musculoso. Não sabia o motivo pelo qual estava sentindo que aquilo era um erro. Devia colocá-la nas costas e tirá-la dali. No entanto, não conseguiu dizer não ao seu pedido.

— Só permitirei que volte se aceitar isto — ele abaixou-se e tirou da bota um punhal e o ofereceu para ela. Gweneth olhou-o indecisa, entre aceitar

ou não.

— Não sei...

— Se a sua vida estiver em risco, saberá que foi uma boa escolha — mais uma vez estendeu-o em sua direção — Se não for assim, eu a levarei comigo — ameaçou.

Gweneth hesitou um pouco, antes de aceitar.

— Guarde-o onde não possa ser visto — Leishter ordenou, olhando-a de cima a baixo — O que não falta é lugar no qual escondê-lo — sorriu ao notar o leve rubor na princesa — Agora preciso ir. Tem que me prometer que irá se cuidar, princesa, pois se algo te acontecer, jamais me perdorei.

— Eu me cuidarei — Gweneth afastou o incômodo com o olhar recebido e prometeu — E o compensarei, transformando-o em um cavaleiro do reino. A roupa te cai bem.

— Não estou fazendo isso por compensação — Leishter se ofendeu.

— Não disse isso. Só que está na hora de as pessoas enxergarem suas qualidades. Apenas "bandido" e "temido" não estão perto de demonstrar seu valor — ela lhe fez uma pequena reverência e dessa vez Leishter respondeu com outra. Havia algo de errado com as jovens de Heldroch. Elas produziam nele um efeito que não gostava, fazendo-o agir de modo diferente. Primeiro Eudine, transformando-o em um herói, agora a princesa, impedindo-o de fazer o que achava certo.

CAPÍTULO 42

Resisti às primeiras aparências e nunca vos apresseis em julgar; levai em conta que há coisas verossímeis que não são verdadeiras e que há coisas verdadeiras que não são verossímeis — Anne Lambert

O retorno ao reino de Nerthynd foi penoso. Passada a adrenalina do combate, todos os ferimentos ardiam, todas as dores eram sentidas, todos os calafrios percorriam as espinhas. Além disso, com a maioria dos cavalos perdida, muitos sobreviventes precisaram dividir a montaria com seus salvadores.

Apesar de sentir o ombro latejar e um incômodo crescente na coxa, Drystan ficou feliz em descobrir que seu cavalo não havia sido ferido, tampouco roubado. Tinha o animal há muito tempo e perdê-lo seria um golpe tão duro quanto aqueles provocados pela espada. Ficou ainda mais satisfeito ao saber que o dividiria com Eudine que, gentilmente, cedeu seu cavalo para Hank.

Drystan montou primeiro e ajudou-a a subir, estendendo-lhe a mão. Mesmo sentada à frente, Eudine teve receio em tomar as rédeas de Ilid, como se isso desmerecesse seu dono. O duque sorriu, mais uma vez orgulhoso dela e insistiu que conduzisse o cavalo, contentando-se, e muito, em segurar em sua cintura. Eudine aceitou e estremeceu ao sentir-se envolvida pelos braços do homem que amava. Mesmo sobre a veste própria para a batalha, foi como se sua pele queimasse. Ele, por sua vez, também não permaneceu imune ao contato. Se aquela fosse sua recompensa por ter quase morrido, estava satisfeito. Afinal, cavalgar, sentindo essa proximidade, amenizava não apenas a dor, mas também o desconforto que sentia. Wilkins estava louco e, por muito pouco, não o matara. Devia sua vida à Hank e, duas vezes à Eudine. Uma por ter aparecido no momento oportuno; outra por ter convencido que seu amigo era peça importante para a expedição.

Enquanto caminhavam, Hank só conseguia se recordar dos corpos sem vida. Talvez aquela imagem demorasse a abandoná-lo, ainda mais sabendo que no dali a algumas horas enfrentaria tudo aquilo novamente. Conseguiu espantar momentaneamente tais lembranças ao pensar no som da risada de Kim. Admirava a jovem pelo desprendimento mostrado ao acompanhá-lo e deixar o reino. Simultaneamente, achava que não tinha muito oferecer para ela e, assim sendo, não quisera atar o destino dela ao seu. Kim havia sido o feixe luz na escuridão, a única razão pela qual não enlouquecera ao ter que deixar sua casa, sua família, sua pátria. Se Eudine não tivesse aparecido com ajuda, jamais teria a oportunidade de lhe dizer isso. Portanto, se saísse ileso do combate que ainda travariam com Wilkins, deixaria claro para a moça que não era apenas a sua atitude que admirava. Não imaginava retornar à Heldroch e, por esse motivo, tratava a dama como irmã, sendo capaz de entregá-la em casamento e um bom homem que lhe garantisse uma vida mais digna do que um exilado como ele poderia oferecer. Agora, no entanto, era diferente. Eudine fizera com que voltasse e em uma boa posição no exército. Voltara a ser digno e capaz de lhe oferecer um futuro.



Volta à mina depois daquele encontro desconcertante foi estranho. Primeiro porque teve que esconder o punhal e depois porque, ainda que quisesse e precisasse, Gweneth não pôde dormir. Quando fechava os olhos, as palavras de Leishter voltavam e tinham o poder de sacudi-la, como ele próprio quase fizera e, dessa maneira, não se conformava: Como pudera ser tão ingênua? Como não enxergara o que estava diante de seus olhos?

Wilkins a manipulava como se fosse um daqueles bonecos de madeira com os quais brincava quando era criança. Quanto ao assassinato do rei Wilhelm, ficara sem palavras ao perceber que estava prometida a um monstro. Ela amava seu pai com todas as suas forças e, por esse motivo, parecia-lhe inconcebível um filho se erguer contra o pai e, ainda pior, feri-lo mortalmente.

Estar em posse de tantas informações a deixava temerosa quanto ao decorrer do dia. Sabia que ao amanhecer deixariam a mina. Nunca fora boa em fingir. Temia que sua expressão a denunciase diante de Wilkins, demonstrando seu medo e revelando sua repulsa. Podia ter escutado Emma, em vez de se agarrar com unhas e dentes à história mirabolante inventada pelo noivo. Sim, agora percebia o quanto era fantasiosa. Tinha o direito de

duvidar de qualquer pessoa, menos de Eudine. Odiou-se por ter que ouvir de um estranho que ela era a pessoa mais confiável que conhecia. Algo óbvio e que ela tinha obrigação de saber. A garota que crescera com ela nunca tivera a mentira por companheira. Mais. Era dona de um tipo de nobreza impossível de se apreendida em aulas de etiqueta, algo naturalmente poderoso: a nobreza de caráter.

Depois, havia Leishter. Quando pensava no poder das aparências, o nome do príncipe era substituído imediatamente pelo do bandido mais procurado de Heldroch. A imagem que fizera dele não condizia com o homem que conhecera. Lembrava-se das conversas entre seu pai e Gael e esta se destacava por um desfile de adjetivos pouco elogiosos: mau-caráter, mercenário, biltre, inescrupuloso, enfim, alguém que perdera a humanidade por causa de algumas moedas. O homem com quem se encontrara não lembrava o vilão que aprendera a temer. Esperava qualquer coisa, menos que fosse um homem atraente e forte. Em sua imaginação ele deveria ser repugnante, não agradável às vistas. Além disso, pareceu muito leal à Eudine. Como a lealdade poderia nascer no coração de alguém sem caráter? Sempre aprendera com seu pai que a lealdade era uma característica própria de homens honrados.

Para completar, ele transbordava autoridade e segurança. Preferia atribuir o fato de não conseguir esquecê-lo ao impacto que este lhe causara, sendo o primeiro a tratá-la como uma pessoa comum, ignorando sua linhagem real, dizendo, sem hesitar, tudo o quê julgara que precisasse ouvir. Conhecê-lo desse modo criou-lhe uma dúvida que a atormentava, impedindo que descansasse e que fechasse seus olhos, sem lembrar-se dos olhos dele. Desejava repudiá-lo, sem sucesso, pois, seu coração lhe fora simpático.

Se tivesse seguido o desejo de Leishter teria seguido com ele e, provavelmente conseguiriam escapar ilesos. Entretanto, não podia. Aquele povo confiara nela e lhes dera sua palavra. Já fora angustiante saber que muitos não voltaram e ter que se deparar com a dor das famílias que ficaram incompletas. Desse modo, não podia deixá-los a mercê de Wilkins. Se não pudesse impedir o banho de sangue, cabia-lhe estar lá e, pelo menos, tentar remediar uma situação que criou.

Pensou em pedir ajuda à Emma. Talvez juntas conseguissem fazer com que desistissem. Porém, tinha noção exata de que era tarde. Agora os homens tinham gana de se vingar por aqueles que sucumbiram. Compreendera que Wilkins apostara alto, valendo-se da única vantagem que

equilibrava as forças: a surpresa. Porém, findo o mistério sobre o poder de fogo do príncipe, seriam aniquilados. Como dormir era impossível, tentou descansar, pois o sol traria consigo o dia mais difícil de sua vida.



Os soldados e o que restou da comitiva estavam sendo esperados e, ao cruzarem os portões de Nerthynd, foram recebidos com todo aparato para que os feridos fossem tratados.

Assim que apeou, com a ajuda de Drystan, Eudine se separou dele para sondar o estado dos soldados de Heldroch.

Hank tinha uma expressão carregada, misto de dor e de cansaço. Nenhum exército era treinado para aquilo. Saber que não havia acabado ainda o deixava apreensivo. Afinal, nem quase ter sido ferido por Wilkins tivera o poder de abatê-lo tanto quanto estar em um combate real, tendo que matar para não morrer.

— Está muito ferido, Hank? — Eudine teve que repetir a pergunta que o jovem cavaleiro a escutasse. Nunca o tinha visto tão sério.

— Não, Eudine — respondeu sem abandonar o ar vago — Fisicamente estou muito bem — limitou-se a dizer e a dama concluiu que o episódio conseguira abalá-lo demais.

Circulou entre os soldados, recebendo olhares de admiração e inúmeros agradecimentos. Os homens a olhavam com mais respeito ainda, pois não era se tratava apenas da jovem que ascenderia ao trono, e sim daquela que estivera no campo de batalha para salvá-los.

— Nada fiz, além de guiar nossos aliados. Eles, sim, são os verdadeiros responsáveis por estarem bem — respondeu grata aos homens que a acompanharam e aceitaram seu comando sem relutar.

Quando retornou para junto do duque, um médico havia acabado de abordá-lo. Drystan havia se assegurado que os mais feridos tivessem prioridade. Escondeu a extensão de seus próprios ferimentos e a dor que sentia para que os outros fossem atendidos primeiro.

O médico pediu que sentasse em um banco de madeira e, com a ajuda de uma tesoura, cortou a parte superior da camisa que ele usava, revelando o ombro ferido. Eudine se impressionou com o ferimento e imaginou que estivesse doendo muito, apesar de Drystan não se queixar. Ao perceber a apreensão nos olhos de Eudine, o duque lhe sorriu e de longe disse "estou

bem".

Apesar do horário adiantado, a rainha Meryl apareceu no pátio e experimentou uma sensação de alívio ao notar que a jovem conseguira impedir mais uma atrocidade de seu filho. Havia alguns homens feridos; porém, a maioria havia escapado ilesa.

A cada passo que dava, ela era saudada e os homens de Heldroch faziam questão de demonstrar o respeito pela perda sofrida, pois todos admiravam o rei Wilhelm. De modo humilde, agradeceu a todos e continuou andando até encontrar Eudine.

A jovem estava tão compenetrada no cuidado que o duque recebia que se assustou quando a rainha tocou em seu braço.

— Não tive a intenção de assustá-la, desculpe-me — disse para a dama.

— Eu que te devo desculpas, rainha, não a vi se aproximar — Eudine respondeu prontamente.

Ao perceber a presença da rainha, Drystan fez menção de se levantar, impedindo que o médico começasse a costurar o ferimento. Queria demonstrar todo o respeito e tristeza pelo destino do rei Wilhelm. A rainha, no entanto, não permitiu.

— Por ora, cuide de sua saúde — aconselhou-o — Só vim roubar esta dama — explicou, antes de oferecer o braço para que Eudine apanhasse — Sei que se preocupa com a minha dor. Porém, peço que cuide das feridas que ainda podem ser cuidadas — seu tom foi ao mesmo tempo triste e forte e o duque não ousou contrariá-la. Fez uma reverência para a rainha e a viu se afastar na companhia de Eudine.

Caminharam até uma câmara dentro do castelo, longe de todos, onde pudessem conversar. A rainha fez um gesto para que Eudine se sentasse em um banco de pedra e fez o mesmo, sentando-se na sequência.

— Estou impressionada, minha jovem, com sua coragem. Poucas pessoas seriam capazes de fazer o que fez.

— Graças à sua ajuda — Eudine sorriu — Se me tivesse virado as costas, o desfecho seria outro.

— Mais do que nunca é preciso honrar a aliança com Heldroch. E, diante dos últimos acontecimentos, eu me sinto tão envergonhada que não poderia ter feito diferente. É o mínimo, agora nunca teria coragem de ir ao campo de batalha.

— Estava bem escoltada, em momento algum cheguei perto do perigo — explicou sem querer se vangloriar da situação.

— Então, o homem que ama é o duque — a rainha concluiu, mudando repentinamente de assunto e Eudine admitiu, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça — Fez uma ótima escolha. O duque de Gunther descende de uma linhagem de homens honrados e justos. Wilhelm o tinha em alta estima. Talvez quisesse que nosso filho fosse como ele — deixou escapar e Eudine conseguiu sentir toda a dor que a mulher à sua frente experimentava — Às vezes, os filhos não seguem o ensinamento dos pais.

— Infelizmente — mostrou solidariedade.

— Não foi para falar das minhas mazelas que estou aqui — a rainha Meryl conseguiu sorrir - Acredito que partirão amanhã.

— Sim, infelizmente, o dia será longo — Eudine suspirou — Precisamos voltar à Heldroch.

— Sinto não poder disponibilizar mais homens do que os que os acompanharão, mas amanhã, finalmente o povo de Nerthynd saberá que o reino está á deriva.

Eudine surpreendeu a rainha, apanhando as mãos da soberana.

— Enquanto a senhora estiver à frente do reino, ele jamais estará à deriva.

— Quisera ser tão jovem quanto você e ter esta confiança — a rainha retribuiu o gesto de Eudine, segurando nas mãos dela com carinho e a soltou, antes de se levantar — Trate de descansar, logo o dia amanhece. Providenciarei aposentos para os soldados, para você e para o duque.

— Faltam-me palavras para agradecê-la, rainha — Eudine fez-lhe uma reverência e Meryl fez um gesto para que se erguesse.

— Entre rainhas, o cumprimento é outro — Meryl explicou.

— O lugar não é meu e o devolverei a quem será a rainha por direito, Gweneth. Ela há de ser tão boa rainha quanto foi sua mãe, Maeve — Eudine replicou sem jeito.

— Você tem a dignidade de uma rainha. E não tem a ambição que é capaz de colocar pessoas comuns umas contra as outras. Qualquer uma em seu lugar jamais abdicaria do trono.

— Só há uma coisa da qual jamais abdicarei: do meu sobrenome, da minha origem—pensou um pouco — E foi a minha ambição que me trouxe aqui. Se eu não tivesse desejado mais do que deveria, talvez nada disso tivesse acontecido.

A rainha Meryl não a entendeu, no entanto também não a questionou. Em vez disso, ofereceu-lhe o braço novamente e juntas deixaram a câmara.



Leishter arrependeu-se no mesmo momento em que deixou a princesa retornar para a mina. Estivera tão perto de mantê-la a salvo e se deixara levar por uma voz macia. Se fosse só a voz, estaria bem, mas a jovem toda era uma tentação. Mesmo em meio a um lugar escuro e frio como uma mina, a moça continuava com os cabelos dourados, a pele macia e os olhos mais claros que já vira.

Nunca estivera diante de uma princesa. Nunca estivera diante de alguém que valesse tanto e sem pensar em levar vantagem. Não estava se reconhecendo, porém, isso não era de todo ruim. Pela primeira vez, sentia o gosto de ser respeitado e não temido. O temor era algo mantido à força, geralmente à base da violência. O respeito, ao contrário, era conquistado.

Quando revelou o plano de Wilkins à Eudine e aos demais, percebeu o orgulho com o qual a amiga lhe olhara. Do mesmo modo, Drystan e Hank o trataram como igual e não esconderam a gratidão que sentiram.

Talvez, lutar por um lugar, por uma causa, fosse melhor do que lutar a esmo, por nada, apenas para mostrar que era capaz de transgredir as normas e não ser pego.

Quando era apenas um ladrão, não tinha tempo para divagações do tipo, portanto se livrou desses pensamentos e voltou a ser prático. Arrependera-se de ter deixado a princesa retornar para junto do facínora que o príncipe se revelara e agora não conseguia dormir por isso. Se algo acontecesse à princesa, a culpa seria sua.

Havia planejado segui-los quando saíssem da mina, esgueirando-se, acompanhando Wilkins como se fosse sua sombra. No entanto, agora precisava fazer mais, precisava proteger a princesa.

Lembrou-se do punhal que entregara para ela, aquele que tinha suas iniciais recém-gravadas. Um ladrão devia carregar armas pequenas e que fossem fáceis de esconder. Assim, quando se juntou ao exército de Heldroch, além de uma espada, havia levado dois punhais, um mais antigo que era seu preferido e aquele que havia entregado à princesa. Esperava que, com este gesto, não a tivesse colocado em maior perigo, pois não sabia o que Wilkins faria se descobrisse, afinal de um homem capaz de matar o próprio pai, podia

esperar qualquer coisa.

Com essas preocupações atormentando seu descanso, resolveu acompanhar os passos do príncipe de perto, torcendo para que a princesa não precisasse fazer uso de seu presente e, se o fizesse, que estivesse próximo para ajudá-la.



Drystan se deitou apenas para descansar o corpo, pois tinha noção de que não seria agraciado com o sono. As últimas horas foram intensas. Estava ali, acolhido em um reino sem herdeiro, porque o mesmo matara o próprio pai. Algo inconcebível para quem, como ele, aprendera a honrar seus progenitores.

Tentava alcançar um pouco da dor da rainha Meryl, no entanto não conseguia chegar nem a um terço do que ela deveria estar sentindo. Passara da alegria de saber que o filho estava vivo e bem para o desgosto de conhecer sua verdadeira natureza e a extensão de sua loucura. Perdera no mesmo golpe, marido e filho.

Seus ferimentos doíam um pouco, porém, este não era o principal motivo que espantava seu sono. Só conseguia pensar em Eudine. Se não fosse por sua teimosia e dificuldade em seguir ordens, era provável que ele estivesse naquele campo, onde outros tombaram, engrossando a fila dos que jamais retornariam para seus lares, e nem teriam um enterro digno.

Simultaneamente o duque amava sua personalidade destemida e temia por sua integridade física. Fora esse temor que fizera com que se recusasse a tomar parte da expedição, caso a jovem estivesse presente. Eudine era docemente inconsequente. Sua maior qualidade era seu pior defeito. Não atinava o quão perigoso e quão catastrófico poderia ser o resultado de suas teimas. Quando clareasse, iriam atrás de Wilkins e saberia que ela cavalgaria à sua esquerda, exatamente como faria o homem forte de seu ducado. Confiava nela mais do que confiara no tal homem, tendo certeza que não lhe faltaria se precisasse. Porém, a confiança não diminuía o medo que se ferisse, que algum dos comandados por Wilkins lhe fizessem algum mal. Ela era o seu motivo para ficar alerta no campo de batalha e sua cruel distração. Porque a amava, como jamais imaginara ser capaz de amar alguém. Tinha quase o dobro de sua idade, mas Eudine não era alguém cuja existência coubesse nos anos de vida que possuía, ela simplesmente ignorava todas as convenções a

respeito da relação entre maturidade e idade. Talvez, por ter se criado sozinha, à sombra de uma princesa com quem dividiu uma mãe que, por mais que se esforçasse, não era a sua de sangue. A primeira coisa a fazer ao se interessar pela dama foi saber um pouco sobre sua história. Compreendeu exatamente de onde vinha o olhar entristecido e a ironia na ponta da língua. A rainha Maeve a adotara de coração, mas Eudine sabia que tinha uma família e sofria por não ter sido criada por esta.

Estava pensando exatamente nisso, quando ouviu batidas à porta. Levantou-se devagar porque o ferimento na coxa incomodava, principalmente após e ter que levar alguns pontos nele. Surpreendeu-se, quando abriu a porta e viu a razão de seus devaneios. Não disfarçou a alegria que aquela visita lhe causou. Eudine trajava um vestido fino, de uma brancura que contrastava com os cabelos negros que, soltos, caíam sobre seus ombros.

Apesar de ter ficado orgulhoso em vê-la trajada como um cavalheiro de Heldroch, o duque ficou feliz em vê-la naquela roupa. Ela não só afastava o cheiro da guerra e da morte que havia ficado entranhado em suas narinas, como lhe devolvia a delicadeza das formas.

— Não consegui sequer fechar os olhos — revelou — Senti medo. Como a rainha nos colocou na mesma ala, pensei em visitá-lo.

— Você e medo na mesma frase não combinam — Drystan brincou. Para ele também havia sido providenciadas roupas limpas e, por isso, trajava uma calça e uma camisa de algodão que o mantinham aquecido. Diante do silêncio dela, Drystan lhe ofereceu a mão — Vamos, entre — Eudine aceitou a mão e a oferta e seus olhos passaram pela acomodação do duque, detendo-se na cama bagunçada por ele ter levantado para atendê-la — Também não pude dormir.

— Os ferimentos não deixaram? — Eudine o viu fechar a porta — Você me disse que estava bem, porém, percebi que foi otimista demais, eles foram piores do que me fez acreditar.

— Não menti, estou bem, como pode ver. Você se impressionou um pouco porque viu o médico limpando o sangue dos machucados — Drystan fez questão de acalmá-la e passando por ela foi sentar-se na cama — Desculpe meus modos, sinto um pouco de incômodo ao ficar em pé — explicou e Eudine olhou-o desconfiada, afinal havia acabado de falar que estava bem. Sorriu — Quanto ao que a trouxe aqui, também sinto medo. Compartilhamos de um sentimento que não nos é exclusivo, tenho certeza de

que todos os homens que nos acompanharam sentiram e sentem o mesmo que nós.

— Não me refiro apenas a esse tipo de medo. Morrer, todos iremos, só não sabemos em que situação. Meu medo tem outra origem.

Drystan a olhou interessado, sem entender.

—Do que exatamente você está falando, Eudine?

— Deve estar abismado com o meus modos, bater à porta de um homem solteiro e aceitar entrar em seu quarto — Eudine o encarou.

— Percebi que estava muito à frente de nosso tempo, quando descobri que fugiu do castelo no mesmo dia em que cheguei — explicou e fez um gesto para que ela se sentasse ao seu lado. Realmente não era usual. Por muito menos, mulheres haviam sido difamadas. Entretanto, não esperava de Eudine convenções desse tipo, pelo menos, não com ele.

Eudine não hesitou em sentar-se ao lado dele.

— Criei uma imagem de você e a odiei, sem conhecê-lo realmente — Eudine olhou para ele — Quando fugi, fugia de um duque que criei... Que não era você, alguém que eu inventei e de quem não gostava. Espero que não tenha desejado estar ao lado de alguém que também idealizou e que não sou eu.

Ele sorriu.

— É claro que eu a idealizei Eudine. É óbvio, também, que errei. Nenhuma imaginação é capaz de fazer jus a quem é de verdade. Prefiro a realidade a Eudine Santê que preconcebida.

— Mesmo se souber... — fez uma pausa, era estranho preocupar-se com aquilo, estando acontecendo tanta coisa, mas precisava falar com ele, porque não sabia o que lhes ocorreria nas próximas horas.

— Mesmo se eu souber?

Eudine inspirou e expirou lentamente.

— Gosto de você, duque — admitiu — Como jamais gostei de outro homem. Temi perdê-lo e temo pelo que virá.

— Nada nos acontecerá, Eudine. Temos um ao outro. Eu te protegerei e sei que fará o mesmo por mim. E prefiro ouvir, como mais cedo, que me ama.

— Sim — baixou os olhos — Porém, temo que a paz se faça e nos deixemos separar por coisas de outra natureza. Não tenho origem nobre, não permanecerei como rainha e...

— Nossos filhos terão origem nobre e é bom que não permaneça

como rainha, porque não poderia ser minha duquesa — sorriu-lhe cúmplice — O que, além disso, poderia nos separar?

— O fato de que você não será o meu primeiro homem.

Drystan ficou um tanto chocado com a notícia. Sim, havia crescido cercado por todas essas convenções que desejavam para ele uma mulher pura que gerasse seus herdeiros. No entanto, o motivo de seu choque não fora esse, e sim o modo como Eudine disse aquilo. Algumas verdades precisavam ser ditas aos poucos.

Diante da expressão dele, Eudine levantou-se. Precisava esclarecer isso, porque nada poderia prosperar se fosse plantado misturado às ervas daninhas da mentira. Ao perceber que ela deixaria o quarto, levantou-se e foi alcançá-la.

— Não me deixou dizer o que penso disso — apanhou em seu braço.

— Sua expressão deixou claro — Eudine falou conformada.

— Só não esperava saber assim — foi direto — Da mesma forma que foi sincera comigo, serei com você. Se pudesse escolher, teria sido o único homem a tocá-la. Só que isso não é possível. Então, tenho que ser fiel ao que sinto. Saber que não serei o seu primeiro me entristece, porém, saber que serei o último enche meu coração de alegria. Tenho ciúme de não ter sido comigo, porém, isso não diminui o que sinto, nem mesmo o seu valor.

Eudine o encarou, ficara sem palavras. Esperava dele uma atitude de recriminação, de repulsa, não a compreensão.

— Não posso julgá-la pelo que fez, quando não nos conhecíamos Eudine. Nem quero. O que me importa é o hoje e o agora. Continuo com a mesma intenção daquele dia em que você fugiu do castelo. Agora com muito mais motivos para admirá-la.

— Tinha medo que isso nos afastasse — sentiu o duque soltar seu braço e buscar sua mão, entrelaçando seus dedos aos dela — Não queria feri-lo com minhas verdades, pois vi seus ferimentos e não gostei de vê-lo machucado.

Drystan sorriu.

— Seus olhos me disseram isto. Mas, são apenas machucados — com a mão livre, ele acariciou o rosto de Eudine, chegando à sua cicatriz, percorrendo-a com o dedo indicador. Algo que Eudine deixou que fizesse, sem se esquivar — As cicatrizes são apenas marcas, não mudam a nossa essência. Os ferimentos que viu, e que te assustaram, se transformarão em cicatrizes e me lembrarão do dia em que uma dama, uma jovem dama, salvou

a minha vida — ele parou de acariciar seu rosto e abaixou um pouco para beijá-la. Foi um beijo lento, devagar, longo. Eudine fechou os olhos e sentiu todas as terminações nervosas de seu corpo reagirem ao sentir os lábios dele nos seus. Foi difícil interrompê-lo.

Drystan sentiu a respiração acelerada. Aquele beijo, aquele toque, sentia-se queimar com a proximidade.

— Vem — puxou-a para cama.

Eudine o seguiu. Desejava tanto estar com o duque que nem raciocinava direito. Se o fizesse, poderia achar que ele estivesse se aproveitando da informação recém-descoberta, tomando-a por uma mulher desfrutável.

O que mais Drystan desejava era tê-la, sentir sua pele, explorar cada centímetro de seu corpo, sentir seu gosto e embriagar-se com seu cheiro. No entanto, amava Eudine demais. Independente do que acabara de saber, não a tocaria dessa forma, não por enquanto. Não queria que ninguém a tomasse por sua amante, pois ela seria sua esposa.

— Talvez, possamos descansar juntos, abraçados. Já que sozinho está impossível — sugeriu.

— Eu pensei que... — falou confusa.

— Nada nos acontecerá e teremos muito tempo para outras coisas além de descansar. Agora deite — ele apontou a cama. Eudine hesitou e depois atendeu ao pedido. O duque deitou-se na sequência e, mesmo lhe sendo custoso, permaneceu abraçado a ela, até que com a proximidade e o calor dos dois corpos, resistindo ao próprio desejo, ambos adormecessem.

CAPÍTULO 43

Maior que a tristeza de não haver vencido é a vergonha de não ter lutado! – Rui Barbosa

O dia estava nublado. Estranhamente nem o sol frio quis aparecer. Era como se ele se recusasse a presenciar o que viria a seguir.

Conforme previra, mal o dia clareou, Wilkins já estava pronto para se retirar. Quando foi acordar a princesa, e ela deixou que acreditasse que o fizera, já estava cheio de adrenalina para deixar de uma vez por todas aquela mina.

Pela primeira vez, vestira-se para a batalha e sua roupa só não estava completa, pois não usava a capa, com o brasão de Nerthynd. Gweneth notou que, daquela forma, ele ainda se parecia com o príncipe gentil e atencioso com quem havia planejado passar o resto de sua vida. Simultaneamente, entendia o motivo de ele não poder usar o símbolo de seu reino, porque ele não pertencia mais a nenhum reino.

— Levante-se, minha querida — usou um tom que, se antes lhe pareceria cuidadoso, agora se revelava forçado e enfadonho — Precisa se alimentar e vestir-se para retomar seu lugar no trono — sorriu-lhe — Mandei que te preparassem um banho, pois deve estar à altura de sua condição, quando retornar ao castelo.

Gweneth tentou, porém não conseguiu sorrir. A simples presença dele lhe provocou nojo, asco. Fez um esforço gigantesco para atender ao pedido, parecendo cordata.

— Não demorarei — conseguiu dizer.

— Enquanto se alimenta e se arruma, irei ter com os homens. Nem acredito que finalmente deixaremos de uma vez por todas este buraco.

— Que nos serviu de abrigo até agora — a princesa notou baixinho, sem querer chamar mais atenção sobre si mesma. Ainda que quisesse não conseguiria, pois Wilkins não a escutou. Estava preocupado demais com os planos que fizera para si.

Sozinha, Gweneth pôde respirar.

Ela não conseguiu comer, quando uma mulher trouxe um modesto desjejum. Cansaço, nem fome eram páreos à sua preocupação. Não negou, porém, o banho. E o fez por ser aquele um lugar pouco ventilado e que conferia à pele uma espécie de fuligem. Depois, havia aprendido o quão era difícil o processo para tomar um banho ali. Primeiro, era necessário apanhar água fora da mina, depois esquentá-la e só então trazê-la para dentro, para ser despejada em uma tina.

Por ordem de Wilkins os seus baús estavam à sua disposição, de modo que, pela primeira vez, entendeu o que Eudine dizia sobre seus vestidos. Quis ter algo mais simples e que permitisse movimentar-se melhor, no entanto, não encontrou.

Assim, quando tudo estava pronto, tomou um banho reconfortante e arrumou-se com cuidado. Que o vestido escolhido não era apropriado para o que se seguiria, não tinha dúvidas, entretanto tanto pano serviu bem para esconder o punhal.

Antes de escondê-lo, olhou-o rapidamente e que mais do que lhe dar uma arma para se proteger, Leishter deixara claro que permaneceria por perto.



Garth encontrou Emma na entrada da mina. A mulher estava inconformada com a cegueira de sua gente. Eles deveriam estar ainda mais temerosos por tudo o que havia acontecido no dia anterior, não ávidos para seguir novamente o homem que os levaria à ruína.

— Eles estão indo contra a natureza, Garth, não há como isso dar certo. São andarilhos — ela afirmou ao perceber a presença dele — Açam que estão lutando por um pedaço de terra.

— Infelizmente, nem um revés como o de ontem foi capaz de fazê-los acordar — Garth comentou pesaroso.

— Pegue quem nada tem e lhe ofereça o que sempre quis — Emma observou os homens que sobraram do exército de Wilkins organizarem as

fileiras — E verá que pode transformá-los no que desejar. Até em soldados — balançou a cabeça negativamente — Soldados sem escudo, nem montaria.

— Não precisa ir, Emma. Um combate não é um lugar para uma mulher.

— Já me omiti demais, Garth. Você, sim, poderia ficar com Tarif. Imagino que se ninguém retornar será preciso um líder que seja forte pra amparar essas famílias.

— Mais um motivo para ficar, Emma.

— Um líder que leva seu povo ao engano não pode ser considerado forte, Garth. Irei.

Garth entendeu que a palavra era definitiva e não insistiu. A alguns passos dela, viu Wilkins sorrir satisfeito com o contingente.



Avrill se mexeu na cama e não foi preciso muito para perceber que Cédric não estava ao seu lado. Ficar ao lado dela foi uma maneira de tentar amenizar a angústia que sentia em seu coração. Foi um golpe duríssimo perder um aliado de longa data e, ao mesmo tempo, saber que prometera sua filha para um desequilibrado. Como se não bastasse, Eudine fora impulsiva mais uma vez, desobedecendo aquilo que decidiram.

— Não se preocupe tanto, isso pode não te fazer bem — Avrill tinha pedido, quando o rei estava com ela.

— É impossível, Avrill. Depois da calmaria, vislumbro tempos tenebrosos. Talvez seja um mau agouro repetir o que sinto, mas prevejo uma corrida desmedida a um trono sem herdeiro. Agora que Meryl mais precisa de mim, não poderei estar ao seu lado... Tampouco me despedir de um por causa de uma ameaça feita por quem deveria ser o herdeiro natural daquele reino! Aquele que uniria os dois brasões está a um ponto de destruí-los. Se fizer qualquer coisa à Gweneth, juro matá-lo com minhas próprias mãos.

E depois se recusara a voltar neste assunto, aproveitando seus momentos ao lado da dama, deixando claro que sentira saudade e que estava disposto a tratá-la com mais cuidado e respeito.

Por melhor que tenha sido estar na companhia do rei, que estava mais próximo a ela do que nunca, Avrill sentiu-o diferente. Havia uma angústia que jamais vira nem no homem, muito menos no soberano. Portanto, não se surpreendeu com sua ausência.



Gael não estava confortável em liderar o exército de Heldroch sem ser readmitido em seu posto. Sabia que estar ali era uma concessão do rei e, assim, pretendia agarrar aquela oportunidade. Conhecia os homens à sua frente, afinal os treinara e, por isso, não tinha dúvidas quanto ao êxito.

No pátio, os homens estavam em polvorosa. Com o período tão grande de paz, haviam se acostumado tanto a treinar que o mais próximo que estiveram de uma aventura foram sair em busca da princesa. Agora, no entanto, era diferente, existia um inimigo e a promessa de embate corpo a corpo.

O contingente era gigantesco. Todos os soldados do reino estavam perfilados, dispostos em batalhões e divididos em, pelo menos dez, fileiras. Gael precisara de pouco tempo para instruí-los. Nada que não tivessem simulado anteriormente. Assim, havia separado os soldados de maneira que na primeira fileira de cada batalhão, colocara homens com escudos. Nas segundas fileiras, os que combatiam melhor com as lanças. Da terceira à sétima fileira, os melhores no manejo da espada. Os cavaleiros seguiam na oitava e nona fileira e, por fim, os arqueiros. Como provavelmente a princesa estaria com Wilkins, os arqueiros só seriam usados em último caso.

— Escutem-me — ergueu a voz e imediatamente todos ficaram em silêncio, respeitando sua autoridade. Mesmo que ele estivesse preso até horas atrás, nenhum dos homens ali ousou duvidar de sua autoridade. Fora libertado apenas para liderá-los, porém, ninguém ali duvidava de sua capacidade — Vocês passaram por inúmeros treinamentos, sabem mais do que eu. Pois, eu ensinei a vocês todos os meus golpes e exigi a máxima dedicação. Vi o esforço de vocês e o suor escorrendo em cada um desses rostos que agora me olham. Peço apenas que se recordem de todas as lições, porque chegou a hora de colocá-las em prática.

Gael parou de falar ao perceber a chegada de Cédric. Ele tinha uma aparência cansada e estava claro que não tinha a ver com a noite mal dormida. O rei parou a seu lado direito, sendo saudado imediatamente por todos. Gael fez a menção de lhe passar a palavra, no entanto o rei preferiu algo mais curto.

— Vim apenas desejar-lhes boa sorte — fez questão de dizer — Cabe a você falar com os homens que irá comandar — Gael agradeceu pela

oportunidade e dirigiu-se novamente aos soldados.

— Sejam atentos, cubram uns aos outros. Não lidarão com um exército, mas com uma horda. Esses homens, cuja motivação nós desconhecemos, podem ser imprevisíveis, então, não os subestimem. Matem se forem morrer, caso contrário, façam prisioneiros. Melhor combatente não é aquele que mata mil homens e sim o que cessa a batalha sem ter que se expor ao perigo. O príncipe é jovem e inconsequente. Ele atacará sem medir as consequências. Porém, também sem uma estratégia clara — Gael continuou, demonstrando toda a experiência que o fizera o chefe de armas de Heldroch — E, por fim, antes de sairmos, é possível que a princesa esteja entre os homens. Queremos a princesa intacta. Vocês juraram dar sua vida pelo reino, se fosse preciso. Agora é a hora de provarem a seriedade deste comprometimento e darem a vida pela princesa, se for necessário. Homens à vitória!

Os soldados ouviam as palavras de Gael e se inflamaram de um sentimento inexplicável. Começaram a marchar parados, enquanto os homens da primeira fileira batiam suas espadas nos escudos, desejosos de provarem seu valor e honrar o brasão de Heldroch.



Eudine, Hank e Drystan não estranharam o fato de a rainha não estar presente à refeição que fizeram logo cedo, pois a monarca tinha muitas coisas a fazer no dia que se iniciava.

O jovem cavaleiro havia notado a maior proximidade entre Drystan e Eudine, que se olhavam de modo cúmplice. Para que ninguém os flagrasse juntos e tirasse conclusões precipitadas, Eudine deixara o quarto do duque sem ser vista logo que amanheceu. Ali poderia não haver passagens secretas, entretanto havia aprendido a arte de se esgueirar, aproveitando as penumbras para se tornar invisível. Ainda que não estivessem totalmente descansados, ficaram satisfeitos em terem ficado um pouco juntos. Em meio a tantos acontecimentos ruins, aquilo fora um alento.

Drystan fez uma careta ao encontrá-la à mesa novamente vestida como um soldado de Heldroch. A única diferença era que não usava a coifa, trazendo os cabelos soltos. Também estranhou o modo como levava a espada, em uma aljava, presa às costas. Porém, prometera a si mesmo que não a contestaria, mesmo porque apenas causaria um mal-estar visto que Eudine

não mudaria de ideia, muito menos de roupa. Os três fizeram a refeição em silêncio e de lá partiram para a capela. Urgia que deixassem Nerthynd o quanto antes, se quisessem alcançar Wilkins.

O reino estava movimentado. O povo chegava aos poucos, convocado pela rainha. Fora aqueles que moravam ao redor o castelo, a maioria não sabia da morte do rei. O dia ali também seria longo e tenso. Meryl sabia que uma vez anunciada a morte do marido, a notícia se espalharia chegando aos ouvidos dos possíveis inimigos.

Ao entraram na capela, encontraram-na velando o corpo do marido. Foi a primeira vez que viram o corpo do rei e os três prestaram-lhe a última homenagem, fazendo reverências. Eudine ficou impressionada com o caixão de vidro transparente e com o estado de conservação do corpo. Não entendia como aquilo era possível, mas Drystan lhe explicou que os médicos dominavam estas técnicas, pois, às vezes, alguns reis eram enterrados até uma semana após a morte. O rei parecia dormir e isso, pelo menos, amenizava o impacto daquela cena.

— Rainha — o duque que interrompeu a contemplação da rainha, fazendo com que ela desse pela presença deles — Estamos de partida, senhora.

— Que tenham sorte — Meryl pronunciou os votos que tinha em seu coração, mesmo sabendo que para serem bem-sucedidos precisavam derrotar seu filho.

— Obrigada — Eudine quem respondeu por eles e não se referia somente aos votos — Que seu coração conheça a paz — aproximou-se da rainha.

— Só conhecerá, quando o responsável for apanhado — respondeu e respirou fundo, antes de abraçar a jovem — Já tive notícias ruins o suficiente. Portanto, tome cuidado.

— Tomarei — Eudine abraçou de volta, ainda sem compreender como de dois pais tão honrados e amorosos poderia ter saído um crápula como Wilkins.

As despedidas não se prolongaram, porque Eudine não gostava de despedidas, ainda mais se estas fossem longas e porque tinham pressa. Viu a rainha desejar boa sorte para Hank e Drystan mais uma vez, antes de voltar até onde estava o marido, talvez pensando em como contar aquela tragédia aos seus súditos.

— Quando saíram, os homens estavam no pátio, já montados e

esperaram que os três montassem para segui-los. Hank, Drystan e Eudine, partiram na frente, e bastou que cruzassem as muralhas do castelo para imprimirem velocidade à cavalgada.



Leishter viu o momento exato em que Wilkins deixou a mina, liderando milhares de homens. Percebeu que a princesa seguia também a cavalo, escoltada por dois homens de Nerthynd fiéis ao príncipe e que resistiram ao combate. Se Wilkins tomava à dianteira, comandando a marcha que seguia a pé, a princesa e estes homens ficavam mais para o final. Era óbvia a intenção. Não a colocara ali para protegê-la e sim para confundir o exército de Heldroch sobre a localização da princesa. Além dela, percebeu que havia outra mulher, mais velha. Esta trajava um vestido cinza, grosso. Nos primeiros metros também caminhou ao lado da princesa. Num primeiro momento, Leishter pensou que fosse uma criada de Gweneth, mas pela deferência com que os homens a tratavam, ele percebeu que ela era algum tipo de liderança na mina. Quando reconheceu Garth a seu lado, percebeu que estava certo.

Se Eudine e os demais os surpreenderiam atacando a retaguarda e na outra ponta estaria o exército de Heldroch, achou que o mais indicado era acompanhá-los pelo flanco. Iria impedir que Wilkins fugisse pelos lados. Porque se tudo corresse como imaginado, não duvidava dessa atitude do príncipe. Sua covardia estava estampada ao usar aquelas pessoas indiscriminadamente, sem ao menos lhes dar montaria ou proteção adequada.



— Senhor, e se nos aguardarem? — um dos soldados que cavalgavam ao lado de Wilkins ousou perguntar — Depois daquele encontro, é possível que Heldroch já saiba...

— Está com medo, por acaso? Porque não há lugar para homens temerosos ao meu lado.

— Claro que não, senhor — o soldado se apressou para dizer e Wilkins o encarou.

— É provável que Heldroch já saiba — Wilkins concordou — Os ratos devem ter voltado correndo para a proteção de Cédric. Pois bem, sitiaremos o reino e tornaremos isso tudo tão arrestado que eles acabarão

caindo. E, ao primeiro sinal de fraqueza, tomamos o castelo — explicou seu plano, certo de que o duque e o outro jovem já houvessem voltado para Heldroch, o que era o mais óbvio a fazer: buscar ajuda de homens mais preparados.



Gweneth tentou se aproximar de Emma por algumas vezes, só que os homens cavalgavam muito próximos dela e, por isso, não foi possível. Apanhando aquele caminho para Heldroch levariam algumas horas para chegarem, pois a maioria esmagadora caminhava e isso impedia que fossem rápidos. A princesa se questionava se aquilo não os deixaria cansados para a batalha. No entanto, percebia o contrário. Eram andarilhos, viveram sobre as próprias pernas por anos, a mina era uma exceção em sua trajetória. Aquele povo não só estava acostumado a caminhar, como também a cada centímetro que se aproximavam de seu reino, mais eufóricos ficavam. Era como se o príncipe conseguisse despertar o pior que existisse em cada um deles. Uma sede por sangue que a assustava. Se no primeiro embate era a ideia de uma vida melhor que aparecia como recompensa, desta vez, a vingança era a palavra de ordem. Pelo ritmo em que iam, chegariam à Heldroch no fim da tarde. Seu coração batia descompassado, pois se sentia responsável por aquelas vidas que seriam perdidas e se o príncipe os contaminara com seu discurso de ódio, ela fora a principal artífice quando fizera um discurso inflamado.

Se pudesse desejar algo, só queria voltar ao momento em que Eudine lhe pedira para não viajar com o príncipe. Prometeu-se que, saindo ilesa daquilo tudo, jamais deixaria de ouvir um conselho dela.

CAPÍTULO 44

Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que daí a algum tempo pode resultar dela –
Maquiavel

O sol já estava começando a se por, quando Gael teve o primeiro sinal da aproximação de Wilkins. Como o previsto, ele conduziu seus seguidores pela floresta ao sul do reino. Não havia grandes descampados ali, o que complicava o embate corpo a corpo, facilitando que se escondessem entre as árvores. Além disso, havia um lago, onde cavalos e homens podiam matar sua sede.

Gael havia deixado o exército mais recuado, tendo ido a frente ele, dois outros soldados e um arqueiro. Esconderam-se nas árvores mais altas, fartas em suas folhagens, de modo que não fossem revelados.

Também mostrando que fizera seu treinamento, Wilkins mandou um batedor na frente. O soldado verificou se o campo estava livre antes de continuar. O arqueiro, ao lado de Gael, tinha a flecha apontada para o homem, caso desconfiasse da presença deles ali. Porém, ele não percebeu que era vigiado e retornou para onde Leishter estava.

— Se o senhor quiser, posso atingi-lo daqui — o arqueiro virou-se para Gael.

— Sem saber onde está a princesa, acho arriscado. Wilkins pode ter ordenado que ela seja morta, caso lhe aconteça algo - recusou a ideia — Temos tempo para descer e nos juntar aos demais. Agora que acreditam que o caminho está livre, marcharão em nossa direção.



O príncipe acreditou na palavra do batedor, porém, decidiu não ir à frente. Sabia que Gael, assim como ele, era um homem traiçoeiro. Virou-se para a massa que comandava e que estava ávida para entrar em ação e gritou para as três primeiras fileiras:

— O caminho está livre, avancem homens! Heldroch está a um passo de nós. A glória também! É a hora de conquistá-la. E recordem-se: sem clemência!

Bastou esta ordem ser proferida para que a caminhada se transformasse em corrida. Wilkins sorriu. Nem em seus sonhos conseguiria um exército tão ingênuo e cordato. Fez um sinal para que as demais fileiras aguardassem.

Emma assustou-se com a movimentação e sem entender o que aquilo significava, viu os homens tomarem à dianteira, passando pelo príncipe que precisou segurar as seu cavalo para que não o assustasse e o derrubasse.

Gweneth também não entendeu direito o que acontecera, no entanto sentiu que havia começado e não teria mais volta. Sentiu um calafrio e esperou sobreviver àquilo para depois ter o que contar.

Os homens avançaram quase trezentos metros antes de serem recepcionados por lanças que foram ao encontro todas as partes desprotegidas de seus corpos. Uma armadura, ou roupas de cota de malha teriam evitado que fossem alvos tão fáceis. Gael queria lhes dar um recado para retroceder. Mostrar-lhes que não eram páreos e tampouco estavam equipados para combater um exército devidamente treinado e paramentado. No entanto, ao verem os seus tombarem, aqueles que não foram atingidos, continuaram, correndo em direção ao numeroso exército de Heldroch.

— Temam os homens que nada têm a perder — Gael disse a si mesmo, ao vê-los avançar e pediu que os escudos fossem reforçados, e mais lanças fossem lançadas.

Wilkins assistiu à cena de longe e imaginou que o duque e o jovem cavaleiro haviam tido tempo suficiente para retornar ao reino e preparar uma recepção digna. Não se assustou com isso, afinal a partir do momento em que não conseguiu vencê-los no vale, soube que perdera a vantagem que possuía. Em sua cabeça, porém, nem passava a possibilidade de desistir. Ainda tinha Gweneth ao seu lado e ela seria seu escudo, caso precisasse.

Ficou satisfeito por ter desconfiado da informação do batedor. Esperaria que os homens chegassem à primeira fileira, investindo contra aqueles que carregavam os escudos. Assim que abrissem uma brecha, ele

daria a ordem para as demais fileiras e todos se lançariam ao combate.



— Espero que Leishter tenha conseguido — Eudine comentou com o duque, quando se aproximavam da floresta.

— Leishter integrou muito bem a equipe, porém, se dá muito melhor agindo sozinho. Então, não se preocupe — o duque falou apenas o que acreditava e acabou por tranquilizá-la.

Hank estava atento. Não podiam se aproximar demais na hora errada. Caso contrário, em vez de surpreender, seriam surpreendidos. Por isso, ditou o ritmo dos cavalos, fazendo com que passassem a cavalgar mais devagar. O terreno não era o melhor para um embate, portanto, era preciso todo cuidado possível.



Com surpresa, Gael viu os sobreviventes continuarem correndo e atingir a primeira fileira de seu exército. Mesmo melhores equipados, os homens não conseguiram impedir que fosse aberto um rombo quando três escudeiros foram atingidos. Foi o bastante para os demais homens dirigirem-se ao mesmo ponto, desferindo golpes a esmo, cegos por uma fúria medonha.

Também foi o necessário para Wilkins dar a ordem para que todas as fileiras fossem de encontro aos comandados por Gael. Ele próprio procurou o comandante e fez seu cavalo seguir na direção dele.

— Desfazer a formação — Gael ordenou e os escudeiros abriram, deixando os homens sem resistência para entrarem no seio do exército e serem acertados por lanças ou combatidos pelos melhores espadachins do reino. Também viu o príncipe e desembainhou sua espada, saindo das últimas fileiras e passando de cavalo por onde seus homens se digladiavam com os seus oponentes.

Wilkins também tirou sua bainha da espada, cavalgando de encontro a Gael. Iria fazê-lo engolir todas as ironias que lhe dedicou durante tanto tempo. Os dois cavaleiros aumentaram a velocidade de suas montarias e, quando finalmente ficaram lado a lado, o encontro entre as suas espadas foi tão fortes que além de produzir faíscas, ambos caíram do cavalo com o impacto da pancada.

Da mesma forma, ignorando a queda, como se não a tivessem sentido,

levantaram-se imediatamente e Wilkins partiu para cima de Gael, impedindo que qualquer outro se aproximasse dele. Os dois homens começaram a desferir golpes violentos. Gael acreditava que se vencesse Wilkins colocaria fim ao embate. Wilkins lutava ciente de que se o ferisse, todo o exército de Heldroch esmoreceria. Gael era uma lenda. Feri-lo ou matá-lo o transformaria em um Deus.



Foi tudo tão rápido que Gweneth não entendera direito. A menos de cem metros, homens de seu exército combatiam ferozmente com o povo da mina. Estavam tão cegos que não viam, nem ouviam qualquer ordem a não ser de seus respectivos comandantes. Era o seu exército e aquele povo só estava ali porque ela os convencera. Por isso, sentiu-se na necessidade de fazer algo a respeito. Porém, percebeu-se prisioneira daqueles que a escoltavam, quando tentou se aproximar e foi acintosamente impedida.

Emma ao lado da princesa via a batalha com o mesmo assombro. Conhecia aqueles homens há anos e não podia compactuar com suas mortes sem fazer nada. Garth percebeu sua intenção e aproximou seu cavalo daquele em que Emma estava montada.

— Não irão ouvi-la — avisou.

— A ela não, mas a mim, com certeza — a princesa intrometeu-se na conversa, antes de ignorar a ordem dos cavaleiros, responsáveis por mantê-la longe dos embates, e disparar em direção ao campo de batalha, sem que os homens pudessem impedi-la.

Emma aproveitou da surpresa de todos para fazer o mesmo, seguindo-a. Coube aos três homens, com seus cavalos tentarem alcançá-las. Os dois primeiros, porque Wilkins os mataria se soubessem que não conseguiram cumprir uma ordem simples e o terceiro, desejando proteger Emma de sua própria inocência, visto que aqueles homens estavam cegos e se mostrariam surdos aos apelos em favor da paz.

Gweneth trazia a esperança de que, assim que seus súditos a vissem, o combate chegasse ao fim. Afinal, seu desaparecimento fora o que motivara todo aquele derramamento de sangue. Emma, por sua vez, tinha a intenção de ajudá-la, chamando seu povo à razão.

Gael estava levando vantagem na luta e muito próximo de derrotar Wilkins. Já o havia ferido no braço e por bem pouco não o fizera largar a

espada. Não queria matá-lo, e sim aprisioná-lo, fazendo dele um exemplo para todos aqueles homens que lutavam em seu nome. Estava concentrado em subjugá-lo, quando viu a princesa. Ela cavalgava em direção ao centro da luta e a chance de ser ferida pelo próprio exército era enorme. Este momento de distração foi o único que Wilkins precisava. Gael tirou os olhos dele por segundos e não foi rápido o bastante para impedir o golpe que o atingiu no flanco esquerdo.



Hank e os demais cavalgaram em direção ao embate. Eudine se desesperou ao ver o ato de Gweneth. Mais um pouco e a teriam alcançado, antes que ela tomasse aquela decisão. Eudine fez com que seu cavalo fosse o mais rápido que podia, pois Gwen estava desarmada e era um alvo fácil.



— Finalmente, Gael. Olhe para o homem que vai matá-lo — Wilkins gritou, assim que Gael sentiu o golpe e quase soltou a espada.

— Não hoje — Gael, mesmo sentindo dor, conseguiu se esquivar do golpe de Wilkins e o acertar na sequência, fazendo o cair. Agora ele que poderia lhe dar o golpe certo.

Porém, seus olhos buscaram a princesa. Viram o momento em que o cavalo em que estava foi alvejado por uma lança, fazendo com que caísse. Manteve a espada apontada para Wilkins e viu uma mulher apeando para ajudar a princesa. Porém, a jovem ficou imóvel por um tempo. Gael temeu que a própria tivesse sido atingida também. Afinal, como diria ao rei que o próprio exército a feriu? Viu a mulher se debruçar sobre ela e tentá-la acordar.

Abandonando aquela cena, percebeu alguns cavalos seguiam na direção de onde caíra. Primeiro eram três, dois homens de Wilkins e outro que se vestia como os homens que combatia. Outros cavalos mais distantes os seguiam. Estavam longe, mas não tanto a ponto de não reconhecer Eudine.

— Eudine! — não conteve a exclamação e os olhos de Wilkins também brilharam ao ouvir o nome da jovem dama. Reconheceu que Gael também não a tinha em conta. Não soube dizer se se surpreendeu mais ao vê-la no campo de batalha, ou ao perceber que homens de Nerthynd caminhavam atrás deles — E o seu exército, lutando do nosso lado. Parece

que será seu fim e o da horda que chama de exército.

— Poupe minha vida — Wilkins implorou, chamando atenção do antigo chefe de armas — É uma guerra. Posso acertar a jovem Eudine por engano... — propôs e se surpreendeu quando Gael foi baixando a espada. Não só deixou que se erguesse como também que apanhasse sua espada.

— Atinja-me — ordenou entre os dentes e Wilkins entendeu que ele concordara com sua proposta, no entanto era preciso fingir, já que Eudine havia sido anunciada como a próxima rainha de Heldroch.

Em posse de sua espada, o príncipe sorriu para Gael. No entanto, ao contrário de seu pedido, não fingiu. Atingiu Gael com tanta força na perna que o viu desabar no chão, sentindo o sangue escorrer pelo profundo ferimento que lhe provocara.

— Muito obrigado, capitão — afastou-se, caminhando em direção à princesa.



— Reaja, princesa — Emma deu tapinhas em seu rosto para que ela acordasse.

Gweneth demorou um pouco reagir. Bateu a cabeça ao cair e a sentia latejar. Estava tonta ao abrir os olhos.

— A culpa é minha — balbuciou — Preciso dar um fim a isto — conseguiu dizer e viu Emma oferecer-lhe a mão para ajudá-la a sentar-se. As duas estavam desarmadas em meio a diversas lutas simultâneas.

Um soldado de Heldroch reconheceu a princesa e desferiu um golpe fatal no homem com o qual lutava para ir a seu auxílio.

Leishter acreditava que a princesa estava segura até vê-la desobedecer aos homens que a guardavam e disparar em direção ao embate. Desesperou-se porque, até então, ele os acompanhara de longe, esperando o melhor momento para resgatá-la. Descobriu, tarde demais, que os melhores momentos eram aqueles nos quais decidíamos agir. Se tivesse se revelado, poderia ter tirado a princesa das mãos dos homens de Wilkins, evitando tudo aquilo. Quando viu sua queda, teve certeza de que precisava reparar seus erros até ali e garantir sua segurança. Por isso, puxou as rédeas do cavalo com força e o fez correr o mais rápido que podia.



Garth foi o primeiro a chegar onde Emma e a princesa estavam. Apeou rapidamente e foi até elas.

— Está bem? — dirigiu-se a Emma.

— Sim, preciso que me ajude a tirar a princesa daqui — pediu.

Garth atendeu ao seu pedido, porém, quando foi ajudar a princesa a se levantar, o soldado de Heldroch achou que ele a atacaria e investiu contra ele. Garth conseguiu se esquivar do golpe e rolou, apanhando uma espada. Não teve tempo para explicar que não eram inimigos e que tinha intenção de ajudar a princesa.

Emma ficou aflita, dividida entre ajudar a princesa e pedir que os homens auxiliassem Garth. Mesmo que seu coração pendesse para Garth, optou por ajudar a princesa e a ajudou a se sentar.

Os dois homens de Wilkins foram os próximos a alcançá-las. Emma havia conseguido fazer com que Gweneth se levantasse e a estava escorando.

— Desculpe-me, Emma — a princesa pediu ofegante — Eu errei. Deveria ter te ouvido. É um grande erro esse embate.

— Deixe para se desculpar depois — Emma pediu, tentando levá-la em direção aos homens de Wilkins que seria mais seguro do que ficar onde estavam — Agora é preciso que...

Não conseguiu terminar a frase porque Wilkins a feriu pelas costas, fazendo com que caísse, levando a princesa junto de si, já que esta não tinha firmeza para se sustentar sozinha.

Foi o grito de Gweneth que fez Garth perceber o que havia acontecido e foi sua tristeza ao não ter cumprido a promessa de proteger Emma que o fez desferir um golpe mortal no soldado com quem combatia. De longe viu, Wilkins empurrar o corpo de Emma com os pés, para apanhar a princesa.

— Nossa aliança acabou — Wilkins informou a mulher que agonizava, tendo a boca cheia de sangue.

A intenção de Garth foi chegar até Wilkins, mas bastou ele perceber sua presença para fazer um gesto para os soldados que lhe eram fiéis detê-lo.

Wilkins levantou a princesa de modo brusco e começou a se afastar com ela.

O plano de Leishter de chegar à princesa falhou no momento em que foi derrubado de seu cavalo, tendo primeiro que garantir a própria sobrevivência para ajudá-la.



De onde estava, Eudine viu Wilkins se distanciar com a princesa. Como não era possível continuar de cavalo, apeou. No entanto, não conseguiu ficar indiferente à mulher ferida, principalmente depois de ver o modo covarde como fora atingida. Deteve-se para ver como estava. Quando se debruçou sobre ela, houve algo naquele olhar que a fez congelar. Primeiro, achou-a familiar, depois pensou que estivesse imaginando coisas. Com cuidado apanhou a cabeça da mulher cujos olhos se encheram de lágrimas assim que a viram.

— Eudine! — Emma a reconheceu.

— Nós nos conhecemos? — Eudine fez uma pergunta retórica, pois tinha certeza da resposta.

— Nunca esqueceria a minha única filha — Emma disse de uma vez, chocando-a.

— Mãe? — Eudine foi tomada por um leve tremor, incapaz de acreditar, não que ela fosse sua mãe e sim que a reencontrasse naquela situação. Então, naquele momento, sentiu todo medo que a ansiedade não permitira. Sua mãe, a mulher a quem prometera não se esquecer, estava diante dela e ferida gravemente. Não era justo reencontrá-la naquele momento, muito menos daquela forma.

— Eu sinto muito — sua expressão deixou claro o quanto o ferimento estava doendo — A culpa foi minha.

— Não fale... Poupe-se — Eudine pediu — Deixe-me tirá-la daqui.

— Não agora. Queria dizer que jamais desisti de você — Emma continuou — Todo este tempo eu quis me aproximar e cheguei a estar diante de você, mas estava com a rainha e a princesa, não me reconheceu...

Eudine sentiu a boca secar. Estava ávida por detalhes e, ao mesmo tempo, sabia que o mais recomendado era que ela ficasse em silêncio e fosse retirada dali. Estava tão absorta com o reencontro que não percebeu a aproximação de um dos homens de Wilkins. O soldado, aproveitando de sua distração, ergueu a espada para acertá-la e só não a feriu porque, no exato momento, Drystan bloqueou o golpe com sua espada.

Com o tilintar das espadas, Eudine chegou a se encolher e, ao olhar para cima, viu o duque fazer o homem recuar com uma sequência de ataques. Sua tristeza era tão grande que não importaria se fosse atingida.

— Fico feliz com a mulher que se tornou — a voz de Emma fez com que voltasse à realidade.

Hank também veio em seu auxílio e mal apeou teve que se defender.

O homem, que combatia com Garth, voltou-se contra ele e por um bom tempo ficou lutando contra os dois, mostrando experiência naquele tipo de combate.

— A princesa — Emma lembrou-se — Wilkins é um monstro... Vá!

— Não posso deixá-la agora — Eudine se recusou — Nunca a deixei... Não me recordava de seu rosto, porém, jamais me esqueci de seu amor.

— Por favor, vá. Um Santê nunca abandona as pessoas que ama — sua voz estava bem mais baixa — A princesa precisa de você.

— Você precisa de mim — Eudine rebateu.

— Preciso que me escute — sussurrou, cada vez mais fraca e quando Eudine inclinou-se para ouvi-la melhor, depositou um beijo no rosto da filha — Agora vá. Ajude a princesa — Emma insistiu.

Eudine resistiu muito a atender ao pedido, uma vez que havia encontrado sua mãe, como poderia deixá-la ali? Por outro lado, notou que sua hesitação em ir, fazia com que ela ficasse ainda mais aflita. Para não aumentar a dor que ela estava sentindo, decidiu ir atrás da princesa.

— Eu volto — prometeu e, antes de depositar sua cabeça com todo cuidado no solo, deu-lhe um beijo na testa, seguindo na direção em que Wilkins havia ido.

Assim que Eudine saiu, Garth aproveitou que Hank estava conseguindo deter o homem para abandonar o duelo e ir até Emma. Ajoelhou-se ao lado dela, e apoiou sua cabeça para que ficasse confortável, como se isto fosse possível.

— Garth — já estava muito cansada.

— Não se esforce — pediu.

— Eu vi minha filha — continuou, contrariando-o — Estou feliz, ela nunca me esqueceu...

— Você é inesquecível, Emma — sorriu-lhe tristemente — Seria impossível que a esquecesse.

— Cuide bem do povo da mina...

— Você cuidará deles — a voz de Garth disse saiu embargada.

— Mudei meu destino a me fixar em um lugar — ela lhe retribuiu o sorriso triste — Só que hoje não voltarei para casa.

Garth chorou ao notar que ela estava certa. Limpou seus lábios que estavam carmesins por conta do sangue e logo ficariam roxos.

— Diga... Para... Eudine... — cada palavra era um esforço gigantesco

— Que eu a amo.

— Eu farei isso — prometeu — Embora ela já saiba.

— Aproxime-se um pouco — ela pediu, após gemer de dor.

Preocupado, Garth fez o que ela pediu e foi surpreendido por um beijo tenro em seu rosto. Ele fechou os olhos e, por alguns segundos, viu-se longe dali, feliz ao lado da mulher a quem aprendera a amar e a quem nunca conseguiu declarar seus sentimentos.

E este foi o último ato que Emma Santê realizou antes de fechar os olhos para não mais abri-los.



Eudine nem viu o que a atingiu ao passar por uma árvore, apenas sentiu o golpe e foi arremessada para trás.

— Você é muito previsível, Eudine. Sabia que viria atrás de sua irmãzinha. Detalhe: Vocês não são irmãs — o príncipe foi se aproximando enquanto ela ainda estava deitada no solo — Como é patética, nem precisei usar minha espada para abatê-la — caminhou ao seu lado. Atingira a jovem com um soco em cheio no rosto, levando-a a nocaute. Se não estivesse impactada com o estado de sua mãe, teria ficado mais alerta.

Wilkins se debruçou sobre ela e a ergueu, segurando-a pela roupa.

— Vamos, mostre-me se sabe mesmo lutar ou se só vestiu esta roupa para ser mais interessante quando arrancá-la de você.

— O que fez com a Gwen?

— Preocupe-se com o que vai te acontecer — Wilkins pronunciou muito perto de seu ouvido, passando a língua na orelha dela, provocando-lhe asco — Tem, pelo menos, uma espada? — ele zombou?

Eudine tentou alcançar a espada, mas do modo que estava sendo segura não conseguiu. Wilkins riu e a soltou.

— Pronto. Sua chance de me mostrar do que é capaz — fez pouco caso e Eudine, uma vez livre, apanhou rapidamente a espada e desferiu um golpe forte contra ele. Wilkins o bloqueou, demonstrando sua surpresa, já que não imaginava que ela soubesse manejar uma espada. Ao mesmo tempo, gostou, porque achou que a lição seria ainda melhor. Eudine se lembrou de sua mãe e desferiu golpes um atrás do outro, só que o príncipe ora se desviou, ora bloqueou seus ataques.

Wilkins esperou que ela fizesse mais uma sequência de golpes para

contragolpeá-la, fazendo com que andasse três passos para trás, quase sem conseguir se defender.

Eudine se recordou do que Hank havia lhe ensinado e percebeu que estava fazendo tudo errado. Se continuasse assim, sem pensar, ficaria cansada e seria atingida. Por isso, mudou sua postura. Conseguiu se defender e respirou fundo, esperando que ele tomasse a iniciativa. E, então, mais uma vez, foi como se ouvisse seu mentor. Em vez de tentar se igualar a ele na força, o que era impossível, começou a usar o fato de ser menor e mais rápida. Assim, conseguiu se esquivar de um golpe e o feriu no ombro, depois, a mesma coisa, ferindo-o no braço direito e na sequência, diante de um príncipe estupefato, ela o feriu no braço esquerdo.

Quando Wilkins percebeu Eudine em vantagem, apesar de ser muito menor e mais frágil que ele, bloqueou seu golpe e a empurrou, para ter tempo de escapar até onde havia deixado Gweneth.

Eudine o seguiu, mas quando se encontrou com ele novamente, ele trazia a princesa como refém. Como se ela fosse um escudo, Wilkins a posicionara diante de seu corpo e segurava em seu pescoço.

A tontura, que a impedira de fugir ao ficar sozinha, finalmente passara, mas, naquela situação, Gweneth nem pôde demonstrar o quão estava feliz em vê-la, mesmo estando surpresa em vê-la paramentada como um dos soldados de seu reino.

— Se não quiser que a princesa morra, vai largar sua espada e se render — ameaçou ofegante. Considerava imperdoável o fato de não ter conseguido feri-la uma vez sequer.

Gweneth se lembrou do punhal. Estava preso em sua perna, escondido embaixo da saia pesada do vestido, mas para apanhá-lo, era preciso se debruçar um pouco. Para não chamar atenção para o que fazia, a princesa fingiu perder os sentidos e deixou o corpo cair para frente. Eudine assustou-se ao vê-la quase desabar. Só não o fez porque Wilkins, que também não esperava aquilo, segurou-a pela cintura. O súbito mal-estar foi o bastante para conseguir apanhar o punhal e mantê-lo seguro, longe das vistas do príncipe.

— Eudine, faça o que ele pede — fingindo-se ainda debilitada, ela olhou para a jovem — Renda-se. Você se recorda? Disse-me que a única coisa que aprendi jamais salvaria minha vida. Pois, bem, acho que devemos reconhecer a derrota e demonstrar nosso respeito.

Eudine teria achado que a princesa estivesse delirando, se não fosse por dois motivos, porque Gweneth a chamara de Eudine de propósito, visto

que preferia tratá-la por Dimm e porque sabia exatamente ao que ela se referia.

— Isto, Eudine, renda-se. Demonstre seu respeito — Wilkins disse alheio à troca de olhares entre as duas.

Gweneth ergueu a sobancelha e Eudine se preparou.

— Se é assim tão difícil, eu te ensino — Gweneth continuou e Wilkins afrouxou a pegada, deixou-a livre, mas perto de si, para que pudesse lhe fazer uma reverência. Ela se curvou e, segurando o punhal com toda a força que possuía, enterrou-o na perna do príncipe. O homem urrou e a soltou de vez.

Eudine aproveitou o espaço que a princesa lhe deu e sem hesitar aproveitou a única chance que tinha, segurou a espada pela bainha e, como se fosse uma lança, atirou-a contra o príncipe.

A espada passou a centímetros das costas de Gweneth e acertou o peito de Wilkins. O príncipe arregalou os olhos surpreso, soltou a espada que ainda segurava, para colocar as duas mãos sobre o ferimento. Gweneth, refeita do susto, aproveitou para correr até onde Eudine estava e junto dela observarem o príncipe.

Eudine imaginou que ele fosse tirar a espada de seu peito e tentar investir contra elas. Porém, o que se viu em seguida foi o príncipe encostar-se à árvore e ir deslizando, até ficar sentado. À esta altura, não apenas a sua mão, mas também a sua boca estavam cheias de sangue.

Eudine ficou paralisada por alguns segundos, pois aquilo superava em muito os simples treinos. Assistir a vida se esvaindo do corpo do arrogante príncipe de Nerthynd e saber-se responsável por isso, causou-lhe um impacto. Só foi despertada de seu estado de torpor, pelo abraço de Gwen.

— Perdão — a princesa pediu.

Eudine a abraçou, sem mágoas. Porém, outra coisa estava em sua cabeça, precisava retornar, ver sua mãe. Ela havia sido ferida gravemente e precisava de ajuda. Por isso, afastou-se da princesa, deu as costas ao príncipe e, mesmo sendo arriscado voltar para o campo em que se desenrolava a batalha mais pesada, com Gweneth a segui-la, caminhou em direção ao local onde Emma havia caído.

Leishter percebeu o exato momento em que Wilkins acertaria a princesa pelas costas e gritou. A princesa se esquivou do golpe, dando tempo para que Leishter agisse e atirasse um punhal que trazia, acertando o príncipe na altura da testa. Deste golpe ele não se recuperou, tombando de uma vez

por todas.

Quando Eudine se aproximou, Garth chorava sobre o corpo de Emma. E, então, ela que precisou se apoiar na princesa, pois sentiu suas pernas fraquejarem. Garth apanhou o corpo de Emma, tirando-o do chão e gritou, chamando a atenção de seu povo.

— Emma Santê está morta. O príncipe Wilkins a matou!

Demorou um pouco para que entendessem. Mas, uma vez que o fizeram, os homens da mina foram largando as armas e se rendendo. Coube a Hank ordenar que os homens de Heldroch também parassem de atacar. Os últimos aliados do príncipe pensaram em resistir, entretanto desistiram, quando viram Leishter arrastar o corpo sem vida do herdeiro de Nerthynd.

Assim que o homem com quem lutava jogou sua espada em rendição, Drystan se preocupou com Eudine. Ao escutar o nome, entendeu exatamente quem era aquela mulher. Atravessou o campo para encontrá-la. Abraçou-a e Eudine chorou em seu ombro. Naquele momento, não era a herdeira de Heldroch, nem a dama guerreira destemida. Era apenas uma jovem que sentia mais uma vez a perda que sempre lhe acompanhara.

O embate chegara ao fim, antes que fossem perdidas mais vidas, porém, não havia vencedores.

Hank ordenou que fosse dada prioridade a todos os feridos, fossem de Heldroch ou não todos receberiam os cuidados no reino. Entre estes estava Gael. Além disso, fez questão que os mortos também fossem recolhidos, para que recebessem as homenagens póstumas a que tinham direito.

Depois de muitas horas caminhando, a chegada do exército em Heldroch parou o reino e todos saíram às ruas para verem vencedores e vencidos, embora não fosse possível apontar quem era quem. Eudine estava inconsolável e nem mesmo a companhia de Drystan conseguia mudar esse fato.

Cédric estava tão nervoso que se sentiu mal, momentos antes de abraçar sua filha. Contou com a ajuda de Avrill para se recompor e ir ao seu encontro.

Quando a teve em seus braços, manteve sua filha em um abraço apertado. Depois fez questão de agradecer a todos que tinham trazido a princesa para casa. Só não viu Eudine porque ela se recolheu, cansada demais e sem motivos para comemorar.

Hank surpreendeu Kim ao recepcioná-la com um abraço e um beijo. Na sequência, sem lhe dar tempo para se refazer da surpresa, pediu que fosse

sua esposa, deixando-a com os olhos mais marejados do que ao vê-lo retornar a salvo daquela empreitada.



Rainha

EPÍLOGO

A maioria dos deuses joga dados, mas o destino joga xadrez, e você não descobre até que seja tarde demais que ele estava jogando com duas rainhas o tempo todo – Terry Pratchett

Um Mês Depois

Assim que as coisas voltaram ao normal, a primeira coisa que o rei Cédric fez foi ir à Nerthynd para demonstrar que, mais do que nunca, aquele reino era seu aliado e estava sob sua proteção. Era esta uma maneira de deixar claro que, qualquer um que quisesse usurpar o trono enfrentaria o exército de Heldroch. Aproveitou a visita para convidar a rainha Meryl para a coroação de Eudine.

Segundo os estatutos do reino, apenas outro rei ou uma rainha poderia desfazer uma determinação real. Assim, era preciso que ela subisse ao trono

para devolvê-lo à Gweneth.

Eudine passou a manhã inteira de sua coroação no campo onde sua mãe havia sido enterrada. Gweneth cumpriria o que prometera e a mina seria fechada logo que fosse rainha. Ela cederia terras em que pudessem construir uma vila que seria incorporada às vilas, vilarejos e cidades que viviam sob a proteção de Heldroch.

— Eu me contentarei em ser duquesa — Eudine confessou à princesa, quando conversaram sobre a situação.

— Dimm, em pensar que você não desejava vê-lo nem coberto de ouro — Gweneth lembrou bem-humorada — E no final das contas, o homem nunca chegou perto de ser o velho esquelético no qual apostara.

— Não estou com o duque apenas pela aparência — Eudine protestou e Gweneth sorriu sem acreditar — Tudo bem, ele é o homem mais bonito que conheço — admitiu — Porém, é também o mais honrado — explicou, antes de mudar de assunto — Por que acha que Leishter ainda permanece no reino, agora que foi perdoado?

— Porque eu pedi — Gweneth envergonhou-se de revelar e foi a vez de Eudine sorrir maliciosa — Não, não é nada disso — a princesa falou apressadamente — Acho que ele merece ser reconhecido diante de todo o povo — tentou se explicar, mas não convenceu Eudine que preferiu se calar a contestá-la.

A cerimônia de coroação ocorreu à noite. Na mesma noite em que atingia a maioridade, ou seja, quando fizera dezoito anos. O salão principal foi aberto para todos os súditos e nunca foi tão concorrido. Todos queriam ver a dama que virara rainha.

Eudine estava toda de branco, uma roupa feita especialmente para ela, luxuosa, por ser feita com os melhores tecidos, contudo diferente dos vestidos que eram confeccionadas para rainhas e princesas. A saia tinha uma armação, mas muito menor daqueles que vira, por várias vezes, Gweneth usar. Os cabelos negros estavam presos e eram enfeitados com uma tiara cravejada de diamantes. Se fosse por sua vontade, estaria com eles soltos. Porém, concordou em, pelo menos uma vez, seguir as convenções.

Ao vê-la entrar no salão principal em direção ao trono, o Drystan orgulhou-se. Ela haveria de estar linda daquela forma quando se tornasse a duquesa de Gunther. Ele também estava muito bonito, usando as cores do seu ducado e, totalmente recuperado das lesões sofridas, movimentava-se com a elegância e firmeza que encantaram Eudine, quando ela o viu pela primeira

vez.

O rei Cédric, tendo a seu lado a princesa Gweneth, também se orgulhou de Eudine. Depois de todo ocorrido, aprendera a gostar dela do mesmo jeito que Maeve gostara, deixando claro que as mulheres de sua família tinham mais razão do que ele. Aproveitou também para pedir perdão à Eudine, reconhecendo que a culpa por ter sido tirada de sua família fora dele.

Assim, quando a caminhada chegou ao fim, e ela atravessou todo o salão principal em direção ao trono, o rei Cédric fez do mesmo modo que faria se estivesse passando a coroa para sua filha: beijou-a na testa e substituiu a tiara pela coroa do reino. Segundo o protocolo, algumas criadas lhe colocariam uma capa, cujo fecho era o brasão do reino e também das mãos do rei, receberia o cetro que em Heldroch significava o controle sobre o exército. Ou seja, o poder de decidir quem estaria à frente deste.

O rei Cédric havia perdoado Gael, livrando-o da cadeia. Porém, deixara claro que ele não voltaria a comandar o exército. Logo depois da coroação de Gweneth, seria destituído oficialmente. Ninguém soubera de sua traição no campo de batalha. Imaginavam que Wilkins subjugara o melhor cavaleiro do reino. Só Gael sabia o quê havia acontecido e não conseguia esquecer. Pois, graças ao golpe recebido do príncipe, ficara com uma sequele: daquele dia em diante não deixaria de mancar.

Eudine quebrou a convenção recebendo a capa de Kim e o cetro de Hank. Orgulhava-se de tê-los juntado e queria que fizessem parte daquele momento. Deixando claro a todos que assistiram a cena, o quanto eles eram importantes para ela.

Leishter assistiu a tudo, impressionado com o poder que emanava da jovem. Entendia o motivo pelo qual o lado de fora do castelo estava repleto. Havia tantas pessoas que não conseguiram entrar no salão que Eudine fez questão de ir até a sacada do quarto do rei e aparecer diante de todos, já coroada.

Mais uma vez ela se impressionou diante de tantas pessoas. Bastou que a vissem, para todos, sem exceção, homenagearem-na com uma reverência. Eudine ficou arrepiada ao ver o movimento que lembrou as ondas de um mar. Nunca dera valor àquelas convenções, no entanto entendeu que aquela era a forma de o povo demonstrar muito mais do que o respeito que lhe devotava, mas também que ela representava a esperança de novos tempos. Ainda que soubessem que ela não permaneceria no trono, acreditavam que a

princesa Gweneth, tendo crescido com ela, comungava de seus gostos e ideais.



Eudine permaneceu rainha por exatamente três meses. Foi esse o tempo que pediu que Drystan permanecesse no reino. O duque precisava retornar para Gunther, pois já estava há muito longe.

— Por favor, senhor meu duque — Eudine o provocou.

— Senhora, minha rainha. Isso é um pedido ou uma ordem? — questionou bem-humorado, quando ela pediu que ele ficasse até que ela passasse o trono para Gweneth.

— Considere uma intimação — Eudine respondeu e ele sorriu.

— Sim, senhora minha rainha. Acatarei a ordem. Porém, não ficarei um dia a mais — ele avisou.

Mesmo que Gweneth não fosse tão popular, a cerimônia foi tão linda quanto a de Eudine e foi muito concorrida também porque Eudine pedira que todos estivessem presentes e apoiassem a rainha Gweneth que seria tão boa rainha quanto fora Maeve.

A lembrança da rainha mais querida que tiveram e um pedido feito por Eudine foram o suficiente para que os súditos voltassem para ver a coroação. A data fora escolhida também para coincidir com o aniversário de dezoito anos de Gweneth.

Diferente de Eudine, porém, a nova rainha fez um grandioso baile. Todos os príncipes solteiros de outros reinos e os rapazes de Heldroch reservaram uma dança. A única pessoa com quem queria dançar não o fez. Leishter observou-a de longe durante toda a noite.

Ele estava mudado. Nesta noite em especial havia perdido muito tempo preocupado com a própria aparência. Algo que antes, não tinha a menor importância. Agora, no entanto, não queria parecer desleixado diante dela.

Porém, a vira ao lado de homens que podiam lhe oferecer muito mais do que ele. Homens que tinham nobreza e que estavam à altura dela. Sentiu-se tolo. Afastou-se, passando a assistir o baile do andar superior do castelo, de onde não pudesse ser visto.

Eudine não gostava muito de bailes e se retirou com o duque na primeira oportunidade que teve. Agora finalmente poderia ir com ele para o

ducado e lá se transformar em sua mulher. Avrill e o rei também se recolheram, antes que o baile chegasse ao fim.

Assim, sem estar diante de pessoas que pudessem lhe cobrar alguma explicação, a rainha Gweneth escapou dos olhares de tantos convidados e foi encontrar Leishter que se mantivera mais afastado.

— Rainha? — ele se mostrou surpreso em ser descoberto e lhe fez uma reverência.

— Gweneth — ela o corrigiu e o impediu que continuasse a reverência — Como não reservou sua dança... — fez um gesto, deixando claro que esperava que ele a tirasse para dançar.

— Podem nos ver — Leishter hesitou.

— Teme olhares? — perguntou petulante e não se surpreendeu quando ele a enlaçou, com firmeza e trouxe seu corpo para junto do dele, mantendo uma de suas mãos em sua cintura e, aproveitando a música que enchia o salão no andar abaixo, começar a conduzi-la.

Faltaram palavras aos dois, sobraram olhares. Ele a desejava. Na verdade, desde que a apanhara na mina. Ela o queria e não precisava falar para deixar isso claro. Seu corpo fazia questão de dar estes sinais para ele. A proximidade fazia com que se tornasse mais impetuosa do que era e gostava de quem era, quando estava perto dele. Admirava-o não por quem tinha sido, e sim por quem havia se tornado. Ergueu o rosto para olhá-lo e aquilo foi o bastante para que Leishter desse ouvido à sua natureza. Sem titubear inclinou-se e beijou-lhe os lábios. Gweneth parou de dançar e o abraçou, correspondendo ao beijo. A rainha fechou os olhos e Leishter os abriu devagar. Devagar também se afastou dela.

— Amanhã, após a cerimônia, irei embora — informou, deixando-a chocada.

— Por quê? — não entendeu.

— Porque isso aqui não é o meu mundo — passou a mão sobre o traje impecável — Este não sou eu.

— Esse beijo... Eu pensei que...

— Sim, pensou certo. Porém, qual a possibilidade de um ladrão e uma rainha ficarem juntos?

— Você salvou a minha vida e não é mais um ladrão.

— Em todo caso, você continuará a ser uma rainha — ele se afastou ainda mais — E deverá encontrar um jovem príncipe que há de fazê-la feliz.

— Leishter, eu não quero um jovem príncipe... — protestou.

— Eu sinto muito — ele a olhou e fez-lhe uma reverência — Rainha. Volte para os seus convidados — pediu, antes de dar as costas e deixá-la.



Deveria ser uma homenagem, porém, havia um clima de tristeza no ar. No dia seguinte, Eudine e Drystan iriam para o ducado e Leishter deixaria o reino, quando caísse a noite. Gweneth tentou não pensar nisso, caso contrário sua voz falharia. Olhou para o pai e aprovou que estivesse de mãos dadas com lady Macge diante de todos os súditos. Nunca o vira tão feliz e esta felicidade tinha muito a ver com ela.

Em vez de ser no salão principal, o evento fora em local aberto, para que todo o povo pudesse acompanhar.

— Como rainha de Heldroch, tenho o prazer de conceder condecorações àqueles que se destacaram pela bravura, defendendo o nosso reino. Gostaria de chamar, Hank Sallinger, Drystan Ash e Errol Leishter.

Os três homens caminharam lado a lado até ficarem diante da rainha. Gweneth levantou-se do trono e aproximou-se primeiro de Hank. Uma dama aproximou-se segurando uma bandeja. Gweneth apanhou a condecoração e prendeu-a na roupa de Hank, acima de seu coração.

— Por sua bravura e lealdade! — repetiu a fórmula tradicional e o povo aplaudiu.

Fez a mesma coisa com o duque. Olhou para Eudine, como se pedindo licença para tocá-lo.

— Por sua bravura e lealdade! — novamente a salva de palmas.

Caminhou até Leishter, incapaz de tirar seus olhos dos olhos dele.

— Fique — sussurrou de modo que apenas ele ouvisse — Porque eu te amo — fez uma pausa, atrapalhando-se para prender a condecoração na roupa dele, sentindo seu coração bater acelerado — Por sua bravura e lealdade.

O povo não aplaudiu dessa vez. Ainda não haviam perdoado Leishter por todos os seus erros. Ele não se importou com isso, abalando-se muito mais com o pedido que ouvira.

Gweneth engoliu em seco, antes de dispensá-los. Fez uma menção honrosa a Gael que comandou o exército com maestria, só que a ele nenhuma condecoração foi conferida.

— Agora, gostaria de chamar Eudine Santê — a multidão explodiu

em aplausos. Gostavam muito da futura duquesa de Gunther. Eudine caminhou com segurança até Gwen e fez-lhe uma reverência, provocando um sorriso na rainha ao perceber que ela finalmente aprendera — Por tudo o que fez Eudine, por seu comprometimento, por sua dedicação, por sua crença desmedida e por jamais ter desistido de mim, eu a nomeio "Conselheira Oficial" de Heldroch. Suas opiniões serão como lei para mim e para toda a Heldroch — revelou, causando surpresa em todos, até no rei. Eudine lembrou-se de Igraine. Então, finalmente seria ouvida? Sorriu, satisfeita com o cargo recém-criado. Assim, não deixaria que Gweneth metesse os pés pelas mãos e jamais a deixaria se aproximar de outra pessoa como Wilkins.

— Será uma honra, rainha Gweneth — Eudine agradeceu.

— Além disso, falta a condecoração — Gweneth sorriu para ela e dama lhe trouxe a bandeja. Gweneth apanhou-a e com facilidade prendeu a condecoração do lado esquerdo do vestido que Eudine usava.

Eudine agradeceu mais uma vez, antes de se retirar do palco. Houve dança e festa para todo o povo. Leishter não mudou de ideia e, ao anoitecer, partiu, despedindo-se de quase todos. Não foi capaz de se despedir de Gweneth que dançava e se divertia com seu pai, como se fosse uma criança.

— Não vai se despedir dela? — Eudine, por conhecer bem o coração de Gweneth, questionou.

— Você não gosta de despedida porque sabe que elas machucam — foi a resposta que deu, demonstrando que a cada dia conhecia Eudine melhor — Se um dia a rainha precisar de mim, eu retorno.

E partiu.

À noite, Gweneth chorou ao descobrir.



Cédric beijou Avrill. Havia sido um dia maravilhoso, estivera com sua filha, a rainha, como se o tempo tivesse voltado atrás e em vez de lhe impor várias aulas de etiqueta, tivesse brincado mais com a filha, deixando claro que a amava. Algo que nunca explicitou, após a morte de Maeve.

Naquela noite sonhou com a rainha. E ela estava sorrindo e feliz. Naquela noite, a rainha o chamou para ir com ela e o rei Cédric não teve dúvidas em segui-la. Antes de seguir Maeve pelos jardins do castelo ainda balbuciou algo que acordou Avrill de seu sono leve. No momento, ela não deu muita atenção.



Gweneth chorou novamente ao se despedir de Eudine. Kim e Hank haviam vindo se despedir e a rainha fora a última a quem abraçou.

— O que será de mim sem você aqui?

— Eu a visitarei sempre — Eudine minimizou — E estarei no seu coração, como você estará no meu. E quando precisar de sua conselheira, eu estarei aqui — prometeu.

O duque ficou constrangido por interrompê-las, porém, precisava mesmo partir. Viu Eudine e Gweneth se afastarem como se fosse a coisa mais difícil a se fazer.

— Está roubando o maior tesouro de Heldroch — Gweneth disse-lhe entre lágrimas — Cuide muito bem dela, caso contrário passará de aliado a inimigo — falou em tom de brincadeira, mas o duque soube que ela falava a verdade.

— Seria roubo se eu não a tivesse conquistado — Drystan respondeu também em tom de brincadeira — Tenha certeza de que cuidarei como se disso dependesse a minha vida — Drystan prometeu — Porque depende — e quebrou o protocolo ao abraçá-la também — Esperaríamos o seu pai, se ele não estivesse demorando tanto. Despeça-se dele por nós — pediu, dando a mão para Eudine e a conduzindo até a carruagem.

O duque abriu a porta para que Eudine entrasse e a dama evitou olhar pela janela, quando a carruagem começou a andar.

— Logo estará de volta - Drystan apanhou sua mão.

— Estive tanto tempo negando e agora eu descubro — ela comentou, aceitando o afago.

— Descubra o que? — perguntou cúmplice.

— Lar é onde a gente cria raízes. Portanto, Heldroch é o meu lar, porque está enraizado aqui dentro do meu coração.



Avrill se desesperou quando não conseguiu acordar o rei. Pediu que chamassem o médico, embora tivesse certeza do que havia acontecido, negava-se a aceitar. Foi Balthar quem decretou que o rei morrera dormindo. Ele apresentara alguns indícios de cansaço, mas nunca ninguém suspeitou que fosse um dos sintomas do mal que o vitimou.

Aos prantos, Avrill foi procurar Gweneth e lhe contar o que acontecera. Gweneth se negou a acreditar e chorou ainda mais que a dama, sobre o leito

em que seu pai estava. Perdera em pouco tempo tudo: o homem que amava; sua única e melhor amiga e seu pai. O que mais lhe faltava acontecer?

— Ele disse algo, de madrugada — Avrill conseguiu se lembrar, quando parou de chorar — Algo sobre o Estatuto.

Gweneth não tinha cabeça para pensar em burocracia. Precisava avisar Eudine. Sem ela não conseguiria. Hank saiu em seu encalço.

— Balthar, peça para verificarem os estatutos do reino — ordenou entre lágrimas — E faça cumprir o que estiver lá.

O velho médico real cumpriu a ordem da princesa e, com a ajuda de um membro do conselho real, não foi preciso de muito para descobrir ao que o rei se referia. Cédric havia escrito de próprio punho uma lei e como esta não fora revogada por Eudine, teria que ser cumprida. Com ares graves solicitou a presença de Gweneth no salão principal e pediu que trouxessem Gael.

— Disse que não queria saber de burocracia, não hoje — Gweneth estava visivelmente abatida, ao entrar no salão principal.

— Pediu-me também que descobrisse sobre o que o rei queria dizer e que fizesse cumprir — sem querer, Balthar rebateu a jovem rainha. Fez-lhe sinal para que tomasse seu lugar e Gweneth hesitou em perceber que devia sentar-se no lugar que sempre fora reservada para o seu pai.

— E o que Gael faz aqui? — Gweneth sentia a cabeça doer, por isso não entendeu a presença de Gael em um momento tão importante para ela.

— Sinto muito, princesa, quer dizer, rainha — Gael não mentiu, afinal a notícia o abalara.

— A lei precisa ser lida, diante dos dois — Balthar fez suspense e fez com que Gael também se sentasse.

— Por favor, Balthar! Tenho um pai para enterrar — Gweneth batia com os dedos no tampo da mesa, recordando-se que quase nunca lhe era permitido ficar ali.

Balthar assentiu com a cabeça e, somente quando Gael se acomodou, fez um sinal para que o conselheiro lesse o documento. O rei começava registrando a data em que fora escrito, depois o seu nome, deixando claro que ele próprio havia redigido aquela ordem. Diante do olhar da rainha, pulou boa parte do conteúdo, indo para a parte mais importante.

— Se eu vier a faltar e a rainha não estiver casada, determino que seja desposada pelo chefe de armas Gael Rohen que deverá usar sua experiência no comando do exército para proteger o reino. Será mantida a autonomia da

rainha, exceto nas campanhas militares...

Gweneth e Gael demonstraram o mesmo espanto. Quando o rei escrevera aquilo, Eudine era a sucessora do trono. Porém, ele não citara nenhuma vez o nome de Eudine, o que anularia a lei.

Ao perceber que voltara a ser o homem forte do exército Gael não conteve o sorriso. Apesar de tantas reviravoltas, Igraine nunca falhava e seu pedido havia sido mantido. De uma vez por todas seria o homem mais poderoso do reino.

E foi assim que, em meio ao luto e a lágrimas, vestida de negro, Gweneth enterrou seu pai e fez cumprir o seu desejo, desposando o chefe de armas Gael, sob os olhares inconformados de Eudine, Drystan, Hank e Kim. Leishter estava longe do reino e soube por alto. Não acreditou, nem se conformou.

E a partir deste dia, todo o povo de Heldroch e dos outros reinos, ao contar esta história, passou a se referir à Gweneth como a Rainha Negra.

Fim

Sobre Rainha Negra

Caso tenha chegado até aqui, gostaria de te agradecer. Tudo bem que talvez, eu não seja a pessoa mais querida por você neste momento. Antes de me atear à fogueira, queria dizer algumas palavrinhas sobre Rainha Negra.

Esta história nasceu de uma brincadeira em uma plataforma digital de publicação e demorou alguns anos para sair de lá. Sob o pseudônimo de Liz Azevedo, já que nunca havia me aventurado neste gênero e buscava um público mais novo, postei nos últimos dias do ano de 2014, o primeiro capítulo e fui viajar. Quando retornei, com grande surpresa encontrei a história, sem qualquer divulgação, repleta de acessos e de leitores pedindo por mais capítulos.

O nome *Eudine Santê* veio antes que a personagem e ficou em minha mente, feito um sopro até se transformar em um furacão, obrigando-me a criá-la. E, em muitas ocasiões, foi a teimosia da personagem que me fez concluir a história, superando alguns acontecimentos adversos.

Há algumas inspirações para a história. A mais óbvia, e também a maior, foi o jogo do xadrez. Além de as rainhas serem peças mais poderosas e os peões terem importância nas mãos de um bom jogador, este é um jogo no qual suas ações precisam ser muito bem planejadas, pois podem levar à derrota ou à ruína.

Uma dama de companhia que se transforma em rainha... O caso de Eudine, por mais fantasioso que possa parecer, foi baseado em uma regra do xadrez que diz que quando um peão atinge a oitava fileira, ele pode ser promovido à outra peça qualquer do tabuleiro. Não é preciso dizer que a maioria dos jogadores escolhe transformá-lo em uma rainha.

Quando adolescente, eu li *As Brumas de Avalon* e o nome Igraine é uma homenagem à escrita fantástica de Marion Zimmer Bradley, uma escritora cujas personagens femininas conseguiram ser marcantes. Quem ainda não a leu, deixo aqui minha indicação. Ainda, há algumas posturas de personagens inspiradas em *A arte da guerra*, de e em *O Príncipe*, de Maquiavel. Dois outros livros que são atemporais e que são ótimas leituras.

Por fim, gostaria de dizer que a história foi planejada para terminar como terminou e não havia pensado em continuá-la. Porém, em

agradecimento aos leitores que a fizeram acontecer, resolvi atender aos pedidos e escrever um segundo livro, Rainha Branca. Ou seja, existe ainda a possibilidade de tirar o gosto de fel que, porventura, posso ter deixado no paladar de vocês. Isto, porém, é, literalmente, outra história...